
a novel
a Not Yet novel
Someday Soon
Laura Ward

Queens of Shadows

1 Ano

Tradução: Mel

Revisão Inicial: Taim.

Revisão Final: Mi

Leitura Final: Lana

Formatação: Meghan Williams

Fev/2019

Someday Soon (Not Yet #3) by Mara White

Foco.

Uma tentação de dar água na boca...

Tudo que Daisy Goldsmith quer é sair de sua pequena cidade, deixando para trás os valentões que a provocaram. Frequentar a escola de culinária em Nova York sempre foi seu maior sonho - um sonho que ela não tem confiança suficiente para seguir. Afinal, ela não é nada além de uma —vaca gorda—. Mas quando o melhor amigo de seu irmão, o homem que sempre teve seu coração secretamente, volta para a cidade depois da faculdade, tudo muda para Daisy.

Um petisco delicioso...

A casa dos ourives sempre foi o santuário de Jon Roberts da loucura de sua vida. Com uma família quebrada e disfuncional, Jon abraça os ourives como os seus. Depois de ter um vislumbre real da mulher que Daisy está se tornando,

Uma mordida deliciosa...

Enquanto Daisy e Jon passam mais tempo juntos, eles não conseguem resistir à atração entre eles. Uma vez que eles tenham um gosto, nada pode mantê-los separados - nem seus sonhos, suas famílias ou a diferença de idade. Algum dia pode virar para sempre ou eles vão morder mais do que eles podem lidar?

Dedicação

Para o meu marido.

Como Daisy e Jon, alguns achavam que nos apaixonamos muito cedo e cedo demais.

Mais de vinte anos depois, eu te amo mais a cada dia.

Obrigado por ser você.

Capítulo Um

Margarida

—QUE SURPRESA. A vaca gorda está comendo de novo. — Belinda e Marnie riram atrás de mim na fila da lanchonete. O cheiro de queijo e pizza gordurosa encheu o ar, fazendo meu estômago revirar. Eu endureci, apertando meus ombros, mas mantive minha boca fechada.

Mais cinco dias. Mais cinco dias até me formar no ensino médio.

Coloquei uma maçã ao lado do meu sanduíche de peru e entreguei ao caixa meu cartão de identificação.

Uma mão me empurrou para a frente e eu tropecei, a bandeja balançando, o conteúdo do meu almoço ameaçando se soltar das minhas mãos. Eu sacudi olhei ao redor. A fila era longa, cheia de alunos conversando ou olhando para seus telefones, sem prestar atenção em mim.

—Oops. — O sorriso desdenhoso de Belinda contorceu seu rosto, seus olhos se apertaram e seus lábios se dobraram em forma de pato. O ódio em sua expressão era tão forte que recuei um pouco.

Belinda tinha sido minha primeira amiga, na pré-escola. Nós éramos melhores amigas até Marnie aparecer na terceira série. Então nós éramos um trio.

Belinda e Marnie cresceram para ser fadas lindas. Belinda tinha cabelos castanhos lisos, e sua figura era magra com uma

minúscula estrutura óssea e uma pele bronzeada incrível. O cabelo de Marnie era marrom, grosso e encaracolado, e seu corpo parecia muito com o de Belinda.

Quando a puberdade atingiu e eu cresci em todos os lugares errados, mal consegui conter minha inveja de Belinda e Marnie. Tudo que eu queria era ser pequena e imperceptível. Para se misturar e não ser olhada. Elas eram tão pequenas - podiam usar qualquer coisa e se parecer com modelos de passarela. Biquínis foram feitos para figuras como as delas. Os biquínis em mim eram ligeiramente pornográficos. Escondi meu monstro interno de olhos verdes, mas, com o passar do tempo, mergulhei mais e mais em mim mesma, e elas se cansaram de estar perto de mim. Quando começaram a me ignorar no nono ano, achei que era a pior dor que eu gostaria de conhecer. Solidão.

Eu estava errada. A pior dor veio quando elaás decidiram que me deixar em paz não seria suficiente. Ser o alvo de suas piadas e o alvo de sua crueldade era tortura, mas a traição foi a pior dor de todas.

—Mova-se, sua idiota. — O rosto de Marnie estava duro, sua voz baixa. —Você acha que é gostosa, Daisy? Você acha que sua merda não fede porque você tem um irmão jogando futebol para a NFL? Bem, você não é. Você sempre foi e sempre será uma perdedora gordinha, uma ninguém —.

Havia uma razão pela qual Belinda e Marnie me chamavam de nomes referentes ao meu peso. Eu parecia diferente de qualquer outra garota da minha idade no ensino médio. Eu não era gorda, sabia disso. Mas eu estava... cheinha. Em toda

parte. Meus seios eram grandes, um copo cheio. Meus quadris eram redondos e minha bunda se sobressaía. Alguns caras adoraram, gritando comentários quando eu estava no shopping ou andando pela rua.

Eu odiei isso. Por que eu não pareço com minhas irmãs ou minha mãe? Elas eram feixes de feijão magros, pequenas com seios pequenos e sem bumbum para mencionar. Elas se encaixam. Nenhuma peça sobressai como um sinal de néon piscando. Nenhuma delas foram obrigadas a ler comentários obscenos no Instagram ou Snapchat como eu fiz quando me atrevi a postar uma foto.

Meus olhos se arregalaram ao ver minha irmã de quinze anos, Delilah, segurando um copo grande de refrigerante em cima da cabeça de Belinda. Como minhas ex-amigas, Delilah era magra, com longos cabelos loiros e grandes olhos azuis.

Meu irmão mais velho, Damian - o alto, loiro, zagueiro do time de futebol da escola, e o sonho de todas as garotas da escola - se moveu ao lado dela com seu próprio copo. Em uníssono, eles despejaram o líquido em cima de Belinda e Marnie. Ambas as garotas pularam para longe, guinchando e arranhando seus rostos maquiados enquanto o rímel e o líquido pegajoso escorriam pelas bochechas.

Eu bati minha mão no meu rosto para esconder meu sorriso. Meus irmãos gostavam de provocar um ao outro, mas cuidado se alguém machucar um de nós. Nada ligava o clã Goldsmith como a necessidade de proteger os nossos.

—Ei! — O caixa idoso de cabelos brancos arrastou-se para trás de sua mesa, sinalizando um ajudante de lanchonete.

—Vamos. — Damian fez um gesto com o queixo, e eu peguei minha bandeja enquanto Delilah e eu corríamos atrás dele para fora do refeitório. A área de alimentação era enorme assim nos misturamos direito na multidão antes que pudéssemos ser parados. Nós fomos para fora, sentados em um banco de piquenique no pátio externo, a brilhante luz solar de maio aquecendo nossa pele.

Eu comecei a suar frio enquanto nos sentávamos à mesa um ao lado do outro. Haveria retribuição pelas ações dos meus irmãos. Belinda e Marnie nunca me deixariam receber um passe livre para essa explosão embaraçosa. O olhar em seus rostos, no entanto, fez tudo valer a pena. Eu pegaria o que eles tinham para dar, se elas deixassem meu irmão e minha irmã sozinhos.

- Você está bem, Dais? - perguntou Delilah, as sobrancelhas franzidas de preocupação. —Eu ouvi um boato de que elas estavam indo—, ela usou os dedos para fazer aspas no ar, — levá-la para baixo no almoço. Eu mandei uma mensagem para Damian e nós cuidamos das cadelas. —

Meu estômago se apertou. Isso foi besteira. Ela era minha irmã mais nova, então ela não deveria cuidar de mim. Eu poderia lidar com meus próprios problemas. Eu estava lidando com garotas malvadas desde o ensino médio. Belinda, Marnie e eu éramos melhores amigas quando éramos mais novas, mas todos nós mudamos. Elas queriam ir na minha casa, roubar as cervejas dos meus irmãos que estavam na faculdade e ficar com eles. Eu não tinha interesse em ajudá-las a conseguir nada disso.

E nestes dias eu estava cansada. Eu não tinha poder em mim para me importar.

Mais. Cinco. Dias.

Dei de ombros. —Estou bem. Vocês dois não deveriam ter feito isso. Vocês vão ficar em apuros. Não é nem o seu horário de almoço, Delilah. —

Damian me ignorou, pegando minha maçã e dando uma grande mordida. Ele acenou para um grupo de garotas que riram enquanto passavam pela nossa mesa.

Eu não pude deixar de sorrir. Damian sendo flertado ou perseguido era uma ocorrência diária. Imaginei as garotas sonhando que Damian escolheria uma delas, para ter a sua atenção ou ser convidada para a festa que ele iria participar neste fim de semana. Damian nunca foi cruel, então ele era o galã de muitas paixonites não correspondidas. Pobres meninas. Eu senti a dor delas. Eu sabia tudo sobre amor não correspondido.

Mas o que chamou a atenção de Damian para as mulheres foi que ele era praticamente uma cópia do nosso irmão mais velho, Dean. Ambos jogaram futebol a vida toda e ambos receberam bolsas de estudo na Universidade de Indiana para continuar jogando para os Hoosiers. Ambos ostentavam egos do tamanho do Monte Rushmore, mas também eram os caras mais protetores que eu conhecia, além do meu pai. Eu os amava como louca. Eu adorava minha família inteira.

Foi por isso que nenhum deles entendeu minha necessidade de me afastar. Mas eu tinha que fazer. Eu tive que

sair de Indiana por um tempo. Me encontrar, talvez? Anos de lidar com garotas como Belinda e Marnie me fizeram duvidar de todos os meus pensamentos, e isso me irritou. Eu sabia algumas coisas com confiança, e uma delas era que eu era inteligente. Eu terminei todos os meus cursos exigidos para o ensino médio em três anos e falei com meus pais sobre me formar cedo.

Eles protestaram a princípio. E sobre as danças que eu sentiria falta? As festas? O fato é que eu era a única criança Goldsmith que não fazia essas coisas. A atividade social normal do ensino médio girava em torno de beber e dar uns amassos. Agindo estúpido e imprudente. Nenhuma dessas coisas me atraía. Eu gostava de ler e adorava cozinhar.

Ao longo dos anos, eu perdi amigos que não entendiam isso. Belinda e Marnie eram duas delas. Enquanto eu passava meus sábados fazendo minha receita de torta de limão com perfeição, eles decidiram que eu era muito esquisita para serem gentis.

Depois de bastante conversa meus pais entenderam. Eu me graduaria um ano mais cedo, ao lado de Damian, de dezoito anos de idade. Eu queria ir para a escola de culinária, de preferência em um local exótico e estrangeiro, mas eles queriam que eu tirasse um ano de folga e trabalhasse aqui em Indianápolis. Eu desisti quando percebi que atrasar minhas viagens por um ano era infinitamente melhor do que ficar no ensino médio. Além disso, deu-me um ano para provar a eles que eu era madura o suficiente para ser o primeiro Goldsmith a deixar o meio oeste indefinidamente, assim como economizar para um carro e alugar um apartamento onde quer que eu

acabasse.

—Merda, o diretor Mahoney! —

Estiquei o pescoço, avistando o alto e careca administrador escolar que usava a mesma jaqueta marrom de tweed e gravata vermelha todos os dias.

- Eu tenho que voltar para a aula de trigonometria. – Delilah se abaixou sob a mesa e se arrastou para a porta lateral. Ela entrou antes que nosso diretor a visse.

Damian riu, mas quando ele se virou para mim, seu rosto estava sóbrio. —Daisy, por que você deixa elas te tratarem assim? A merda que sai de suas bocas é tão rude. Você sabe que elas estão com inveja, certo?

Meu coração se aqueceu. Não porque eu acreditasse no que Damian estava dizendo, mas por causa da maneira carinhosa com que ele dizia isso. Damian e eu estávamos especialmente perto. Ele cuidou de mim, sua estranha irmã mais nova que nunca se encaixava na escola e até mesmo em casa era a estranha. Mas ele estava se formando em cinco dias também. Ele não precisava passar seus últimos dias na Academia Zionsville cuidando de mim. Eu queria que Damian aproveitasse cada minuto de seus últimos dias no ensino médio.

—Elas não são ciumentas, mas obrigada por dizer isso. Estou completamente confortável em ser diferente, Damian. Mas também estou pronta para seguir em frente. Eu estou cheia desta cidade e desta escola. —Levantei-me e juntei meu almoço não comido.

Damian deu a última mordida em sua maçã e jogou o miolo na bandeja de almoço. —Eu ouvi o que elas disseram para você. Eu acho que você deixou suas palavras ficarem sob sua pele. Me ouça alto e claro. Você não é gorda. Nem perto disso—.

Minha mandíbula apertou quando cerrei meus dentes. — Pare. Por favor, Damian. Você está sempre cuidando de mim. Vai se divertir. —

Damian observou meu rosto, seus olhos pareciam examinar meu estado mental antes que ele se sentisse confortável em partir. O que ele viu refletido de volta deve ter sido bom. Ele se levantou, com a mão nas minhas costas. — OK. Fique firme, mana. Vejo você em casa. —

—Você precisa comer mais do que isso! — Eu disse, enquanto ele caminhava para outro grupo de meninas.

Ele acenou com uma barra de chocolate para mim e eu balancei a cabeça. Enquanto eu me dirigia ao lixo para despejar o conteúdo da bandeja, meu telefone vibrou no meu bolso. Eu o puxei, descansando minhas costas contra a parede de tijolos da escola. Assim que vi o nome de Jon, meu coração disparou.

Jon Roberts me fazia suspirar pelo tempo que pude me lembrar. Toda fantasia de toda história de amor que eu inventei o envolvia. Ele era um pouco mais baixo do que os caras da minha família, mas com um metro e oitenta de altura, ele ainda tinha alguns bons centímetros a mais do que eu. Ele era mais robusto do que qualquer cara que eu conhecia. Volumoso, mas com músculo. Seus bíceps eram tão grandes que eu tinha certeza que ele intimidava todo mundo na academia. Imaginei aqueles braços me levantando e fechei os olhos.

Parte do que alimentou minha fantasia sobre Jon foi que ele era o único cara que eu conhecia que parecia que ele poderia lidar comigo. Suas mãos eram grandes, e quando eu imaginei ele me segurando perto... eu me encaixava.

Mas essas eram apenas fantasias. Jon era o melhor amigo de Dean por mais de dezesseis anos. Ele também tinha vinte e dois anos. Sendo que eu ainda tinha dezessete anos por mais três meses, minha fantasia não estava acontecendo tão cedo. Havia também o pequeno detalhe de que ele não tinha ideia do que eu sentia por ele. Ou se ele fazia, ele ignorou. Ele claramente não sentia nada além de amizade para comigo.

Abrindo meus olhos, olhei para o telefone novamente.

Jon: *Ei. Como está sendo o teu dia?*

Eu: *Nada bom.* Já estou farta da *escola.*

Jon: *Meninas te incomodando?*

Eu cometi o erro de confessar a Jon uma noite no final do verão passado sobre o quão tortuoso meus supostos amigos haviam chegado. Os textos, telefonemas e mensagens nas redes sociais haviam atingido um pico frustrante.

Nos sentamos do lado de fora olhando para as estrelas, e eu descarreguei sobre tudo. Jon bebeu sua cerveja e me ouviu. *Realmente* me escutou. Claro, eu tinha conversado com minha mãe sobre as meninas, e Damian estava sempre lá para

mim, mas Jon era o único membro não familiar que já havia feito isso. Isso significava algo para mim.

Ainda assim aconteceu.

Ele me disse que eu era especial. Bonita. E que ele poderia dizer isso ou meus pais poderiam dizer, mas isso não importaria a menos que eu acreditasse em mim mesmo. Ele me disse para tirar do meu coração e da minha cabeça os comentários de Belinda e Marnie e focar no meu verdadeiro eu. Sobre o que eu amava fazer e quem eu queria ser.

Lembrei-me de cada segundo daquela conversa porque foi quando percebi que amava Jon.

E que ele nunca, nunca poderia sentir o mesmo.

Eu: *Elas tentaram. D & D derramaram refrigerante em suas cabeças. Acho que esfriaram as ideias. Ha!*

Jon: *Legal.* Planos para depois*?*

Eu: *Não. Cozinhando o jantar para a fam. Cacciatore de frango, macarrão caseiro, aspargos com molho holandês. Você quer vir?*

Jon: *Você me pegou no macarrão. Até logo.*

Meu estômago deu um pequeno pulo nas últimas duas palavras. Eu ansiava por todas as oportunidades para passar um tempo com Jon. Mesmo que estivesse simplesmente

sentada à mesa do jantar, cercado pela minha família e minhas refeições caseiras. Ainda me dava uma chance de estar perto dele e de me divertir com a minha fantasia por mais um tempinho.

Eu muitas vezes tentei adivinhar que comida faria Jon vir para o jantar. Não foi muito difícil. Desde a sua formatura na Universidade de Indiana, no mês passado, ele havia voltado para casa. Apesar de Dean estar morando em Chicago, treinando com os Bears, Jon se juntou a nós para jantar muitas noites por semana. Meus pais o amavam.

Todos nós o amamos.

Meu amor por ele simplesmente não parecia mais familiar ou platônico.

Curiosamente, Jon estaria na mesma situação que eu no próximo ano. Seu plano era se candidatar a algumas faculdades de direito depois de fazer seu vestibular. Ele também precisava economizar algum dinheiro durante um ano, então trabalhava como funcionário de uma firma do centro da cidade.

Depois da minha última aula do dia, o sinal tocou e saí pelas portas da frente do prédio. No caminho, recebi uma mensagem de Damian e Delilah dizendo que eles tinham sido enviados para detenção pelo desastre do refrigerante. Eles não pareciam chateados com isso. Meus irmãos levariam um mês de detenção para me proteger. Eu só queria que eles não precisassem.

Eu virei à direita, caminhando em direção à cidade. Com meus irmãos ficando atrasados na detenção, eles precisariam

da caminhonete para ir para casa. Um dos desafios de uma grande família com pouca renda disponível é que compartilhamos... tudo. Felizmente para nós, Dean deu a Damian seu caminhão velho quando ele assinou com a NFL. Ele tentou nos comprar um novo, mas meus pais lhe asseguraram que sempre havíamos passado com o que tínhamos. Ficamos gratos pelo caminhão usado, no entanto. Sem isso, nós três ainda estaríamos confiando na mamãe para nossos passeios em todos os lugares.

Atravessando a rua, deixei meu dia de escola atrás de mim. Caminhei por alguns minutos antes de entrar no estacionamento da nossa mercearia local. Um pequeno assobio ao meu lado me assustou. Eu congelei, me preparando para comentários ou zombarias.

—Precisa de ajuda para escolher os melhores aspargos? —

Encostado na porta de seu caminhão, as chaves girando em torno de seu dedo, era a mais deliciosa visão que eu já tinha visto.

Jon.

Eu engoli, minha boca seca.

—Jon? — Minha voz estava estridente.

O canto da boca de Jon se levantou em um sorriso. Ele usava óculos de sol pretos, então eu não poderia dizer se ele revirou os olhos com o meu nervosismo ou achou engraçado. De qualquer forma, ele se endireitou e caminhou em minha direção lentamente.

Ele usava calça jeans desbotada e rasgada, botas marrons e uma camiseta verde que moldava seus músculos... perfeitamente. Jon manteve os cabelos castanho-escuros cortados rente a cabeça e sempre com uma camada de barba por fazer no rosto. Nada era mais sexy para mim do que o início de uma barba no rosto esculpido de Jon. Por alguma razão, achei que era um pouco perigoso e sexy. Meus dedos coçaram para acariciar a barba por fazer. Quando ele se aproximou, eu me fixei em seu pescoço grosso, cheio de veias.

—O que você está fazendo aqui? — Meus dedos se enredaram na minha frente. *Deus, Daisy. Acalme-se*.

Ele ficou tão perto que seu cheiro me cercou. Ele cheirava levemente a colônia masculina misturada com sabão e couro. Inclinando-me para frente, seus lábios roçaram minha bochecha e parei de respirar.

Oh Deus. Me beije. Me beije. Me beije.

Ele não me beijou.

Eu soltei um suspiro, tentando lembrar meu cérebro para começar a funcionar.

—Achei que você gostaria de alguma companhia. Dias difíceis nos sugam. —Jon passou um braço em volta do meu ombro e me abraçou ao seu lado enquanto caminhávamos em direção à loja.

Eu balancei a cabeça, piscando de volta as lágrimas quentes. *Por que eu estou chorando?* Belinda e Marnie não me deixaram triste. Mas Jon se importando comigo? Pensando em

mim? Isso causou uma torrente de emoções a borbulhar para a superfície.

Jon parou de andar. Ele me encarou, levantando os óculos de sol em cima da cabeça. Seus quentes olhos castanhos brilhavam no sol do fim do dia. —Você é melhor que elas, Daisy. Nunca esqueça isso. Você é perfeita assim como você é. Mais cinco dias, brilho de sol. Você pode fazer isso mais cinco dias. —

Brilho do sol? Um apelido? Desmaio.

Eu limpei minhas lágrimas furiosamente. —Claro. Mais cinco dias. —

Jon passou os braços em volta de mim em um abraço apertado. Eu hesitei por um segundo. *Devo abraçá-lo de volta? Eu poderia segurá-lo perto e não deixar meu corpo empurrar por mais?*

Tanto faz.

Eu parei de me questionar e fui em frente. Eu me puxei para o abraço de Jon, enterrando meu rosto em seu pescoço e respirei. E assim, tudo o que eu estava sentindo após o encontro com Belinda e Marnie se dissipou. Eu poderia passar por mais cinco *anos* do ensino médio com uma dose diária disso.

O corpo de Jon ficou rígido e ele recuou rapidamente. Eu tropecei com ele e ele segurou meu antebraço para me manter equilibrada.

—Desculpe—. Ele colocou os óculos de volta no rosto

olhando para a esquerda e para a direita. —Devemos começar a fazer compras? —

Meu estômago caiu. *Demais, Daisy.* Vá devagar, está o assustando.

—'Claro. Vamos pegar alguns espargos?

Voltei minha atenção para o meu passatempo favorito e me forcei a parar de focar no meu cara favorito.

Boa sorte, espargos. Você tem seu trabalho cortado para hoje à noite.

Capítulo Dois

Jon

Seus macarrões caseiros eram os meus favoritos. Não porque eles derretem na boca. Eles eram meus favoritos porque, para fazê-los, Daisy tinha que fazer o que estava fazendo agora.

Eu inclinei meu quadril contra o balcão da cozinha e a observei trabalhar. Daisy amassou a massa em uma bola, trabalhando e refazendo o caroço até ficar lisa. Quando ela apertou e formou e pressionou a mistura, sua bunda tremeu na minha frente. Meu pau inchou com a visão.

Eu não era fã de garotas magras. Nunca fui. Eu gostava muito de comida para namorar uma garota que sentia o contrário. Eu gostava de uma menina que comesse comigo e apreciasse sua refeição, e então não me machuque com seus cotovelos ou joelhos quando nos ligarmos depois.

O corpo de Daisy era o paraíso. Curvilínea, com uma bunda redonda e seios mais do que amplos. Deus, tudo que eu queria era enterrar meu rosto em seu peito.

Mas isso nunca aconteceria por vários motivos.

Primeiro, meu melhor amigo era o irmão mais velho dela. Recentemente, eu irritei Dean quando interferi em seu relacionamento e não o faria novamente. Eu já tinha um soco chegando - o que eu absolutamente merecia -, mas não tive a intenção de acrescentar nada a isso.

Em segundo lugar, minha luz do sol não era 'legal' ainda. Em poucos meses, ela completaria dezoito anos, mas até então estava errado me permitir cobiçá-la. Não poderia ajudar, no entanto. Ela era absolutamente quente. E não apenas o corpo dela. Ela era inteligente, engraçada e gentil - o pacote inteiro. Porra, eu não conheci uma garota na faculdade que pudesse se comparar com ela.

Finalmente, e mais importante, gosto da Daisy. Quero dizer, ela se tornou minha amiga. Eu nunca tive uma garota como amiga, e estava legal. Eu não iria estragar tudo ficando com ela. Ela precisava estar perto de alguém que ela pudesse confiar agora, e eu queria ser aquele cara para ela.

Daisy grunhiu e gemeu quando ela rolou a massa até que ela se submetesse a ela e formasse um retângulo. Puta merda, ela soou como eu imaginei que ela faria quando estava fazendo sexo.

Eu me virei e me ajustei. *Pare de imaginar isso. Pare de imaginá-la debaixo de você, idiota.* Eu soltei um longo suspiro e depois a encarei. Ela cortou a massa em tiras finas com precisão. *Concentre-se na faca. Ela cortaria você se soubesse o que você estava pensando.*

—Ufa—, Daisy respirou quando ela jogou o macarrão em uma panela enorme de água fervente. Sua mão percorreu sua testa, e ela afastou um pedaço de seu longo cabelo loiro, deixando para trás uma linha de farinha logo acima de sua sobrancelha direita. —Desculpe, demorou tanto. Meus braços estavam queimando pelo constante. — Suas mãos se apoiaram no balcão atrás dela, fazendo com que seus seios se

projetassem. Mordi o interior da minha bochecha para não gemer. —Acho que estou fora de forma, hein? —

Dei dois passos cautelosos para frente. *Cuidado. Não muito perto. Vigie suas mãos. Não toque em nenhum lugar que você queira, mas não deva.* —Você está com a forma ideal, brilho de sol. — Eu usei meu polegar para limpar a farinha da testa, e os olhos azuis de Daisy brilharam com... o *quê? Calor* foi meu primeiro pensamento, mas não havia como. Ela não me queria da mesma maneira que eu a queria. Eu tinha certeza disso.

Daisy era muito doce. Ela não tinha ideia do que faz comigo. Só esta tarde no supermercado, ela me abraçou perto, e quando seu rosto chegou perto do meu pescoço, eu tive que pular para trás, ou ela teria sentido o meu pau direto em sua barriga. Eu não a assustaria. Eu não a faria se sentir como aqueles idiotas que ela sempre me contou sobre quem gritou com ela na rua ou postou comentários em suas páginas de mídia social.

Eu seria seu *amigo* filho da puta.

Mesmo se eu tivesse bolas azuis pelo resto da minha vida por causa disso.

—Mmmm—, Daisy fechou os olhos e sorriu. —Que bom que você pensa assim. — Quando ela os abriu, eles se concentraram na minha boca. Aparentemente no reflexo, ela lambeu os lábios. —Está com fome? —

Sim, estou com fome..

Eu me movi para frente, perto o suficiente para respirar

seu doce aroma açucarado, e meu cérebro gritou: *Aviso! Perigo! Zona de perigo!* Eu inclinei de volta e dei a Daisy um sorriso preguiçoso, esperando que ela não perguntasse especificamente o que eu ansiava por estes dias. —Sempre. —

Daisy abriu a boca, mas rapidamente fechou-a, indo até a geladeira quando a porta da cozinha se abriu, batendo contra a parede.

—Margarida! Cheira fodidamente fantástico aqui. — Damian anunciou quando ele e Delilah entraram pela porta, jogando suas mochilas no chão e se aproximando do fogão. — Ei, Jon! —

Dalila acenou para mim antes de levantar a tampa do grande pote de prata que fervia no fogão e inalou profundamente. —Eu amo esse molho. —

Daisy enxotou-os para fora do caminho, despejando uma panela de macarrão fresco em uma grande peneira na pia. —O jantar é em dez minutos. Se lavem e avisem mamãe e papai, ok? —

Damian saudou, e Delilah deu um sinal de positivo quando saíram da cozinha andando pelo corredor em direção ao quarto da família.

A família Goldsmith era grande. A pobre Sra. G gostava de nos lembrar que ficou grávida de Daisy quando Damian tinha apenas um mês de idade. Isso fez os gêmeos irlandeses Damian e Daisy. Juntamente com o fato de que ela já estava sobrecarregada com um terror de quatro anos chamado Dean e

gêmeos de verdade, Devin e Dianna, de dois anos, ficamos todos chocados por ela ter sobrevivido tentando administrar a ninhada. Sem mencionar que Delilah fez uma aparição apenas dois anos depois.

Todos os garotos de Goldsmith, eram barulhentos, atléticos, altos e cheios de personalidade. *Eu mencionei alto?* Com Dean em Chicago e Devin e Dianna passando o verão em Purdue, a casa estava um pouco quieta para os nossos padrões. Eu estive aqui desde que eu tinha seis anos de idade, e às vezes era o lugar mais caótico que eu já conheci. Mas também era a coisa mais próxima de um lar de verdade que eu já havia experimentado.

Ser filho único com uma mãe solteira não era incomum. Mas minha mãe não era como outras mães. Ela não era... materna. Vir aqui e estar perto do Sr. e da Sra. G foi o único exemplo que tive de uma família amorosa durante toda a minha vida.

Daisy colocou um pouco de molho vermelho em uma colher e soprou no topo. —Prova? — Ela perguntou, um rubor rastejando em suas bochechas.

Eu balancei a cabeça e me inclinei para mais perto dela. Ela deu um passo à frente e levou a colher aos meus lábios. Eu abri e ela despejou o molho de tomate quente, rico e salgado na minha boca. Eu engoli com um gemido. —Daisy, você é incrível. Isso tem um gosto tão bom. —

Seus olhos dançaram de felicidade. —Estou feliz que você goste. —

Nós ficamos muito perto. Sua família estaria de volta em apenas um minuto, mas eu não me movi de volta. Ainda não. — Seus macarrões e frango cacciatore são uma das minhas refeições favoritas. Você sabe disso? —

Ela lambeu os lábios novamente, e eu juro a Cristo que um fogo lento acendeu no meu corpo. —Eu sei. — Seu sorriso era quente, mas assim que registramos o som de passos, nos separamos. Daisy virou-se para o fogão, mexendo o molho. Eu peguei uma cesta de pães, segurando-a na minha frente como um idiota completo.

—Estou morrendo de fome! — Dale Goldsmith, pai da ninhada louca, explodiu quando ele entrou na cozinha, vestindo a camisa de uniforme bege que usava todos os dias para a fábrica onde trabalhava. Muitas noites enquanto assistia televisão nos Goldsmiths, vi a sra. G costurando crachás nas camisas e jaquetas do marido. Dale não era um homem de moda, por isso, se ele não estava em seu manto, ele geralmente estava em sua camisa de uniforme e jeans.

Ele levantou Daisy, girando-a em um círculo. —Obrigado por nos mimar, minha flor. —

Dale, ou Big Kahuna, como ele se chamava, parecia uma versão mais pesada de seus filhos. Ele era alto, provavelmente mais de um e noventa. Ele tinha cabelos grisalhos, mas ainda parecia tão forte quanto um boi. Dean sempre se gabava de que seu clã veio dos primeiros fazendeiros ingleses, explicando assim a sua altura e a sua desagregação geral.

Daisy riu quando o pai pousou os pés no chão. Ela pegou um grande prato de frango e molho e posicionou-o no centro da

mesa. —O prazer é meu. —

Dorothy Goldsmith entrou na cozinha e pegou o molho e espargos holandês, colocando-o sobre a mesa. Apenas observando quanta manteiga Daisy acrescentou à mistura rica quando ela quase fez minhas artérias entupirem. Ter que correr mais e levantar mais peso amanhã para compensar valerá a pena, no entanto. —Estou tão feliz que você possa se juntar a nós, Jon. — Doroth passou o jarro de água para Delilah e encheu os copos enquanto Damian colocava pratos e utensílios na mesa. —Você já começou a trabalhar na Carmichael e Krebs? —

Peguei o macarrão e me sentei ao lado de Daisy. Minha coxa pressionou contra a dela e eu pensei que a senti tremer com o contato, mas eu não podia ter certeza. —Eu começo na segunda-feira,Sra. G. Estou ansioso para trabalhar na empresa antes da faculdade de direito. Além disso, o dinheiro extra será útil. —

—Pensamento inteligente—, disse Dale enquanto ele balançava a cabeça, acrescentando um monte de macarrão ao seu prato, em seguida, acenou com o utensílio de servir para seus filhos. —Damian? Margarida? Vocês

tem empregos em mente para este verão? Espero que vocês tenham algo alinhado antes de se formarem na próxima semana.

—Eu tenho todos os empregos regulares de babá, pai—, disse Delilah.

Damian tossiu —Beije minha bunda— em seu punho, e a

Sra. G lhe deu um tapa na cabeça em resposta.

Daisy e eu rimos.

—Bem—, Daisy limpou a boca com o guardanapo. —Eu me candidatei há duas semanas para um cargo na Helping Hands of Indianapolis. —

Eu coloquei meu garfo e esperei. Daisy não tinha me dito isso, e por incrível que pareça, eu estava bravo por ela nunca ter mencionado isso. Desde que eu chegara da faculdade, conversávamos ou trocávamos mensagens quase todos os dias.

Ela deu de ombros como se não fosse um grande negócio. O que para ela pode não ser. Para mim, era um grande negócio. —Conversei com Grace e ela sugeriu. Amy e alguns amigos com deficiências de desenvolvimento estão vivendo juntos em uma casa de grupo pertencente a Helping Hands. Eles estão procurando adultos qualificados para cozinhar, dar seus remédios e direcioná-los para atividades ou empregos. —

Grace e Dean estavam noivos, mas de volta a IU Grace se tornou amiga de Amy, uma jovem nascida com síndrome de Down que também tinha uma língua afiada e um senso de humor perverso. Dean e eu conhecíamos Amy do ensino médio, embora naquela época não tivéssemos sido amigos.

Dorothy franziu a testa. —Você não está morando lá, Daisy. Você é jovem demais para sair de casa. —

Dale apontou o garfo para Daisy, um pouco de frango pendurado no final. —Exatamente. E você nem será um adulto

legal quando começar. —

Daisy franziu a testa, olhando para o prato. Eu pressionei minha perna mais perto da dela, para mostrar apoio da única maneira que eu podia sem que ninguém percebesse. Ela olhou para mim de lado, e eu assenti, encorajando-a a falar por si mesma. Daisy era a mais quieta do clã, mas ela tinha voz e todos nós queríamos que ela compartilhasse.

—Grace e a mãe de Amy escreveram cartas de recomendação para mim. A agência está disposta a me contratar na condição de não começar a trabalhar com clientes até completar dezoito anos. Enquanto isso, vou participar de treinamentos e ajudar com papelada no escritório. É uma ótima oportunidade, papai. —

Ela ergueu o copo de água e tomou um gole, a mão tremendo ligeiramente. Olhei ao redor da mesa, mas cada pessoa estava concentrada no prato, sentindo falta da reação física de Daisy. Meu coração batia mais rápido enquanto eu a observava, o desejo de protegê-la, de eliminar quaisquer nervos que ela tivesse, era avassalador. Muito, muito mesmo.

Dada a expressão inflexível do Big Kahuna, Daisy deve ter percebido que não ia chegar a lugar algum com ele, então se voltou para a pergunta anterior da Sra. G. —Não, mãe, eu não preciso morar lá. Amy e suas amigas estão em pleno funcionamento e dormem sozinhas em casa. Eu iria de manhã e ajudaria no café da manhã, supervisionaria a limpeza e a lavanderia, e nos fins de semana eu iria organizar atividades para manter todos ocupados. Acho que vai ser um ótimo trabalho até eu ir para a escola de culinária. — Daisy deu uma

mordida na comida e mastigou, parecendo esperar que a enxurrada de perguntas continuasse.

Dale e Dorothy se entreolharam durante um longo minuto. Eu prendi a respiração em nome de Daisy. Finalmente, eles deram um leve aceno um ao outro.

—Parece um plano—, disse o pai. —Exceto pela escola de culinária. Não estamos prontos para discutir isso. — Daisy olhou para o jantar enquanto o pai se virou para o filho. — Damian, você está tão organizado? —

Damian riu. —Ninguém é tão organizado quanto Daisy. Mas eu apliquei em vários lugares. Vou economizar um pouco de dinheiro de qualquer trabalho que eu tenha antes do acampamento de futebol em agosto. Vá Hoosiers! —Damian gritou quando ele e eu batemos os punhos.

—A tradição Goldsmith continua. — Levantando meu queixo para Damian, seu rosto ficou sério.

—Eu vou fazê-lo orgulhoso, cara. — Damian idolatrava Dean, e o fato de que ele poderia seguir os passos de Dean e participar da IU em uma bolsa de futebol completa era incrível.

Conversa de jantar virou-se para o futebol profissional, com Damian, Dale e eu debatendo os pontos fortes e fracos dos rosters próximos dos Colts e dos Bears. Quando todos terminaram de comer, limpamos nossos pratos e Dorothy deixou Damian e Dalila com a tarefa de lavar a louça.

—Isto está errado. Daisy pode cozinhar, mas faz uma grande bagunça, — gritou Delilah, arregaçando as mangas e

enchendo a pia com água morna.

Dale jogou uma toalha para Damian. —Encha e limpe. Farei uma checagem depois de ler o jornal. — Ele apertou minha mão a caminho do quarto da família.

— Vejo você amanhã, Jon? — disse Dorothy, apoiando uma cesta de roupa suja no quadril.

Meus olhos apertaram e olhei para o chão. Foi demais? Dean tinha ido embora, eles estavam cansados de mim? Eu só não queria ir para casa até que eu precisasse. Um homem de vinte e dois anos de idade e eu ainda me senti como uma buceta, sem saber se eu estava irritando-os ou se eu estava querendo ficar por perto.

Daisy me deu uma cotovelada e eu olhei em seus suaves olhos azuis. —O que você acha? Risoto e lombo de porco? Quer me ajudar a comprar depois da escola? —

Minha boca torceu para esconder meu sorriso.

Dorothy riu. —Eu acho que ele gosta disso, Daisy. E amamos ter você aqui, querido. Dorothy acenou enquanto se dirigia para a lavanderia.

Eu inclinei a cabeça em direção à porta da cozinha que levava para fora, querendo que Daisy viesse comigo, mas não querendo chamar a atenção dos dois brincalhões na pia.

Ela me seguiu até a varanda. —Você está bem? — Ela disse enquanto descansava a mão no meu antebraço. Meus músculos se apertaram reflexivamente e ela baixou a mão. Eu senti a perda do seu toque imediatamente. Porra, eu gostaria de poder

controlar minhas reações ao redor dela.

Eu limpei minha garganta. —Sim claro. Está tudo bem comigo saindo com você? Eu sei que eu incomodo Grace e Dean, mas eu realmente me importo se eu te irritar. — Meu estômago revirou. O que eu faria se ela me dissesse que não me queria tanto assim? Quem eu estava enganando? Eu sabia exatamente o que faria. Passar pela pior forma de depressão porque não havia cura. Eu passava a maior parte dos meus dias imaginando onde ela estava. Com quem ela estava. Se ela estava bem. Se ela estivesse feliz.

Daisy riu e o som da luz me tirou o fôlego. —Jon, você é... — Sua voz sumiu, e eu esperei. Ela sorriu e continuou. —Eu me sinto como aquela que tem que checar você. Eu sou demais? A irmãzinha chata? É só que você é meu único amigo além da minha família. —Seu sorriso desapareceu, e ela desviou o olhar.

Guiando seu queixo com a mão, virei seu rosto para me encarar. —Você é minha amiga também, Luz do sol. A primeira garota que já foi minha amiga. Eu amo estar com você. —

Seus olhos brilhavam e eu a arrastei para mim, abraçando-a com força. Ela fez uma pausa e, em seguida, colocou os braços em volta de mim, me abraçando de volta. O alívio me encheu, apenas sabendo que ela me queria por perto. Eu a segurei por mais tempo do que deveria, e quando me afastei, o rosto de Daisy estava macio e relaxado.

Jesus, ela era linda. Seus olhos brilharam e seus lábios rosados se ergueram nos cantos. O rubor em suas bochechas viajou pelo seu pescoço. Depois do dia que ela teve, sabendo que eu poderia ajudá-la a relaxar, me deixou

orgulhoso. Qualquer que fosse o desejo que eu precisasse realizar para ser amigo dela, gostaria apenas de ver esse rosto. O fato era que estávamos ajudando uns aos outros e isso era bom. Pareceu certo.

Acenei, subindo na minha caminhonete, e fui para o bar perto do apartamento da minha mãe para algumas cervejas antes de dormir. Tornou-se uma rotina ultimamente.

Entorpecer meu cérebro parecia mais fácil do que tentar racionalizar com o meu pau. De volta à faculdade, se uma garota fosse gostosa, nós nos conectaríamos. Seria isso. Daisy estava mais quente do que nunca, mas havia mais. Eu queria conhecê-la. Eu queria protegê-la. Eu queria estar perto dela. Mesmo que isso significasse que meu pau estava em um estado constante de Viagra indesejado, me deixando com bolas azuis constantes.

Com um rosto tão perfeito e um corpo tão sexy quanto o dela, eu ia precisar de muito mais do que cerveja para me acalmar.

Capítulo Três

Margarida

O lençol raspava nas minhas pernas enquanto eu me jogava e me virava na cama.

Eu corri através de um campo de girassóis, olhando por cima do ombro e rindo. Eu me senti livre e delirantemente alegre.

—Eu vou te pegar—, Jon provocou por trás de mim.

Eu ri quando seus braços envolveram minha cintura e ele girou em círculos. Ele colocou meus pés no chão e me virou para encará-lo.

—Você é tão linda, Luz do Sol. — Ele olhou para baixo, um olhar de admiração em seu rosto e sinceridade em seus suaves olhos castanhos.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço e esmaguei meu corpo contra o dele. Os lábios de Jon encontraram os meus, gentis a princípio e depois de forma mais agressiva. Como se fosse a primeira vez. A última vez. Nunca o suficiente.

Fogos de artifício balançaram pelo meu corpo. Estremeci, a sensação tão intensa que trouxe lágrimas aos meus olhos.

Minha língua deslizou ao longo da sua e eu gemi em sua boca. Minhas costas arquearam, meus seios esfregando minha camisa contra o peito de Jon, fazendo com que o prazer acendesse debaixo da minha pele.

Jon se afastou, com os olhos ardendo. —Eu quero você. —

Eu também o queria. Eu balancei a cabeça e levantei meu vestido sobre a cabeça.

Eu pulei na cama, meus punhos segurando punhados dos lençóis. Meu corpo pulsava e zumbia, e eu tinha o desejo mais forte de me tocar.

Lá em baixo.

Onde eu sofria.

Por Jon.

Eu dei uma olhada ao meu lado na cama vazia de Dianna. O relógio na mesa de cabeceira marcava oito horas da manhã.

—Margarida! Você está acordada? —Minha mãe bateu na minha porta antes de abrir. —Você precisa se mexer! —

Minhas mãos esfregaram contra os meus olhos. —Estou de pé. Obrigado, mãe. —

Mamãe fechou a porta e eu joguei meu corpo de volta na cama.

Maldito Jon. Maldita frustração sexual.

Droga droga droga.

~~~
~~~

Como no dia da formatura de Dean, a Zionsville Academy realizaria a cerimônia de hoje no campo de futebol. Centenas de cadeiras brancas formavam filas perfeitas, nossa família e amigos enchendo os assentos, enquanto os formandos ficavam em fila, classificados em ordem alfabética pelo sobrenome. Felizmente, isso significava que eu estava com Damian.

Se formar um ano antes significava que eu só conhecia meu irmão. Claro, muitos veteranos eram amigos de Damian e ficavam na minha casa, mas nunca comigo. Ficar entre eles aumentou meus nervos.

Eu implorei aos meus pais que me deixassem pular aquela parte. Ouvir meu nome e ter que percorrer o longo caminho até onde nosso diretor estendeu diplomas me encheu de pavor. Provavelmente não havia um administrador mais gentil e decente que o Sr. Mahoney. Esse não foi o problema. A questão era que, quando chegasse a hora de receber meu diploma, cada conjunto de olhos estaria em mim. *Eu escorregaria? Cairia? Seria vaiada? Será que Dean, meu irmão que mais amava iria provocar, iria me importunar?*

Claro que ele faria. Pergunta idiota, Daisy.

Damian se afastou da conversa e apoiou as mãos nos meus ombros. —Você está bem? Espera. Não responda isso. Você está branca como um fantasma. Damian franziu a testa e meu estômago revirou. Eu odiava que minhas inseguranças fossem tão óbvias que afetaram o que deveria ser um dos dias mais felizes da vida de meu irmão. —Eu sei que você está com medo

dessa parte, mas vai acabar em dois segundos. Você tem tempo para tomar um gole de água se achar que isso vai ajudar. — Ele sacudiu a cabeça na direção da tenda de refrescos que ficava perto do prédio da escola.

Tentei responder, mas minha garganta estava seca demais. Eu franzi meus lábios e soprei um pouco pelo meu nariz. Depois de um rápido aceno de cabeça, fui até a tenda, meus pés batendo no chão. Com a maioria das famílias disputando cadeiras de perto, a tenda estava vazia. Desparafusei a tampa de uma pequena garrafa e bebi a água fria em goles. Meu estômago começou a se acomodar e eu fechei meus olhos.

Isso era o que eu estava esperando. Eu estava tão animada para os próximos meses da minha vida. Um novo capítulo estava começando hoje. Eu iria me formar no ensino médio e estar a caminho de me tornar uma adulta. Eu só precisava atravessar o palco.

—Daisy? — A voz era alta e pingando de maldade, então eu sabia exatamente quem era, mesmo sem olhar.

Belinda

Eu me segurei e encolhi os ombros para encará-la, abrindo os olhos para ver o mini-vestido rosa e o rabo de cavalo.

Belinda e Marnie estavam sempre juntas, então fiquei chocada ao vê-la sozinha hoje. Belinda sorriu para mim e até aquele pequeno gesto fez com que lágrimas se formassem nos cantos dos meus olhos.

—Estou aqui para ver o namorado da minha prima subir ao palco, mas também queria desejar-lhe uma feliz formatura, Daisy. — A voz de Belinda se suavizou e ela pegou minha mão. —Sinto muito por termos nos separado. Boa sorte no futuro. —Belinda estendeu os braços e me abraçou.

Eu não estava preparada para suas palavras e ação. Depois de anos de intimidação, eu não consegui ligar um interruptor que imediatamente fez meu cérebro dizer aos meus braços para relaxar e abraçá-la de volta. Meu corpo estava rígido e desajeitado em seu abraço, mas consegui devolver o gesto com um braço e um tapinha rápido nas costas.

Ela se afastou com um sorriso feliz no rosto, que então se transformou em um sorriso sexy.

—Jon Roberts. Você fica maior a cada vez que eu te vejo. — A ponta do dedo rosa de Belinda pregou seu lábio inferior. Seus olhos se estreitaram em luxuriosa apreciação enquanto olhava Jon da cabeça aos pés.

Meus músculos ficaram tensos, um estranho sentimento nervoso me fazendo querer arrancar seu rabo de cavalo.

Jon não falou, mas seu olhar era assustador como merda. Suas mãos formaram punhos que ele plantou em seus quadris e sua mandíbula se moveu para trás como se estivesse segurando uma explosão de palavras.

—Ww-o quê? — Belinda tropeçou na pergunta, um rubor escuro se formando em suas bochechas.

Jon se concentrou em algo atrás de mim, seus olhos

apertados com tanta força que quase estavam fechados. *Droga. Ele estava quente mesmo quando ele estava chateado.*

—Conserte a merda que você fez agora. Então se desculpe. —Suas palavras foram cortadas, fervendo de raiva.

Meu estômago caiu aos meus pés e eu balancei de pânico. *Não. Não. Não. O que elas fizeram comigo agora?*

Algo puxou o topo do meu vestido de formatura das minhas costas, e Marnie se aproximou de Belinda, de cabeça baixa, mas não com vergonha. Ambos pareciam chateadas que elas foram pegas.

Marnie deve ter se escondido atrás de mim o tempo todo. Nas mãos dela havia uma placa amarela que imaginei ter sido colada nas minhas costas. Escrito em grandes letras pretas estavam as palavras: *MOO para a vaca!*

Eu balancei, uma tontura vertiginosa me ultrapassando e rezei para não vomitar. Eu não poderia dar-lhes o prazer.

Jon se inclinou para frente e as duas meninas se afastaram de sua carranca ameaçadora. —Largue isso—, rosnou Jon. —E diga que você sente muito. Agora. —

—Desculpe—, Marnie zombou, seu lábio enrolado e nariz enrugado.

—Desculpe—, Belinda revirou os olhos. —Isso não funcionou. —

Jon segurou meus ombros e me obrigou a encará-lo. —

Quer dizer alguma coisa para estas... estas... pessoas? — Ele perguntou, sua voz suave e seus olhos procurando os meus.

Eu não consegui falar. Se eu fizesse, eu choraria. Eu balancei a cabeça, e as duas meninas saíram correndo em direção ao estacionamento, provando que não estavam na formatura do namorado de um primo. Eles estavam lá apenas para me dar o inferno.

Jon respirou fundo e depois soltou um longo sopro. —Eu gostaria que você desse àquelas meninas o inferno, Daisy. Por que você as deixou irem assim tão fácil?

Eu engoli contra o nó na garganta. —Elas não valem a pena, Jon. —

—Olhe para mim—, Jon exigiu. Relutantemente, eu arrastei meus olhos para encontrar os dele. Seus profundos olhos castanhos eram suaves quando ele olhou para mim. — Você vale a pena, Luz do Sol. —

O som agudo de um microfone ligando os alto-falantes, seguido por uma voz anunciando que a cerimônia estava pronta para começar nos tiraram do estupor. Caminhamos rapidamente pela grama bem cuidada até a fila de estudantes. Antes que eu encontrasse Damian e nosso lugar na fila, Jon segurou meu cotovelo em suas mãos. Sua boca baixou para o meu ouvido. Enquanto ele falava, sua respiração estava quente, fazendo com que um arrepio subisse pela minha espinha. Qualquer nervosismo que eu estivesse sentindo se evaporou. Cara, o poder que sua proximidade tinha sobre mim, eu absorvi tudo.

—Eu sei que você não gosta disso, a sensação de estar em exibição, mas eu estou aqui—, disse ele. —Se você começar a entrar em pânico, olhe para a fileira de trás. Eu vou me levantar para você ver que você tem um amigo. —

O ar parou em meus pulmões e eu não consegui responder. Jon era demais. Ele era bom demais para mim.

—Margarida! — Damian gritou, e eu assustei. Eu me afastei de Jon e tomei uma respiração profunda. *Hora de acabar com isso.* Corri para o meu irmão assim que a nossa linha começou a andar para o palco.

Pouco tempo depois, o diretor Mahoney gritou: —Daisy Goldsmith—, e minha família ficou louca gritando e batendo palmas para mim. Eu me movi para a frente quando o pânico começou a inchar. Ele enrolou e juntou na boca do meu estômago. Náusea voltou a subir.

Lembrando-me das palavras de Jon, olhei para o meu lado, para o palco e para a fileira de trás. Jon apareceu tão alto quanto uma árvore. Seus braços grossos estavam cruzados na frente dele, e ele assentiu, encorajando e me protegendo ao mesmo tempo.

Eu me permiti sentir orgulho pelo que tinha realizado e segurança, sabendo que Jon estava me observando. Eu sorri apesar de tudo e terminei minha caminhada para completar o ensino médio.

Capítulo Quatro

Jon

A Sra. Goldsmith's não era rica, mas eles adoravam celebrar com seus filhos. Dean contratou um DJ para o baile, um passo acima do habitual para celebrar seus irmãos. Balões coloridos em vermelho e dourado, cores da Academia Zionsville, estavam ligados a todas as superfícies possíveis. Com música e muita comida boa feita por Daisy e sua mãe, os amigos dos Goldsmiths chegavam em bandos ao longo do dia e saiam cheios e felizes até tarde da noite.

O Sr. G estava na frente de sua churrasqueira, a fumaça ondulando enquanto ele virava prateleiras de costelas e cachorros-quentes. Seu avental de grelhar preto tinha um porco na frente usando um chapéu de chef e óculos de sol. Por baixo, lê-se: *Toda Bunda Gosta de Esfregar.*

Delilah e Dianna acabaram de encher a mesa de bebidas. Refrigerantes para os menores de idade e cerveja para os sortudos. Porra, eu precisava de uma cerveja.

Leitor de mente que ele era, Dean assobiou e eu levantei a cabeça bem a tempo de pegar uma lata voadora. Enquanto meu melhor amigo era um quarteback, eu tinha sido seu receiver do futebol de Pee Wee até a faculdade. Se ele jogou, eu peguei.

Abrindo a lata, eu tomei um longo gole. Porra, Daisy parecia quente. Ela estava escondendo seu corpo sexy sob aquele grande vestido branco de formatura. Agora que ela

estava em casa, o que estava por baixo daquele vestido foi revelado; ela usava um vestido apertado que abraçava cada curva de seu corpo incrível.

Debruçada sobre a mesa de sobremesa, sua bunda perfeita me chamou. Ela balançou e se moveu enquanto arrumava seus cupcakes decorativos cheios de glacê. Ela acrescentou minúsculos bonés de formatura ao topo de cada um.

Muito doce. E tentador.

Ela se endireitou e lambeu o glacê de um dedo, fazendo-me imaginá-la usando aquela língua para algo muito mais interessante. *Cristo todo-poderoso.* Eu estava tão duro quanto uma rocha.

—E aí, canhão? — Dean riu quando ele se juntou a mim, estalando a tampa de sua cerveja e batendo contra a minha.

Dean se formou na IU no inverno passado e saiu do nosso apartamento para treinar para a NFL antes de ser recrutado em abril. Eu senti falta do filho da puta idiota. Para manter o romance vivo, nós assediamos uns aos outros por mensagens de texto ou chamando os apelidos de pau mais escandalosos que poderíamos inventar. Era engraçado como merda, então é claro que nossos melhores amigos Landon e Ricky se juntaram a brincadeira

—Suave, bola murcha. —

A noiva de Dean, Grace, tinha um filho de quatro anos chamado Finn. Dean bebeu sua cerveja e Finn entrou direto em suas pernas. Dean não o viu chegando, então seu grunhido e

tentativa de ficar em pé foi particularmente engraçado.

—Ei, Finn—, eu baguncei seu cabelo e o rapaz deu uma risadinha.

—Oi, Jon. Dean, quer jogar Frisbee comigo e Devin? —O irmão de Dean, Devin, ficou de lado, uma cerveja em uma mão e um frisbee em outra. Devin e Dianna acabaram de terminar seu primeiro ano na Universidade de Purdue e vieram para as festividades.

Dean se agachou ao lado de Finn. —Não, eu sou muito bom. Eu vou fazer Devin chorar. Você brinca com ele por um tempo e deixa ele ganhar algumas vezes, só para mim. Ok, meu pequeno cara? —

Finn riu, um som maligno bem praticado como os vilões nos filmes de desenho animado. —Nunca! Eu nunca vou deixar ele me derrotar! Hahahaha, —ele gargalhou, e então se virou para correr em direção a Devin.

Dean e eu rimos. —Você está pronto para ser um pai para ele, cara? — Eu perguntei. Quando Dean pediu a Grace que se casasse com ele, ele perguntou a Finn também. Eu tinha minhas dúvidas sobre o compromisso de Dean com esta pequena família, mas ele provou que eu estava errado.

—Eu estava pronto ontem. Tenho que dar a Grace o grande casamento que ela merece primeiro. — Dean tomou outro gole de sua cerveja. —Estamos pensando em uma cerimônia no início da primavera. Após a temporada de futebol, mas antes que os treinamentos pesado comecem novamente. Pensei que você poderia lidar com ser meu

padrinho de casamento? O pequeno será meu best man. —

Eu sorri abertamente. Isso fez sentido. Eu não tinha certeza de como Dean escolheria seu padrinho. Ele tinha seus dois irmãos, Devin e Damian, e depois seus amigos, Landon, Ricky e eu. Escolher Finn estava certo em todos os níveis. —Eu ficaria honrado, cara. — Eu levantei minha lata de cerveja para tilintar com a dele, mas ele segurou a sua, uma carranca no rosto.

—Com uma condição. — Dean estreitou os olhos para mim e depois olhou para longe, em direção a Daisy.

Foda-me.

—Eu vi você olhando muito para ela. Você se sentou muito perto dela. Agora mesmo você estava olhando para a sua bunda. Não é legal, cara. Ela é uma adolescente. —A voz de Dean soava meio enraivecida.

—Por mais três meses. — Assim que as palavras saíram da minha boca, o rosto de Dean ficou vermelho brilhante. Eu nunca tinha visto seus olhos tão arregalados ou notei aquela veia longa e latejante em seu pescoço antes. Merda. Pensar assim foi o que me colocou nessa situação em primeiro lugar. —Espere, esse não é o meu ponto. — Eu joguei minha cerveja quase vazia na grama e joguei minhas mãos para cima.

—Qual *é o* seu ponto, cara-fodida? — Dean rosnou. Do canto do meu olho, Grace seguiu nosso caminho, segurando dois pratos de comida.

Obrigada meu doce menino Jesus.

—Dean—, eu comecei e dei três passos. —Daisy e eu somos amigos. Eu já te disse isso. Eu não estou dando em cima dela. —

Os olhos de Dean se contorceram em um ritmo acelerado. Seu peito parecia crescer mais alguns centímetros quando ele soprou para fora. Seus ombros também pareciam mais largos. Inferno, isso não era um bom sinal.

Mas quando Grace se aproximou e o beijou em seus lábios. A luta o deixou completamente. *Obrigado, cristo.*

Se ele não me desse um soco, eu beijaria Grace também.

—Dean, recue. — Daisy se aproximou da nossa conversa, o olhar de aviso em seu rosto, indicando que ela nos ouviu. Eu inalei, o cheiro de açúcar e sol encheu o ar ao nosso redor, desencadeando outra onda cataclísmica de necessidade dentro de mim. —Jon me salvou hoje de muito possivelmente o momento mais embaraçoso da minha vida. Você deveria estar agradecendo a ele, não ameaçando a vida de seu melhor amigo—.

Dean arrastou seu olhar de mim para olhar sua irmã para baixo. —Do que você está falando? —

Daisy estudou o chão, passando a ponta do sapato sobre algumas folhas de grama antes de falar. —Belinda e Marnie colocaram uma placa nas minhas costas antes de eu subir no palco para pegar meu diploma. Jon as viu e as parou. —

Ela olhou para mim, seus lindos olhos azuis brilhando. — Eu nunca tive a chance de te agradecer. — Seu sorriso era

pequeno, mas isso não diminuiu o aperto no meu peito. Eu queria machucar aquelas cadelas. Elas estavam obviamente com ciúmes da Daisy. Eu só queria que ela pudesse ver isso.

—O que posso fazer? — Dean perguntou a Daisy. Sua voz era gentil e sua expressão doía. Aquele filho da puta protetor amava tanto sua família.

Ela piscou os olhos e eu sabia que ela estava segurando as lágrimas.

—Nada. Apenas seja legal com Jon. Ele não fez nada de errado. —Daisy disse, e se virou para mim. —Você está com fome? As costelas estão prontas e eu fiz salada de batata e ovos cozidos. —

Eu gemi e ela sorriu. Daisy caminhou em direção à comida e quando eu comecei a segui-lo, Dean me alcançou.

—Comporte-se, cara. Eu estou assistindo. — Dean falou baixo, sua voz séria.

Eu balancei a cabeça, batendo nas costas dele. —Eu ouço você, cara. —

E eu fiz. E não foi um problema. Porque Daisy e eu éramos apenas amigos.

~~~

Algumas horas depois, a festa acabou. O Sr. e a Sra. G
~~~

guardaram a comida e entraram para assistir à televisão. Os irmãos Goldsmith estavam espalhados pelo pátio em grupos, conversando com seus amigos. Bem, cinco deles estavam. Onde estava Daisy?

Havia apenas um lugar em que pensava que Daisy pudesse estar. Uma curta caminhada da casa de Dean, era um lago onde costumávamos esgueirar cervejas quando éramos mais jovens. Todos os irmãos escaparam quando precisaram de um descanso.

O sol estava se pondo quando me aproximei da água, fazendo o céu se encher de rosa e laranja, tão brilhante que parecia quase de outro mundo. Essas mesmas cores refletiam ao longo da água. Os sons de água batendo na praia e de pássaros cantando de um lado para o outro eram os únicos barulhos feitos. E com certeza, a visão mais bonita de todos eles, sentou-se em frente ao lago, os braços em volta das pernas. Eu me sentei ao lado dela, em silêncio. Depois de alguns minutos, olhei de lado e a peguei me observando.

Ela mordeu o lábio e se concentrou no lago cintilante. — Você já viu o oceano? —

—Uma vez. A família de Landon me levou com eles nas férias de verão. —Esticando minhas pernas na minha frente, eu me inclinei para trás em meus cotovelos.

—Costa leste ou oeste? — Daisy inclinou a cabeça para o lado, esperando pela minha resposta.

—Leste. Fomos para os Outer Banks, na Carolina do Norte. — A brisa aumentou, esfriando um pouco a temperatura da

noite quente. —Você já viu o oceano? —

Ela balançou a cabeça. —Não. Dean falou sobre nos levar em um cruzeiro, mas meu pai não o deixa pagar por todos nós. Meus pais nunca puderam nos levar por todo o país. Tivemos muitas férias no lago, e eles eram ótimos e tudo, mas eu tenho quase dezoito anos e nunca vi o oceano. —

Eu ri baixinho. —Eu odeio quebrar isso para você, Daisy, mas é apenas um grande monte de água. —

Ela bateu no meu braço de brincadeira. —Eu sei disso. Meu ponto é que há muito para ver e fazer neste mundo, mas nem todo mundo parece se sentir assim. Algumas pessoas se contentam em ficar onde estão. Em Indiana nessa vida. Isso nunca foi eu. Eu sempre quis algo... mais. —

—Nada de errado com isso. — Foi por isso que Daisy parecia muito mais velha do que seus dezessete anos para mim. Ela estava sempre pensando. Sonhando. Ouvindo a conversa dela, meu sangue fluiu mais rápido. Isso me deixou animado para viver minha vida. Eu me sentei, espelhando sua posição. —Eu contei a você sobre a minha viagem com Ricky? —

Seu sorriso era enorme. —Não. Onde vocês estão indo? —

Dei de ombros. —Estamos empolgados com isso. Entrando no meu caminhão e decolando. Visitaremos Landon em LA em algum momento e Dean a caminho de casa. Além disso, vamos explorar. —Depois de ouvir Daisy falar sobre seu próprio desejo de viajar, ela me inspirou e eu estava genuinamente animado para pegar a estrada.

—Oh—, ela apertou a mão no peito. —Você verá a Califórnia. Estou tão feliz por você e Ricky. —

Meu sorriso era pequeno. —Obrigado. Você terá sua vez também. Alguém com uma mente tão forte quanto a sua, sempre encontra um jeito. —Eu cutuquei meu ombro contra o dela.

—Li uma vez uma frase em que a mulher diz que não é a mesma desde que viu a lua brilhar do outro lado do mundo. Assim que eu li, eu sabia que seria assim para mim. Eu vou fazer acontecer, Jon. Eu vou ver a lua do outro lado do mundo. Eu tenho que fazer isso. —Ela torceu o nariz e franziu os lábios na mais fofa expressão de paixão teimosa que eu já vi.

Desta vez eu ri alto. —Eu não tenho nenhuma dúvida que você vai, Daisy. — Sentei-me e puxei-a para o meu lado, envolvendo um braço em volta dos ombros.

Daisy riu e quando olhei para baixo para perguntar o que era engraçado, ela ergueu o queixo e nós batemos cabeças.

—Ow—, ela riu, esfregando a testa.

—Nossa, você é realmente cabeça dura. — Eu gemi.

—Hey—, ela empurrou contra o meu peito, mas eu agarrei suas mãos antes que ela pudesse me bater de costas.

Ela caiu em mim, nossos rostos tão perto que eu podia sentir sua respiração, seus lábios roçando minha mandíbula. Se eu baixasse meu rosto, mesmo que fosse uma polegada, nossos lábios se encontrariam.

Os olhos de Daisy se fecharam e ela se inclinou.

Ah, porra.

Não. Não pode acontecer.

Levantando-a, eu gentilmente a coloquei ao meu lado e então me afastei, colocando algum espaço muito necessário entre nós.

Vários longos e desajeitados minutos passaram em silêncio. Meu estômago deu um nó. Cristo, a última coisa que eu queria fazer era machucá-la ou envergonhá-la. Mas estar muito perto dela era perigoso em muitos níveis.

—Por que você deixou a festa? — Ela perguntou, afastando o cabelo do rosto.

Eu olhei direto para a frente na água. —Você não estava lá. —

Sua respiração ficou presa. —Eu não tinha amigos lá. Você sim. Você deveria estar com seus amigos.

Meus pulmões se contraíram, tornando difícil respirar. Essa garota estava me destruindo. Completamente.

Eu estendi minha mão, palma para ela. Ela hesitou, mas colocou a mão quente e delicada na minha mão grande. —Eu estou com minha amiga. E ela é a única pessoa com quem eu deveria estar agora.

—Jon—, ela sussurrou.

Eu não conseguia olhar para ela. Se eu fizesse, eu gostaria

de beijá-la e torná-la minha. Deus, como eu queria fazê-la minha. Mas eu não podia fazer isso. Algum dia talvez. Mas não hoje. Hoje eu seria amigo dela e ela seria meu raio de sol.

Capítulo Cinco

Margarida

—Como você pode cozinhar em um dia tão quente? — Damian apoiou seu corpo longo no balcão com um gemido e passou um braço sobre a testa úmida.

As temperaturas de agosto em Indiana subiram para os altos anos noventa. Eu estava trabalhando em um escritório todos os dias nos últimos meses, evitando as partes mais desconfortáveis do verão. Mas com base nos pingos de suor que desciam pelo meu pescoço e ao longo da minha coluna, eu estaria disposta a apostar que nossa temperatura na cozinha estava cem graus hoje. Os ventiladores que colocamos na sala não faziam nada além de circular o ar quente pelo espaço.

Coloquei a torta de morango no forno quente. —Não seria tão ruim se o ar condicionado não estivesse quebrado. Eu ouvi o cara do reparo dizer a Ma que a unidade inteira precisa ser substituída. Será muito muito dinheiro, Damian.

Ele fez uma careta. —Eu estava escutando. Já mandei uma mensagem para Dean e ele está cuidando disso. —

Ouvir isso foi como tirar uma tonelada das minhas costas. —Obrigado por fazer isso. Dean está se recuperando de anos nos atacando, hein? —

Damian sorriu e colocou um morango fresco em sua boca. —Isso vai levar mais do que um novo ar condicionado. —

Ele saiu do balcão e abriu a porta da geladeira, empurrando a cabeça para dentro. Um suspiro longo e aliviado veio do seu lado da sala, seguido por: —Você fez chá doce? —

—Claro que sim. — Eu pisquei, e Damian gritou enquanto pegava uma caneca gelada do freezer e enchia até a borda. Peguei uma sacola Ziploc extra-grande da despensa e a enchi com farinha, amido de milho, alho em pó, colorau, sal e pimenta. Eu segurei o topo e apertei para misturar os ingredientes.

—Frango frito? Merda, estou saindo para o trabalho em cinco minutos. — Damian transformou o lábio inferior em um beicinho.

Empurrando-o para fora do caminho, puxei o prato de frango lavado da geladeira. —Vou guardar um prato para você. — Mergulhei uma coxa de frango na tigela de mistura de ovos que preparei antes de adicioná-la à bolsa Ziploc e, em seguida, balancei até ficar coberto.

—Qual é a ocasião? Frango frito em um dia quente de agosto... —A voz de Damian se apagou, e então ele riu. — Aposto que Jon está de volta à cidade, não é? —

Minhas bochechas floresceram com o calor, mas eu não respondi. Essas últimas semanas em que ele viajou com Ricky foram torturantes. Eu fiz aa mesma coisa todos os dias, mas não era o mesmo sem ele aqui. Não havia aquela pressa ou excitação que eu sempre senti ao tê-lo perto. Senti falta de Jon com uma dor que me surpreendeu.

Em vez de admitir, para meu irmão cauteloso, concentrei-

me em minha tarefa de puxar o frango e colocá-la em um prato limpo para ser frito. Agarrando uma asa, comecei o processo.

—Daisy, você tem uma queda por Jon? — Damian perguntou.

Minhas costas ficaram tensas. *Porcaria. O que eu digo para isso?* Eu sempre tive uma queda por Jon, mas essa não era uma informação que qualquer um, especialmente meu irmão, precisava saber.

Eu me virei para ele, sacudindo a asa inocente com força extra no saco de farinha. —Não, eu não. Somos *amigos,* Damian. E ele está desaparecido há duas semanas, então pensei em fazer um bom jantar para recebê-lo de volta a Indy. Isso é tudo. —

Isso não foi tudo. Jon e eu passamos muito tempo nesse verão juntos. Nos dois meses desde a formatura, ele continuou a vir para jantar e às vezes ficava para assistir a um filme com minha família. Nós mandávamos mensagens constantemente durante o dia, e eu sempre esperava ver o nome dele na tela. Mas Jon e Ricky fizeram uma viagem no começo do mês. Tudo o que eu sabia era que Ricky estava passando por um mau pedaço, então Jon tirou seu tempo de férias para ficar com ele.

Ele não me ligou nem uma vez. E a ausência de sua voz, de sua presença, feriu meu coração.

Ele estava em casa ontem e teria trabalhado hoje no escritório de advocacia. Eu estava cruzando meus dedos das mãos e pés que ele iria estourar a cabeça na porta logo para o

jantar.

Damian me encarou, os olhos se estreitaram. Eu era um Goldsmith nascida e criada. Eu aprendi com a idade de três anos como vencer meus irmãos em um concurso de encarar. Eu nem sequer pisquei.

Finalmente, ele rompeu o contato com uma risada. —Ok, mana. Eu tenho que chegar ao meu turno na piscina. — Damian era um salva-vidas no Country Club. Ele pegou sua mochila, atirando-a por cima do ombro.

—Mas se você decidir que tem uma queda por Jon, você deve saber que eu o amo como um irmão, mas ele não é um cara de relacionamentos. Você é inocente demais para ele, o que poderia significar um desastre para o seu coração. E então eu teria que chutar sua bunda ou morrer tentando. — Damian riu de sua fala. Jon seria um oponente formidável para qualquer um, mas eu não duvidei da devoção do meu irmão.

Eu me levantei na ponta dos pés para beijar sua bochecha. —Eu entendi, D. —

Damian saudou a caminho da porta e eu voltei para o meu frango.

Eu sabia que Jon era um homem de muitas mulheres. Ele era o melhor amigo de Dean em seus anos pré-Grace pelo amor de Deus. Mas quando nos tornamos amigos mais próximos neste verão, comecei a confiar nele. Essa foi a primeira vez que eu me abri para um cara que não era da minha família e me senti muito bem. Eu absolutamente tinha uma queda por Jon, mas não estava com a mínima impressão de que ele sentiria o

mesmo.

Eu coloquei uma quantidade generosa de óleo na panela aquecida e acrescentei alguns pedaços de frango. O som da carne e do azeite chiando e estourando encheu o pequeno espaço da cozinha, dando-me uma sensação de calma. Este era o meu elemento. Foi aqui que encontrei o meu verdadeiro eu.

—Santo inferno, luz do sol. Você é uma visão para os olhos. —

Ele está aqui. Um pulso de adrenalina correu através de mim, zumbindo na minha espinha, e eu agarrei a borda do balcão para não balançar.

Eu mantive minhas costas para Jon e fechei meus olhos por apenas um segundo, reunindo minha compostura. Eu não podia esperar para vê-lo, mas, ao mesmo tempo, ele me machucou. Mas quando eu finalmente me virei, minha respiração ficou presa na minha garganta.

Jon estava em suas roupas de trabalho. Calça cinza e camisa branca de botões, mangas até os cotovelos. Mas o que me parou no meu caminho foram os olhos dele. Seus olhos castanhos dançaram de felicidade quando ele olhou para mim.

—Jon! — Eu peguei uma toalha e limpei minhas mãos enquanto ele fazia o seu caminho através da cozinha. Antes que eu pudesse me impedir, pulei em seus braços e ele me abraçou com força.

Ele me apertou antes de soltar. —Eu senti sua falta, Daisy. — Suas palavras estavam baixas no meu ouvido, e meu sangue

correu quente em minhas veias.

Eu não queria deixar ir. Estar em seus braços era tão bom. Tão certo. Mas me afastei, inalando seu perfume persistente antes de encarar o fogão novamente para recuperar meu equilíbrio.

Folguei os pedaços de frango que estavam fritando e acrescentei outro pedaço ao saco de farinha, mantendo as costas para ele novamente. O fato de que ele não ligou ou mandou uma mensagem por duas semanas foi uma droga, mesmo quando eu sabia que não tinha o direito de me sentir assim.

—Ei, espero que você não esteja com raiva de mim—, disse ele. —Ricky ficou um pouco animado na noite em que saímos. Ele acabou tomando cervejas demais e jogou os dois telefones em um lago. Idiota. — Jon colocou seu novo iPhone no balcão ao meu lado. —Realmente inteligente sair em uma viagem de estrada sem maneira de pedir ajuda. Felizmente, estávamos bem, mas sentia falta de falar com você. Muito. —

Meu coração desacelerou seu ritmo. Ele sentiu minha falta. Ele não tinha esquecido de mim. Eu me virei para ele com um sorriso vacilante.

—Esses são peitos enormes! — Exclamou Jon, e senti meus olhos se arregalarem. Suas bochechas ficaram vermelhas e ele recuou um passo. —O fran...frango. — Ele apontou para o saco de farinha e carne que eu segurava na frente do meu peito. — Eu estava falando sobre o frango. —

Eu olhei para baixo e comecei a rir. Jon murmurou uma

maldição, mas depois riu também. Com a tensão entre nós ficando para trás, relaxei para o que parecia ser a primeira vez em duas semanas.

~~~

Trinta minutos depois, ele estava me contando sobre sua viagem. Landon e Emma estavam ridiculamente apaixonados, Dean e Grace estavam um sobre o outro, e Ricky ainda estava uma bagunça. Jon se desculpou, mas Ricky jurou segredo para que ele não pudesse me contar sobre suas coisas. Eu não me importei. Eu adorava que Ricky pudesse confiar em Jon. E eu estava feliz por Dean e Landon.

Inacreditavelmente ciumenta, mas feliz por eles.

O temporizador apitou, e eu peguei duas luvas de forno, puxando a torta para fora assim que a tampa ficou dourada.

—Margarida? É o que estou pensando? — Jon se inclinou sobre o meu ombro e inalou.

Eu coloquei a torta em cima de um tripé no balcão para esfriar. —Morango ruibarbo. Seu favorito. — Meu encolher de ombros foi seguido por um sorriso.

A boca de Jon ficou aberta. —Por quê? — Sua voz era rouca.

—Bem-vindo. Eu também senti sua falta. —Eu sussurrei.
~~~

Nossos olhos se encontraram e algo passou entre nós. Eu não consegui identificar, mas era poderoso. Quase como se nós... ele...

Poderia ele?

Jon virou a cabeça para o lado e se afastou do momento íntimo.

Não, claro que não, Daisy. Apenas amigos, lembra?

Sempre.

Depois de virar os últimos três pedaços de frango, eu estava quase terminando de fazer o jantar.

O cheiro limpo e masculino de Jon me cercou quando ele se aproximou das minhas costas. —Por que está tão quente aqui? — Seu dedo traçou ao longo do meu pescoço, e eu tremi. —Você está suando... — Ele fez uma pausa e então sua voz caiu ainda mais. —Mas agora você tem arrepios? —

Eu não tinha certeza de como responder a essa pergunta, já que foi o toque dele que causou minha reação. Sua presença fez meu corpo fazer todo tipo de coisas estranhas e me fez pensar sobre as coisas. Coisas que eu não tinha experimentado, mas gostaria muito.

— Estou de babá dos filhos de Wilson! — exclamou Delilah enquanto entrava na cozinha.

Jon e eu nos separamos. Agarrando o prato de baquetas resfriadas, eu segurei na minha frente.

—Frango? — Minha voz era aguda e estridente.

Dalila agarrou uma perna e deu uma grande mordida. — Hum! — Ela jogou um beijo enquanto se apressava para fora da porta da cozinha.

—Flor? — A voz do meu pai explodiu. Ele e minha mãe entraram na cozinha de mãos dadas. —Nós vamos ao cinema. Tenho que vencer esse calor. Você está vindo'? —

Eu balancei a cabeça. Eles eram muito melosos, ainda de mãos dadas depois de todos esses anos. —Eu fiz o jantar. —

Mamãe sorriu para Jon. —Bem vindo de volta. Você vai ficar e comer com Daisy, certo?

—Sim senhora—, Jon concordou.

—Façam um piquenique ou algo assim. Está quente demais para comer aqui. — Mamãe reclamou quando ela e papai se apressaram porta afora.

E então nós estávamos sozinhos.

Eu puxei uma das minhas tranças, envolvendo a ponta em volta do meu dedo. Eu puxei meus longos cabelos em duas tranças baixas para mantê-los fora do caminho enquanto cozinhava.

—Você quer ir a algum lugar? Piquenique? Eu provavelmente deveria trocar de roupa, —eu disse, meus nervos ultrapassando minha capacidade de falar coerentemente.

Jon olhou para minhas pernas e sorriu. —Nem pense em mudar. Você parece... —Ele grunhiu e então fechou as mãos em

punhos ao seu lado.

Eu olhei para baixo. Shorts e uma regata branca desgastada e velha. Meu sutiã estava misturando-se com a minha pele..

—Vamos comer lá fora. — Entreguei a Jon um prato e ele colocou feijão verde, frango e um biscoito que fiz antes. Fiz um prato para mim e ele levou os dois para a mesa na nossa varanda.

Eu segui, agarrando-me água e uma cerveja para ele. O alpendre em nossa casa era um dos meus lugares favoritos. Meus pais pouparam e economizaram para pagar, mas nunca se arrependeram do sacrifício. Havia uma grande mesa de ferro forjado para um lado que poderia acomodar todos os membros da nossa família. Do outro lado da varanda, havia uma área de estar com móveis de vime coberta de almofadas e travesseiros coloridos. Nós usamos um grande ventilador de teto para refrescar a área.

Jon sentou-se no sofá e colocou nossos pratos em cima de uma pequena mesa de vime. Ele estava relaxado, sentado com o braço ao longo das costas do sofá. Quando entrei na varanda, a diferença de temperatura de nossa casa sufocante foi chocante. A brisa fresca fez meus mamilos enrugarem, o que eu temi que pudesse ser visto através do meu fino sutiã de algodão.

Jon pareceu fixar seu olhar exatamente onde eu temia, porque ele endureceu e se sentou para frente, com os cotovelos nos joelhos, a cabeça baixa. Sim, ele notou. Embaraço deveria ter sido o que eu senti. Emocionada foi o que eu realmente

experimentei. Deus, por que eu estava me torturando? Entreguei a cerveja a Jon e sentei ao lado dele.

Ele deu um longo puxão de sua garrafa de cerveja. —Obrigado, Daisy. Tudo isso parece excelente. —

Excelente? Desde quando Jon era tão formal? Eu desviei o olhar em sua direção, imaginando o que estava acontecendo dentro de sua cabeça. Nada me deu uma pista, exceto um ligeiro tom rosa nas pontas das orelhas.

—Coma—, eu encorajei, puxando meu prato mais perto.

Comemos em silêncio confortável por alguns minutos antes de Jon falar. —Diga-me seus planos para a escola de culinária. Você tem que fazer algo com esse talento. —

Limpei minhas mãos e boca com um guardanapo e coloquei meu prato na mesa. Coloquei minhas pernas debaixo de mim, e enfrentei Jon. —Bem, mamãe e papai estão me incentivando a me inscrever no Art Institute of Indiana. Eles ficariam emocionados se eu morasse em casa e conseguisse me graduar lá. —

Jon engoliu a mordida do biscoito. —E o que você quer? —

—Isso importa, Jon? Meus pais sabem que no final eu farei o que eles pedirem. Eu sempre faço. — Meus ombros caíram, e meus lábios se transformaram em uma carranca.

Jon estreitou os olhos. —Isso importa muito. Seus pais precisam que você prove a eles que você está pronta para sair de casa. Você tem o resto deste ano para fazer exatamente isso. Se você pudesse ir para a escola em qualquer lugar, onde

seria? — Jon bebeu sua cerveja e me estudou.

Eu mastiguei meu lábio inferior. Ah, havia tantas escolhas. —Ok, eu acho que seria o International Culinary Center na cidade de Nova York. Costumava ser chamado de Instituto Francês. Bobby Flay e Christina Tosi são ex-alunos famosos. Cozinhar com ícones como Jacques Pepin... — Suspirei. —Seria incrível aprender com eles e viver em uma cidade como Nova York. —

Jon inclinou a cabeça para o lado. —Então vá em frente. Faça. — Ele terminou a comida em seu prato enquanto eu pensava sobre o que ele disse.

Sentei-me, desdobrando minhas pernas e colocando meus pés no chão. —Isso seria um desperdício de tempo e dinheiro. Mamãe e papai teriam um ataque se eu mesmo pronunciasse as palavras 'Nova York'. — Meu coração disparou com o pensamento. Confronto não foi algo que eu gostei. —E se fosse você? Onde você está se candidatando para a faculdade de direito? —

—Se você chegar a Nova York, verá o oceano com o qual sonhava. — Jon se levantou e pegou nossos pratos. —Vamos lá. Vou te contar onde estou me candidatando enquanto lavo os pratos. — Segui-o até a cozinha e sentei em um banquinho no balcão. O esforço que levou para não babar quando este homem bonito encheu a pia com água morna e sabão foi surpreendente.

—Ok, eu não disse isso a ninguém, mas estou me inscrevendo em escolas na Costa Leste, principalmente no norte. — Ele acrescentou uma panela na água e começou a

esfregar. —Minha escola dos sonhos é a Faculdade de Direito da Universidade de Boston. —

Meu queixo caiu. —Boston! Jon, isso é incrível. O que você está fazendo para se preparar? —

Jon franziu o rosto em uma careta adorável. —Insuficiente. Eu preciso estudar todos os dias para o exame LSAT. Eu tenho que colocar minha cabeça no jogo. —Ele moveu a panela para o escorredor e pegou outra. —Eu sinto que Dean e Landon têm seus futuros totalmente descobertos e eu estou preso em Indiana, esperando que algum dia em breve eu seja homem e me dê a vida que eu quero. —

Eu assenti. Essa sensação foi uma que eu entendi muito bem. Jon encheu a máquina de lavar louça, as mãos e os braços tão volumosos e mesmo assim ele manuseou cada prato e copo com um toque cuidadoso. Assim como eu sabia que ele seria se ele me tocasse. Foi exatamente assim que pensei nele, como uma fera gentil. Eu o adorava e queria ajudá-lo a encontrar sua felicidade. Mesmo que isso fosse do outro lado do país.

—Eu poderia ajudá-lo a estudar. Eu tenho tempo. — Meu estômago torceu e virou, esperando por sua reação. Eu estava ultrapassando? Será que ele *quer* minha ajuda?

Jon esvaziou a pia e enxugou as mãos com uma toalha. —Você faria isso? Para mim? — Revirei os olhos e ele riu. —Ok, eu vou aceitar essa oferta com uma condição. Como posso ajudá-la? Qual é o processo de inscrição na escola de culinária?

Meu bufo o fez rir mais. —Não é inscrição e eu não preciso de ajuda. Minhas notas são estelares e posso facilmente

trabalhar no ensaio e em um portfólio. Preciso de ajuda para convencer meus pais. Como faço isso? Como eu digo a eles quanto eu preciso ficar longe e morar em algum lugar novo por um tempo? —

Jon pareceu pensativo. Deixando-o refletir sobre o impossível, saí do banco e estendi a mão para a torta, cortando dois pedaços enormes. Jon colocou a mão nas minhas costas e espiou por cima do meu ombro. —Eu realmente desejo essa torta, Daisy. —

—Pelo menos você pode comer esta torta em público, certo? — Assim que as palavras escaparam, eu cobri meu rosto com as minhas mãos. O que diabos estava errado comigo? Anos de ouvir as linhas sujas do meu irmão tinham se infiltrado no meu cérebro. Que embaraçoso.

Jon sufocou e tossiu e eu me forcei a olhar para ele.

—Jesus, Daisy. Eu realmente quis dizer torta. Não o seu... espere, como você sabia? — O rosto dele ficou vermelho beterraba. —Esqueça isso. — Jon se afastou, com as mãos no topo da cabeça.

Pressionando minhas mãos nas minhas bochechas quentes e flamejantes, eu falei através dos lábios esmagados. — Reitor. Devin. Damian Eu aprendi toda a gíria. Acabou de sair. Eu sou tão estranha, —eu murmurei quando tirei o pote de sorvete do freezer. Colocando uma colher em cada prato, eu caminhei até Jon, entregando-lhe seu prato. —Desculpe—, eu sussurrei, minha língua lambendo meus lábios enquanto eu torcia minhas mãos na minha frente.

Jon gemeu. —Não, Daisy. Não é estranho. Não é isso. — Ele levantou um dedo. —Eu te encontro na varanda. Eu preciso de um minuto. —

Merda, eu o afastei. *Caminho a percorrer, Daisy.* Eu coloquei meu prato na mesa da varanda. *Colheres.* Quando voltei para a cozinha procurando nossos utensílios, vi Jon no canto. Ele se ajustou em suas calças, e seu rosto parecia estar com dor.

O bom tipo de dor.

Choque me atingiu e senti como se tivesse sido batido em uma parede de tijolos. Segurar o meu sorriso era impossível. Eu também cheguei a ele. *Puta merda* Jon encontrou meu olhar, e quando ele registrou minha expressão, ele soltou um longo suspiro.

—Merda—, disse ele em voz baixa.

Eu segurei as duas colheres. —Eu esqueci isso. —

Jon olhou para mim de brincadeira. —Sem piadas de torta. —

Mordi o lábio e lutei para manter a compostura e não apenas me jogar para ele. Meu pulso estava acelerado e meu estômago estava dando cambalhotas. Eu ia curtir esse sentimento por um bom tempo. Foi eufórico. —Você entendeu. —

Os olhos de Jon se estreitaram. Ele parecia estar lutando consigo mesmo, lutando com uma decisão antes de concordar. Meu coração disparou quando corri de volta para a

varanda. Depois de um momento, ele seguiu, colocando o prato na mesa e depois começou a comer.

—Margarida—, ele gemeu através de uma grande boca cheia de sobremesa. —Você tem que ir para aquela escola chique de Nova York. Você vai explodir todos eles. —

Eu falei 'obrigado' enquanto eu lentamente comi minha sobremesa. Eu não confiava em mim mesma para falar agora. Mais do que provável, eu diria algo ridículo que envolvesse partes íntimas.

—Aqui está o que vamos fazer. Você me ajuda a me preparar para a faculdade de direito e ajudarei você a provar a seus pais que você pode lidar com a vida em Nova York. Ok? — Jon deu outra mordida e mastigou, esperando que eu respondesse.

Meu coração galopou pelo meu peito como um cavalo de corrida no Kentucky Derby. —OK— Meu foco estava em manter a emoção fora do meu tom. A realidade era que eu não tinha expectativas de que meus pais mudariam de ideia, mas pelo menos isso significava mais tempo com Jon.

Jon colocou a mão ao lado da minha e enrolou o dedo ao redor do meu mindinho. —OK. Vou te mandar mensagens de manhã. Podemos escolher uma hora e um lugar para nos encontrar. —

Eu engoli e assenti. Jon se levantou e beijou o topo da minha cabeça. —Obrigado pela surpresa de boas vindas, Luz do sol. Foi a melhor que eu já tive. —

Ele saiu pela porta da varanda e, em seguida, o motor de seu caminhão rugiu para a vida.

Eu teria a chance de mostrar que eu poderia ser mais do que um companheiro de jantar? Fazer dezoito parecia uma curva na estrada. Minha vida poderia tomar uma nova direção em apenas duas semanas?

Ou quatorze dias.

Ou 336 horas.

Ou 20, 160 minutos.

Mas quem está contando?

Capítulo Seis

Jon

SEIS ANOS DE IDADE.

A cama guinchou e rangeu do outro lado da parede. —Sim, mais duro! — Reconheci a voz da minha mãe, mas não pude dizer se ela estava ferida ou não. Gemidos e grunhidos filtrados através da parede fina como papel. Quando registrei os barulhos, pulei da cama. Se Tom estivesse machucando minha mãe, ligaria para o 911.

—Mamãe? — Abri a porta do quarto dela uma fresta e espiei dentro. Tom estava de frente para mim, ajoelhado na cama. Minha mãe estava na frente dele em suas mãos e joelhos. Ela parecia estar com dor. —Mamãe, você está bem? —

—Dê o fora daqui! — Tom gritou.

Mamãe abriu bem os olhos. —Jon! Vá para o seu quarto! —

Meu estômago caiu e senti que poderia vomitar. Eu bati a porta deles, corri de volta para o meu quarto e joguei meu corpo na cama.

—Garoto idiota. Você não pode mandá-lo para algum lugar? —Tom gritou.

Eu ouvi minha mãe responder. —Não, não há nenhum lugar para enviá-lo. Seu pai não quer nada com ele. —

Tom gemeu. —Bem, nem eu. Mantenha-o sob controle, ou eu estou fora. —

A resposta da mamãe foi abafada, mas um minuto depois os estalos e os gemidos começaram novamente. Eu puxei meu travesseiro sobre minha cabeça para abafar o barulho.

Eu tinha seis anos e não queria estar em minha própria casa. Essa foi a primeira de muitas noites em que chorei até dormir.

~~~

Eu hesitei antes de colocar a chave na fechadura. Voltando para casa depois de me formar na faculdade e me sentinddo estranho por algumas razões. Primeiro, me acostumei a minha independência vivendo com Dean. Eu comi o que queria, quando queria. Assisti o que eu gostava na televisão e fui dormir quando eu escolhi. Agora que eu estava em casa, minha mãe esperava que eu respeitasse suas regras, exatamente como quando eu ainda era uma criança.

Em segundo lugar, não mudou muito por aqui. O mesmo apartamento de baixa qualidade, a mesma velha história. Mamãe trabalhava como gerente de escritório, ganhando dinheiro decente, mas se recusou a gastá-lo em sua casa. Em vez disso, ela usava para fazer manicure, pintar o cabelo e comprar roupas chamativas, carros caros e bebidas em seus bares favoritos.
~~~

Peg Roberts estava eternamente à procura de seu próximo namorado. Quando eu era jovem, me convenci de que era para mim. Que ela queria uma figura paterna na minha vida. Que ela esperava ter uma família um dia. Mas enquanto cresci, percebi uma e outra vez que eu não era uma prioridade na vida da minha mãe. Quando meu pai foi embora, ela nunca mais pensou nele. Ela não responderia meus pedidos por suas informações de contato e se recusou a pronunciar seu nome.

Eu soltei um suspiro, tentando como o inferno acalmar as palpitações do meu coração, enquanto o órgão sentia como se estivesse batendo contra a minha caixa torácica. Eu girei a maçaneta, entrando no apartamento silencioso. Obrigado senhor, ela estava fora. Entrando no meu minúsculo quarto, fechei a porta atrás de mim. Minha cama de solteiro foi deixada como sempre fora, empurrada contra a parede, coberta por um edredom azul. Deitei-me e fechei os olhos, pensando em todas as lembranças solitárias daquele cômodo..

Os namorados da mamãe iam e vinham. Muitos não foram apresentados a mim, mas aqueles que foram, nunca foram orientados a me respeitar. Eles poderiam dizer o que eles queriam, me empurrar e inferno, alguns filhos da puta até me bateram. Foi-me dito repetidamente que esta era a casa da minha mãe, e seus convidados deveriam ser tratados como a realeza.

Seus *convidados* bebiam cerveja, fumavam cigarros, comiam toda a comida e controlavam a televisão. No começo, tentei fazer amigos. Eu pensei que se eles gostassem de mim, eles poderiam ficar. Ou até mesmo me tratar um pouco melhor.

Mas eles nunca fizeram.

De fato, durante a maioria das rupturas, ouvi meu nome. Eu escutei como eles explicaram que ter uma criança por perto era algo que eles não queriam e me viam como um problema.

Os dias que se seguiram a uma ruptura foram os piores. Os homens foram embora, deixando a mãe sozinha comigo. Ela iria me encarar, seu ódio e ressentimento como uma criatura viva. Ou ela olhava para mim, desejando que eu desaparecesse.

Eu obedeci seus desejos e fui para a casa de Landon ou a de Dean. Aqueles caras e seus pais eram as únicas pessoas amorosas que eu conhecia. Eles eram minha família.

Os pais de outras crianças se importavam comigo mais do que os meus.

O som da porta da frente batendo me sacudiu.

—Por aqui, Matt—, minha mãe falou em voz alta, palavras arrastadas.

—É Mark—, seu hóspede a corrigiu.

—Desculpe—. Mamãe riu e fechou a porta do seu quarto. A trava se encaixou no lugar, e as vozes de Mark e minha mãe foram abafadas. Eu pressionei as palmas das mãos nos meus olhos. Quais eram as chances de eles ficarem quietos esta noite? Eu precisava dormir para poder levantar ao romper da aurora para estudar.

Momentos depois, a cabeceira batia ritmicamente contra a

parede que separava nossos quartos e os baixos gemidos filtrados.

Foda-se essa merda. Eu peguei meu telefone e abri o aplicativo de mensagens.

Jon: *O que você está fazendo?*

Pressionando enviar, esperei.

Daisy: *Nada demais. Você?*

Jon: *Sinto vontade de me questionar sobre algumas coisas da lei.*

Daisy: *Claro.*

Jon: *Te encontro na lanchonete em 10 minutos?*

Daisy: *Eu estarei lá.*

Matt, Mark ou qualquer que fosse o nome do cara, gemeu alto e longo. Não havia como dormir com isso. Poderia também fazer algo produtivo com o meu tempo. Além disso, qualquer desculpa para ver Daisy sempre foi uma vitória para mim.

Peguei meu boné de beisebol desbotado da IU e as chaves da minha cômoda. Sentindo-me insignificante, bati a porta do

meu quarto atrás de mim e depois fiz o mesmo com a porta da frente.

Mamãe poderia brincar com seu novo amigo de foda a noite toda por tudo que eu me importava. Eu estaria fora deste apartamento - esperançosamente, desta cidade - em menos de um ano. Desde o momento em que entrei na IU, esse era o meu objetivo. Eu estudei minha bunda na faculdade quando não estava jogando bola, só para ter um futuro longe daqui. Deixar Indiana e ir para a faculdade de direito era a única maneira de deixar meu passado para trás.

Por sorte, Daisy estava disposta a me ajudar a chegar lá.

~~~

Os sinos pendurados sobre a porta tilintaram quando ela se abriu, e eu olhei para cima do meu assento na cabine do canto de trás em direção à frente da lanchonete. Daisy entrou, esticando o pescoço para procurar por mim.

Assim que ela me reconheceu, um sorriso tímido se formou em seu rosto. Ela usava um vestido verde e chinelos. Com o cabelo para baixo e as bochechas rosadas, ela parecia simples, mas elegante ao mesmo tempo.

—Hey—, ela me deu um abraço rápido e deslizou no assento em frente.

—Obrigado por me encontrar, Luz do sol. Ainda bem que
~~~

temos uma lanchonete de vinte e quatro horas na cidade, hein? — Passei para ela um cardápio e tirei algumas anotações da minha mochila.

Daisy assentiu, colocando o cardápio na mesa sem olhar. —Parece que vai ser você, eu, algumas garçonetes e alguns caminhoneiros. —

Eu segui o olhar de Daisy pelo restaurante. Estava vazio, exceto por três caras sentados no balcão, tomando café e comendo pratos cheios de comida.

—Olá a todos. Bem vinda. Eu sou Cheryl, o que eu posso fazer? — A garçonete usava um uniforme de lanchonete estilo retrô, seu cabelo escuro puxado para trás em um coque.

—Eu não estou com fome. Eu adoraria leite com chocolate, no entanto. — Daisy entregou-lhe o cardápio e me encarou.

—Eu estou sempre com fome—, eu murmurei. —Eu vou querer um cheeseburger, batatas fritas, shake de morango, e... — Eu examinei a caixa de sobremesa de vidro no balcão. —Um grande pedaço desse bolo de coco, por favor. —

Entreguei meu cardápio a Cheryl e ri de sua mandíbula frouxa.

Daisy prendeu o polegar na minha direção. —Ele gosta de comer—, ela deu de ombros. —Você deve ver o dano que ele pode fazer em um prato de nhoque—.

Cheryl apenas sacudiu a cabeça, entrando na cozinha.

Quando entreguei a Daisy a pilha de cartões, ela estendeu

a mão, nossas mãos roçando uma na outra. E juro por Cristo que senti uma faísca.

Eu soei como se estivesse em um maldito filme da Lifetime. Uma faísca? Porra.

Mas Daisy também sacudiu, puxando a mão para trás, fazendo com que as cartas espalhassem sobre a mesa.

—Desculpe. — As bochechas de Daisy coraram quando pegamos as cartas, formando uma pilha. — Você sempre quis ser advogado? — Perguntou ela, embaralhando as cartas em uma ordem aleatória.

Sentei-me na cabine, esticando as pernas para a frente e para o lado dela. —Não. Para ser franco, eu sempre soube que queria um emprego onde pudesse ganhar a vida e que pudesse me sustentar e a minha família de forma confortável. Mas eu não tinha certeza do que seria esse trabalho. —

—Como você tomou a decisão então? — Daisy perguntou quando Cheryl colocou um shake na minha frente e deslizou o copo de leite com chocolate de Daisy na direção dela.

—Obrigado—, respondeu Daisy, afastando o copo dos cartões.

Sorri para Cheryl e desembrulhei o papel de um canudo. — Eu tinha esse professor maluco de sociologia que era advogado. Ele nos fez entrar nesses debates que eram desafiadores, mas muito divertidos. Eu nunca percebi que amar discutir meu ponto de vista era algo que eu realmente era bom e poderia fazer para ganhar a vida. Conversei com ele sobre

isso e ele me incentivou a manter minhas notas e estudar direito. —

Daisy sorriu, tomando seu leite achocolatado, que tinha uma quantidade generosa de chantilly por cima. Quando ela colocou o copo de volta na mesa, uma pequena gota de creme batido ficou acima do lábio superior.

—Você tem um pouco de chantilly—, eu apontei para o meu lábio e observei quando a ponta da sua língua rosa traçou ao longo do seu lábio superior. Meu pau ficou duro como uma rocha em menos de dez segundos.

Eu me inclinei sobre a mesa. —Ainda está lá. — Minha voz soou áspera, e eu segurei um gemido quando passei o dedo pela pele mais lisa que eu já havia sentido. Estar tão perto dela, sentir seu cheiro doce inebriante, e notar a veia pulsando mais rápido em seu pescoço quando sua respiração acelerou, estava me deixando louco.

Sentando de volta, eu chupei o creme do meu polegar, pegando os olhos de Daisy fixados na minha boca.

—A comida chegou— A voz de Cheryl nos levou de volta à realidade.

Eu me inclinei para trás enquanto Cheryl colocava um prato com um hambúrguer e batatas fritas na minha frente.

—Parece bom, obrigado—, acrescentei, colocando uma batata frita na boca. —Sirva-se, Luz do Sol. — Fiz sinal para o meu prato.

—E aqui está seu bolo e duas águas. Vocês precisam de

mais alguma coisa? - perguntou Cheryl.

Daisy balançou a cabeça e eu engoli minha comida antes de responder. —Eu acho que estamos bem. —

Eu dei uma grande mordida no meu hambúrguer, usando o tempo que eu mastigava para me acalmar. —Ok, me faça algumas dessas perguntas analíticas. As respostas estão no fundo, então você pode me dizer imediatamente se está certo ou errado.

Seus lábios enrugaram, ela tomou um longo gole da água na frente dela. —Aqui está uma difícil. - Passageiro A pega o ônibus 1 para trabalhar às segundas e sextas-feiras...

Eu perdi o foco, incapaz de ouvir suas palavras. Eu tive que me controlar. Eu estava aqui para estudar com minha amiga. Nada mais.

As pontas dos dedos tamborilaram na mesa enquanto ela esperava pela minha resposta.

Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço, apertado com a tensão. —Desculpa. Eu me distrai. Você pode repetir isso? —

Daisy sorriu. —Eu te disse que foi difícil. Mas você consegue fazer isso, Jon. Eu sei que você pode. —Sua mão esfregou ao longo do meu antebraço em apoio.

E eu senti outra maldita faísca. Meu coração batia furiosamente no meu peito, mas me forcei a me concentrar, ouvindo e trabalhando com a minha resposta.

Porque eu estava com o meu sol e isso é tudo o que

importava.

~~~

Depois da nossa sessão de estudos, usei minha dose de açúcar do pedaço de bolo de coco para me levar por uma seção prática do exame. A casa estava em silêncio quando eu finalmente cheguei, então eu me desliguei e finalmente desmaiei na cama às três da manhã.

~~~

Havia apenas um benefício que eu poderia encontrar no complexo de apartamentos ruins da minha mãe. Tinha uma piscina. Uma piscina que, como hoje, estava quase sempre vazia. Tirei a tampa da minha garrafa de água e engoli a bebida gelada. Daisy estava me encontrando para nadar, estudar e vencer o calor de agosto.

Esticando meus braços sobre a minha cabeça, eu rolei meu pescoço em um círculo. Eu fui batido. Trabalhar quarenta horas por semana no escritório de advocacia e depois estudar por três horas por noite, quando chegava em casa, era exaustivo. Mas de uma maneira estranha, eu estava feliz pelo esforço. Pela primeira vez na minha vida, eu tinha um plano. Uma proposta.

Eu abri o manual do LSAT e reli o capítulo em que trabalhei ontem à noite.

O rangido do portão de arame me disse que eu não estava mais sozinho. Olhei para cima e vi Daisy falando com o salva-vidas no balcão de check-in e apontando para mim. Sem ninguém nadando, o guarda não estava em sua cadeira.

Deus, ela era uma lufada de ar fresco. Vestindo aqueles shorts jeans apertados, mostrando a bunda e outro top fino, ela parecia pecaminosa. Seu cabelo loiro pendia reto, caindo em ondas por cima do ombro.

Ela caminhou até mim com a cabeça baixa, estudando o chão. Eu percebi anos atrás que Daisy evitava contato visual a menos que diretamente endereçada. Tendo Dean e Damian como irmãos, pareceu-me especialmente estranho. Todos os membros do clã Goldsmith estavam confiantes e seguros.

Todos menos Daisy.

—Hey, Luz do sol. — Eu sorri enquanto seus olhos seguiam o caminho do meu corpo, demorando-se no meu peito sem camisa. Quando ela finalmente encontrou meus olhos, os dela estavam encapuzados. Eu a puxei para um abraço, seu corpo macio envolvendo o meu. Deus, ela se parecia tão bem em meus braços.

Eu me afastei antes que meu corpo reagisse a ela. —Sente-se aqui na sombra. Eu trouxe um cooler com água e refrigerante. —

Daisy sentou na minha frente, tirando os óculos escuros e

os colocando. Com os olhos cobertos, era muito mais difícil lê-la. Ela estava muito guardada, mesmo ao meu redor.

—Você não verificou o seu teste prático ainda? — Daisy perguntou

—Sim. Eu marquei todos os erros que cometi e estava esperando que você pudesse me ajudar a analisá-los e ver se conseguimos descobrir por que sou tão idiota. — Revirei os olhos, odiando que os testes fossem uma luta para mim.

Daisy bebeu seu refrigerante, mas seus olhos se estreitaram enquanto eu falava as últimas duas palavras. — Você não é um idiota, Jon. Eu li através do guia de estudo. O LSAT é incrivelmente difícil. É por isso que todo mundo tem que praticar por tanto tempo. Estou aqui apenas por apoio moral. —

Ela colocou sua lata na mesa e envolveu seus dedos em volta do meu punho cerrado. Meu coração disparou no contato. Eu abri a mão e passei meus dedos pelos dela. Naquele gesto, Daisy colocou o lábio inferior na boca, afundando os dentes na pele macia. Meu pau inchou. Eu queria lamber aquele lábio, para acalmar as marcas de dentes que ela deixaria lá. Eu queria provar essa boca.

Se eu pudesse me bater na cabeça, eu bateria.

Amigos, idiota. Nós éramos apenas amigos.

~~~
~~~

Duas horas depois, meu cérebro estava frito. Daisy era uma treinadora paciente e encorajadora. Ela só sabia as respostas porque elas estavam na frente dela, mas, no entanto, ela era equilibrada e calma para o meu homem irritado e exagerado.

Colocando meu boné na mesa, mergulhei no fundo da piscina, a água gelada acalmando minha mente acelerada. Quando eu quebrei a superfície, observei Daisy envolver seu cabelo em cima de sua cabeça em um coque. Ela não tinha se levantado da mesa, apesar dos inúmeros mergulhos na piscina que eu tinha tomado para me refrescar. Eu sabia que ela tinha que estar superaquecida. Suas bochechas estavam rosadas e sua pele úmida de suor.

Eu nadei para o lado da piscina, cruzando os braços sobre a borda e descansando meu queixo em cima. —Luz do sol, por que você não vem nadar comigo? —

Daisy olhou para o lado, mastigando aquele pobre lábio maltratado novamente. Finalmente, ela encolheu os ombros.

—Margarida? Eu lhe fiz uma pergunta. Está mais quente que o inferno aqui fora. Por que você não entra na água?

Ela balançou a cabeça antes de falar. —É tão idiota, Jon. Por favor, não me faça dizer isso. —

Eu olhei para ela, esperando. O desejo que eu tinha para ela confiar em mim era esmagador. A amizade com uma garota como eu tinha com Daisy era estranha para mim, mas eu a

amava. O que eu não tinha certeza era se ela sentia o mesmo.

—Eu odeio como eu pareço em um maiô, certo? Belinda e Marnie foram piores quando estávamos na piscina. Até meus irmãos e irmãs me dão muita dificuldade. Então eu evito isso, é tudo. —

Meu estômago revirou. Eu apertei meus molares, tentando conter minha raiva. Por que alguém faria Daisy se sentir mal consigo mesma, eu nunca saberia.

—Você tem que confiar em mim, Luz do Sol. Mas mais importante, você tem que confiar em si mesma. — Estendi minha mão. —Nada comigo? —

Daisy pareceu se afastar por um minuto, mas de repente se levantou. Seu corpo estava rígido. Ela parecia uma doce camponesa se preparando para a batalha. Eu observei quando ela tirou os chinelos e desabotoou o short. Eles deslizaram por suas longas pernas bronzeadas e eu prendi a respiração.

Eu segurei minha respiração.

Sua mão agarrou a bainha de sua regata e puxou-a por cima de sua cabeça. Ela jogou para o lado e ficou na minha frente, os braços em volta de si.

—Daisy—, minha voz falhou e eu limpei a garganta. — Deixe-me ver você. — Meu estômago torceu novamente e o som do meu batimento cardíaco martelou em meus ouvidos. Eu tinha nadado com Daisy inúmeras vezes quando crianças, mas me ocorreu então que eu não tinha nadado com ela nem uma vez nos quatro anos em que estive fora na faculdade.

Com uma hesitação, Daisy deixou os braços caírem para os lados e recuou.

Puta merda.

Muitas mudanças podem acontecer em quatro anos.

Um deles, Daisy usava um biquíni como ninguém que eu já tinha visto antes. Seus seios eram grandes, o que eu sabia, mas eu não tinha vislumbrado sem uma camisa cobrindo-os. O top de seu biquíni era um triângulo preto cortado e as xícaras mal a continham. Seu decote era profundo, mostrando o quão alegre e redondo seus seios realmente eram.

Eu queria tocá-los, segurá-los em minhas mãos, tão malditamente.

Meus olhos viajaram para o sul, sobre sua cintura, que era pequena, mas queimava em seus quadris. Eu levantei um dedo e girei em um movimento circular. Seus olhos brilharam quando ela se virou lentamente. Mãe de Deus. Seu traseiro era inigualável, novamente, o que eu sabia, mas visto sem jeans... eu nunca me recuperaria. Ele se projetava, era um pouco mais cheio do que a bunda comum, mas era redondo e firme e Cristo, eu precisava sentir isso. Quando ela parou de girar, eu terminei meu passeio, viajando por cima de suas pernas que pareciam ir e parar e terminar em seus dedos que foram pintados de um azul bebê claro.

Era oficial. Eu era um homem morto. Como eu deveria me controlar em torno dela? Meu pau estava se projetando, a água fria não fazia nada para acalmá-lo. Arrastando uma respiração profunda, submergi-me debaixo da água. Nadei um pouco

debaixo da superfície, antes de chegar de costas para ela. Eu me apalpei e pensei em algo desagradável, como sair com os namorados de mamãe, até que meu tesão recuou.

Só então eu poderia me virar. Eu assisti quando Daisy desceu os degraus na água. Ela andou a meio caminho para mim e fez uma pausa, as sobrancelhas juntas e uma carranca naquela boca incrível.

Porra. Ela pensou que eu era como os outros. Como se ela não fosse tudo que eu fantasiava em encher minhas mãos, saboreando minha boca, tendo em minha cama. Eu nadei para ela, inclinando o queixo para cima para olhar para mim, mas ela se concentrou ao lado do meu ombro. Um fio úmido de cabelo preso no pescoço dela e eu o coloquei atrás da orelha.

—Luz do sol? Olhe para mim. — Minha voz estava crua com restrição.

Grandes olhos azuis encontraram os meus, mas os dela eram vidrados.

—Você é a garota mais sexy que eu já vi. — Ela endureceu, os olhos arregalados de choque.

—O que? — Ela sussurrou a palavra, aqueles grandes olhos agora procurando os meus para uma explicação.

Eu balancei a cabeça. —Se aquelas putinhas zombavam de você, é porque estavam com ciúmes. Elas são tábuas finas e você tem curvas por milhas. Você tem o corpo de uma mulher, Daisy. E é a perfeição. —

Daisy fechou os olhos e, quando os abriu, uma lágrima

percorreu sua bochecha. —Você realmente acha isso? Eu estava convencida de que eu era uma aberração. Ninguém se parecia comigo no ensino médio. —

Eu sei, eu queria dizer. Foi por isso que me senti atraído por ela quando não deveria estar. Ela ainda não tinha dezoito anos. Eu não podia me deixar dizer muito ou sair do controle com ela.

—Um corpo como o seu é raro. Você tem que possuir isto. Seja orgulhosa, luz do sol. —

Daisy se concentrou em meus lábios, e eu os pressionei antes de dizer ou fazer algo estúpido. —Jon, eu quero... — Sua voz sumiu.

Queria o que? Me beijar? Deus, eu esperava que sim. Mesmo que fosse um desejo fútil, saber que ela sofria do mesmo desejo me faria sentir melhor.

Ela se afastou de mim, submergindo completamente sob a água e depois voltando para cima, alisando o cabelo longe do rosto.

Eu cruzei meus braços e franzi a testa para ela. —De jeito nenhum. Termine o que você estava prestes a dizer. —

Daisy sacudiu a cabeça com desdém. —Não foi nada. —

Eu nadei mais perto dela. —Uma das coisas que eu adoraria que você fizesse no ano que vem seria não apenas confiar em si mesma, mas também encontrar sua voz. Não tenha medo de dizer o que pensa. —

Ela revirou os olhos para mim e suspirou. —Eu digo o que penso. —

—Prove. — Eu flutuei mais perto. —Diga-me o que você estava prestes a dizer. —

Ela fez uma pausa e então tomou sua decisão. —Então venha fazer. — Ela apertou os lábios para conter um sorriso e depois mergulhou sob a água, nadando rapidamente para o fundo da piscina.

Ela estava se divertindo. Relaxada. Comigo. Uma leveza encheu meu peito e percebi que vê-la tão feliz me fazia feliz. Eu não tinha certeza se já senti isso ao redor de uma garota antes.

E se ela quisesse brincar, eu toparia. Eu corri atrás dela, mas ela era uma nadadora rápida. Ela evitou minha captura algumas vezes antes que eu finalmente a pegasse pela cintura.

Ficamos sem fôlego, tomando grandes goles de ar e rindo. O cabelo de Daisy era selvagem, e suas mãos mexeram com ele, amarrando-o de volta em uma trança.

Eu a levei de volta para o fundo e quando ela perdeu o equilíbrio, ela colocou as pernas em volta da minha cintura.

Parei de andar, sem saber como proceder. Amigos não jogam assim em uma piscina, eles jogam? Eu tinha certeza que não, especialmente porque tudo que eu podia focar era o núcleo de Daisy tão perto de mim. Eu grunhi, mudando-a em meus braços para que ela não tocasse meu pau. Eu estava duro como uma pedra novamente, e nem mesmo uma longa ducha fria me ajudaria agora.

—Bem, você me pegou. — Ela colocou as mãos nos meus ombros e sorriu, mais relaxada do que eu a tinha visto em um tempo. —Mas ainda não estou pronta para lhe contar o que comecei a dizer. Eu vou um dia, mas não hoje.

—Ok—, eu concordei. —Contanto que cheguemos lá eventualmente. —

Daisy saiu dos meus braços. Senti falta do cheiro de sua pele e do calor de seu corpo imediatamente.

—O que fazemos agora? — Suas pernas e braços se moveram em pequenos círculos enquanto ela caminhava na água.

—Agora nos divertimos. — Eu pisquei e depois mergulhei abaixo dela, agarrando seus pés e puxando-a para baixo. Eu a ouvi gritar logo antes que ela ficasse submersa e eu sorri.

Passos de bebê. Com o tempo, eu esperava que Daisy confiasse em mim e aprendesse a se amar. Só então ela estaria pronta para outra pessoa.

Quanto a mim, não precisava de amor. Eu nunca tive. Eu só precisava da minha dose diária de luz do sol.

Capítulo Sete

Margarida

Hoje eu faço dezoito anos. Olhando para trás nos últimos anos, este foi um dia que eu sonhei. Eu era finalmente adulta, e com esse título, eu esperava a liberdade de viver minha vida exatamente como eu queria. Eu ainda não estava lá, mas com algum trabalho, acredito que aconteceria.

Hoje também foi meu primeiro dia de trabalho na Amy e seu companheiro de quarto, Izzy. Fiquei atrás de Maxine Lambert nas últimas duas semanas, aprendendo as rotinas das meninas e o que seria esperado de mim como sua assistente.

Como Amy, Izzy nasceu com síndrome de Down. Amy era uma loira de vinte e três anos de idade com olhos azuis em forma de amêndoa emoldurados por óculos cor-de-rosa brilhantes, e estava no lado mais curto com uma figura gorducha. Os olhos amendoados, a baixa estatura e a forma do corpo eram as únicas coisas que esses colegas de quarto tinham em comum. Izzy tinha acabado de completar trinta anos e tinha cabelo encaracolado escuro, olhos castanhos e sem óculos. Ela sempre usava batom vermelho brilhante, e fazia as unhas todas as semanas, mantendo-as compridas e pintadas de cores vivas.

Treinar com Helping Hands of Indianapolis foi informativo, mas desafiador. Eu aprendi uma tonelada, mas havia tanta necessidade na comunidade. Fiquei feliz em fornecer ajuda para preencher uma pequena parte dessa necessidade, e fazê-lo enquanto ajudava Amy e Izzy a viver a

vida de forma tão completa e independente quanto possível, parecia um grande começo.

O apartamento das garotas era adorável. Um sofá de veludo vermelho estava contra uma parede, de frente para uma televisão de tela plana. Duas cadeiras com estampas florais flanqueavam-se em cada lado do sofá, com uma mesa lateral de madeira brilhante entre elas. Lâmpadas de latão estavam na ponta das mesas com porta-copos e pequenas bugigangas. Uma mesa de café oval abrigava controles remotos e um quebra-cabeça incompleto.

Ao virar da esquina havia um longo corredor, onde os quartos e os banheiros estavam localizados. A cozinha, com bancadas verdes e armários marrons, continha uma pequena área para comer, com uma mesa para dois.

—O que devemos fazer hoje, senhoras? — Perguntei as colegas de quarto. Amy me entregou uma camiseta quente e eu a dobrei, colocando-a na pilha na minha frente. Izzy sentou ao meu lado no sofá, arrumando as meias.

Os sorrisos de Amy e Izzy se estenderam em seus rostos. —É o décimo dia de setembro, seu aniversário, Daisy! Precisamos celebrar! —Amy disse.

Peguei um par de shorts e os dobrei. —Ok, eu amo comemorar. O que vocês têm em mente? —

—Boliche? — Eles disseram em uníssono e depois caíram em um ataque de risos.

Eu esfreguei minhas mãos e balancei a cabeça. —Pode ser.

—

Os olhos de Amy se arregalaram por trás de seus quadros cor-de-rosa. —Daisy, você sabe que jogamos todos os sábados? —

Dei de ombros. —Eu já joguei algumas vezes também. —

Izzy bateu com o cotovelo em Amy. —Nos últimos sete anos? —

Bem, merda. Eu estava perdendo. Nenhuma piedade de aniversário para mim.

~~~

Como esperado, elas chicotearam minha bunda. Mesmo com a perda, foi um ótimo aniversário. Depois saímos para comer pizza e eu as ensinei a cozinhar espaguete à bolonhesa para o jantar. Ok, era espaguete com molho de carne. Mas nenhum ingrediente processado foi usado. Isso foi uma vitória no meu livro.

Minha mente viajou para Jon ao longo do dia. Eu o veria? Com o título de ser meu único amigo nos dias de hoje, eu meio que esperava por um texto ou um telefonema para me desejar um feliz aniversário. Por mais imaturo que esse pensamento fosse, eu não conseguia me livrar disso.

Eu dirigi para casa tarde naquela noite. Ter permissão para dirigir um carro da empresa era uma grande vantagem do
~~~

trabalho. Sem isso, eu não teria rodas. Meu pé pressionou levemente, mantendo-me bem abaixo do limite de velocidade. Eu não estava particularmente animada por estar em casa. Eu amava minha família - adorava-os -, mas com Amy e Izzy eu me sentia necessária e importante. A única outra pessoa que eu sentia assim era Jon.

Isso não foi tudo o que Jon me fez sentir, mas nenhum desses sentimentos foi permitido, era recíproco ou vale a pena mencionar. Esperançosamente, nós dois sairíamos em menos de um ano para realizar nossos sonhos em diferentes cidades. Isso, junto com a diferença de idade, e a fera que era meu irmão... Não havia razão para pensar em Jon.

Só que eu não conseguia parar de pensar nele. E através dos meus pensamentos obsessivos, formulei um plano. Se eu fosse honesta comigo mesmo, queria mais do que uma ligação ou um texto para o meu aniversário. Eu queria que Jon fosse meu primeiro beijo. Eu queria que fosse ele que me guiava e me mostrava como confiar em meu corpo para agir em torno de um menino. Por mais desafiador que seja para nós namorarmos algum dia, não seria certo ser amigos que apenas beijam ou se tocam de vez em quando?

E se eu tivesse coragem de perguntar a ele? Se eu fizesse, tinha que estar preparada para ele dizer não. Pedindo tutorias sobre como beijar era mortificante o suficiente, mas sua rejeição? O pensamento fez meu estômago virar.

Sendo uma noite de semana, meus pais insistiram em me dar uma grande festa de aniversário no sábado. Qual foi o ponto? Eu não tinha ninguém para convidar. O pensamento

costumava me deprimir. Agora quase parecia motivação, me estimulando a um novo começo. Uma nova vida. Só poderia melhorar, certo?

Desliguei a ignição e me inclinei para a frente, apoiando a testa no volante. O som da batida na janela do meu carro me fez gritar antes que eu pudesse esmagá-lo.

A visão do rosto de Jon trouxe uma combinação de emoções. Imediatamente senti conforto, segurança e, em seguida, uma dor por tudo o que eu queria, mas nunca poderia ter.

Abri a porta e saí, fechando e trancando o carro atrás de mim. Jon estava a poucos metros de distância, braços cruzados, olhos duros, lábios apertados.

— Vamos dar um passeio? — Sua voz era rouca.

Ele estava com raiva de mim? Eu não achei que fiz algo errado, mas ele não parecia feliz.

De modo nenhum.

Eu balancei a cabeça e ele se virou, caminhando em direção ao lago. Eu segui atrás dele, mas assim que saímos do meu quintal, a mão dele encontrou a minha, e ele agarrou-a com força na sua. Nós andamos em silêncio. Os únicos sons a serem ouvidos eram o esmagamento de folhas e gravetos sob nossos pés. Quando atravessamos os pequenos bosques que separavam minha casa do lago, inalei profundamente.

Eu amava o lago. Era o meu lugar para refletir e sentir-me tranquila e centrada. A última vez que estive aqui com Jon foi

na noite da minha formatura. Agora, todas essas vezes depois, eu me senti muito mais perto dele, mas ainda assim tão perdida em minha própria vida.

Jon parou na beira da água e me encarou. —Onde você estava o dia todo? Eu estive esperando para te ver. —

Eu engoli em seco, minha garganta seca. —Foi o meu primeiro dia no trabalho com Amy e Izzy. Eu os ajudei a fazer o jantar e a limpar depois. —

O rosto de Jon se suavizou. —Foi bem? — Ele estendeu a mão, seus dedos chegando perto do meu rosto antes de arrebatá-los, colocando as mãos nos bolsos da frente.

Eu sorri abertamente. —Elas são um tumulto. Você tem que sair com a gente algum dia. —

—Eu gostaria disso. — Jon se aproximou para sussurrar no meu ouvido. —Feliz aniversário, Luz do sol. — Sua voz estava rouca e carregada de alguma emoção que eu não conseguia nomear.

—Obrigada. Mas não é grande coisa. —Minha voz soou como se eu não me sentisse bem agora, meio fraca.

As sobrancelhas de Jon se juntaram. —Você tem dezoito anos. Uma adulta. Isso é um grande negócio. —

—Mesmo? Eu não me sinto como um adulto. Meus pais assistem cada movimento meu. Eles ainda dizem que eu não posso deixar Indiana no ano que vem. Eu não tenho amigos próximos, exceto minha família e você. Nada na minha vida está mudando ou avançando de qualquer maneira, e isso está

realmente me irritando. —Eu bufei e bati meu pé, provando que eu era o oposto de um adulto.

Jon tentou esconder o sorriso, mas eu o peguei e olhei de volta. —Ok—, ele passou a mão sobre a boca e recuperou a compostura. —Como posso ajudar? —

Eu andei mais perto dele. —O que você quer dizer? —

—Luz do sol, o que posso fazer para melhorar as coisas para você? Nós nos tornamos amigos íntimos. Eu me preocupo com você - e isso nunca aconteceu comigo antes. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, farei. — Os olhos de Jon reviram meu rosto.

Eu segurei a respiração por um momento. Essa era a minha chance. Eu poderia perguntar a ele? Eu devo? Eu olhei para o meu lado no lago e soltei o ar preso em meus pulmões.

Vamos lá, Daisy. Cresça e viva sua vida. Pergunte a ele.

—Nós fizemos um acordo. Você está me ajudando a convencer meus pais de que posso me afastar. — Lambi meus lábios e limpei minhas palmas pegajosas no meu jeans. —Você estaria disposto a expandir esse negócio um pouco? —

Os lábios de Jon franziram. —Expandir, como? —

Eu puxei meus dedos, torcendo-os na minha frente. — Outro dia na piscina você me disse que eu preciso confiar em mim e acreditar em quem eu sou. —

Ele assentiu, me incentivando a continuar.

—O problema é que não confio em mim mesma. Tem sido

muitos anos ouvindo o quanto me faltou. —Ele abriu a boca como se fosse repreender, então eu levantei minha mão, com a palma para fora. —Pare. Eu sei o que você está prestes a dizer. E mesmo que não fosse verdade, isso ficava sob minha pele. Por algum motivo, estou começando a acreditar em você. Quando você diz que eu pareço bonita ou sexy, eu tropecei na última palavra. —Eu acho que talvez você não esteja mentindo. —

—Eu não estou mentindo, Daisy. Você é maravilhosa. Por dentro e por fora. — A voz de Jon era forte e confiante.

—Então aqui estou eu, tentando ir a Nova York de todos os lugares, e tenho dezoito anos, e nunca fui beijada. — Minhas últimas palavras pairaram no ar entre nós.

Jon fechou os olhos e amaldiçoou. —Você nunca foi beijada, Luz do Sol? Como isso é possível? —

Dei de ombros. —No colegial, eu tentei, mas foi estranho. Os caras estavam brincando comigo. Eles não estavam falando sério.

As sobrancelhas de Jon ergueram-se alto. —Eles não estavam brincando, Daisy. É assim que os caras acertam as garotas quando não sabem o que estão fazendo. Eles fazem parecer que eles não se importam, mas eles fazem. Uma garota como você - nenhuma delas pensaria que elas eram da mesma classe. — Sua risada foi dura. —Porque eles não eram. —

—Você vai me mostrar? Me ensinar? Então, quando eu chegar em Nova York, não vou encontrar o tipo errado de cara e acabar machucada. —Eu coloquei minha mão sobre o coração

dele. —Eu sei que você esteve com muitas garotas. Você é experiente com essas coisas e é o único em quem confio. Pense nisso como meu presente de aniversário? —

Jon se virou e deu alguns passos para longe. Quando ele me encarou novamente, ele esfregou as mãos pelo rosto e gemeu. —Eu não sei a coisa certa a fazer aqui, Luz do sol. Eu sei que quero fazer, mas sei que é errado ao mesmo tempo. —

—Como pode ser errado ajudar seu amigo? Isso é tudo o que é. —Eu quebrei o contato visual e olhei para os meus pés. —A menos que eu estivesse lendo isso errado? Eu pensei que você poderia ser um pouco atraído por mim, mas talvez eu tenha cometido um erro. — Olhei de volta para cima, meu rosto ficando quente.

Os olhos de Jon se arregalaram. —Daisy, você me ilumina por dentro. Meu corpo está em um constante e altamente desconfortável estado de excitação ao seu redor. — Ele estendeu as mãos para os lados, e meus olhos percorreram seu corpo. —Mas seu irmão me mataria. Risca isso. Todos os homens da sua casa teriam prazer na minha longa e dolorosa morte. —

—Jon, por favor. Ninguém precisa saber. Inferno, eu não quero que ninguém saiba que eu preciso de ajuda para aprender a estar perto de caras e como beijar. — Meu queixo tremeu incontrolavelmente. Meu Deus, este foi o mais vulnerável que já me senti.

A mão grande de Jon esfregou de um lado para o outro no topo da cabeça dele. Ele olhou para o céu, para o lago, em qualquer lugar menos para mim.

—Eu entendo que você está rasgado agora. Mas se isso ajudar você a tomar sua decisão, saiba que você é sempre quem eu sonhei que seria meu primeiro beijo... — Jon me puxou para seus braços, cortando minhas palavras com sua boca, seus lábios firmes mas suaves encontrando os meus. Suas mãos seguraram meu rosto e minhas mãos seguraram os lados de sua camisa.

Ele quebrou o beijo antes que eu pudesse sentir o calor da sua língua, do seu gosto na minha boca. Algo que eu fantasiei durante todo o verão.

—Você tem certeza? — Jon perguntou.

—Mais por favor. Não pare, não pare. —Eu implorei, me movendo na ponta dos pés e pressionando meus lábios contra os dele.

Um som áspero, baixo e longo retumbou em Jon quando ele abriu a boca. Eu segui o exemplo, meus lábios se movendo junto com os dele e quando sua língua escorregou e encontrou a minha, eu tremi. Isso foi mágico. Fora deste mundo. Meu primeiro beijo foi com o cara dos meus sonhos. Mesmo que nunca fosse além disso, nenhum presente de aniversário seria melhor.

Nós nos beijamos e nos beijamos, línguas emaranhando e dançando, lábios mordiscando e sugando. Quando nos afastamos, respirando profundamente, nossos dois lábios estavam inchados. Eu ri, meus dedos correndo ao longo das bordas da minha boca.

—Obrigado, Jon. Esse foi um primeiro beijo incrível. — Eu

sorri timidamente para ele.

Ele arrastou o nariz ao longo da borda da minha orelha. — Esse foi um beijo incrível, ponto final. Beijar pode ser um talento oculto seu. —

Eu ri baixinho e passei meus braços ao redor da cintura de Jon, descansando meu queixo em seu peito largo. —Então, posso obter mais algumas lições? Só para ter certeza de que eu tenho que dar um tapinha? Como amigos. —

Jon assentiu com a cabeça sombria. —É assim que tem que ser. Amigos. —

Estreitando meus olhos e apertando meus lábios, dei-lhe um olhar especulativo. —Mas só para ficar claro, amigos que se beijam de vez em quando? —

Jon rosnou e me levantou em seus braços. —Porra, sim. —

Seus lábios encontraram os meus e eu chupei sua língua. Eu poderia nunca ter beijado um cara antes, mas eu estava pegando isso como um profissional. Jon gemeu na minha boca, e isso só me estimulou. Eu chupei seu lábio inferior e então trouxe minha boca para a dele. Eu o beijei como se nunca pudesse ter a chance novamente.

E ele me beijou como se eu fosse seu tesouro.

Aos dezoito anos de idade, à beira do lago, comecei a me sentir bem em minha própria pele. Era um começo, mas se beijar Jon fazia parte do processo, a idade adulta estava parecendo muito boa.

Capítulo Oito

Jon

Saí do meu curso com uma puta dor de cabeça. Daisy estava trabalhando até tarde hoje. Então eu não tive uma boa refeição para olhar para frente. Quem eu estava enganando? Nunca foi sobre a comida com aquela garota. Sua companhia e sua amizade preenchiam algum tipo de vazio que eu nunca soube que tinha. Estar perto de alguém tão gentil, tão generoso, e ainda tão sexy era o destaque de todos os meus dias.

Abri a porta do apartamento assim que Mark / Matt saiu do quarto da minha mãe.

—Quem diabos é você? — Ele rosnou para mim.

O idiota teve a coragem de parecer irritado ao me ver. Eu tinha cerca de cinco polegadas e uns dez quilos a mais que ele. Ele estava sem camisa, com o botão de cima aberto em seus jeans e barriga saindo. Mamãe tinha um gosto incrível nos homens.

—Eu moro aqui. Quem diabos é você? — Coloquei minha bolsa na porta e entrei na cozinha, pegando uma cerveja na geladeira.

—Peg—, Matt / Mark o desgraçado gritou. —Você mora com um cara? Que diabos? —

—Não baby—, mamãe respondeu, saindo de seu quarto enquanto amarrava as pontas do seu roupão. —Este é meu

filho, Jon. — Ela não olhou para mim. Ela só se concentrou no cara.

Ele recuou, com um olhar de desgosto no rosto. —Você não é um pouco velho para viver com sua mãe, menino? —

Eu o ataquei, colocando meu dedo em seu peito. —Você não me chama de garoto. Ouviu? Nunca. Se for falar comigo, fale com respeito. Você entendeu? —

—Jon! — Mamãe gritou. —Pare agora mesmo! —

—Eu não preciso dessa merda. Eu não preciso de um de punk na minha cara. — Matt / Mark pegou uma camiseta manchada e a colocou sobre a cabeça. Voltando para o quarto de mamãe, ele saiu rapidamente, botas, cigarros e chaves na mão.

—Não vá, baby. Por favor. Jon irá visitar seus amigos. Você não precisa ir embora. —A mãe implorou, puxando seus braços.

Mark / Matt sacudiu-a, dando-me o dedo antes de bater a porta atrás dele.

—Olha o que você fez—, mamãe cuspiu. —Esta é a minha casa, não a sua. Não se atreva a falar com meus amigos desse jeito. —

Eu agarrei a parte de trás do meu pescoço. Ela nunca mudaria. —Por quê, mamãe? Por que você me odeia? —

Sua boca caiu aberta. —Odeio você? Estou puta com você agora, mas não te odeio. Porque você pensaria isso? —

Eu ri, sombrio e dolorido. —Por onde eu começo? Por que você deixaria esse cara falar comigo desse jeito? Por que você nunca me defendeu? Por que eu nunca cheguei primeiro? Por que você deixou que eles me machucassem? —

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela baixou a cabeça entre as mãos. Tomei isso como minha resposta.

Tanto faz.

Entrando no meu quarto, fui direto para o armário, arrancando as roupas dos cabides e colocando-as em uma sacola.

—Estou saindo. Voltarei para pegar o resto das minhas coisas mais tarde. —

—Deixe-me explicar. — Sua voz fraca virou meu estômago.

—Não mais, mãe. Eu terminei. — Assim como Matt / Mark, bati a porta atrás de mim e fui direto para a noite de verão.

~~~

—Cara, sinto muito. As coisas estão apertadas aqui. Não temos espaço. — Ricky parecia distraído, com as mãos em punhos ao lado do corpo. Meu amigo ao longo da vida estava parecendo mais e mais durão a cada dia. Perigoso. Usava jeans desbotados e rasgados, uma camiseta branca que exibia suas muitas tatuagens e tinha o cabelo preto longo, muitas vezes usando um rabo de cavalo baixo. Inferno, se eu não o
~~~

conhecesse, ele me assustaria.

Nós ficamos em sua sala de estar, sua família espalhada em sofás e cadeiras. Eu nunca realmente passei a noite na casa de Ricky, mas imaginei que poderia. Crescendo, Ricky e eu nunca fomos os anfitriões, sempre os convidados. A família de Ricky era hispânica e muito unida. Eu não os conhecia bem, mas sabia que o pai dele estava em uma cadeira de rodas. Eu olhei através do quarto para o pai dele. Pedro nunca chegou a um jogo de futebol, formatura ou assembléia de prêmios. Recentemente descobri o porquê. O pai de Ricky era tetraplégico. Ele não podia mover nada além de sua cabeça. E a razão por trás disso assombrava Ricky em seu núcleo. Não era todo dia que um homem tentava salvar a vida de alguém e quase perdia a sua própria em troca.

Uma decisão. Isso é tudo que é preciso para tudo mudar. Para você e para todos com quem você se importa.

A mãe de Ricky estava na cozinha limpando os pratos. Enquanto eu examinava a sala, senti-me um idiota. Por que eu o coloquei nessa posição perguntando se poderia cair aqui a noite toda? Este minúsculo apartamento de dois quartos mal podia acomodar as cinco pessoas que moravam aqui.

Ricky mudou muito desde o colegial. Ele freqüentou as aulas no colégio da comunidade local desde que ele teve que recusar sua bolsa de estudos para IU. Ele não podia se mudar para Bloomington e deixar sua mãe sozinha. A lesão do pai deixou Ricky incapaz de jogar futebol na faculdade ou festa nos finais de semana como seus amigos. Em vez disso, sua vida estava cheia de responsabilidade, trabalhando em vários

empregos para sustentar sua família.

—Ah, Juan! — A mãe de Ricky saiu da cozinha estreita e cozinhando as mãos em uma toalha. —Venha, sente-se. Eu te fiz um prato de frango e arroz. *Por favor.* —

—Não, *madre* Ana, *muchas gracias, pero não.* —

— *Si,* Juan. — Ela me levou para a mesa deles pela mão. Enquanto eu nunca tinha visto o pai de Ricky, sua mãe assistiu tudo. Todo jogo. Toda atividade escolar para todos os três filhos Martinez. Ana Martinez amava seus filhos e trabalhou tanto quanto Ricky para cuidar deles.

Eu me sentia culpado comendo a comida deles, mas era tão bom assim.

Ricky puxou outra cadeira e sentou ao meu lado. —Então, você finalmente deixou sua mãe? —

Com a família gentil, amorosa e intacta de Dean e a imagem aparentemente perfeita de Landon, nunca me abri para os caras sobre minha própria infância. Eu sugeri sobre isso, mas éramos homens. Compartilhar não era nossa coisa.

Eu sempre disse ao Ricky um pouco mais. Especialmente em nossa viagem, agora que eu sabia o que ele estava passando e os demônios que ele estava lutando. Cada um de nós compartilhou nossa dor pelo que poderia ter sido. Sentimos falta de ter um relacionamento com nossos pais. Esse buraco deixou uma marca indelével em nossas vidas. Nossos relacionamentos com nossas mães mudaram de maneiras diferentes por causa disso.

Eu engoli minha mordida de frango e tomei um gole de água. —Na verdade não. Quero dizer, perguntei por que os homens com quem ela dormia sempre vinham primeiro, mas não entrei em detalhes. —

Ricky assentiu. —Você está pensando em dizer a ela por que você está ferido? —

Dei de ombros, movendo o arroz ao redor do meu prato. —Você acha que há um ponto? Não pode mudar o passado. —

Ricky soltou um suspiro. —Eu não sei disso? Mas podemos consertar o futuro. É o que estou tentando fazer. —

Eu estremeci. —Eu ainda acho que é má idéia. —Confrontar a garota que colocou seu pai naquela cadeira de rodas seria uma tortura do pior tipo. Merda, eu suportaria mais trinta anos dos namorados da minha mãe sobre isso qualquer dia. A foda mental que Ricky experimentaria seria muito pior. Pelo menos os homens da mamãe iam e vinham. Não havia nada que Ricky pudesse fazer para tirar o pai da cadeira.

—Deixe ir—, ele rosnou.

Eu joguei minhas mãos na minha frente. —Foi-se. E eu ouço você. Acho que a única maneira de consertar meu futuro é sair dessa cidade e começar de novo em outro lugar. —

Coloquei meus pratos na pia e corri água sobre eles. —*Gracias, madre* Ana. — Eu beijei a mãe de Ricky na bochecha e dei um tapinha nas costas dele. —Homem, boa noite. —

Ricky franziu a testa. —Você está pegando um quarto de motel para a noite? —

—Pare de se preocupar comigo ou eu vou achar que cresceu uma vagina em você. —

Ricky me atirou o dedo e me empurrou para fora da porta. Eu ri até entrar na minha caminhonete e ligar o motor. *Droga.* Eu tinha dinheiro, mas precisava guardar cada centavo para a escola. Eu poderia tomar banho e trocar de roupa na academia pela manhã.

Eu reverti para fora do estacionamento e fui para os campos em frente ao lago. Ninguém me incomodaria e eu poderia dormir no meu caminhão.

Foi uma droga, mas não foi a primeira vez que fui forçado a dormir em outro lugar por causa da minha mãe e seus homens. Pelo menos desta vez, eu saí em meu próprio acordo.

Capítulo Nove

Margarida

—VOCÊ TEM CERTEZA que estamos sozinhos? — Jon perguntou, nossos corpos completamente vestidos enroscados na minha cama.

Eu lambi meus lábios secos. —Sim, eu tenho certeza. —

Eu não estava mais esperando por permissão. Alcançando entre nós, eu deslizei seu zíper para baixo. Seu gemido encheu meus ouvidos quando minha mão o encontrou, duro e quente, esperando por mim.

Eu acariciava para cima e para baixo, observando os olhos de Jon. Eles começaram a queimar e depois ficaram encapuzados enquanto eu continuava.

—Ah, porra, Daisy. Mais duro, faça mais duro. —A voz de Jon era grave, e enquanto ele soava como se estivesse machucado, eu acho que era o tipo bom que só melhoraria enquanto continuávamos.

Enquanto eu o bombeava na minha mão, senti meu coração latejar. Eu aperteei minhas pernas, procurando uma maneira de liberar a pressão que crescia em mim também.

Algo estava me impedindo de chegar perto de onde eu precisava ou de tocar Jon.

—Luz do sol, isso é tão bom. Eu vou... eu vou...

Estrondo.

Eu caí no chão do meu quarto, com o rosto em primeiro lugar, com o nariz afundado no tapete que coçava.

Caro Deus, isso doeu. Eu nunca estive mais agradecida que minha irmã estivesse na faculdade. Olhando para baixo, meu cobertor envolveu minhas pernas e, quando me soltei, caí no chão.

Eu me virei de costas, ofegando por ar como um peixe em terra. A coisa toda foi um sonho. Eu pressionei minha mão fria no meu peito quente e quis que meu batimento cardíaco diminuísse.

Esses sonhos sexuais podem ser a minha morte.

Droga, Jon.

~~~

Mais três minutos e depois você pode andar. Três, apenas três. Talvez dois. Oh droga. Está quente. Por que decidi começar a me exercitar no verão? Ai sim. Comida. Eu continuo comendo toda a comida. Muito em breve minha bunda e peitos amplos não serão fofos para Jon. Eles serão apenas nojentos.

Meu *amigo* Jon. Aquilo foi engraçado. Nós não nos beijamos desde o meu aniversário, segunda à noite. Três noites se passaram com apenas mensagens de texto, e isso não foi nem um pouco engraçado. O sábado era a minha festa de
~~~

aniversário, então eu estava esperando - bem, rezando feito louca - que poderíamos nos esgueirar em um beijo ou dois ou oito em algum momento.

Eu diminuí minha corrida para uma caminhada. Alguns metros à minha frente havia um caminhão parecido com o de Jon. Peguei a lata de spray que papai anexou ao meu chaveiro e abri a tampa. Eu rastejei ao redor do lado do motorista do caminhão, a lata de spray apontada diretamente na minha frente. Olhando pela janela, o táxi estava vazio. Agora eu estava preocupada. O boné de beisebol da IU no banco do passageiro era definitivamente do Jon.

—Jon! — Eu chamei. —Você está aqui? —

—Daisy? — A voz de Jon chamou atrás de mim, e eu girei ao redor, dedo no gatilho do spray.

—Não atire! — Jon gritou, e eu assustei quando o vi em pé na cama de sua caminhonete.

Eu coloquei minha mão sobre o meu coração batendo rapidamente. —Oh, você assustou a merda fora de mim. —

—Desculpe, Luz do sol. — Jon esfregou as mãos pelo rosto. —Estou grogue como o inferno. Acabo de acordar. —

Eu andei até a parte de trás de sua caminhonete e olhei para a borda. Jon tinha um saco de dormir, travesseiro e mochila.

—Por que você dormiu aqui? —, Perguntei.

Jon sacudiu a cabeça. —Longa história. Entrei em uma

briga com minha mãe. Não queria gastar o dinheiro que eu tinha guardado em um quarto de motel com a escola chegando. Pensei nisso ontem à noite, no entanto. Vou procurar opções de moradia de longo prazo hoje. —

Jon dobrou o saco de dormir e o travesseiro. Colocando uma bala de hortelã em sua boca, ele desceu com a mochila pendurada no ombro. —O que você está fazendo aqui às cinco e meia da manhã? — Seus olhos viajaram dos meus sapatos, para o meu short de corrida..

—Tentando ficar em melhor forma. — Eu apontei para o meu rosto vermelho cereja, coberto de suor. —Eu sou péssima nisso. —

Jon inclinou a cabeça. —Você está em perfeita forma. Mas o exercício é bom. Eu vou correr com você a qualquer momento. —

Eu franzi o nariz. —Isso parece menos divertido do que outras coisas que poderíamos estar fazendo. —

Os olhos de Jon se arregalaram, mas ele deu um passo para trás. —Daisy—, sua voz era um aviso.

—Jon—, eu provoquei, minhas sobrancelhas levantadas em desafio. —Nós temos um acordo. —

O canto de sua boca se levantou em diversão. —Estamos em público, em plena luz do dia. Acho que isso pode estar forçando um pouco?

—Meu aniversário foi quatro dias atrás. Estou preocupada se estou regredindo sem a sua tutela. — Eu dei meu melhor

sorriso atrevido e ele desatou a rir. Eu me surpreendi com essa linha. Beijar Jon me deu uma explosão de coragem para perder meu filtro sempre presente e provocar com ele.

—Tutela? Eu amo os espertinhos. —Ele me puxou para perto, seus quadris empurrando contra os meus. —O que você tem em mente, *amiga*? —

E o jeito que ele era brincalhão, bem comigo, me relaxou ainda mais. Dei de ombros, meus lábios franzidos em questão.

Nossas bocas colidiram uma contra a outra, dentes batendo, lábios puxando. Eu ouvi sua bolsa cair e senti suas mãos emaranhadas no meu cabelo, puxando um pouco.

Deus me ajude, isso é tão bom.

Meu corpo queimava, o pulso disparou. Eu queria mais do que apenas sua boca. Eu queria as mãos dele e sentir o corpo dele. Eu corri meus dedos sob sua camisa e até seu peito. Os músculos de Jon se apertaram sob o meu toque e eu apertei minhas pernas juntas.

—Daisy—, Jon puxou de volta. —Nós temos que parar, ou eu vou me envergonhar muito em breve. —

—Eu sinto muito. — Eu empurrei muito forte. Isso não fazia parte do nosso acordo, mas parecia que nada era suficiente em torno de Jon.

Jon me acompanhou até a porta do passageiro, me levantando e me sentando. —Eu vou te levar para casa, menina doce. — Ele beijou meus lábios suavemente. —E você nunca tem que se desculpar comigo. — Ele me beijou novamente. —

Para qualquer coisa. —

Nós nos demos as mãos na rápida viagem de dois minutos até minha casa. Jon parou na minha garagem e desligou o motor. A brisa fresca da manhã soprava pelas janelas abertas. —Jon, estou preocupada com você. Pra onde você vai? —

—Qual é o problema, filho? — A voz do meu pai encheu meus ouvidos, e eu ofeguei, tirando minha mão de Jon. —Bom dia, Flor. — Papai beijou minha bochecha de onde ele estava do outro lado da minha porta.

Eu olhei para a borda, vendo o jornal em sua mão. Ah não. Papai estava em sua rotina matinal. Eu olhei para baixo. Sem camisa e sem manto, mas pelo menos ele estava vestindo boxers verdes desbotadas. Ainda assim, ele era uma visão com seu cabelo sal e pimenta em pé em todos os sentidos e chinelos em seus pés enormes.

Jon tossiu e soou como se estivesse sufocando uma risada. —Bom dia, Sr. G. Vi Daisy correndo e a levei o resto do caminho para casa. —

—Não foi o que eu perguntei, filho. O que está acontecendo para fazer minha flor se preocupar? —A voz de papai era severa.

Olhei nos olhos de Jon e ele balançou a cabeça. Eu me virei para o meu pai. —Papai, essa é a história de Jon para lhe contar. —

—Filho? Fale comigo. — Meu pai não perguntou. Ele exigiu

saber. Mas Jon e eu sabíamos que havia uma preocupação genuína em seu comando.

—Eu discuti com minha mãe. Dormi no meu caminhão ontem à noite porque era mais barato que pagar um quarto de motel. Eu vou arranjar uma hospedagem hoje, Sr. G. Não se preocupe. —

—Absurdo. Jon, você sabe que é da família. Fique no quarto de Dean o tempo que quiser. Mas, —ele me olhou de cima a baixo, eu adivinhei confirmando que eu tinha realmente saído correndo. —Só no quarto de Dean. Minhas garotas precisam da privacidade delas. E não traga encontros para casa. Minha Flor e Delilah Belle são inocentes. Elas não precisam ver nada desagradável, ouviu? —

Papai olhou Jon até que ele sacudiu a cabeça em afirmação. Então ele abriu o papel e digitalizou a primeira página. —Entre e fique confortável. Flor, você vai mexer alguns ovos? Ele puxou o papel para baixo e olhou para Jon. —Ela sempre adiciona um pouco de queijo extra ao meu. Me estraga, eu te digo. Tome banho e vamos comer. Quero falar com você sobre esse negócio que os Bears estão pensando em fazer. — Ele foi até a casa, a cabeça enterrada no jornal, falando sozinho. —Não tenho certeza se é bom ou ruim para Dean. — Ele murmurou quando entrou na casa pela porta da cozinha.

Eu observei papai entrar e depois olhei para Jon com os olhos arredondados. —Parece que somos companheiros de quarto, amigo. — Eu mordi de volta um sorriso. —Bem-vindo a casa. —

O rosto de Jon empalideceu. —Margarida—, ele engoliu

ruidosamente. —Isso não é uma boa ideia. Você e eu... Na mesma casa... Todo dia e noite? — Ele esfregou a parte de trás de sua cabeça. —Quero dizer com nosso pequeno negócio e tudo. Isso pode ser perigoso. —

A necessidade de tranquilizá-lo era forte. Eu coloquei minha mão em seu joelho. —Jon, vamos ficar bem. Além disso, você está certo. Você precisa economizar dinheiro para as despesas de subsistência no próximo ano, ou você será crivado de dívidas de empréstimos estudantis. Essa é a solução exata. Será apenas Delilah e eu em casa. Todos os outros estão de volta à escola. —

Jon estremeceu. —Eu não sei. —

A porta da cozinha se abriu e papai enfiou a cabeça do lado de fora. —Flor? O Big Kahuna precisa de seus ovos. Jon, entre aqui e fale de futebol comigo. — Ele fechou a porta antes que pudéssemos discutir.

—Você ouviu ele. Decisão tomada. — Saí do carro e esperei que Jon pegasse sua bolsa.

Jon passou o braço por cima do meu ombro quando ele me alcançou. —Isso vai ser um exercício de tentação, você sabe. —

Eu olhei para cima e ri. —Sim, pense em toda a boa comida que você vai conseguir. —

Ele se abaixou, arrastando o nariz ao longo do meu lado. —Não estou pensando em comida, Luz do sol. —

Nem eu, mas má decisão ou não, o pensamento de que minha família poderia fornecer um lar para meu melhor amigo

aqueceu meu coração.

Um coração quente, verão quente e até mesmo um homem mais gostoso... Jon estava certo. A tentação estava bem na minha frente.

Como eu poderia resistir?

~~~

—Você tem um homem em sua vida? — Izzy me perguntou quando ela virou os filés de salmão na frigideira.

Eu soube imediatamente que Izzy era uma paqueradora total. —Bem, Izzy, eu tenho um *amigo* homem na minha vida. É isso que você quer dizer? — Eu bati as pontas dos feijões verdes e os joguei em uma peneira.

—Nem mesmo perto. Eu estou falando homem doce, ok. Izzy piscou para mim.

Junto com os homens, eu aprendi que Izzy amava sorvete, não era fã de crianças e trabalhava em uma equipe que limpava escritórios.

—Bem—, eu hesitei. —Meu amigo é fofo—, eu admiti para ela com um pequeno sorriso.

Izzy transferiu o salmão para um prato e eu joguei o feijão verde em uma panela de água fervente. —Você gosta dele? Gosta de beijá-lo? Eu tenho um cara que quero beijar. Seu
~~~

nome é Tony. Ele é um garanhão italiano. — Izzy sorriu e me deu um sinal de positivo.

Eu comecei a rir. —Garanhão Italiano? Eu tenho que conhecer esse Tony! —

—Ele estará no boliche na semana que vem. Quer vir? — Izzy balançou as sobrancelhas para mim.

—Com certeza! — Eu desliguei o forno, puxando o pão de alho e coloquei em uma bandeja.

Amy entrou na cozinha com uma careta profunda no rosto. —Izzy, por que há uma caixa de papel higiênico na minha cama? —

O rosto de Izzy ficou vermelho e ela estudou o balcão. Eu decidi dar-lhe um minuto para coletar seus pensamentos. Fiz um gesto para Amy com um dedo no ar para dar a Izzy um minuto para reunir seus pensamentos, e ela acenou de volta sua compreensão.

—Izzy, você tirou essas do seu trabalho? — Eu perguntei a ela gentilmente.

Ela assentiu com a cabeça, seu rosto vermelho se tornando um carmesim profundo.

Amy colocou a mão no braço de sua colega de quarto. — Por que, Izzy? —

—Eu pensei que você pensaria que era engraçado, ok? — Izzy admitiu, ainda não fazendo contato visual com qualquer uma de nós.

Durante meu tempo trabalhando com um dos supervisores residenciais da Helping Hands, aprendi que Izzy foi diagnosticada com Transtorno de Controle dos Impulsos. Limitar seus instintos e desejos era um desafio para ela. Foi parte da razão pela qual fui contratada. Ter um assistente em casa para ajudar a fazer refeições saudáveis e ensinar Izzy a fazer escolhas que eram boas para ela, mantê-la longe de fast food e junk food.

—Você não pode roubar, Izzy. — Amy lembrou a ela. — Você vai perder o seu emprego. —

Ela já havia sido demitida de um restaurante depois de roubar pacotes de açúcar, canudos e, finalmente, dinheiro do registro.

—Eu sei, ok? — Os olhos de Izzy se encheram de lágrimas, e meu coração caiu.

—Devolva-os amanhã e peça desculpas ao seu supervisor. — Eu disse a ela.

Izzy assentiu.

Eu peguei a mão de Izzy na minha. —Querida, você não precisa levar coisas para fazer Amy ou qualquer outra pessoa feliz como você. Você é uma ótima pessoa. Engraçada e doce, e você tem um estilo incrível. —Izzy riu através de suas fungadas. —Você é melhor que isso, e todos nós sabemos disso. —

—Isso é verdade, Izzy. Eu gosto de ser sua colega de quarto, de como você é. Não é necessário ter tampas nos

assentos. — Amy deu uma risadinha e Izzy juntou-se a elas. A capacidade de perdoar, deixar ir e seguir em frente era algo de que eu podia aprender. Sem mencionar rir de seus erros. Eu realmente precisava adotar esse.

Depois de escorrer o feijão verde, levei as tigelas e os pratos para a mesa. —Senhoras, seu jantar está pronto. Vou partir para a noite e dar a vocês duas algum tempo para conversar. Não esqueçam de lavar os pratos. —

Amy me deu um joinha. —É a minha vez de lavar a louça desde que Izzy ajudou a cozinhar. Eu estou dentro. —

—Boa noite, senhoritas. Vejo você amanhã de manhã. — Acenei enquanto saía. Como se tornou minha tradição, fiquei no corredor do lado de fora de seu apartamento até ouvir o clique da fechadura da porta no lugar. Só então me senti à vontade para sair a noite.

Amy e Izzy já eram importantes para mim. Ensiná-las a cozinhar, levá-las para o trabalho ou para a loja, e apenas ser um confidente para elas, estava me ajudando mais do que as ajudando. Eu tinha certeza disso.

Dizer adeus a elas seria difícil, mas se eu conseguisse convencer meus pais de que estava pronta para sair no próximo verão, me deixaria uma pessoa mais forte.

E eu tinha que agradecer a essas duas meninas por isso.

Capítulo Dez

Jon

Daisy sentou-se na varanda da frente, com as pernas apoiadas no corrimão, cruzada nos tornozelos. Exaustão vazou pelos meus poros. Eu tive um longo dia de merda, mas tão cansado quanto eu estava, apenas a visão dela chutou minha adrenalina.

Esta manhã, eu era um idiota de primeira classe por aceitar a oferta do Sr. G para ficar. O fato era que eu não sabia ao certo para onde ir. E o Sr. G sempre me fez sentir bem-vindo em sua casa. Ele era duro e rigoroso, mas ele se importava. Tudo o que eu tinha que fazer era respeitar sua boa natureza e manter meu pau em minhas calças ao redor de sua sexy filha do inferno que eu agora estaria compartilhando um banheiro.

Foda-me

—Hey você. — Daisy fechou o livro no colo e balançou as pernas no chão. —Como você está? —

Eu sentei na cadeira ao lado dela, descansando minha cabeça contra as costas e fechei os olhos. —Cansado— Trabalhei horas extras no escritório de advocacia, fui ao ginásio e, em seguida, cheguei à minha aula preparatória para a LSAT com menos de um minuto de sobra. Estamos trabalhando como loucos desde que eu farei o teste na próxima semana. —

O balanço de Daisy rangeu enquanto ela se movia para frente e para trás, para frente e para trás, em um ritmo silencioso que ameaçava me embalar no sono. —Você se sente preparado? —

Eu ri. —Tão preparado como eu sempre estarei. Meu cérebro dói. Está cheio de conhecimento, acho que pode explodir. —

A cadeira de Daisy rangeu. —Agora não podemos ter isso. Você comeu esta noite? —

Eu estava com muito sono para abrir meus olhos. —Não, mas não se preocupe comigo, Luz do sol. — Seus lábios roçaram minha bochecha, e meus olhos se abriram.

—Muito tarde. Eu já estou preocupada com você. Deixe-me pegar comida para você. — Enquanto se afastava, concentrei-me no vestido curto e rosa pálido que ela usava. Jesus, ela era um nocaute.

Fechei meus olhos novamente, balançando na cadeira e imaginando Daisy no meu colo, e então minha cama e, finalmente, minha vida. Daisy fez tudo ao seu redor mais brilhante. Eu desejei que houvesse uma chance para nós. Talvez se tentássemos mais tarde, quando fôssemos mais velhos e terminássemos a escola? Algum dia poderemos estar juntos.

—Aqui está. —

Eu abri meus olhos ao som de sua voz.

Daisy colocou uma bandeja na mesa ao lado da minha cadeira. —O que você fez? — O sanduíche e a sopa pareciam

ótimos. Eu peguei a cerveja e dei um longo gole.

Ela riu. —Estou experimentando culinária de diferentes regiões para me preparar para a escola. Esta noite, são iguarias da Espanha. A sopa está gelada. É chamado gazpacho. É uma base de tomate picante com legumes. Dentro do prato é camarão ao alho. Você pega grandes pedaços daquele pão crocante e molha no molho de alho. Tudo é bem simples. Tente. —

Espetei um camarão com o garfo e segui-o com pão e molho de alho. *Mãe de Deus.* Eu engoli a comida e olhei para ela. —Santo inferno. Essa é a melhor coisa que eu já comi. — Coloquei um pouco da sopa fria na minha boca. Surpreendente. Eu nunca teria pensado que eu gostava de sopa gelada, o que soou fru-fru para mim, mas foi fantástico. Especialmente considerando a onda de calor que persistiu em setembro.

—Daisy, isso tudo é ridiculamente bom. — Eu limpei minha boca com um guardanapo e tomei outro gole de cerveja.

—Estou um pouco desapontada se é a melhor coisa que você já provou. — Ela enfiou o lábio em um beicinho, e eu gemi.

—Pare—, falei gentilmente para lembrá-la. —Alguém vai nos ouvir. — Esta foi a minha primeira noite ficando como convidado sem Dean presente. Eu não estava tentando atirar minha bunda ao Big Kahuna imediatamente.

Ela acenou com a mão na frente dela. —Estou apenas provocando. Dalila está dormindo. Mamãe e papai estão na cama assistindo televisão. Você come, eu vou ler. A cozinha

francesa é a próxima! —

Ela se acomodou na cadeira e abriu o grande livro no colo. Sua língua traçou o lábio inferior e seu dedo subiu e desceu pelo pescoço dela. Meu corpo ficou quente e duro olhando para ela. Ela era deliciosa, suas curvas destacadas no vestido que ela usava. Eu terminei minha comida e empurrei a bandeja de lado. Eu sentei, tomando a última cerveja e bebendo ao mesmo tempo.

Daisy olhou para o meu prato vazio e fechou o livro. Ela se levantou e caminhou até a minha cadeira, colocando as mãos em cada braço, com o rosto tão perto do meu que seu cheiro doce de açúcar me cercou.

—Eu tenho que ir para a cama. Boa noite, Jon - ela murmurou baixo.

Seus lábios se separaram e sua respiração acelerou. Eu fiquei parado, apertando as mãos nos joelhos para não tocá-la. Seus olhos se fecharam, esperando que meus lábios encontrassem os dela.

Eu segurei minha respiração. Eu não poderia fazer isso. Em sua casa, sob o teto de seus pais, quando eles me acolheram e me avisaram. Isso seria errado. Como se eu estivesse me aproveitando deles.

—Luz do sol, eu não acho que seja uma boa ideia. — Minha voz saiu como um sussurro estrangulado, a restrição necessária para segurar quase me matando.

Ela saltou para trás, batendo na cadeira. —Ah, claro. Eu

sinto muito. —Ela falou rapidamente, tropeçando para o lado e fora do meu alcance.

—Espere. Deixe-me explicar. — Eu pulei para cima, mas ela levantou o dedo indicador.

—Não. Boa noite, Jon. — Os lábios de Daisy pressionaram em uma linha reta. Ela se virou e correu para dentro, e eu sentei de novo, a cabeça em minhas mãos.

Foda-se. Eu era um idiota épico. —A coisa certa a fazer— e eu nunca tive muita sorte antes. Por que pensei que poderia começar agora estava além de qualquer compreensão.

~~~

Essa cama era uma droga. A razão pela qual eu ainda estava bem acordado a uma hora da manhã tinha que ser o colchão. Certo? Eu me virei de costas e olhei para o teto. Morto cansado e não consegui dormir. Eu virei de lado, estendendo a mão e ajeitando o travesseiro.

Nada.

Sentei-me e joguei as pernas no chão. Apertando a ponte do meu nariz, amaldiçoei e admiti a derrota. É melhor levantar e pegar algo para beber. Ler um pouco até minha mente se acalmar.

A casa estava silenciosa e escura. Cada tábua do piso rangeu quando fiz meu caminho através da casa. Por sorte, eu
~~~

tinha entrado sorrateiramente nessa cozinha para lanches tarde da noite com Dean desde que eu era criança. Eu poderia fazer meu caminho com os olhos fechados.

Quando virei a esquina, uma luz brilhou na cozinha. *Merda*. Por favor, não deixe ser Delilah. Eu assustaria a porcaria dela, de pé na cozinha vestindo apenas calções de malha.

A geladeira estava aberta, mas tudo que eu podia focar era sua bunda redonda e fantástica inclinada. Daisy usava bermudas curtas que tinham chegado a um tamanho criminalmente alto. Meus olhos percorreram as pernas dela e eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço. Como eu consegui afastá-la esta noite?

Daisy se virou, com um copo de água em uma mão e um limão na outra. Ela pulou, a água voando para fora do copo e para o rosto dela. Eu andei até ela, mas parei quando um limão duro bateu no meu nariz.

—Ouch. Jesus. —Eu esfreguei meu nariz e fiz uma careta para a garota sexy com um braço direito sólido.

—Meu Deus, você me assustou. — Daisy colocou o copo no balcão e enxugou o rosto com uma toalha de papel.

—Bem, você me assustou esta manhã na minha caminhonete, e eu não joguei nada em você. — Meus lábios se curvaram enquanto eu a provocava.

—Minha arma de escolha é sempre cítrica. — Ela me provocou de volta, pegando o limão do chão e jogando-o no ar.

Graças a Deus ela ainda não estava chateada ou magoada. Eu não suportava pensar que a manteria acordada à noite. —A maioria das pessoas bebe leite morno quando não consegue dormir. Você bebe água com limão?

Daisy colocou o limão em uma tábua e cortou em pedaços. Ela encheu sua água e acrescentou uma fatia de limão. —Tente beber. É tão refrescante. — Ela me entregou o copo e eu bebi.

A água fria com um toque de limão tinha um gosto bom, mas tudo o que eu conseguia pensar era em saboreá-la novamente. Entregando o copo de volta, eu fechei meus olhos e me afastei.

Momentos depois, suas mãos pequenas estavam nas minhas costas. —Jon—, ela sussurrou. —Eu sinto Muito. Eu não estou tentando te incomodar. Eu vou me controlar. Eu prometo. Estou feliz que você esteja aqui conosco. Pessoas que se importam com você. —

Eu me virei para encará-la, descansando minhas mãos em seus quadris. —Por que isso, Luz do sol? Por que você se importa comigo? A maioria das pessoas pensa que sou um idiota. —

Ela sorriu. —No segundo grau, você era meio idiota. Eu já ouvi as histórias. Ah, e você totalmente foi um idiota para Grace. — Ela riu da minha carranca. —Agora você não é. Você apenas tenta e faz as pessoas pensarem isso. Você os afasta. Todos menos eu. Você nunca me afastou até agora. Os beijos estragaram tudo. Agora você vai pensar em mim como qualquer outra garota. —

Eu endureci, movendo minhas mãos até a mandíbula dela. Deus, se ela pudesse apenas ler minha mente. Ela saberia que ela quebrou barreiras que eu não sabia que existiam para mim. —De jeito nenhum. Você não é como qualquer outra garota. — Meus polegares esfregaram suas bochechas macias. Ela estava me matando. Eu a queria tanto. Ela não estava sozinha nesse sentimento. —Eu só estou te empurrando para ser respeitoso com seus pais. Esta é a casa deles e...

—É a minha casa também, e sei que podemos ter cuidado. — Ela colocou os braços em volta da minha cintura e subiu na ponta dos pés.

Eu destravei seus braços e gentilmente coloquei suas costas um passo. —Aqui não. Qualquer um poderia entrar. Eu sinto que estou quebrando algum tipo de código moral, beijando você nesta cozinha quando todos me aceitaram. Você sabe? —

Daisy fechou os olhos. —Isso é tão humilhante. Estou me jogando em você e você continua me rejeitando. —

—Não, não é isso. Estou tentando fazer a coisa certa. O problema é que a coisa certa é uma merda. —Minhas palavras eram baixas e cheias de dor. Eu estava machucando Daisy, algo que jurei que nunca faria, e estava me machucando.

—Eu preciso de você agora. Eu não sei exatamente porque, mas eu sei. Eu preciso de você. — Seu lábio inferior tremeu, e eu movi meu polegar para ele, esfregando para frente e para trás.

A vulnerabilidade em suas palavras me matou. Ela

precisava de mim. Eu trouxe algo para a vida dela. E ela com certeza trouxe algo para a minha.

Foda-se isso.

Minha cabeça inclinou para baixo e eu trouxe meus lábios aos dela. Ela gemeu, segurando minha camisa e abrindo sua boca para a minha. Eu a beijei gentilmente, mas ela pressionou mais forte. Seus quadris mudaram, e seu corpo instintivamente encontrou meu pau. Ela gemeu novamente e eu a levantei para o balcão. Sem quebrar o nosso beijo, ela envolveu as pernas ao redor dos meus quadris, permitindo que seu corpo sentisse a fricção que requeria de mim.

Eu tive que parar com isso antes de ir longe demais.

Afastando-me, beijei sua testa antes de recuar. Ela tocou os lábios e sorriu. O olhar em seu rosto estava tão contente, tão feliz, que uma parte de mim enterrou-se profundamente, suavizou-se.

—Nós temos que parar em beijos, Luz do sol. OK? —

Seu sorriso caiu. —Claro. Eu concordo totalmente. —

Ela pulou do balcão, pegou a água e beijou minha bochecha. —Bons sonhos, Jon. —

Por sorte, ela foi embora antes que eu pudesse responder.

Eu certamente teria sonhos hoje à noite. Eles poderiam ser sujos. Eles definitivamente seriam tortuosos. Mas não havia nenhuma maneira no inferno que eles seriam doces.

Não quando tudo que eu queria era duas portas no

corredor e totalmente fora dos limites.

Capítulo Onze

Margarida

—O MEU É PRÓXIMO! — Dean me entregou uma caixa e pulou como se tivesse a mesma idade de Finn. Inteligência emocionalmente sábio, ele provavelmente era. Risque isso, Finn era muito mais maduro aos cinco anos do que Dean aos vinte e três anos.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. —Isso significa? Como me dar um sutiã de treinamento todos os anos, dos oito aos quatorze anos? Ou quando você me disse que me comprou um carro e era um carrinho de fósforos? —

—Que tal quando ele me deu uma boneca falante no meu aniversário e quando eu pressionei ele gravou mensagens assustadoras? ' *Eu estou indo para você. Não feche seus olhos. Eu gosto de cortar o cabelo das meninas.* — Delilah acrescentou. Seu adorável rosto de duende amassado. —Eu ainda não posso entrar em uma loja de brinquedos sem parar para fazer xixi primeiro. —

Damian riu tanto que começou a tossir. Eu olhei para a expressão horrorizada de Grace e depois para Finn. Ele estava franzindo o cenho para Dean. Meu irmão burro parecia contente consigo mesmo.

—Eu era uma criança. Eu cresci. —Ele se virou para Grace e juntou as mãos em uma formação de oração. —Por favor, ainda se case comigo. —

Toda a família uivou de tanto rir. Dean encontrou sua partida com Grace. Eu estava feliz por ele e grato a Grace por domar meu irmão.

O papel rasgou facilmente da caixa. Abri-a para encontrar uma caixa de purificadores de ar com aroma de montanha. — Dean! — Grace, Finn e o resto da família sabiam que Dean iria borrifar suas irmãs antes dos encontros com o cheiro de pinho. As vezes que eu saía com Belinda e Marnie ele fazia o mesmo, na esperança de manter os garotos longe.

Eu nunca disse a ele ou a qualquer outra pessoa que ele não precisa se preocupar. Os meninos não se aproximaram de mim, então um cheiro ofensivo não seria eficaz.

—Você tem dezoito anos agora, Daisy. Papai e eu não podemos mais manter os meninos longe. Mas isso é um lembrete. Não seja gentil com eles. Faça-os ganhar sua confiança e respeito. —

Olhei para o meu irmão bobão e percebi que *tinha* amadurecido. O amor fez isso por ele. Ele enfiou a mão no bolso de trás e me entregou um envelope.

Peguei um cartão de débito da American Airlines. —O que é isso? —

Dean se aproximou e beijou minha bochecha. —Eu carreguei com algum dinheiro. Vou reabastecer como você precisa. Eu quero que você seja capaz de voar para casa a qualquer hora que você quiser no ano que vem quando você estiver na escola. —

—Ela não vai embora—, meu pai interveio.

—Por que não? Você não deixou o resto de nós sair para a faculdade? - Dean perguntou, braços cruzados sobre o peito.

O rosto do papai ficou vermelho. —Ela está falando sobre Nova York, filho. Não Bloomington, nem West Lafayette. Se algum de meus filhos precisar de mim, eu posso estar lá em algumas horas. Levaria dias para dirigir a Nova York. —Sua voz subiu com agitação.

Damian se aproximou de Dean. —Você poderia voar, pai. —

Papai puxou seu cabelo selvagem. —Isso custa dinheiro. Tudo em Nova York custa dinheiro que não tenho. E Daisy sempre foi tão tímida, e a cidade é tão barulhenta... - sua voz sumiu, e todos pudemos ver que o pensamento de sua filha se afastando o estava rasgando por dentro.

Mamãe pigarreou. —Não hoje à noite, querida. Vamos deixar isso passar. —Ela colocou a mão no antebraço do pai e esfregou. Ele olhou para Dean, mas deixou cair.

Levantando-se, envolvi meus braços em torno de Dean. —Obrigada—, eu sussurrei. —Por acreditar em mim. Isso significa muito. —

Dean me abraçou de volta. —Daisy, você vai fazer barulho na escola de culinária. E todos nós nos beneficiaremos disso pelo resto de nossas vidas. Então, na verdade, estou apenas sendo egoísta. —

Eu ri e ele me soltou. Olhei ao redor do quintal, cheia de

amigos dos meus irmãos e da família. Um grande bolo de morangos estava em um pequeno prato, cercado por brownies e biscoitos. Este foi o único dia do ano em que minha mãe não me permitiu cozinhar. Ela e minhas irmãs passaram o dia todo fazendo minhas comidas favoritas.

Eu estava estragada. Presentes atenciosos, comida deliciosa e uma família divertida e amorosa. Mas eu me senti mal. Alguma coisa estava faltando.

O puxão para ele parecia natural e inevitável. Jon sentou-se a alguns metros de distância com Ricky, tomando uma cerveja e conversando. Dean apoiava totalmente nosso pai e minha mãe dando-lhe um lugar para ficar, mas notei que ele observava Jon como um falcão. Eu senti os olhos de Jon em mim o dia todo, mas com Dean por perto, isso era tanta atenção quanto eu recebi.

Eu senti falta do meu amigo. Eu também sentia falta dos beijos dele, mas era mais que isso. Parecia errado estar com as pessoas que eu amava e não brincar com ele, tocar seu joelho ou segurar sua mão. Eu senti falta de tudo dele.

—Reitor! Finn! Preciso de ajudantes de churrasqueira - meu pai berrou do outro lado do pátio. Dean beijou Grace, enfiou a mão na de Finn e caminhou até o posto de carne.

Eu encontrei o olho de Jon e ele inclinou a cabeça em direção à porta da cozinha. Peguei um saco de lixo e enchei com papel de embrulho, usando isso como minha desculpa para entrar na casa.

Jogando a bolsa na garagem, caminhei em direção à

cozinha antes de uma mão me puxar de volta para o corredor.

—Eu não lhe dei meu presente, Luz do Sol. — A voz de Jon estava baixa no meu ouvido, e meu corpo formigava em resposta.

Eu me virei para ele, correndo minhas palmas para cima da camisa dele. Seu batimento cardíaco era forte e estável. Foi assim que pensei em Jon toda a minha vida. Forte e firme.

—Eu pensei que meu primeiro beijo foi o meu presente. — Eu lambi meus lábios na memória.

Os olhos de Jon escureceram. —Não, isso foi um presente para mim mesmo. Isso é para você. — Ele deu um passo para trás e minhas mãos caíram para os meus lados quando ele me entregou uma caixa de veludo preto.

Eu abri e ofeguei. O colar de ouro pegou a luz do corredor, a cor quente iluminando o presente. Na face do medalhão em forma de círculo havia uma gravura do sol, seus raios giravam à mão em um belo padrão.

—Esta é você. — Sua voz era áspera enquanto ele falava. —Você é leveza e calor. Você se doa e cuida dos outros. Você é meu raio de sol. —

Lágrimas encheram meus olhos e eu pulei em seus braços. Antes que ele pudesse me parar ou controlar minhas ações, eu o beijei. Ele congelou, corpo rígido e rígido por um minuto antes de seus braços em volta de mim e ele me beijou de volta.

E foi assim que nada faltou no meu dia especial.

Jon se afastou e me virou para encarar o espelho do corredor. Ele ficou atrás de mim, apertando as correntes do colar. Olhando para o espelho, Jon colocou as mãos nos meus ombros. Nós nos concentramos no medalhão, meus dedos traçando as gravuras no sol.

—O lado de fora parece diferente—, disse Jon. —Mas também é lindo. Único. Raro. Como voce. E também como você, o interior é ainda mais bonito. É onde o calor está. Esse calor pode derreter qualquer coisa. Mesmo idiotas teimosos que nunca pensaram que poderiam ser amigos íntimos de uma menina e se preocupam com ela tanto assim. —

—Pare com isso—, eu acenei com a mão na frente do meu rosto. —Você está me matando aqui. Tão doce, Jon Roberts!

—Hambúrgueres e refrigerantes? — A voz de Dean chamou da cozinha.

Nós nos separamos rapidamente, e corri para limpar as lágrimas dos meus olhos.

Dean entrou no corredor. —O que vocês dois estão fazendo aqui? —

—Banheiro—, eu disse.

Ao mesmo tempo, Jon respondeu: —Dando a Daisy seu presente—.

As sobrancelhas de Dean franziram. —Por que você está dando a ela um presente? — Sua voz tinha uma borda que tanto me assustou e me irritou.

—Porque eu fui convidado para a festa dela. É o que as pessoas fazem, Tiny Tim. — Jon cruzou os braços sobre o peito.

Dean inclinou a cabeça para o lado e olhou para seu melhor amigo.

—Ele me deu isso. — Eu levantei o sol para Dean ver.

Dean estudou em silêncio por um minuto e depois assentiu. —Pelo menos não era um colar de margarida. Isso seria bobo pra caralho. —

Eu abafei minha risadinha.

—O quê? — Dean perguntou, as mãos nos quadris.

—Você me deu uma pulseira de margarida dois Natais atrás. — Eu tentei abafar minha risada. Eu achei muito doce.

—Bobo pra caralho, — Jon murmurou e deu um tapa nas costas de Dean. —Hambúrguer e uma cerveja para mim, cara. — Ele guiou Dean de volta para a cozinha e longe de qualquer interrogatório.

Eu me inclinei contra a parede e soltei um suspiro. Essa foi uma convocação, mas valeu a pena. Eu segurei o sol com força na minha mão e sorri, lembrando das palavras de Jon.

Como você, o interior é ainda mais bonito. É onde o calor está. Esse calor pode derreter qualquer coisa.

~~~
~~~

Depois que as sobremesas foram comidas, pratos lavados e os amigos tinham ido para casa, só restava a família e, claro, Jon. Nós nos deitamos em várias formas espalhadas pela sala da família, assistindo a um filme. Meu aniversário, minha escolha.

—'Café da manhã no Tiffany's,' sério? — Damian choramingou. Mal sabia ele que minha segunda escolha era — Um amor para recordar—.

—Assista—, eu apontei para ele a partir do final do grande corte marrom. —Eu gosto de filmes antigos. Nós podemos assistir a todos os seus filmes de ficção científica quando é seu aniversário. — Damian jogou um travesseiro na minha cabeça, mas eu peguei e agarrei no meu peito.

—Ooooo! Eu nunca vi isso! — Grace se abaixou ao meu lado, e Dean a seguiu até seu colo. —Finn está finalmente dormindo, então eu estou pronto para relaxar. — Dean beijou sua têmpora, e eles se concentraram na televisão.

Com Dean, Grace e Finn na cidade, Jon perdeu seu quarto. Finn estava dormindo no chão do quarto de Devin e Damian para que o casal de noivos pudesse dividir o de Dean. Jon passaria a noite aqui no sofá.

Eu levei um minuto para olhar em volta. Mamãe e papai estavam na cama, mas além deles, todo mundo com quem eu mais me importava estava bem aqui nesta sala. Junto com Damian, Dianna estava enfiada no canto, envolta em um cobertor de malha. Devin estava sentado na poltrona, com os pés estendidos e uma tigela de pipoca no colo. Delilah estava

deitada de bruços no chão, alternando mensagens de texto no celular e assistindo ao filme.

E então havia ele.

Sentado em frente a mim, ele tinha o travesseiro apoiado atrás da cabeça e um cobertor ao lado dele. Meus olhos percorreram o comprimento de seu corpo. Suas pernas vestidas de jeans estavam esticadas, pés descalços cruzados nos tornozelos. Algo sobre vê-lo em minha casa sem suas meias ou sapatos me confortou. Espero que ele tenha se sentido tão bem-vindo aqui quanto realmente era.

Enquanto continuava minha exploração visual, estudei seus antebraços grossos. Eu queria apertar o enorme bíceps saindo de sua camisa. Mas era o rosto dele que era o meu favorito. Olhos castanhos focados na televisão, os lábios ligeiramente abertos enquanto assistia ao filme clássico. Eu queria subir em seu colo e beijar aqueles lábios.

Ao meu lado, Grace suspirou, um som de tal contentamento e paz que eu tive que olhar. Dean abriu as pernas largas, deixando o recanto perfeito para Grace se enroscar. Uma de suas mãos estava em seu joelho, subindo a coxa e voltando a descer. A outra inclinou o seu rosto para encontrar o dele. Ele a beijou levemente, nos lados de sua boca e depois em seus lábios, fazendo-a suspirar novamente.

Eu não consegui desviar o olhar. Eu fui cativada pelo carinho um pelo outro. Meu irmão foi mudado pelo amor. Grace e Finn suavizaram-no, mas também o tornaram mais forte. Eles eram as melhores partes de sua vida e ele era tão repugnantemente feliz.

—Vamos para a cama, querida. — Dean sussurrou contra os lábios de Grace. Ela assentiu e saiu do colo dele.

Dean estava ao lado dela, o braço em volta da cintura dela, segurando-a ao seu lado. —Noite, filhos da puta. —

Devin bufou e jogou pipoca na cabeça de Dean. —Tenho certeza que você vai estar abrindo outra coisa também, mano. —

Dean se aproximou e deu um tapa no irmão na cabeça. — Assista. Não fale da minha garota assim. —

Todos nós concordamos com nossas boas noites, e Dean levou Grace para longe. Suas bochechas estavam rosadas com seu embaraço momentâneo, mas seus olhos dançaram de alegria.

Um por um, o resto dos meus irmãos fugiram do meu filme e foram para a cama até que as únicas pessoas que ficaram no sofá eram Jon e eu.

—Venha aqui, Luz do Sol. — A voz de Jon era rouca, o som rouco e áspero, me fazendo tremer. Eu me virei para ele e mordi meu lábio inferior. Seus olhos estavam encobertos. Seja com exaustão ou desejo, eu não tinha certeza.

Lentamente, levantei-me e caminhei a curta distância até onde Jon se sentou. Indo com o meu instinto, eu coloquei um joelho ao lado dele e joguei minha outra perna em seu colo, montando-o. Sentei-me, sentindo sua dureza apertar entre as minhas pernas e seus olhos encapuzados brilharam com intensidade.

Não exaustão. Desejo.

Desta vez não pedi permissão. Eu fui para isso.

Minhas mãos envolveram a mandíbula que estava cerrada e tensa sob as pontas dos meus dedos. Inclinei o rosto para cima, trouxe o meu para baixo e beijei o inferno fora dele. Enquanto nossos lábios se moviam um contra o outro, nossas línguas acariciavam. Eu gemi em sua boca enquanto eu acidentalmente de propósito balancei meus quadris contra ele e meu núcleo se contraiu.

Meu corpo estava apertado, como se eu estivesse à beira de algo, mas o que, eu não sabia. Uma tábua do assoalho rangeu pelo corredor, e eu joguei meu corpo fora do dele e corri para me sentar ao lado dele. Cada um de nós respirou fundo, ofegante, Jon sentado em linha reta e eu alisando meu vestido e cabelo.

Quando um longo minuto se passou e ninguém entrou na sala, fechei os olhos em alívio.

—Tenho que ter mais cuidado, Luz do sol—, Jon falou baixinho, ligando meus dedos aos dele.

Eu assenti. —Eu sei. É que você se sentou na minha frente a noite toda e eu perdi a cabeça. —

Jon sorriu. —Conte-me sobre isso. — Ele se inclinou e com a outra mão, afastando meu cabelo do meu rosto. —Indo para a cama agora? —

—Mais um filme? Por favor, por favor. Por mim? — Eu dei a ele meu sorriso mais brilhante, e ele riu, me puxando contra o

seu lado.

—Qualquer coisa para você. — Ele me entregou o controle remoto, e eu procurei por um filme.

Ele faria qualquer coisa por mim? Ele deixou claro que o nosso acordo envolvia beijos, dar as mãos e talvez um pouco mais, mas eu queria muito mais. Ele faria isso por mim? Porque enquanto essa *coisa* entre nós não tinha chance de um futuro, nós tínhamos um acordo para um presente muito real. E não havia ninguém que eu quisesse explorar o presente mais do que meu amigo favorito.

~~~

Meu Deus. Sim.

Em algum lugar nos recessos da minha mente, eu sabia que estava sonhando. Mas este foi um sonho que eu não queria acordar.

O filme esquecido, eu deitei em cima de Jon, nossas roupas tinham sumido há muito tempo, a sensação dele duro, quente e longo entre as minhas pernas.

Duro e incrivelmente bom.

—Jon, sim. Por favor. Mais. —Eu o beijei, falando minhas súplicas em seus lábios enquanto meus quadris balançavam para cima e para baixo contra ele.
~~~

Eu estava perto de alguma coisa. Meu corpo estava em chamas, minha pele úmida e um sentimento se construindo mais alto, mais alto, mais alto...

Eu acordei com um susto. Um infomercial jogado na televisão, o volume baixo. O relógio do DVR dizia três horas da manhã. O resto da casa estava em silêncio e escuro, todo mundo dormindo há muito tempo. Levantei a cabeça, usando a luz da TV para me orientar.

Jon estava debaixo de mim, mas nossas roupas estavam. Seus olhos estavam fechados, mas suas mãos descansaram na minha bunda. Entre minhas pernas estava sua longa e dura... coxa.

Meu corpo formigou. Eu tive um orgassmo? De…. *Não.* De *jeito nenhum.* Eu não apenas empurrei sua perna com tanta força que sonhei que estávamos prestes a fazer sexo. Eu não ataquei esse homem em seu sono, esfregando-me em sua perna como um maldito cachorro excitado. Eu não.

Eu fiz?

Eu olhei para o rosto dele novamente e um lento sorriso se formou. —Você acordou agora? —

Ah Merda. Ele sabia?

—Sim—, eu gritei. —Eu…? Quero dizer, você notou alguma coisa... Ou ouviu? — Não consegui dizer as palavras. Eu literalmente não conseguia forma-las. A mortificação foi muito grande.

Os olhos de Jon se abriram e suas pupilas estavam tão

dilatadas que eu congelei. —Daisy, essa foi a coisa mais quente que eu já vi. Um minuto você está dormindo e no próximo você estava se movendo em cima de mim, saindo de você mesmo. Luz do sol, você é tão fodidamente sexy. —

Eu balancei a cabeça e tentei me afastar dele, mas seus braços se apertaram ao meu redor. —Jon, estou tão envergonhada. Eu tirei vantagem da sua perna. Quero dizer, quão desesperada isso parece? —

Os olhos de Jon se arregalaram e então ele riu, enterrando o rosto no meu pescoço para abafar os sons.

—Quero dizer. Estou falando sério. — Tentei me afastar de novo, mas ele me segurou nele. —Eu tenho tido esses sonhos, mas nunca imaginei que os representaria em meu sono. Meu Deus... — Minha voz sumiu.

Jon se virou para o lado, me movendo de forma que minhas costas estavam no sofá. Seu polegar traçou meu lábio, e ele pressionou lá para me impedir de falar. —Eu vou cuidar de você, Luz do sol. Você me disse antes que precisa de algo de mim. Agora você precisa tanto que está procurando em seus sonhos. Deixe-me ser o único a dar a você. Sim? —

Eu assenti. Eu não tinha certeza do que ele queria dizer ou como ele daria para mim, mas confiei completamente em Jon. E ele estava certo. Eu tinha necessidades. Nesse exato segundo, eu tinha muitas necessidades.

Jon me beijou suavemente e depois se afastou. —Uma coisa que eu peço é que me deixe assistir você desmoronar. Se eu estou beijando você, não posso assistir. Tudo bem com você?

—

Eu lambi meus lábios. Uma sensação de agitação tomou conta do meu estômago e meu coração disparou. Tudo passa pela cabeça e eu estava nervosa. Eu queria apertar minhas pernas juntas ao mesmo tempo em que queria senti-lo contra mim novamente. Qualquer coisa para satisfazer essa dor crescente.

—Jon, confio em você com tudo de mim. Eu sempre confio. — Minhas palavras foram sussurradas, mas pareceu a Jon que elas foram gritadas. Seus olhos brilharam, suas mãos cavaram em meus quadris e seus lábios se separaram.

Então seu aperto em mim se soltou. —Você tem que ficar quieta. Se você fizer algum barulho, alguém pode acordar. —

Eu balancei a cabeça, colocando um dedo nos meus lábios.

Jon esticou o pescoço, ouvindo qualquer som, e depois pareceu relaxar. Uma mão foi para o meu peito, onde ele massageou suavemente. O próximo viajou até a minha coxa até a minha calcinha.

Ele olhou nos meus olhos e eu assenti novamente, encorajando-o a continuar. Ele empurrou minha calcinha para o lado, e eu reprimi um gemido quando o ar frio bateu na minha pele já muito molhada.

E então seus dedos estavam lá. Tocando-me gentilmente e depois com mais pressão.

Meu corpo endureceu e fechei meus olhos. Eu não tive a chance de ficar nervosa, e isso não importava, porque isso era

Jon. Era isso. Isso era o que eu estava esperando. Demais. Bom demais. —Sim, por favor, Jon, sim, não pare, tão bom, mais. — Eu entoei meu sussurro, abrindo os olhos para ver seu foco completamente no meu rosto.

Seu ritmo aumentou, seus dedos rolando, mergulhando, subindo e descendo, entrando e saindo. Meus quadris se contraíram, minhas mãos foram para o meu cabelo, puxando e torcendo para não gritar.

Sua mão deixou meu seio e me segurou para ele enquanto ele continuava sua sublime tortura.

E de repente estava lá. O que eu ouvi falar, mas nunca soube. Fogos de artifício e calor e prazer e... doce, doce. Eu pressionei meus lábios enquanto eu gozava, segurando meus gritos, mas deixando meu corpo balançar e convulsionar enquanto seus dedos mantinham seus movimentos até que meu corpo se acalmasse.

Quando sua mão se foi, senti a perda. Não só de prazer, mas de nossa conexão. Levantando, eu enrolei meu corpo contra o dele e pressionei meus lábios nos dele.

—Minha vez. Deixe-me cuidar de você agora. — Estendi a mão, segurando sua dureza, mas ele agarrou meu pulso e me puxou para longe.

—Não essa noite. Em breve, prometo. Mas não aqui neste sofá. Quando você me toca, eu quero ser livre para deixar ir. Ok? — Ele beijou os cantos da minha boca e depois a minha testa.

Eu não pude segurar meu sorriso. Haveria uma próxima vez. Mais. Com ele. *Obrigado Jesus!*

—Ok—. Eu o beijei novamente e me levantei, ajustando minhas roupas.

Ele se deitou de costas, com o braço torto embaixo da cabeça. Eu me inclinei sobre ele, colocando minhas palmas em seu peito. —Obrigado por me dar o que eu precisava. Isso foi além das palavras. E agora mal posso esperar para devolvê-lo a você. — Beijei sua bochecha e ele gemeu, apertando os olhos com força.

—Bons sonhos, Jon. — Eu balancei meus quadris um pouco enquanto saía do quarto. Acontece que um orgasmo me deixou um pouco mais sarcástica. Hã. Minhas palavras para ele eram as mesmas da noite anterior, mas eu sabia que depois do que acabávamos de fazer, seus sonhos não tinham chance de ser algo além do que tinha acontecido.

Capítulo Doze

Margarida

OUTUBRO sempre foi meu mês favorito do ano. As folhas mudam de cor, abóboras em varandas, cidra quente e suéteres confortáveis.

Eu coloquei um suéter de malha de algodão macio sobre a minha cabeça e alisei o frizz do meu cabelo. Eu encontrei um laço xadrez para o cabelo bonito na loja, e amarrei-o debaixo da minha nuca, deixando meu cabelo fluir livremente ao redor dele.

—Margarida! Está pronta? — Delilah gritou do andar de baixo.

—Estou indo—, gritei de volta, puxando as botas marrons até o joelho sobre meus jeans apertados, e então peguei minha carteira.

Mamãe encarregou Jon, Delilah e eu de pegar abóboras para esculpir no Halloween. Decidimos fazer o festival local de outono na Jared's Farm. Dessa forma, poderíamos nos perder no labirinto de milho e comer maçãs carameladas também.

Dalila deslizou com energia enquanto se levantava na varanda da frente. —Vamos lá! Sarah e Trudy estão me encontrando no festival. Eu vou ficar com elas por um tempo se isso for legal. —

Eu balancei a cabeça, meu coração acelerando ao pensar em mais momentos roubados a sós com Jon.

—Eu percebi que você não se importaria. — Ela inclinou o queixo na direção do caminhão, balançando as sobrancelhas para mim.

—Pare com isso, Delilah. — Eu gentilmente empurrei seu ombro, e nós caminhamos pela calçada, música country tocando pelas janelas da caminhonete de Jon.

Delilah abriu a porta do passageiro e fez sinal para eu entrar primeiro. Subindo no caminhão, eu deslizei pelo assento, no meio.

—Ei aí, luz do sol. Você está ótima. — Jon falou baixo, mantendo seu elogio privado.

Eu parecia um pouco rural e muito simples. Jon, por outro lado, parecia... devastadoramente quente. Ele estaria virando cabeças na fazenda, com certeza.

Ele usava calça jeans justa, botas de cowboy marrons de bico quadrado e um pulôver de Under Armour de cor de ferrugem apertado. O zíper desceu logo depois do pescoço, e ele o deixou aberto com a gola levantada, expondo o pomo de Adão que, estranhamente, no momento, eu queria beijar. A camisa destacava cada músculo nos braços de Jon. Tríceps e bíceps bem desenvolvidos pareciam enormes sob o tecido liso. As mangas foram puxadas até os cotovelos, mostrando os antebraços grossos de veias com fio.

A disciplina do homem na academia valeu a pena.

Eu lambi meus lábios e forcei meus olhos a sair de seu peito e seu rosto. Meus dedos formigaram com o desejo de tocá-lo. Entre o trabalho e a minha família sempre presente, não nos tocávamos desde a noite do meu aniversário. Eu cruzei as mãos para me manter sob controle.

Seus olhos estavam protegidos por óculos escuros de aviador cinza, mas seus lábios se curvaram para cima em um sorriso que me fez pensar que ele pegou cada segundo do meu olhar.

—Você poderia baixar a janela? Estou um pouco quente, — eu perguntei, pressionando minha mão no meu pescoço quente.

A porta se fechou quando Delilah entrou. - Vamos! Estou atrasada para encontrar meus amigos. — Ela afivelou o cinto de segurança e cantou junto com a melodia no rádio que era toda melosa com seu esquadrão de quinze anos de idade.

Jon abriu a janela e saiu da garagem - o aperto de uma mão no volante era até sexy.

—Está frio. Por que a janela está baixa? - reclamou Delilah, esfregando as mãos nos braços da camisa xadrez de mangas compridas.

Jon fez um gesto com o polegar para mim. —Sua irmã disse que ela está com calor—

Delilah franziu a testa. —Isso é porque você está usando uma camisola enorme. Eu juro, Daisy, você esconde seu corpo demais. Jon, você não acha que Daisy tem uma ótima figura? Acho que ela precisa mostrar isso e esquecer tudo o que

Belinda e Marnie costumavam dizer a ela.

Jon limpou a garganta. —Concordo com você cem por cento. Daisy sempre está linda. —

Eu encarei minhas mãos entrelaçadas enquanto um rubor subia pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas.

—Eu não vou deixar isso passar. Tire o suéter volumoso, Daisy. — Delilah me encarou com os braços cruzados sobre o peito, mas desta vez não foi por causa da temperatura na cabine.

—Pare com isso. Eu ficarei bem quando eu tiver algum espaço, e eu estiver fora desse caminhão. —Eu atirei em Delilah meu melhor, *sua irmã mais velha vai te matar se você não calar a boca.*

Dez minutos depois, Jon entrou no estacionamento da fazenda. Cascalho rangia sob os pneus de seu caminhão, e eu pulei no meu assento enquanto manobrávamos sobre a estrada não pavimentada. Depois de percorrer rapidamente o terreno, encontramos uma mancha perto da entrada, marcada com pés de milho altos e carroças cheias de cabaças de todas as formas e tamanhos.

—Eu não vou sair até que você faça isso. — Delilah pressionou as costas contra o lado do passageiro, braços abertos.

A teimosia de minha irmã rivalizava com um javali raivoso, por isso, se eu não cedesse, acabaríamos sufocando no caminhão muito antes de ela ceder. Já que mamãe ficaria

desapontada se nós voltássemos para casa sem abóboras, e eu ficaria chateada que nós apenas dirigimos para cá sem nenhum motivo, eu tive que ceder.

Ugh. Irmãs

—Oh, pelo amor de Deus. — Se eu pudesse ter pisado no seu pé, eu teria, mas não havia lugar para fazê-lo. Eu agarrei a bainha e coloquei sobre a minha cabeça, jogando-a no rosto de Delilah. A força de minhas ações me empurrou de volta para Jon, meu peito arfando. Eu olhei para o rosto dele enquanto ele tirava os óculos de sol.

Minha camisa estava bem apertada. Vestindo uma camisa creme sob o meu suéter, evitando minha pele de ficar arranhada. Os três botões no topo foram deixados abertos porque achei que nunca veriam a luz do dia. Meus dedos voaram para fechá-los, mas a mão de Jon foi tão rápida, me impedindo, sua firmeza firme.

—Não se atreva. Deixe-os assim, — as palavras de Jon eram duras, sua voz áspera.

Eu chicotei minha cabeça para Delilah, mas ela estava do lado de fora da caminhonete, soprando um beijo antes de fechar a porta.

Minha bunda deslizou para seu assento, minhas mãos ocupadas alisando o cabelo selvagem e apertando o lenço que o mantinha fora do meu rosto.

—A sua irmã estava certa. Você parecia ótima antes. Agora, você está próxima da perfeição. — Jon me deu um

longo tempo, seu olhar tocando cada pedaço do meu corpo onde eu queria suas mãos. Ele fez um som gutural satisfeito, depois abriu a porta e desceu.

Eu abaixei a viseira e olhei no espelho. Meu cabelo estava bagunçado, mas de um jeito fofo. Minhas bochechas estavam rosadas e meus olhos estavam brilhando. Eu estava bem. Até eu tive que admitir isso.

Jon andou pela frente do caminhão. Ele abriu a minha porta e estendeu a mão. —Vamos aproveitar esse dia, Luz do sol. —

Sua mão segurou a minha enquanto eu pulei para fora do caminhão. Nenhum de nós rompeu o contato. Em vez disso, o aperto de Jon na minha mão aumentou. Seu polegar traçou círculos sobre meus dedos, o sentimento me deixando tonta de prazer. Deus, eu gostaria que não tivéssemos que sair dali. Eu queria passear pelo festival, nossas mãos juntas, dizendo a todos que ele era meu e eu era dele.

Mas isso não era verdade. Nós não temos direito um ao outro. E assim, a euforia que senti evaporou. Eu puxei minha mão para longe dele, minhas costas retas e os ombros rígidos. Apesar do fato de Jon nunca ser realmente meu, eu estava determinada a fazer exatamente o que ele disse.

Eu estava pronta para aproveitar este dia.

E todos os que se seguirem.

~~~
~~~

Passamos pelas arquibancadas, verificando o mel caseiro, picles enlatados e buquês de flores silvestres. Uma banda de três peças tocava no canto, old school e country tocando o ar.

Minha mão coçou para entrar na de Jon, mas ao invés disso, eu coloquei-as nos bolsos de trás.

—Bem, se não é sexo em um pacote muito quente—, uma voz sensual ronronou atrás de nós.

Nós nos viramos para ver uma morena olhando para o traseiro de Jon. Como ele se inclinou para encará-la, seu olhar permaneceu naquele local, de modo que seus olhos estavam agora fixados em seu pênis.

Eu acho que ela não era do tipo tímida.

—Ei, Collette. Como você está? —Se eu não estava enganada, Jon parecia... nervoso.

Ao som do nome dela, Collette levantou o olhar, lentamente percorrendo seu corpo até o rosto dele. Ela mordeu o lábio inferior e um pequeno gemido escapou entre eles.

Não, não é nada tímida.

Collette foi um nocaute. Como eu, ela usava jeans apertados, mas em vez de botas práticas, ela usava botas de camurça de salto alto. Eu não tinha certeza de como ela se sairia na plantação de abóboras com aquelas belezas. Seu top era transparente e dava para vislumbrar tudo. Não havia outra maneira de descrevê-lo. Era preto e, com a luz do sol,

praticamente criava um holofote no sutiã de renda preta. Um sutiã que abrigava seios perfeitos. Seu rosto estava fortemente maquiado e seus cabelos castanhos habilmente ondulados. Seus lábios se curvaram quando ela tinha os olhos no prêmio.

Meu prêmio.

—Eu tenho estado bem, Jon. Saudades de você, no entanto. Quanto tempo tem sido? Desde o último feriado de Natal? — Ela bateu com a ponta do dedo vermelha e bem cuidada no lábio inferior.

Jon se moveu para frente e para trás. —Não tenho certeza. Ei, deixa eu te apresentar. Esta é Daisy, uma das irmãs mais novas de Dean.

Não vou mentir, essa doeu. Sim, tudo o que tínhamos era um arranjo para ajudar um ao outro, mas ser classificada apenas como *uma* das irmãs de Dean aconteceu toda a minha vida. De alguma forma, achei que Jon seria diferente. Talvez até me reivindique como um amigo próximo.

—Legal. Dean é um cara divertido. Amei festejar com ele no passado. —Colette estendeu a mão enquanto nos tocamos.

—Bom ver você, Collette. — Jon não estava se sentindo tagarela, isso estava claro. Ele examinou as arquibancadas, parecendo tentar cortar qualquer outra comunicação entre nós três.

—Me liga. Vamos nos encontrar. —Collette tentou parecer casual, mas notei o modo como o peito dela subia e descia,

indicação de que sua respiração aumentara.

Jon sacudiu a cabeça. —Você sabe como é. Eu vou comprar comida. Você vem, Daisy? —Não esperando pela minha resposta, ele se virou para as barracas de comida, seu ritmo rápido.

Collette e eu o vimos ir antes que ela colocasse a mão no meu antebraço. —Tome cuidado com isso, querida. Ele é lindo, mas é durão. Ele pode fazer mágica em seu corpo, mas você precisa proteger seu coração. — Ela franziu a testa antes de sair na direção oposta.

Que diabos?

Depois de alguns minutos, encontrei Jon pagando sua comida. Ele apontou para um fardo de feno ao lado da área de alimentação. Nós nos sentamos um ao lado do outro, e ele me entregou uma maçã caramelada. Minha mente correu com perguntas para fazer, mas eu não queria irritá-lo ou assustá-lo.

Meus dentes afundaram-se no molho de caramelo morno e grosso e depois encontraram a maçã verde, torta e crocante. Eu gemi enquanto mastigava. *Tão gostoso.*

Jon riu. —Bom? — Seu polegar tirou uma mancha de caramelo pegajoso do meu queixo, e ele lambeu o dedo.

Meu sangue correu pelas minhas veias no gesto.

—Tente isso. — Jon arrancou um pedaço de um donut de cidra. Em vez de tomá-lo com os dedos, deixo o cérebro do orgasmo assumir o controle. Eu não tinha tido um orgasmo hoje, mas eles estavam no cérebro.

Eu abri minha boca e abaixei-a no pedaço de massa frita, sugando-a e seu polegar em minha boca. Eu zumbi minha aprovação, sentindo a vibração do som até os dedos dos pés.

Jon deve ter sentido isso também. Eu gostaria de ter visto seus olhos, mas ele ainda usava aqueles malditos óculos escuros, protegendo-os. Lentamente, ele puxou o polegar para fora da minha boca, deixando minha língua deslizar ao longo dele. Sua cabeça caiu e ele murmurou: —Foda-me—.

Meu corpo corou com o calor. Adorei isso. A frente e para trás. Provocação. Flertando. Era algo que eu nunca tinha conhecido.

Nós terminamos de comer, dando mordidas um ao outro. No momento em que o lanche acabou, meus mamilos estavam duros, e aposto todos os donuts de cidra na fazenda que minha calcinha estava molhada.

—Vamos fazer o labirinto de milho. — Eu inclinei a cabeça em direção ao enorme quebra-cabeça cortado de um campo de milho. O tempo sozinho com Jon na privacidade do labirinto era bom demais para deixar passar.

—Claro, Luz do Sol. — Jon liderou o caminho, o barulho do festival desaparecendo enquanto entravávamos no campo sombreado.

Nós exploramos em silêncio, tentando caminhos diferentes antes de atingirmos becos sem saída enquanto manobramos mais perto do centro do quebra-cabeça.

—Jon, olhe. — Parei em um canto escondido, um longo

feixe de luz do sol brilhando sobre nós. —Não é lindo? — Eu olhei para o céu azul e nuvens brancas grossas, permitindo que a luz dos raios do sol aquecesse minha pele.

Quando olhei para Jon, seus óculos de sol estavam fora e seu foco estava em mim, não no sol ou no céu. Ele se aproximou, segurando o lado do meu rosto com a mão. —Tão bonito. Conte-me. O que aconteceu com Belinda e Marnie? Como alguém já te convenceu de que você era menos que deslumbrante? —

Antes que eu pudesse responder, seus lábios beijaram os meus suavemente. Eu estremeci, colocando minhas mãos em seus quadris para me equilibrar.

—Diga-me—, ele falou contra meus lábios.

Eu balancei a cabeça. —Eu prefiro apenas esquecer sobre isso. —

Sua língua percorreu a costura dos meus lábios pressionados. —Por favor, sol. Confie em mim. —

A única coisa que eu não pude fazer foi observá-lo enquanto contava a história. Eu nunca tinha compartilhado isso com ninguém. Eu descansei minha testa contra a dele. — Começou com Dean e você, na verdade. — Com o meu aperto nele, eu podia sentir seu corpo endurecer. —Olhando para trás, as coisas estavam aumentando por um tempo. Eu estava sendo provocada por garotos no ensino médio porque me desenvolvi cedo. Algumas das garotas se juntaram e, embora isso nunca tenha me ocorrido na época, Belinda e Marnie não se levantaram para mim nem para as minhas costas. Eu acho que

elas gostaram. Mas elas continuaram minhas amigas. Agora percebo que elas estavam me usando. Foi tão estúpido. — Meu estômago revirou quando falei as palavras e lembrei do tormento.

A respiração que eu inalei estava instável. —Elas pensaram que poderiam ficar com Damian e seus amigos. Nós estávamos na oitava série, pelo amor de Deus. Elas perguntaram se eles poderiam ter uma festa do pijama. Damian tinha alguns amigos, e eles estavam no porão jogando videogames. Belinda e Marnie tentaram me convencer a roubar a cerveja do papai para que pudéssemos flertar. Recusei-me e elas ficaram chateadas. Elas insistiram que descêssemos e estivéssemos sendo barulhentas e irritantes. —

Os olhos de Jon se estreitaram. —Eu não me lembro de nada disso. Como Dean e eu estávamos envolvidos? —

Minha risada foi dura. —Foi há mais de quatro anos, o verão antes de você partir para a faculdade. Claro que você não lembra. Naquela época você e Dean eram idiotas. Nunca para mim, claro. Você chegou depois de festejar no lago, beber Deus sabe o que. Vocês dois começaram em Belinda e Marnie, provocando-as sobre a tentativa de flertar, e assim por diante. —

Jon estremeceu, recuando para olhar nos meus olhos. —Eu sinto Muito. Isso as afastou? —

Desta vez eu estremeci. —Não, o que as desencadeou foi quando você disse a elas que até que elas se parecessem comigo, eles não deveriam se incomodar em ficar por perto. Elas estavam me arrastando desde que pareciam

crianças e eu... não. —

Até hoje, tenho emoções mistas lembrando daquela noite. Foi a primeira vez que Jon reconheceu minha aparência de uma forma positiva, e depois de anos de atropelamento, ele se sentiu muito bem. Mas também começou meus anos de tormento. Porque, como Belinda e Marnie se voltaram para mim, me pegaram sorrindo com a atenção de Jon. E a partir de então, eu era o inimigo número um.

Os olhos de Jon se arregalaram. —Ah Merda. Eu posso totalmente me ver dizendo algo assim naquela época. Especialmente depois de beber com Dean. Em minha defesa, não estava mentindo. Você sempre foi linda. Mais do que qualquer outra pessoa. — Suas mãos agarraram meus braços. —Mas me desculpe, meu comentário rude começou tudo. —

—Elas se convenceram de que o que me fazia parecer diferente era ruim. Que eu era gorda, pesada, e tinha muitas curvas que faltavam a elas, por isso era ruim. E você estava certo, eu parecia estranha em comparação com todas as meninas da minha série. Depois de um tempo, quando ninguém mais se desenvolveu no ritmo que eu fiz, e os comentários só se intensificaram quando os meninos me notaram, comecei a pensar que talvez elas estivessem certas —.

Jon recuou, a boca aberta, mas eu o interrompi. —Não sobre tudo. Mas o corpo ideal era como Delilah ou Dianna, ou até Emma ou Grace. Qualquer coisa menos eu... —Minha voz sumiu no final, mas forcei meu olhar a ficar bem em Jon. —E fiquei pensando assim até que você concordou em me

ajudar. Você me fez sentir muito especial, Jon. —

Os olhos de Jon brilharam e ele esmagou sua boca contra a minha. Nossas línguas rolaram e se contorceram em traços ferozes, e um som áspero veio do fundo de seu peito. Minhas mãos deslizaram por seus peitorais, meus dedos se unindo atrás de seu pescoço, nos segurando mais perto. Eu o conheci, beijando-o de volta tão forte quanto ele me beijou. Eu queria que ele soubesse que o passado era passado.

E o presente era fantástico.

Capítulo Treze

Jon

Nós ouvimos passos aproximar-se no labirinto de milho e fomos forçados a separar nossos lábios. Eu não soltava a mão dela, no entanto, enquanto passávamos pelo campo.

Meu peito queimava depois de saber que eu havia detonado as valentonas. A parte racional do meu cérebro sabia que, com garotas tão más como essas duas, se não fosse eu, teria sido outra coisa. Mas o fato era que era eu. E eu me importava com Daisy de uma maneira que nunca fiz com outra garota. Eu queria protegê-la, e também torná-la forte o suficiente para fazer essas coisas por ela mesma.

O telefone de Daisy apitou e ela tirou do bolso de trás.

—Delilah me mandou uma mensagem. Ela checou com a mãe e está indo para a casa de sua amiga agora. Parece que a colheita de abóboras sobrou para nós. — Ela sorriu para mim enquanto caminhávamos em direção aos vagões cheios de abóboras de todos os tamanhos.

Nós escolhemos três que eram boas para esculpir e duas abóboras extras para Amy e Izzy. —Se importa se nós as deixarmos em seu apartamento a caminho de casa? — Daisy colocou a última abóbora na traseira da minha caminhonete e tirou a poeira das mãos.

Tendo conhecido Amy na escola, mas depois passando

tempo com Grace e Dean na faculdade, eu sabia que ela era uma garota legal. Se a colega de quarto dela fosse parecida com ela, eu ficaria confortável e teria um bom tempo visitando-as.

—Eu não tenho nada contra. Apenas me dê o endereço. — Abri a porta de Daisy, levantando-a e colocando-a no banco. Eu plantei um beijo duro em seus lábios antes de me afastar. — Obrigado por me contar o que aconteceu, Sunshine. Você confiar em mim significa muito. —

Seu sorriso era suave. —Eu também. —

Nós nos demos as mãos no curto caminho até o prédio de apartamentos de Amy e Izzy. Entrando no estacionamento, puxei as chaves da ignição e pulei para fora. Eu carregava as duas grandes abóboras enquanto Daisy segurava um recipiente com sidra de maçã que também pegamos para elas.

Daisy bateu os nós dos dedos na porta e esperou. Um momento depois, a porta se abriu.

—Margarida! Olá! — Amy abraçou Daisy e se virou para mim. —Oi, Jon! É tão bom ver você! Bem-vindo ao meu apartamento. —

O rosto redondo e doce de Amy exibia um grande sorriso. Ela empurrou os óculos cor-de-rosa no nariz e abriu os braços.

—Oi, Amy. — Eu a abracei e, em seguida, segui as garotas para dentro.

—Nós trouxemos abóboras e sidra. Acabamos de sair do festival de outono de Jared. — Daisy explicou quando entramos

no apartamento.

Eu não tinha certeza do que esperava, mas não era isso. Este lugar era melhor do que o da minha mãe. Eu segui as meninas pela sala e fui para a cozinha, colocando as duas abóboras no balcão.

—Sua casa é muito legal, Amy. Como vai o trabalho? —Eu perguntei, descansando meu quadril contra o balcão.

—Eu amo trabalhar em uma creche. As crianças me fazem rir todos os dias. E eu amo ter meu próprio lugar. Minha colega de quarto e eu gostamos dos mesmos programas de televisão e música. É bom ter privacidade da minha mãe e meu pai. —Nós três rimos quando outra mulher entrou na cozinha.

—Izzy, esse é meu amigo, Jon. — Daisy nos apresentou e apertamos as mãos.

As duas meninas tinham a mesma baixa estatura e olhos amendoados, mas enquanto Amy era loira, o cabelo de Izzy era selvagem, escuro e encaracolado. Ela também usava uma tonelada de maquiagem brilhante e tinha uma mão pesada com o perfume.

Izzy me olhou de cima a baixo. —Uau. Ele coloca o garanhão italiano no chinelo, ok? Bom para você, garota. —

Olhei para Daisy com as sobrancelhas levantadas, mas ela balançou a cabeça.

—Não, nenhum parabéns. Somos apenas amigos. — Daisy riu. —Vocês duas estão prontas para o jantar? —

Eu sabia que era seu dia de folga, mas Daisy era Daisy. Sua gentileza e generosidade se estendiam a todos que ela conhecia.

—Ai sim. Hoje à noite é sanduíches de salada e atum com batatas fritas. Nenhum forno será usado, nós prometemos. — Amy disse a ela com um rosto sério. - E Izzy me disse que temos bolo para a sobremesa. — A expressão de Amy mudou para empolgação com o doce deleite.

Olhei para Izzy, mas ela estava estudando o chão, torcendo as mãos na frente dela.

—Ótimo! Vou refrigerar esta cidra para você. — Daisy abriu a geladeira, enfiando a cabeça para abrir espaço para o jarro.

Ela endireitou as costas e, quando se virou, segurou um bolo redondo em uma caixa de plástico transparente.

—Izzy? Por que esse bolo diz —Feliz Aniversário Ralph—? A voz de Daisy estava calma, mas ela franziu a testa, esperando a explicação de Izzy.

—Eu não tenho ideia, ok? — Izzy disse com um encolher de ombros.

Daisy colocou o bolo no balcão, fechando a porta da geladeira com o pé. —Hmmm. Onde você comprou isso? —

Izzy voltava a estudar o chão, as bochechas coradas.

As sobrancelhas de Amy se juntaram. —Ela não comprou. Nós fazemos nossas compras semanais com você na

segunda-feira. Izzy trouxe o bolo para casa do trabalho na sexta-feira. Certo, Izz?

Izzy assentiu, mas não olhou para nenhum de nós.

Daisy cruzou os braços sobre o peito. —Alguém lhe deu o bolo? —

Izzy sacudiu a cabeça.

Daisy suspirou e Amy olhou para trás e para frente entre eles, o rosto contorcido em confusão.

—Então você roubou? — Amy perguntou a sua colega de quarto.

—Não! — Izzy olhou para Amy, seu rosto agora vermelho. —Eu encontrei na geladeira no meu trabalho. Ninguém estava comendo, então eu trouxe para casa. Você sabe, então não seria desperdiçado, ok? —

Daisy colocou um braço no ombro de Izzy. —Izzy, não há uma fatia faltando. Eu não acho que tenha sido esquecido. Aposto que quem o trouxe para o trabalho estava planejando celebrar com Ralph mais tarde naquele dia. —

Uma lágrima rolou pelo rosto de Izzy. —Ah não. OK. Eu cometi um erro. Eu peguei o bolo de aniversário de alguém. —

Daisy esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços de Izzy. —Tudo bem, você cometeu um erro. O que você pode fazer para consertar isso? —

Eu adorava que ela capacitasse Izzy a encontrar uma solução para o problema dela. A maturidade de Daisy

continuou a me impressionar.

—Eu posso devolver o bolo na segunda-feira, ok? — Izzy fungou, e Amy lhe entregou um lenço de papel.

—Certo. Vocês não deveriam comê-lo. Mas e se você começar a trabalhar e descobrir a quem o bolo pertence, mas você está atrasado? A festa acabou. O que você pode fazer então? —Daisy perguntou em uma voz suave.

A boca de Izzy se torceu enquanto pensava. —Ofereça-se para pagá-lo de volta? —

Daisy assentiu. —Eu acho que é a coisa certa a fazer, não é? —

—Sim—, respondeu Izzy. —Mas então eu posso não ter dinheiro suficiente para jogar boliche na próxima semana, ok? — Ela franziu a testa.

Daisy franziu os lábios e depois soltou um suspiro. —Isso não é divertido. Mas quando você comete um erro e pega algo que não lhe pertence, há consequências —.

A mandíbula de Izzy se apertou, e ela saiu da cozinha e desceu o corredor.

—Você quer que eu fique? — Daisy perguntou a Amy.

—Não, eu vou ficar bem. Ela está com raiva de si mesma, não de mim. — O sorriso de Amy estava triste, e ela acenou antes de andar atrás de sua colega de quarto.

Fui até Daisy, desembrulhando os braços da posição dobrada e peguei as mãos dela na minha. —Você lidou bem

com isso. Essa coisa é difícil. —

Ela franziu a testa, olhando para fora da cozinha e pelo corredor. —Este é um problema contínuo para a Izzy. Se ela não parar, ela será demitida novamente. Ela pode ter que sair também. Os pais de Amy não vão querer Izzy aqui com a filha se isso aumentar. Eu não sei como ajudá-la. —

—Continue falando. Ela entenderá. Você tem um jeito de fazer as pessoas se abrirem para você. —Eu cutuquei meu ombro contra o dela, e ela riu suavemente.

Ela trancou a porta do apartamento com a chave sobressalente, e fomos para o meu caminhão de mãos dadas.

Quando saí para a estrada, olhei para ela. Sua cabeça estava de costas contra o encosto de cabeça e ela estava olhando para trás.

—O que há, Luz do sol? —

—Eu estava apenas pensando sobre o que você disse. Que eu tenho um jeito de fazer as pessoas se abrirem para mim. — Ela mordeu o lábio, sinal certo de que estava ansiosa.

Eu olhei de volta para a estrada. —Sim. Isso é o que eu acho. —

—Abra para mim sobre Collette. Ela me avisou sobre você quando você saiu, me dizendo para guardar meu coração. Por que ela diria isso? — Daisy se mexeu na cadeira para me encarar.

Dizer tudo isso para ela parecia mais fácil desde que eu

estava dirigindo. Eu poderia me concentrar no caminhão, no trânsito, e não no impacto que minhas palavras teriam sobre ela.

—Bem, você mencionou antes que eu tenho experiência com garotas. Isso é verdade no que diz respeito a conexões, mas eu não namoro. —Eu mantive meus olhos voltados para a frente, focado na luz da rua passando de verde para amarelo. Eu freei, parando.

—Sempre? Você já esteve em um relacionamento? —Daisy perguntou em um tom neutro.

Eu me virei para ela. —Nunca. Como eu disse, muitas ligações, mas é isso. —

Ela inclinou a cabeça para o lado, me estudando. —Por quê? —

O carro ao lado do lado de Daisy avançou, então pressionei o gás e evitei o contato visual mais uma vez.

—Minha infância foi muito fodida. Meu pai foi embora. Não queria nada comigo, nunca. Mamãe é uma namoradeira em série. Muitos deles eram idiotas. Eu não quero nada disso. As pessoas se machucam quando estão em relacionamentos. Por que não apenas ter a diversão e não o compromisso? Eu ri, mas era um som duro e sem emoção.

A mão de Daisy cobriu a minha no volante. —Sinto muito pela maneira como você cresceu. Mas você nunca quer um relacionamento com uma mulher? Nunca? —Sua voz se levantou levemente. Eu sempre imaginei que eu era diferente

de meus amigos dessa maneira. Tudo o que eu sabia era que eu queria uma vida tão oposta à da minha mãe quanto possível.

—Não. — Dei de ombros e dei uma rápida olhada para ela. Seus olhos eram suaves e um pouco tristes, se não estivesse enganado. —Por que arriscar a sofrer? Mulheres e homens podem se divertir fisicamente, mas se concentrar em suas carreiras, amigos e hobbies. Esse é o meu plano. —

Daisy assentiu. —Cérebro de orgasmo. — Sua mão cobriu a boca enquanto corava.

Eu me virei para a garagem dela, colocando o caminhão no estacionamento. —Com licença? —

Ela franziu o nariz, rindo. Ela era tão fofa.

—Eu nunca soube por que os caras estavam tão focados em sexo versus amor até que você me desse meu primeiro orgasmo. Agora eu tenho cérebro de orgasmo. Uma vez que você comece a pensar nisso... Todos os outros sistemas são desligados. — Ela abriu a porta do caminhão, virando-se para mim. —Mas eu aposto que você vai mudar de ideia um dia. Você vai conhecer a garota certa e perceber que você não é sua mãe e que você fez a vida que você queria. Porque você é incrível, Jon, e eu acredito que seu futuro será cheio de amor. — Ela piscou e pulou para fora, fechando a porta atrás dela.

Todos os dias, Daisy parecia mais confiante, mais brincalhona, mais segura de si.

E quando ela cresceu em si mesma, o mais chocante de tudo, eu também tive que me perguntar se o tempo que

passamos juntos foi uma das razões de sua transformação. Ela certamente estava me mudando. Para o melhor.

Inferno, nós estávamos mudando um ao outro para melhor. E não importa o que aconteceria em seguida, isso era algo que eu nunca esqueceria.

Capítulo Quatorze

Jon

NOVE ANOS DE IDADE.

Andando na ponta dos pés pela sala de estar, liguei a televisão, baixando o volume. Grandes balões dançavam no alto de uma grande cidade. Milhares de pessoas estavam nas calçadas, com grandes sorrisos em seus rostos enquanto observavam carros alegóricos passando pela rua movimentada, cheios de pessoas famosas cantando, dançando e acenando para a multidão.

Meu estômago roncou alto. Entrei na cozinha na ponta dos pés, abrindo o armário. Peguei uma tigela e fechei a porta silenciosamente. Abri a gaveta do utensílio e peguei uma colher. A pequena porta da despensa sempre rangia, mas abri-a centímetro por centímetro, deslizando minha mão para pegar a única caixa de cereal. Coloquei na tigela e recoloquei a caixa, tomando cuidado para não deixar uma migalha no chão. Na geladeira, encontrei cerveja, vinho embalado, refrigerante, manteiga, alface murcha. Foi isso. Sem leite.

Agarrando um refrigerante e minha tigela, fiz meu caminho silenciosamente de volta para a televisão. Quando me sentei, olhei para o relógio do videocassete. Às dez e meia da manhã, esperei o máximo que pude no meu quarto antes que a fome e o tédio chegassem até mim. Mamãe e Pete lutaram até tarde da noite ontem. Ela gritou algumas vezes, mas eu sabia melhor do

que sair e intervir. Pete me bateu muitas vezes antes, e se eu estivesse errado? E se eles estivessem rolando na cama como na outra vez que eu interrompi mamãe e um de seus namorados?

Não, Pete me machucaria se eu entrasse nisso. Eu fiquei no meu quarto, com os olhos cerrados até que as coisas se acalmassem e eu finalmente adormecesse. Acordei no meu horário normal, às oito horas, para me preparar para a escola antes que me lembrasse que hoje era o Dia de Ação de Graças.

Eu odiava perder a escola. Deixar meu apartamento era o destaque do meu dia. Não só vi meus amigos, Landon, Dean e Ricky, mas também joguei bola e comi comida.

Eu estava no programa de almoço especial na escola que me garantiu um café da manhã e almoço quentes. Com a minha mãe muitas vezes faltando o jantar, aprendi a cozinhar para mim. Claro, foi quando ela se lembrava de ir ao supermercado.

O cereal de aveia foi obsoleto, mas fez o truque. Eu me concentrei no desfile, imaginando que estava lá com meu pai. Como nunca conheci meu pai, não consegui imaginá-lo em meus sonhos. Seu rosto estava embaçado, mas sua presença era quente. Eu me perguntava pela milésima vez se ele teria me amado?

—Desligue essa merda, garoto. — Pete bateu com o pé em minhas costas, fazendo-me cambalear para a frente e derramar cereal no chão. —E limpe sua bagunça. —

Ajoelhei-me, pegando o cereal e desligando a televisão. Pete sentou-se na poltrona desbotada, a cabeça apoiada para trás, os olhos fechados.

Mamãe estava na cozinha, pegando café moído de uma lata na máquina de café lascada no balcão. Sua bochecha estava vermelha e inchada, e sua mão tremia enquanto enchia a panela com água.

—Feliz Dia de Ação de Graças, mãe. — Eu tentei soar o mais feliz possível. Seus olhos estavam cheios de rímel preto, e os círculos embaixo eram roxos escuros. Seus lábios apertados se transformaram em uma carranca.

Como eles costumavam fazer.

—Shhh—, ela repreendeu. —Pete está com dor de cabeça. —

- Traga-me uma cerveja, Peg - gritou Pete.

—Claro, querido. — Mamãe rapidamente colocou a cafeteira no chão, pegando uma lata da geladeira e empurrando-a para ele.

Ela caminhou de volta para a cozinha muito mais devagar, de cabeça baixa.

Levantando-me de joelhos, juntei meus pratos e a segui.

—Mãe, o que estamos fazendo para o jantar de Ação de Graças hoje à noite? — Sussurrei, inclinando-me para o lado dela, esperando que, para Deus, nossos planos não incluíssem Pete. Houve anos em que visitamos meus avós ou outros parentes, mas quando mamãe tinha um namorado fixo, nunca mais víamos outra família.

A boca da mamãe está em uma linha dura. —Pete odeia

peru. Ele quer ver uma banda que ele gosta hoje à noite. Ligue para Landon e pergunte se você pode ter uma festa do pijama. Caso contrário, você ficará aqui sozinho por um tempo.
—

Meu estômago caiu. Eu odiava quando ela me pedia para implorar aos meus amigos para me aceitar, mas eu particularmente odiava isso nos feriados. Eu me senti como um idiota. Um perdedor.

Meu estômago roncou, e eu pensei em todos os comerciais na televisão com as famílias sentadas ao redor de uma mesa de jantar, esculpindo um peru dourado e passando pratos de comida.

Fui para o meu quarto, determinado que um dia eu teria comida suficiente para comer e estaria perto de pessoas que gostavam de mim e me queriam por perto.

Mesmo que minha família nunca tenha feito isso.

~~~

Nenhuma chamada perdida ou textos. Eu verifiquei uma última vez para ter certeza.

Nada.

Hoje o dia seria gasto com todos os Goldsmiths, jogando futebol, comendo uma grande refeição e comemorando tudo o que o Dia de Ação de Graças significava. Seria meu primeiro
~~~

sem sequer ver minha mãe, no entanto. Parte de mim ainda não conseguia entender como era fácil para ela me cortar de sua vida. Mas fui eu quem a deixou. E mamãe era teimosa, assim como seu filho. O impasse continuaria no futuro imprevisível, porque eu com certeza não iria me desculpar.

De jeito nenhum.

Pelo menos eu poderia estar aqui hoje. Com meus amigos e minha... Daisy.

Os últimos dois meses e meio voaram. Havia muitos beijos secretos, mas eu não tocava em seu corpo desde a noite de sua festa de aniversário de dezoito anos. Foi muito. Eu quase gozei nas minhas calças. Seu corpo contorcendo-se do prazer que eu lhe trouxe foi a coisa mais deslumbrante que já vi. E revivi essa cena em meus sonhos quase todas as noites.

Eu não permiti que ela me tocasse também. Se o fizesse, temia que fosse longe demais. Seja muito selvagem ou áspero. Eu não queria assustá-la. Não meu raio de sol.

Mas na semana passada eu fiz algo que me assustou. Eu me candidatei à Faculdade de Direito da Universidade de Nova York.

Eu ainda não consigo acreditar que fiz isso.

Meu pedido para a Universidade de Boston, Faculdade de Direito, foi enviado semanas atrás, logo após eu ter meus exames marcados. Mas nos últimos meses, passei a depender de Daisy. Ela era minha amiga. Eu adorava passar tempo com ela. O pensamento de que poderíamos estar juntos em Nova

York, mesmo como amigos, era muito atraente para deixar passar. Agora eu só tinha que ser aceito.

~~~

Assim como quando Dean chegou em casa para o aniversário de Daisy, ele e Grace estavam tomando seu antigo quarto, e eu estava dormindo no sofá para o Dia de Ação de Graças. Eu ficaria feliz dormindo na garagem se precisasse. Viver com a família Goldsmith era uma dádiva de Deus. Eles não aceitariam dinheiro algum, embora eu pudesse pagar algumas compras algumas vezes quando estava comprando com Daisy. Eu ajudei com as tarefas e tentei fazer a minha presença o mais discreta possível. Toda vez que eu estava perto do Sr. e da Sra. G ou Delilah, eles só me faziam sentir bem-vindo e confortável.

Daisy, por outro lado... Eu não diria que ela me fez sentir confortável. Apenas estar na mesma casa foi um desafio. Manter minhas mãos e pensamentos para mim mesmo era uma luta contínua. Mas foi uma que aceitei para estar perto dela. Para rir, compartilhar refeições e tudo o mais.

Abri a porta do pequeno banheiro que ficava ao lado do quarto de Dean e também era compartilhado pelo acesso ao corredor. O vapor subiu e demorou alguns segundos para que eu pudesse ver claramente.

Porra do inferno.
~~~

Olhando para mim com grandes olhos azuis, a água escorrendo pelos seus cabelos molhados, e nada além de uma minúscula e maldita toalha, estava Daisy.

—Jesus. Eu sinto Muito. A porta não estava trancada. — Disparei um pedido de desculpas enquanto tentava arrancar meus olhos gananciosos de seu corpo curvilíneo e úmido.

Daisy engoliu em seco e seus olhos se fixaram em mim. Ou mais precisamente, minha metade inferior.

Filho da puta do inferno.

Eu estava pronto para entrar no chuveiro. Dean e Grace estariam aqui em breve, e o resto da família estaria se reunindo na cozinha para o café da manhã. Eu entrei no banheiro em apenas minha cueca boxer. Resumos que estavam começando agora a tenda quando me concentrei na visão inacreditável na minha frente.

—Eu tranquei a porta que leva ao corredor. Pensei ter trancado esta, mas acho que não. Eu sou a única que sente muito. — Daisy falou ao meu pau, incapaz ou sem vontade de desviar o olhar e não parecia nem um pouco triste.

Limpei a garganta e ela pulou, olhando nos meus olhos, seu rosto corado e sua respiração acelerada.

—Bem, eu vou te dar a sua privacidade. — Eu dei um passo de volta para o meu quarto.

—Espere—, Daisy colocou a mão no meu antebraço, a outra mão segurando a toalha para ela.

Eu parei, e ela se aproximou de mim até que nossos peitos estavam quase se tocando. Seu cheiro, mesmo recém-lavado, de açúcar e mel, era inebriante.

—Eu queria ser a primeira a dizer Feliz Ação de Graças. Estou tão feliz por você estar aqui hoje. —A voz de Daisy estava sussurrando suavemente. —E eu só quero que dizer que seu corpo é tão lindo, Jon. Eu pensei que você deveria saber. —

Eu parei suas palavras com a minha boca, beijando-a com força, minhas mãos cobrindo seu rosto, minha língua encontrando a dela em impulsos fortes e desesperados. Um grunhido escapou, um que parecia carente e frustrado e cheio de carência. Quando ela registrou o som, ela pressionou seu corpo contra o meu, suas mãos no meu peito, traçando as bordas do músculo, e então nas minhas costas e finalmente no meu traseiro.

Enquanto eu me deleitava em seu toque, algo bateu em meus pés e eu congelei. Enquanto eu me acalmava, Daisy também. Seu corpo estava colado ao meu, mas sua toalha estava no chão.

Jesus Cristo, filho da puta do inferno..

Ela estava nua. Minha margarida. Meu raio de sol.

Seus olhos estavam encapuzados e ela lambeu os lábios, nem mesmo tentando se afastar. Meu pau ficou tão duro que doeu, e ela ajustou seus quadris, movendo-o entre as pernas com um gemido suave com a sensação.

—Daisy—, eu descansei minha testa na dela. —Não podemos fazer isso. Sua família inteira está aqui. Em casa. Seus pais, seu irmão está a caminho, a qualquer momento. — Ela fechou os olhos e assentiu, mas quando o fez, girou os quadris, muito ligeiramente.

—Mas você precisa saber, eu quero você tão fodidamente, eu sinto como se rasgasse por dentro. — Minha voz era áspera, e ela balançou a cabeça, os olhos ainda fechados enquanto ela se movia contra mim.

—Daisy—, eu falei. —Você tem que ir para o seu quarto. Por favor. —Minha coluna formigou, e meu coração disparou, meu corpo inteiro em chamas.

Ela parou, os olhos abertos, pesados de desejo, e ela deu dois passos para trás.

Ela deu dois passos para trás.

Não havia mais palavrões para dizer. Eu fiquei sem palavras. Ela acreditou em mim. Daisy, minha garota que havia sido escolhida e ridicularizada por seu corpo, acreditava que eu a achava sexy. Que eu a queria. E então ela mostrou tudo de si para mim, descaradamente.

Um gemido baixo e torturado escapou dos meus lábios enquanto eu olhava a minha frente. Ela estava ofegante, seus lábios entreabertos e seus seios... meu Deus, seus seios. Eles eram enormes e redondos com mamilos rosados que eu queria chupar e morder. Sua cintura era pequena, o que eu sabia, e levava ao que só poderia ser descrito como nirvana. Uma pequena quantidade de cabelo loiro claro a cobriu e enquanto

eu a tocava antes, vê-la ali quase me pôs de joelhos.

—Eu já disse isso antes. Perfeição. Você é linda pra caralho, Daisy - eu disse a ela, e seus olhos brilharam.

Ela se virou e se inclinou para pegar sua toalha, e eu apertei meus olhos fechados. Essa bunda era tudo. Eu queria segurá-lo em minhas mãos, espancá-lo levemente e mordiscar cada bochecha doce. Ela segurou sua toalha e caminhou até mim, pressionando a mão em um lado do meu rosto. —Quando estiver pronto, Jon Roberts, estarei te esperando. Enquanto isso, vou cuidar de mim mesma. — Ela sorriu, uma deusa do sexo, um sorriso inteligente e fechou a porta atrás de si.

O que foi que ela disse?

Me foda com força. Eu liguei o chuveiro e tirei minha cueca. Eu segurei meu pau latejante na minha mão e pensei sobre o que Daisy estava fazendo com seu corpo, a dois quartos no corredor.

E então eu me afastei do chuveiro, como o louco lunático que eu me tornei em torno daquela garota.

~~~

—Ma, eu vou fazer outra sobremesa. As tortas estão preparadas, mas acho que vou fazer um tarte de mousse de abóbora também. Tudo bem? Eu preciso praticar minhas tartes antes do próximo ano. O Centro Culinário Internacional tem um
~~~

programa de cozimento fenomenal. — Daisy se debruçou sobre o balcão, os cotovelos na superfície laminada e as mãos cruzadas. Sua mãe estava empoleirada em um banquinho do outro lado, cartões de receitas e livros de culinária na frente dela.

Sentei-me à mesa da cozinha, tomando café e esperando Dean chegar quando Daisy entrou na sala, cabelos longos soltos, vestindo jeans apertados na bunda, botas marrons até o joelho e um moletom com capuz marrom curto no topo. Ela parecia fantástica, mas ela também não tinha feito contato visual comigo, e isso me irritou muito mais do que deveria.

—Daisy—, sua mãe olhou para cima com uma carranca. — Nós já dissemos não ao The Culinary Center em Nova York. Fica muito longe. Perigoso demais. —

—Mãe, isso é o que eu quero. Eu quero liberdade. Eu quero me mudar para algum lugar novo e experimentar tudo o que há para aprender e fazer. Você e papai precisam confiar em mim. —

—Nós confiamos, querida. Mas Nova York? É tão caro. —

—Esqueça. Apenas esqueça. — Daisy pegou as chaves do carro na parede, colocando um gorro cinza na cabeça. —Eu preciso de folhas de gelatina para o recheio de mousse. Eu estou indo para a loja gourmet. —Ela virou, correndo pela porta da cozinha, deixando a tela bater atrás dela.

Dorothy olhou para mim, as sobrancelhas levantadas em questão silenciosa. Eu balancei a cabeça, pegando meu gorro e casaco de inverno, e segui Daisy.

Eu bati na porta do lado do motorista, pegando as chaves da mão dela e envolvendo meu braço em volta dos ombros. Eu a guiei para o lado do passageiro e abri a porta. Ela subiu, franziu o nariz em uma carranca adorável e permitiu que eu fechasse a porta.

Nós dirigimos em silêncio para a loja. Coloquei o carro no estacionamento e desliguei o motor enquanto ela olhava pela janela.

—Você está bem? — Eu perguntei a ela, colocando minha mão em seu joelho.

Ela se virou para mim, os olhos brilhando. —Estou tão frustrada. Eu tenho trabalhado com Amy e Izzy por mais de dois meses agora. Ajudei em casa, mantive meu emprego, preparei-me para a escola de culinária e eles agem como se eu ainda estivesse no ensino médio. Como se nada tivesse mudado. Como se *eu* não tivesse mudado. —

Eu balancei a cabeça, os cantos dos meus lábios viraram para baixo em um sorriso triste. —Entendi. —Coloquei meu polegar sob o queixo e inclinei a cabeça para perto da minha. — Mas eu vi como você começou a crescer e mudar porque você me mostrou. Esta manhã, quando você me mostrou seu corpo sexy, eu sabia que você confiava em mim. Você tem que se abrir e mostrar a sua família quem você é. Você não pode se esconder atrás de seus livros de culinária e esperar que eles entendam você quando você não está dando a eles a chance. —

Ela estava quieta, olhando nos meus olhos com um olhar contemplativo. —Vamos—, ela anunciou, abrindo a porta e pulando para fora. Eu a encontrei na frente do carro e coloquei

a mão dela na minha.

Nós caminhamos para a porta da loja gourmet local de alto nível, o vento gelado nos rodeava. Assim que chegamos à entrada, vi alguma coisa e puxei Daisy de volta. Ficamos de lado e eu congelei, incapaz de me mexer, enquanto minha mãe saía da loja. Ela estava pendurada no braço de um homem mais velho e bem vestido, rindo de algo que ele estava dizendo. Ele carregava duas sacolas de compras na outra mão e eu imaginava que elas estavam cheias de comida para o jantar de fim de ano. Mamãe não virou a cabeça para o lado. Ela não se focou em nenhum lugar além dos olhos do novo cara. Parecia que nada estava faltando em seu mundo.

Ela parecia feliz.

Daisy apertou minha mão na dela. —Jon? Você está bem? —

Eu assenti. —Claro. Vamos pegar seu gel de mauricinho. —

Ela me deu um pequeno sorriso e abriu o caminho.

~~~

Dez minutos depois, estávamos de volta à estrada.

—Você é um hipócrita, sabe disso? — Daisy perguntou, me estudando de seu assento.

Eu recuei minha cabeça para trás, uma mão solta na parte
~~~

de baixo do volante, a outra mexendo no botão do rádio. —Do que você está falando? —

Ela se aproximou de mim para desligar o rádio. - Você fala mal de como eu não posso esperar que meus pais conheçam o verdadeiro eu a menos que eu mostre a eles e o que você acabou de fazer? Você se escondeu, ao invés de deixar sua mãe ver você. Você a viu feliz, então escondeu o que está sentindo e o que quer. Diga-me, como isso não é hipócrita? —

Eu a ignorei, voltando-me para o lago em vez de sua casa. Eu precisava reunir meus pensamentos. Eu percebi que Daisy reconheceu Peg. Mamãe compareceu a jogos de futebol da escola na sexta à noite com o sabor do mês para se tornar social com a família de Dean.

Chegamos ao lago e, movendo o carro para o estacionamento, desliguei o motor e fiquei de frente para ela. —Vamos dar um passeio rápido? —

Ela assentiu com a cabeça e saímos, caminhando ao longo da estrada, cercada por longas gramas douradas e secas até a beira da água.

Eu enfiei minhas mãos no bolso da minha jaqueta. A temperatura despencara durante a noite e o ar estava gelado. —Eu não sou hipócrita. Estamos falando de duas coisas totalmente diferentes —.

—Como é isso? — Sua cabeça inclinou para o lado. A ponta do nariz era rosa do frio, e ela parecia irritantemente fofa.

—Você tem dois pais carinhosos e amorosos que só

querem o melhor para você. Sim, eles são super protetores, mas significa que te amam. Uma vez que você mostre a eles que você pode lidar com o mundo real, eles vão recuar. —Eu esfreguei as costas do meu gorro e soltei um suspiro. —Minha mãe? Ela não se importa comigo. Ela certamente não me ama. —

—Jon—, Daisy se aproximou, colocando as mãos no meu peito. —Eu sei que sua infância foi dura, mas o que faria você pensar isso? Tenho certeza que ela ama você. —

—A partir do momento que eu tinha cinco anos—, eu disse com os dentes cerrados. —Mamãe fodeu caras, em voz alta, enquanto eu estava acordado no quarto ao lado. Eu ficaria com medo, e ela me mandaria embora, focando em sua foda e não em seu filho. Ela nunca, nem uma vez, me escolheu sobre um homem em sua vida. Então, não posso dar a ela o poder de saber que é importante para mim que seja feriado e estamos separados. Não quando ela não sente o mesmo, de qualquer maneira. —

Daisy assentiu, suas mãos enrolando no meu pescoço. —Mas até que você possa ser honesto com ela e com você mesmo, nunca vai escapar como cresceu. Você não poderá confiar em outra pessoa para não fazer o mesmo com você. —

Eu fechei meus olhos. Ela estava certa.

E enquanto eu insinuava como minha infância era para Dean, Landon e Ricky, ela era a única que eu queria me abrir.

Em vez de dizer isso, eu a levantei, as mãos entrelaçadas e beijei-a. Ela estava mais alta que eu, e eu deixei cair a cabeça

para trás, deixando-a assumir a liderança. Ela gemeu em minha boca enquanto nossos lábios puxavam e sugavam enquanto o beijo se tornava mais profundo e duro. Nossas línguas se contorciam, saboreando e explorando até que eu senti que sua boca era minha, e a minha só tinha sido sua.

Quando nos afastamos, seus lábios estavam inchados e vermelhos, e os meus também se sentiam assim. Eu coloquei os pés de volta no chão, e ela riu, as pontas dos dedos traçando meus lábios. —Sinto muito—, sua voz era crua e soava tão sensual quanto qualquer coisa que eu já tinha ouvido. —Eu acho que tenho um pouco de chupar seus lábios. —

—Nunca se desculpe pelo desejo, Luz do sol. Além disso, parece que os seus também foram atacados. — Sorri, pegando a mão dela enquanto caminhávamos de volta para o carro.

Nós nos afivelamos, e eu liguei o carro, explodindo o calor enquanto eu virava a estrada em direção a casa dela. —Antes de chegarmos em casa e estarmos cercados pela sua família, me diga como foi sua manhã de pós-banho. — Eu balancei minhas sobrancelhas para ela, e ela suspirou.

—Oh Jon, eu não tenho certeza se você pode lidar com o resto da minha manhã. — Ela ergueu as sobrancelhas em resposta, e eu amaldiçoei quando entramos em sua garagem.

O novo Land Rover de Dean estava estacionado do lado de fora, então eu sabia que toda a diversão e jogos com minha Luz do sol pararam assim que voltamos para casa.

—Eu posso lidar com qualquer coisa que você tem—, eu zombei, aproveitando estes últimos momentos sozinho com

ela.

Ela me estudou, puxando o lábio inferior para a boca. — Esta manhã não foi a primeira vez, você sabe. —

Meus olhos se estreitaram e minhas mãos apertaram o volante antecipadamente. —A primeira vez do quê? —

—Nós tivemos muitos beijos desde a minha festa de aniversário, mas não muito mais. — Ela respirou fundo, um rubor rosa subindo pelo pescoço até o rosto. —E naquela noite você me mostrou o que meu corpo poderia fazer, mas nunca mais me tocou dessa maneira. Eu tenho que cuidar de mim mesma. Eu fico muito preocupada com você. Você sabe... cérebro de orgasmo.

Eu rosnei como um cachorro maldito. —Diga-me exatamente o que você fez esta manhã. — Meu corpo foi amarrado tão apertado que eu pensei que poderia quebrar.

—Eu fui para a cama e pensei em você. Seus dedos, sua boca, seu... —Ela gesticulou para o meu pau. —E eu me toquei. — Seu rubor escureceu quando ela desviou o olhar.

—Da próxima vez, eu vou assistir. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

A boca de Daisy se abriu. —Você vai ter que me pegar primeiro! — Ela abriu a porta e pulou para fora, correndo para a porta da cozinha.

Eu soltei uma risada quando desliguei o carro e a segui. Eu a alcancei quando ela abriu a porta e nós tropeçamos juntos na cozinha. Ela começou a cair, mas eu a peguei, firmando-a

enquanto nós dois rimos.

A cozinha ficou em silêncio enquanto todos os olhos se fixavam em nossa entrada. Alguns conjuntos de olhos pareciam divertidos, alguns confusos, mas um deles parecia enfurecido.

Bem vindo a casa, Dean.

Capítulo Quinze

Margarida

—NADA ESTÁ ACONTECENDO, Dean. — Revirei os olhos e suspirei. —Nós somos apenas amigos. —

Meu irmão se elevou sobre mim, sua carranca feroz.

—Baby, por favor. — Grace envolveu as mãos ao redor de Dean. —Foi apenas um jogo de futebol. —

O Goldsmith Family Turkey Bowl terminou com o meu touchdown vencedor. Como membro da equipe de Dean e Grace, eu pensaria que meu irmão teria ficado exultante. A equipe vencedora do Turkey Bowl tinha direitos de se gabar por mais trezentos e sessenta e quatro dias.

Mas meu irmão estava focado no ataque ilegal que ocorreu logo antes do meu touchdown. Jon se abriu para a ira de Dean, envolvendo seus braços em volta de mim e me levando ao chão, sussurrando sobre sua próxima vingança por minhas provocações e insultos no carro a caminho de casa da loja.

O movimento foi arriscado, mas eu gostava de senti-lo em cima de mim, então eu não estava reclamando.

—Daisy, me ouça sobre isso. — Dean passou a mão pelo seu cabelo bagunçado, puxando as pontas. —Jon não é bom para você. Não só ele é velho demais, mas ele não tem relacionamentos com garotas. Você é uma garota que merece

mais do que uma foda, e isso é tudo que ele seria capaz de lhe dar. —

—Dean! — Grace lhe deu uma cotovelada no estômago. — Isso foi duro. Ele é um dos seus melhores amigos. —

—Sim, ele é. Eu o conheço toda a minha vida. E então eu posso dizer que ele não é bom o suficiente para a minha irmã. — Dean olhou para cima e se encolheu.

Eu segui seu olhar para ver que Jon entrou na sala da família. —O chuveiro está livre. — Sua voz era dura quando ele caminhou até a esquina e enfiou suas roupas sujas em uma bolsa.

—Sinto muito que você ouviu isso, cara, mas é assim que me sinto. Você e Daisy precisam ficar longe um do outro. Sua *amizade* está me incomodando. —

A mandíbula de Jon estava cerrada e ele cruzou os braços sobre o peito, encarando seu melhor amigo.

Dean passou a mão pelo cabelo. —Há quanto tempo nos conhecemos? —, Perguntou a Jon.

—Indo para dezessete anos. — Jon respondeu, sua voz grossa.

—E quantas namoradas você teve nesse tempo? — Dean perguntou.

Os olhos de Jon se estreitaram, mas ele evitou olhar para mim. —Nenhuma. —

Dean inclinou a cabeça para o lado. —Quantas garotas

você bateu? —

Jon soprou o ar pelo nariz, o pescoço ficando vermelho. — Não é da sua conta. —

Dean continuou. —Eu não estou tentando ser rude. Normalmente, um cara que eu amo namorar uma irmã que eu adoro seria ótimo. Mas não quando ele não tem intenção de ser namorado e não quando ela é inocente e ele é o mais distante disso. —

—Nós. Somos. Somente. Amigos. — Jon mordeu, sua raiva vibrando contra as paredes.

Quando ficou claro que nossa pequena conversa acabou, Dean subiu as escadas.

Grace me lançou um sorriso simpático e depois seguiu atrás dele.

—Hey—, eu sussurrei, puxando a mão dele. —Ignore-o. Ele está no modo irmão superprotetor. Além disso, não é como se estivéssemos tentando ter um relacionamento. Nós *somos* amigos... que são apenas sensíveis às vezes. —Eu pisquei, e ele deu um meio sorriso.

—Flor, eu estou ligando a televisão. É hora do futebol - a voz de papai ressoou enquanto ele caminhava pela cozinha e entrava na sala da família.

Eu soltei a mão de Jon e me afastei dele. —Ok pai. Tenho certeza que Jon adoraria se juntar a você. Vou trabalhar nas sobremesas. —Papai sentou em sua grande poltrona reclinável e eu me inclinei para beijar sua bochecha.

—Veja, Flor? — Ele estendeu a mão e passou o dedo pela minha bochecha. —É por isso que você não pode me deixar no ano que vem para aquele lugar sujo e perigoso de Nova York. Você sempre foi minha doce menina, beijando seu pai e cuidando dele. O que eu faria sem você? —

Eu me levantei e forcei um sorriso, ainda que um tremendo no meu rosto. —Eu sei pai. Eu sei. —

Não consegui olhar para o Jon. Sua decepção emanou pela sala. Aqui estava a chance de enfrentar meu pai e mostrar a ele porque se mudar para a escola significava muito para mim. Mas em vez disso, eu me agarrei. Evitei as coisas difíceis e me escondi atrás da comida.

Novamente.

E até que isso parasse, eu ficaria exatamente onde eu estava. Tanto em Indiana quanto na vida.

~~~

Dean, Grace e Finn partiram cedo na manhã seguinte para Chicago. Dean tinha um grande jogo no domingo e precisava estar de volta à cidade para praticar. Enquanto eu sempre sentia falta dele quando ele estava fora, dessa vez, com Jon morando aqui, eu me senti aliviada.

As suspeitas de Dean colocaram Jon e eu no limite, e eu odiava sentir qualquer coisa além de relaxada e contente ao
~~~

redor de Jon.

—Bom dia—, eu cumprimentei Jon quando ele entrou na cozinha. Eu estava em meus cotovelos com detergente e sabão, limpando copos de vinho da noite anterior e latas de muffins daquela manhã.

—Bom dia para você também. Onde está todo mundo? — Jon tirou uma caneca da prateleira e serviu-se de café.

—É black friday, e nós somos os Goldsmiths—, eu disse, desligando a pia e secando minhas mãos com uma toalha.

As sobrancelhas de Jon se juntaram em questão enquanto ele bebia.

Eu empurrei um prato de bolinhos de maçã quentes em seu caminho. Para os Goldsmith a black friday é o Natal. É um negócio sério. Devin e Damian são os detentores de bolsas e corredores de carros este ano. Na loja estão Delilah e mamãe, Dianna acompanha os gráficos do que foi comprado, do que é necessário e quanto foi gasto. —

Jon pegou um muffin e abriu, o vapor flutuando do centro. Ele se inclinou para frente para inalar a fragrância. — Cheira muito bem. Mas você esqueceu de mencionar seu pai.

Eu sorri, balançando a cabeça. —Oh, ele está lá também. Ele alega que é o alimentador e insiste em intervalos para lanches e refeições a cada duas horas. —

Jon riu e depois deu uma mordida no bolinho. — Delicioso—, ele murmurou antes de empurrar a segunda metade em sua boca. —Então, como você escapou da Black

Friday? —

—Temos planos—, eu disse.

A boca de Jon se torceu. —Nós temos? —

—Eu estou levando você ao boliche. — Ele levantou as sobrancelhas. —Com Amy e Izzy! —

Ele sorriu e acenou com a cabeça. —Ok então. —

—Ok. — Eu sorri, jogando a toalha sobre o meu ombro.

—Izzy diz 'ok' depois de quase todas as frases. Por que isso? —Jon perguntou.

Dei de ombros. —É o capricho dela. Algumas pessoas com deficiências de desenvolvimento baterão as mãos excitadas, dizendo coisas como —sim, sim— ou —tudo bem—. É apenas um hábito que lhes traz algum conforto —.

- Mais ou menos como você cozinhando comida caseira? Essa é a sua peculiaridade, certo? —Jon piscou, espalhando manteiga em outro muffin.

—Exatamente. E eu ia dizer que o seu capricho poderia ser o seu amor extremo pela minha comida, mas eu vou com você me dando o orgasmo em vez disso. Joguei a toalha da cozinha na cabeça de Jon enquanto ele tossia em torno do bocado do café da manhã.

Ele bateu no peito, resolvendo o ataque de tosse. —Eu gosto do assunto. Continue. Ele me puxou para o seu colo, dando um beijo alto em meus lábios enquanto eu ria. —Apenas deixe o poder passar por mais seis desses bad boys e estarei

pronto para ir. —

O homem poderia comer, então daria isso a ele.

~~~

Damian: Fazendo o *check-in. Comendo pretzels na praça de alimentação. Papai está tentando convencer a mãe a comprar uma fritadeira de peru. Shenanigans típicos. Você e Jon estão sozinhos em casa. Tudo certo?*

Daisy: *Uh, que??*

Damian: *Não puxe isso comigo, Irish Twin*

Daisy : *Puxe o que?*

Damian : *Vamos lá. Eu vi vocês dois jogando futebol. Eu vi você conversar durante o jantar. Eu sei que você gosta dele. Agora eu acho que ele também gosta de você.*

Daisy: *Ele não gosta.. Nós somos amigos.*

Damian: *Amigos que ficam?*

Daisy: *Cale a boca. Não!*

Damian: *Você não vai ficar com ele?*

Daisy: *Estou desligando meu telefone agora. Você é meu irmão e isso é nojento.*

Damian: *Tsc, tsc, tsc...*
~~~

Desligar.

Droga. Agora Damian e Dean estavam assistindo. Será que todo mundo estava? Nós éramos tão óbvios? Eu não poderia compartilhar isso com Jon. Ele perderia a cabeça se pensasse que a família estava ligada em nós.

Talvez eu devesse dizer a Damian. Ele poderia entender. Ele pode estar feliz por mim.

Ou ele poderia dizer a mamãe ou papai e a melhor coisa que já aconteceu comigo poderia implodir bem na minha frente.

~~~

—Ganhamos! — Amy gritou, pulando no ar e batendo palmas.

—Yahoo—, Izzy gritou, pulando com a sua parceira.

Jon olhou para mim com olhos redondos. —Nós fomos espancados. —

—Eu te disse que elas eram boas—, eu disse, enquanto as meninas comemoravam. Nós apostamos com elas um jantar de sua escolha se elas ganhassem. Agora eu estava esperando que nenhuma das duas desejasse uma churrascaria chique.
~~~

—Elas não são boas, Daisy. — Jon jogou um braço em volta do meu ombro, olhando para Izzy enquanto ela deslizava seu traseiro para a crescente música country. —Elas são semiprofissionais. Jesus, isso foi embaraçoso —.

—Fale por si mesmo. — Eu bati no estômago dele e ele grunhiu. —Eu fiz muito melhor do que da última vez. —

—Realmente? — Ele beliscou meu lado e eu ri, tentando e não conseguindo escapar. —Você deve ter realmente apanhado da última vez. — Ele sorriu para mim e eu virei, passando meus braços em volta de sua cintura.

Eu fiquei na ponta dos pés, minha boca perto da orelha dele. —Você quer que eu mostre como eu sou uma merda? — Eu não estava jogando limpo, eu estava bem ciente, mas a tentação era grande demais para resistir.

Sua testa caiu no meu ombro e ele gemeu quando ele enfiou as mãos nos meus quadris. —Margarida. —

Meu nome soava mais como um apelo torturado.

Daisy = um

Jon = zero

—Eles são tão fofos, ok? — Izzy gritou e eu me afastei de Jon.

Amy sorriu. —Jon, você não está sendo um idiota com

nossa Daisy, como Dean foi para Grace, não é? —

Eu parei. *Uh oh.* Eu estava tão confortável em torno de Amy e Izzy que esqueci de esconder como me sentia sobre Jon.

Os lábios de Jon se contorceram enquanto ele lutava para responder a Amy.

Eu me virei para as garotas. —Somos apenas amigos próximos. Nós não estamos namorando nem nada. E ele tem sido muito legal comigo, Amy. Não um idiota como Dean era. —

As sobrancelhas de Amy se juntaram e ela olhou para Izzy.

Os olhos de Izzy estavam arregalados. —Quando os porcos voarem—, ela murmurou. —OK? —

—Desculpe-me? — Eu perguntei, tentando desesperadamente segurar um sorriso.

—Eu disse: 'Quando os porcos voarem, o que significa que eu acredito tanto quanto os porcos voam, está bem? — Izzy explicou, colocando as mãos nos quadris redondos.

—Margarida—, Amy começou, parecendo estar tendo dificuldade de encontrar suas palavras. —Vocês dois parecem que são um casal apaixonado. Muito mesmo. É muito fofo. —

Jon se adiantou. —Agora, Amy, escute. Nós não precisamos que você diga essas coisas para Finn ou Grace. Se Dean ouvir sobre isso ele ficaria muito bravo. Ele acha que estou velho demais para ficar por perto de Daisy. Além disso, —ele declarou, mais alto e mais firme. —Nós não somos um casal apaixonado. — Uma risada dura escapou antes que ele pudesse

pará-lo. Uma que soou como a ideia dessa afirmação foi a definição de absurdo. —De jeito nenhum. Não está acontecendo. —

Enquanto isso era verdade, meu estômago doeu com suas palavras. O que foi tão absurdo sobre o pensamento de que poderíamos ser um casal apaixonado? Por que isso foi tão errado para todos?

Incluindo Jon.

Os olhos de Amy se estreitaram e ela estudou cada um dos nossos rostos. —Agora vocês dois sabem que eu conheço muitas coisas neste mundo. E eu sou muito inteligente. Eu presto atenção. —

Eu balancei a cabeça e olhei para Jon. Ele inclinou a cabeça e manteve os braços cruzados, com os pés bem abertos, pronto para a batalha.

—Então eu falo que é besteira. Totalmente besteira. —Ela apontou para mim e depois para Jon. —Se você não quer que Dean descubra, então você está escondendo alguma coisa. —

Izzy se moveu ao lado de sua amiga, unindo seus braços. —Eles podem estar escondendo isso de si mesmos também, ok? —

—Bom, colega de quarto. — Amy concordou enquanto as duas continuaram a olhar para nós.

—E se for esse o caso, não há nada que possamos fazer até que sejam honestos com seus próprios corações. Ok? —Izzy disse com um pequeno e triste sorriso.

Ela teve pena de nós. Esta mulher que apenas por ter nascido com um cromossomo extra, teve alguns idiotas pensando que ela não deveria viver sozinha ou trabalhar ou namorar, sentia pena de Jon e eu. Porque não importava suas lutas ou limitações percebidas, ela era, no fundo, honesta sobre quem ela era e o que ela queria.

—Agora estou morrendo de fome, ok? E você, Amy? - perguntou Izzy.

Amy sorriu de volta para ela. —Sempre. O que estamos pensando? Hambúrgueres e sundaes com calda de chocolate quente? —

Izzy pulou do chão. —Eu tenho a mais inteligente colega de quarto. E esses dois pombinhos em negação estão pagando. OK? —

As duas pegaram suas sacolas de boliche e se dirigiram para o carro, rindo e conversando uma com o outra.

Mal sabiam eles que sua explosão de honestidade detonou uma bomba na frente de Jon e eu.

Jon = zero

Daisy = zero

Amy e Izzy = um milhão e dois

~~~
~~~

A volta para casa depois do jantar foi silenciosa. Assim que Amy e Izzy saíram do carro e foram seguramente para casa, me virei para Jon.

—Fale comigo. Por que você está tão louco? Elas estavam apenas brincando. — Meu coração disparou e meu estômago deu um nó. Limpei as palmas das mãos suadas no jeans enquanto esperava a resposta dele.

Jon grunhiu. —Elas não estavam brincando. Essa é a questão. Ficamos muito confortáveis, Daisy. E elas estavam exatamente certas. Se não queremos que Dean descubra, estamos escondendo alguma coisa. O acordo termina agora. Tem que ser. —

—Mas por que? Estamos nos divertindo, certo? —Minha voz tremeu e eu pisquei de volta as lágrimas.

Jon parou na minha garagem e me entregou as chaves do meu carro da empresa. —Foi divertido, mas foi longe demais. Eu vou ser o responsável aqui e parar com isso antes que alguém se machuque. Eu preciso de um pouco de espaço, Daisy. —

E com isso Jon não encontrou meu olhar. Ele não conseguia nem me olhar nos olhos. Ele abriu a porta, saindo e fechando sem pensar duas vezes. Eu arrastei uma respiração instável.

Ele correu até a caminhonete e pulou para dentro, os olhos focados no espelho retrovisor. Minhas mãos apertaram o

volante, apertando como se eu pudesse arrancá-lo do carro. *Pare, Jon. Não faça isso. Olhe para mim.*

Seus pneus gritaram quando ele ligou o motor, descendo a estrada. Meu estômago caiu. Eu tentei engolir, mas minha garganta estava seca. Eu acho que ele estava indo para o bar mais próximo para encontrar uma conexão aleatória. Para alguém que não queria viver como sua mãe, ele seguiu um caminho muito parecido.

Em vez de entrar, caminhei até o lago, observando como o luar dançava ao longo da superfície reluzente. Eu pensei que tinha que ver a lua brilhar no outro lado do mundo para realmente mudar.

Seis meses de amizade com Jon me mudaram bastante. Um futuro sem sua companhia deixou uma sensação entorpecida correndo por mim.

Mas o que causou uma dor intensa, bem no centro do meu coração, foi quando percebi que ele não tinha me chamado Luz do sol.

~~~

Nós falamos apenas por necessidade durante o próximo mês.

Foi mais solitário do que quando perdi todos os meus amigos. Agora tudo que eu queria, como uma desesperada, era
~~~

fugir.

E assim, na véspera de Natal, quando lacrei e carimbei minhas últimas cartas de apresentação e as deixei no correio, me senti livre.

Eu poderia não ter tudo o que queria na vida, mas estava começando com meus sonhos.

Eu cruzei meus dedos e os enfiei nas mangas da jaqueta.

Escola de Culinária, aqui vou eu.

Capítulo Dezesseis

Jon

DEZESSETE ANOS DE IDADE.

—Jon? — Minha mãe chamou pela porta fechada. —Você está acordado? —

Forçando meus olhos abertos, eu balancei meus pés no chão. Porra. Os caras e eu batemos cervejas na noite passada em uma fogueira perto do lago. Minha cabeça parecia cheia de chumbo.

—Sim, mãe. — Minha voz falhou, e eu tossi. —Vamos lá. —

Mamãe abriu a porta com o roupão amarrado na cintura. —Feliz Natal! Quer abrir seus presentes?

—Ma—, eu resmunguei, esfregando minhas mãos pelo meu rosto. —Eu lhe disse que não precisava de nada este ano. Eu tenho um emprego. Eu posso cuidar de mim mesmo. —

—Pare—, ela acenou com a mão. —Não é nada demais. Mas é o último Natal em casa antes de você ir para a faculdade. Eu queria te dar uma coisa. —

Levantei-me, esticando os braços sobre a cabeça e pegando meu reflexo no espelho. Eu dormi em calças de moletom, mas sem camisa. Anos de fazer pouco mais do que malhar e jogar futebol

mudaram meu corpo. Eu parecia mais um homem e menos como um menino. Eu estava orgulhoso da minha força. Apertar meus músculos me fez sentir muito menos vulnerável do que quando eu era mais jovem. Eu poderia cuidar de mim de várias maneiras, não apenas financeiramente.

Entrar na sala de estar era meio deprimente. Mamãe chupou a decoração do feriado. Ela colocou alguns adesivos reutilizáveis em forma de árvores e meias na porta de vidro do apartamento. Uma árvore artificial, lamentavelmente pequena, magra, estava no canto, enfeites dourados e luzes multicoloridas enroladas ao acaso em volta. Ela salvou alguns dos ornamentos feitos à mão que eu lhe dei quando criança, e eles estavam espalhados na árvore também. As meias felpudas vermelhas da Dollar Store foram coladas à borda do console de televisão porque não tínhamos um manto. E foi isso.

A casa de Dean foi preenchida até a borda com alegria do feriado caseiro. Todos os anos havia uma enorme árvore, decorada com ornamentos e luzes. O lado de fora de sua casa dava ao Griswold uma corrida pelo dinheiro. O pai de Dean pendurou luzes durante dias e decorou o quintal com aquelas figuras infláveis desagradáveis que envergonhavam a merda de Dean.

A casa de Landon também era bonita, mas não de uma maneira confortável e convidativa. Seus pais contrataram profissionais para decorar e pendurar luzes. Foi over-the-top, novamente, assim como a mãe e o pai de Landon.

Sentei-me no sofá enquanto mamãe saía da cozinha com duas canecas de café. Ela entregou uma para mim e eu a engoli,

esperando que a cafeína ajudasse minha cabeça.

Mamãe me entregou um presente. Abri-o devagar, sem saber o que esperar ou dizer. Mamãe não era grande em presentes.

Peguei um cobertor da Universidade de Indiana. —Uau, isso é bem legal. Obrigado. —Eu descobriria logo se eu tinha entrado na IU e tivesse a sorte de fazer o time de futebol deles.

Mamãe deu de ombros. —Eu sei que é a escola dos seus sonhos. — Eu abri alguns outros presentes. Nada notável, apenas meias, cuecas boxer e um cartão de presente para o cinema. Mas o fato era que esse era o Natal mais bonito que eu conseguia lembrar com minha mãe.

Eu lhe entreguei a meia vermelha com o nome dela escrito em marcador preto. Ela sorriu, entrando e puxando a pequena caixa. —Jon! Você não deveria ter me comprado nada - ela disse enquanto abria o papel.

Eu tinha visto o colar em forma de coração no shopping. A loja anunciava como um —colar de mãe—, aquele que tinha a pedra da sorte ou algo assim. O preço não era ruim, e eu queria que ela tivesse algo para abrir, independentemente de eu receber algum presente.

—Oh, eu amei. Obrigada! — Ela se levantou e caminhou até mim, abraçando-me com força.

—Coloque em mim? — Ela estendeu a caixa, e eu peguei o colar, virando as costas para mim. Ela deve gostar disso. Enquanto os presentes que eu dei a ela nunca foram

grandes, e por anos foram caseiros, eles nunca pareciam significar nada de especial para ela.

Eu tirei o colar da caixa, assim que a porta da frente se abriu.

—Feliz Natal, Peg! — O último namorado da mamãe, Scott, entrou pela porta, me ignorando e plantando um beijo molhado e barulhento nos lábios de mamãe.

Mamãe se afastou, franzindo o nariz para algo atrás das costas de Scott. —O que é isso? —

Scott riu, produzindo um saco de lixo que cheirava a cerveja velha. Meu estômago se agitou.

—Isso estava na traseira do caminhão do seu filho. Você tem vinte e um anos, Jonny? Porque se você não tem,, beber cerveja é ilegal como o inferno. — Scott sorriu, balançando para trás e para frente em seus saltos de botas de cowboy.

Mantendo meu rosto totalmente vazio, tomei um longo gole de café antes de responder. —Não é da sua conta, Scotty. —

O sorriso caiu do rosto dele. —Você não fala comigo assim. Diga a ele, Peg. E pelo amor de Deus, menino, coloque uma camisa. Ninguém precisa ver seu corpo fraco desfilando por aqui. —

Coloquei meu café na mesinha lateral, enrolando minhas mãos em punhos ao meu lado.

—Jon, por favor pare. É Natal. — Ela apontou para a cozinha. —Vá pegar um donut. Eu comprei uma caixa ontem à

noite para o café da manhã. —

Olhando para Scott, eu segui suas ordens. Eu peguei um donut de chocolate, enquanto mamãe deu a Scott seus presentes. Movendo-se para o segundo donut, ela abriu seu presente de Scott.

—Oh, Scott—, a voz de mamãe tropeçou, seu sorriso escorregou antes de se controlar. —Eu amei! —

Scott soltou o colar, prendendo-o no pescoço da mamãe. —É um coração, porque você é minha dama. E as pedras são nossos amuletos. —

Mamãe colocou a mão sobre o coração, seus olhos procurando os meus do outro lado da sala. Para quê? Compreensão? Aceitação? Eu sempre fui a segunda escolha, por que parar agora?

Eu entrei no meu quarto, pegando minhas roupas antes de tomar banho no banheiro. Dez minutos depois, saí de jeans e uma camisa de flanela.

—Bom menino. Você coloca uma camisa. Agora mantenha o respeito, e eu posso deixar você tomar uma cerveja comigo, certo, Jonny? —Scott estava na cozinha mastigando um donut, com o braço em volta dos ombros da mamãe.

Algo em mim estalou. Eu me aproximei, batendo na rosquinha da mão de Scott e o ergui do chão por sua camisa. — Me chame de garoto mais uma vez, e eu vou bater em você. — Eu o sacudi para frente e para trás, chocando-me com o quão fácil era levantá-lo e que ele não revidou. Seus olhos estavam

arregalados de choque, seu rosto tão vermelho que era quase roxo.

—Jon, pare com isso! Coloque-o no chão! —Mamãe gritou, puxando meus braços.

—E eu não devo muito a você, muito menos meu respeito. Eu prefiro comer merda do que compartilhar uma cerveja com você. — Eu o empurrei de volta para o balcão.

Ele se lançou para frente, mas minha mão bateu de volta. — Experimente, Scotty. —

Ele rosnou, mas ele sabia que eu era mais forte. Ele olhou para minha mãe, fúria em seus olhos. —Ele ou eu, Peg. Escolha agora. —

Mamãe se virou para mim, as bochechas vermelhas e os olhos duros. —Vá para o Dean agora mesmo. Antes que você cause mais problemas. —

Peguei meu paletó e chaves, a porta fazendo um som estridente quando a fechei com a força da minha raiva.

Eu iria a casa de Dean. Eles me aceitariam.

Eles sempre fizeram.

~~~

Três semanas sem falar com a Daisy além do 'olá' ou
~~~

'obrigado' requerido eram tão difíceis. Sentia falta da minha amizade com ela. Mas eu também estava preocupado que Dean nos pegasse quando ele, Grace e Finn estivessem na cidade para o Natal.

Ontem à noite eu mandei uma mensagem para Dean dizendo que estava passando a véspera de Natal com Ricky, só para me dar um alívio por algumas horas. Mas se eu não voltasse para casa e dormisse no sofá, isso levantaria questões. E desde que eu não queria compartilhar minhas respostas, eu joguei como se nada tivesse mudado.

Ha! Daisy se tornou minha melhor amiga nos últimos seis meses. Mas ela também era mais. E embora eu soubesse que não poderia ir a lugar algum, nunca me sentira atraído por uma garota como estava com ela. Eu ansiava por seu perfume, seu toque, seu gosto.

Eu estava infeliz. *Feliz merda de natal.*

Da minha cama no sofá, eu podia ouvir os pés se arrastando para o andar de cima. A sra. G deu uma passadinha na cozinha, no corredor, e cheirei o café. Apesar de tudo, sorri abertamente. Eu amei estar aqui.

Por apenas um minuto, eu me permiti pensar sobre a minha mãe. Ela ainda estava namorando o cara que ela estava no Dia de Ação de Graças? Eles tinham se mudado juntos? Ela estava comemorando com sua família hoje? Um nódulo formou na minha garganta. Por pior que fosse minha mãe, também sentia falta dela hoje.

—Feliz Natal, Jon! — Dean gritou. Ele estava carregando

Finn e pulou em cima de mim no sofá.

—Natal irado! — Finn gritou, pulando alarmantemente perto da minha cabeça.

—Oomph! — O ar saiu dos meus pulmões quando mais dois corpos, Damian e Devin, eu imaginei, pousaram em cima de Dean, me esmagando mais profundamente no sofá.

—Pegue seu café ou suco, idiotas! —, Gritou a sra. G. — Abriremos os presentes em cinco minutos! —

Os meninos desceram de mim e eu me sentei, alisando minha camiseta branca e rolando meu pescoço. Dois minutos depois, a música de Natal encheu o ar, e mais Goldsmith entraram na sala. Daisy chegou por último, seu lindo pijama de flanela xadrez combinando com os que Delilah, Dianna e Grace usavam. Ela sorriu para o caos, seu sorriso caindo quando ela teve um vislumbre de mim.

—Jon, você nem sempre esteve aqui para os presentes, mas aqui está como fazemos isso. Sou a Sra. Claus e entrego presentes um por um. Então todos vocês os abrem ao mesmo tempo. Mas ninguém pode passar para o próximo presente até que todos sejam pegos. Entendeu? — A Sra. G instruiu com um breve aceno de cabeça, marchando até a árvore e gritando os nomes.

Eu não tinha certeza se a regra era tão rigorosa. O Natal era um negócio sério por aqui. Eu não podia imaginar que tivesse presentes para abrir. Dean e eu nunca trocamos presentes, e eu tinha certeza que Daisy não me comprou nada. Recebi todos os Goldsmiths como presente de

agradecimento por me permitirem estar aqui, mas isso seria no final. Agarrando minha bolsa, fui ao banheiro para me lavar.

—Jon Roberts! — A Sra. G gritou dez minutos depois. — Estamos esperando por você e a manhã de Natal não espera por ninguém! Vamos! —

Limpei as mãos e o rosto com a toalha de banho e pendurei no gancho. —Desculpa! Estou pronto para assistir. — Entrei na sala de estar, notando uma pilha de presentes e um lugar vazio ao lado de... Daisy.

- Essa é a sua pilha, Jon. — A sra. G apontou para os presentes. —Sente-se ao lado de Daisy. —

Meus pés permaneceram plantados exatamente onde eu estava. —Whaa... — Minha voz sumiu.

—Você realmente acha que não seria mimado como um dos meus filhos? — A Sra. G bateu a mão contra o peito. — Enquanto você é um convidado em minha casa? — Ela olhou para o Sr. G. —Eu sinceramente acho que estou ofendida. —

Eu andei até ela, beijando-a em cima de sua cabeça loira. —Você acabou de me surpreender, Mama G. Obrigado. —

Sentei-me rigidamente ao lado de Daisy e abri meu primeiro do que pareciam quinze presentes. Ao meu redor estava o som de papel rasgado, gritos, risadas e alegria.

Então é assim que era uma grande manhã de Natal em família? E eles queriam que eu fizesse parte disso?

Talvez fosse um feliz Natal, afinal.

~~~

Trinta minutos depois, os últimos presentes foram trocados.

—Obrigada, Jon. — O sorriso de Daisy era genuíno quando ela abriu seu livro de culinária da culinária francesa. Eu esperava que ela não tivesse e pelo olhar em seu rosto, eu estava certo.

—E obrigado, também. — A mochila de couro que ela me deu foi demais. Eu discutia com ela, mas tinha medo de chamar muita atenção para o presente. A bolsa é perfeita para as minhas viagens no próximo ano, mas eu sabia que também era cara.

—Espera! Daisy, sobrou um na sua pilha. — A sra. G entregou a Daisy uma pequena caixa.

—Isso é de mim, Flor. — O Sr. G sorriu enquanto tomava seu café, balançando para frente e para trás em sua poltrona estofada.

Daisy removeu o papel e abriu a caixa. Por cima do ombro, pude ver que era um colar.

Ela segurou para todos verem. —É um daqueles colares legais. Este aqui diz —Flor—. Obrigado papai. —

Daisy foi até seu pai e beijou sua bochecha, abraçando-o e depois riu quando ele a puxou para seu colo.
~~~

—Quer que eu coloque isso em você, Flor? — O Sr. G perguntou quando Daisy se recostou contra o peito dele.

Daisy estava de costas para o pai, então ele não podia vê-la, mas eu podia.

Ela se aninhou mais perto de seu pai. —Um pouco mais tarde eu vou. Eu tenho um colar agora mesmo. —

Eu olhei para Dean, para vê-lo focado em Daisy, seus olhos se estreitaram. Eu esperei, mas ele deixou passar. O resto da sala estava ocupado, coletando lixo e lendo manuais de instruções. A atenção estava em outro lugar, então me concentrei nela.

Os dedos de Daisy apertaram o medalhão, gravados com o rosto do sol, e ela mordeu o lábio, sem olhar em minha direção.

Ela escolheu usar meu presente, mesmo depois que eu a machuquei.

Daisy me escolheu.

Capítulo Dezesete

Jon

Em pé na frente da porta de Daisy, meu punho suspenso no ar, nunca me senti mais como uma vagina, *idiota.*

TOC Toc.

Eu esperei por ela perguntar quem era ou dizer entrar.

Nada.

Porra, porra.

Uma coisa que os últimos trinta e cinco dias me ensinaram foi que minha Luz do Sol era tão teimosa quanto eu. E sim, eu estava contando os dias. O fato de o Natal ter passado sem o contato da minha mãe já era ruim o suficiente, mas sem falar com a Daisy? Eles eram os dias mais solitários da minha vida - e eu conhecia alguns muito infelizes quando criança. A ironia era que eu não sabia bem por que estávamos nos evitando. Mas agora eu tinha algo a dizer, droga.

TOC Toc toc.

—Entre. —

Entrar no quarto dela era como ser esbofeteado no rosto. Meu Deus, ela era deslumbrante. O quarto dela e de Dianna estava quente, tanto em temperatura quanto em decoração, e o seu doce cheiro de açúcar me atingiu no

momento em que entrei pela porta.

Daisy endireitou-se na cama, colocando as pernas compridas debaixo dela. Sua boca se abriu quando seus olhos registraram quem estava em seu quarto.

Nós não havíamos nos falado em particular desde o dia depois do Dia de Ação de Graças e evitado um ao outro a todo custo, então a reação dela não foi uma surpresa. Eu raramente aparecia para o jantar, que era tão diferente de mim e do meu apetite raivoso. Eu tinha certeza que ela entendeu a mensagem alto e claro.

Nós estávamos abertos e reais na frente de Amy e Izzy, e elas nos ligaram.

E isso nunca poderia acontecer novamente.

—Ei—, eu disse, tentando manter minha voz baixa enquanto evitava contato visual com a garota mais sexy que eu conhecia.

Mas isso foi impossível. Fui atraído por Daisy e, enquanto atravessava a sala, olhei-a de cima a baixo. Ela usava leggings e uma camisa longa, grandes meias fofas em seus pés. Seu cabelo estava empilhado em cima de sua cabeça e ela não tinha nenhuma maquiagem.

Eu nunca a tinha visto mais atraente.

—Jon. — Ela estreitou os olhos para mim, sua voz tão afiada quanto as unhas. —Por que você parece tão... agitado? Como se você pudesse escolher estar em qualquer outro lugar do universo, você se teletransportaria para lá

agora? Eu entendo que as coisas estão estranhas conosco, mas sobrevivemos ao Natal. Nós temos essa coisa se arrastando entre nós. —

Eu respirei fundo. Ela estava certa, e foi uma droga. Eu odiava que eu colocasse distância entre nós, mas não tinha escolha. Eu me importava muito - queria mais do que eu queria qualquer garota.

E eu não poderia tê-la.

Eu esfreguei as costas da minha cabeça raspada. —Você, uh, tem planos para esta noite? —

Daisy sacudiu a cabeça devagar. —Não. Mamãe e papai vão na festa de réveillon do vizinho, Delilah estará de babá, e todo mundo está de volta à faculdade, ou no caso de Dean, em Chicago. O que está rolando? —

Olhei pela janela para o escuro céu noturno. Era tarde. Quase dez horas e eu não queria estar em outro lugar senão aqui.

—Ricky tem planos. Todo mundo está fora da cidade. Então, não tenho planos. Mas eu tenho algo que quero que você veja. — Sentei-me ao lado dela, com um punho cerrado para não estender a mão e tocá-la. Com a outra mão, entreguei a ela um pedaço de papel dobrado.

—O que é isso? — Ela perguntou, não virando.

—Abra-o. — Fiz um gesto com o queixo, segurando minhas mãos juntas na minha frente.

Ela desdobrou o papel, seus olhos examinando a página. A carta caiu no colo dela, a boca aberta.

—Jon? — Uma mão cobriu a boca e as lágrimas encheram seus olhos. —Você entrou na Faculdade de Direito da BU? Você já sabia? —

Eu dei a ela um sorriso torto. —Depois do LSAT, em setembro, recebi meus resultados e enviei meu pacote de aplicativos. Com o meu GPA da IU, recomendações de professores e tendo jogado para um time de futebol americano, eles tomaram uma decisão rápida. Nunca pensei que iria descobrir isso tão rápido, mas sim. Eu entrei. Obrigado pela sua ajuda. —

Daisy balançou a cabeça, mas jogou os braços em volta de mim em um abraço. —Parabéns! Estou tão feliz por você. —Ela fungou depois, e eu sorri com o pensamento de que não só eu estava segurando ela, mas ela estava derramando lágrimas felizes por mim.

Ela se afastou, enxugando os olhos. —O quê aconteceu conosco? Por que nossa amizade... acabou?

Eu cerrei minhas mãos ao meu lado. —Porque eu não posso estar perto de você e fingir. Você viu o que aconteceu quando estávamos em volta de Amy e Izzy. Se continuássemos, todos saberiam como me sinto em relação a você. —

—E por que isso é um problema para você? — Ela exigiu, seus olhos brilhando com o que me pareceu raiva... e dor.

—Para mim? — Minha voz subiu e eu belisquei a ponte do

meu nariz. —Não é um problema para mim. Mas para você? Você arrisca a ira do seu irmão; você arrisca o desapontamento de seus pais - os mesmos pais que você passou nos últimos meses tentando provar sua força e independência. Então, eles acham que você mostra um julgamento ruim comigo? Você acha que eles vão deixar você ir para a cidade de Nova York? E Dean ainda estará lá para ter suas costas, tanto emocional quanto financeiramente? Eu aposto que não. Não se eles pensassem que você mentiu para eles. —

Eu me levantei, atravessando a sala, minhas mãos atadas atrás do meu pescoço. —Estou tentando fazer a coisa certa. Para te proteger. —

Os braços de Daisy envolveram meu corpo e seu queixo descansou nas minhas costas. Fechei os olhos da pura felicidade do contato.

—Eu entendo seu raciocínio. —

Eu me virei e passei meus braços ao redor dela também. —Você entende? —

—Sim, mas eu realmente não concordo. Eu sei que podemos manter isso entre nós. Senti sua falta. Tanto. —O lado do rosto dela estava pressionado contra o meu peito, e ela se sentiu tão bem em meus braços novamente.

Eu beijei o topo de sua cabeça e apertei-a com mais força. —Eu também, Luz do sol. Eu tenho sido infeliz. —

Ela se inclinou para trás, seus olhos brilhando novamente

e meu coração bateu mais rápido com o olhar em seu rosto.

—Não quero passar os últimos meses antes de sairmos com essa distância entre nós. Não enquanto estamos morando na mesma casa. Eu entendo o que você estava fazendo, mas não vale a pena ser infeliz assim. —Ela se inclinou na ponta dos pés e pressionou seus lábios nos meus.

Meu gemido foi gutural e, por mais que eu tentasse, não conseguia controlar a necessidade do som. Eu a beijei de volta, profunda e exigente e suas mãos deixaram minha cintura, envolvendo meu pescoço. Nossas línguas se encontraram, saboreando e reaprendendo, enquanto atacávamos a boca um do outro.

Eu queria mais Daisy do que qualquer outra coisa na minha vida.

Suas mãos estavam por toda parte. No meu cabelo, esfregando minhas costas, minha bunda, debaixo da minha camisa, traçando meus músculos e mamilos. Nossos lábios continuaram seu ataque, puxando, mordiscando, sugando, acalmando. Eu estava pegando fogo. Eu nunca, nem de perto, estive tão excitado.

—Você sabe o que eu quero quando a meia-noite bater e o Ano Novo chegar? — Ela falou contra a minha boca, sua mão viajando para esfregar contra a minha dureza.

—O que? — Eu perguntei, minha voz crua e olhos pesados.

—Eu quero ser sua. Eu sei que não pode durar. Temos duas estradas separadas à nossa frente, mas, por uma noite,

quero ser sua. Todos eu e todos você. Não há mais ninguém neste mundo com quem quero estar pela primeira vez mais do que você. —

Capítulo Dezoito

Margarida

Jon estava descansando sua testa contra a minha, ambos respirando pesadamente. —Pare e pense sobre o que você acabou de dizer. Uma vez que você ceda essa parte de você, você nunca a recupera —.

Eu não queria de volta. Eu queria ele. O tempo longe dele só me fez querer mais. E o tempo que tive com ele... me mudou. Eu já não odiava o corpo que vi no espelho porque o vi através dos olhos dele. Eu me senti corajosa, sexy e pronta.

Para ele.

Eu ri enquanto caminhava de volta para a minha cama. —Você está brincando comigo? Eu não pensei em mais nada por... anos. Eu sempre desejei, sonhei, esperei e rezei para que eu tivesse a sorte de fazer sexo pela primeira vez com o cara mais gentil e mais quente que eu conheço. —Eu puxei as cobertas para fora da cama e me virei para ele, puxando minha túnica sobre a minha cabeça. Eu me movi rapidamente, com medo de que, se eu diminuísse o ritmo, ele me pararia.

—Muita sorte para mim, ele mora em minha casa, e eu acho que ele gosta de mim também. — Eu ignorei sua mandíbula solta, quando tirei minhas meias fofas e rolei minha leggings.

Jon levou o punho à boca e fechou os olhos.

—Abra seus olhos. Olhe para mim. —A força e a confiança necessárias para ganhar coragem para ser tão ousada e minha crença de que Jon queria que eu fizesse meu corpo tremer. Eu afastei qualquer dúvida persistente e me concentrei em Jon. Mesmo eu não podia ignorar o olhar em seus olhos quando ele me viu no meu sutiã e calcinha na frente dele.

Luxúria. Desejo. Apreciação.

O sentimento era mútuo.

—Você tem certeza disso? — Ele perguntou, quase inaudível. Ele abriu os olhos e olhou diretamente nos meus olhos. Preocupação e respeito brilhando de volta. —Daisy, uma vez que isso é feito... — Seu pomo de Adão balançou violentamente quando ele engoliu. —Eu só não quero que você se arrependa. Que possa desejar que tivesse esperado. —

Eu nunca tive tanta certeza sobre nada na minha vida.

Eu levantei meu queixo, oferecendo-lhe uma visão completa do corpo que ele me ajudou a apreciar e amar. —Eu nunca poderia me arrepender disso, porque é você, Jon. Sempre foi você. —

Seus olhos brilharam e ele andou a distância do outro lado do quarto, tirando os sapatos, as meias e a camisa enquanto vinha. Ele ficou na minha frente com seu belo peito e seus músculos à mostra.

—Eu nunca vi uma visão mais linda. — Sua mão segurou a parte de trás da minha cabeça, e ele trouxe minha boca para a dele. O beijo foi violento - ele quase parecia zangado consigo

mesmo enquanto pressionava seus lábios com força contra os meus, sua língua agressiva em sua posse da minha boca.

A verdade é que eu não precisava que ele fosse gentil. Nenhuma parte de mim precisava ser tratada como se eu fosse frágil. Eu não estava. Eu era forte e podia lidar com Jon.

Contanto que ele não parasse de me tocar.

Minhas mãos encontraram seu jeans e eu soltei o zíper antes de agarrar os lados e empurrar suas calças para o chão. Ao fazer isso, continuamos a nos beijar, sem quebrar nossa conexão. A boca de Jon seguiu a minha enquanto me movia, suas mãos emaranhadas no meu cabelo.

E então suas mãos estavam desabotoando meu sutiã. Ele caiu no chão, e ele segurou meus seios em cada mão, seu polegar circulando os mamilos. Ele se afastou dos meus lábios e se inclinou para os meus seios, chupando cada botão. O calor úmido de sua boca nessas manchas sensíveis fez meu sangue queimar. Minha cabeça caiu para trás e eu gemi alto.

—Faça tanto barulho quanto quiser. Estamos sozinhos e eu amo saber que chego a você. — Ele rosnou, ainda focado no meu peito.

Eu estava muito empolgada. Paciência nunca foi o meu forte, e agora, era inexistente.

Esfreguei sua dureza, logo acima de sua cueca boxer, até que ele se afastou dos meus seios com uma maldição.

Sua mandíbula apertou, e ele ainda parecia... chateado.

—O que há de errado? — Eu perguntei, sem fôlego. — Estou fazendo algo para incomodar você? —

Jon tirou minha mão dele e ligou nossos dedos juntos. Ele me deitou na minha cama e subiu em mim, apoiando seu peso em seus antebraços.

—Eu não estou bravo com você. — Ele beijou cada canto da minha boca. —Estou chateado comigo mesmo. Eu não vou ser capaz de ser lento o suficiente. Faz muito tempo desde que eu estive com alguém e imaginei estar com você de todas as maneiras possíveis por tanto tempo. Eu não tenho muito controle agora e você merece controle. Especialmente em sua primeira vez. —

Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto. —Você já pensou sobre isso também? Comigo? —

Suas sobrancelhas franziram quando ele fez uma careta para mim. —Você está brincando comigo? —

Eu ri e envolvi meus braços em volta do pescoço dele. —Eu não quero que você seja gentil. Solte-se. Mostre-me o quanto você quer isso. Eu posso aguentar. Eu não sou uma criança que você tem que ter cuidado. —

—Graças a Deus—, Jon murmurou, seus dedos segurando minha calcinha fina. —Eu amo uma mulher que pode lidar comigo. — Ele puxou, arrancando o tecido de cima de mim.

Meu queixo caiu, fazendo-o rir desta vez. —Eu sou um leão na cama, Luz do sol. Vou tentar me comportar dessa vez, no entanto. —

Uma coisa que ele disse repetiu em minha mente. —Jon? —

Ele pressionou beijos por toda a minha barriga, mas parou quando ouviu seu nome.

—Você disse algo sobre isso ter muito tempo para você. — Ele virou o rosto para olhar o meu, e se eu não estava enganada, uma cor rosa claro manchou suas bochechas. — Quanto tempo? —

Ele enterrou o rosto na minha barriga, falando sobre isso.

Isso fez cócegas, então eu ri quando perguntei: —O que foi isso? —

Com um suspiro, ele se arrastou de volta para o meu corpo para me encarar. —Desde de volta a IU. Estar de volta em casa significava ver você. E ninguém se compara a você, Daisy. Ninguém. —

Eu congelei. —Jon—, seu nome sussurrado soou como um apelo. Ele estava em casa há sete meses. E ele esperou por mim. Jon, aquele sobre o qual meus irmãos me alertaram, ignorou todas as outras garotas, apenas com a ideia, a esperança de que poderíamos estar juntos. E ele confiou em mim o suficiente para me dizer. Jon mudou mais do que eu sabia em nosso tempo juntos.

Mas sete meses? Oh meu Deus. Minha besta gentil pode não ser tão gentil hoje à noite.

Eu inclinei meu queixo para cima, meus lábios encontraram os dele e eu o beijei de volta tão agressivamente

quanto ele me beijou. Ao mesmo tempo, eu puxei sua cueca por suas pernas, até senti-lo chutá-las.

E então não havia nada entre nós. O peso do corpo de Jon pressionando contra o meu era uma sensação que eu lembraria pelo resto da minha vida. Nada parecia melhor.

Mas então ele se mudou. Ele balançou contra mim e instintivamente meus quadris se levantaram, aninhando-o entre as minhas pernas e eu balancei de volta. Sua língua encontrou a minha, assim como seus dedos se moviam entre nós, circulando entre as minhas pernas e eu gritei.

—Você está molhada? — Ele murmurou. Em vez de esperar pela minha resposta, seus dedos me separaram e ele sentiu por si mesmo.

—Foda-se. — Seus olhos encapuzados encontraram os meus. —Você está encharcada. —

—Eu estou pronta. — Eu olhei em seus olhos com as pálpebras pesadas e falei a verdade. —Para você. —

Suas narinas se abriram quando ele olhou para os meus lábios, depois para os meus olhos, seus dedos ainda me tocando. —Você não tem ideia do que faz comigo. O que você me faz sentir. Mas vou tentar te mostrar. —

O terno beijo que ele me deu acalmou a perda que senti quando seus dedos se afastaram de mim.

Jon rolou para fora da cama e se inclinou para o jeans no chão, retornando com um preservativo em segundos. —Se você mudar de ideia, mesmo por uma fração de segundo, me pare. —

Ele parecia tão sério, seu rosto era quase reverente.

Quando ele se ajustou de volta ao lugar, eu assenti e pressionei meus lábios contra os dele novamente. Ele deslizou o preservativo, e senti a ponta dele na minha abertura. Ele entrou em mim, entrando e saindo devagar. A sala ficou em silêncio, exceto por nossas respirações pesadas, e uma gota de suor percorreu seu rosto com seu esforço.

Eu ofeguei quando ele rompeu minha barreira, estando totalmente dentro de mim.

—Porra. Você está bem? —Jon disse as palavras, parecendo não estar tão bem.

—Sim—, eu sussurrei. —Só doeu por um minuto. Eu me sinto cheia. Cheia de você. — Eu sorri para ele. —É incrível. Você está bem? —

Jon fechou os olhos com força. —Eu nunca estive com uma garota pela primeira vez. Eu não quero te machucar, mas eu nunca senti nada assim. Você está me apertando como um soco. É fodidamente irreal. —

—Mova-se, querido. Por favor. Eu quero sentir mais. —Eu implorei, puxando sua boca de volta para a minha.

—Você tem certeza? — Ele falou suas palavras contra os meus lábios.

Minha resposta foi levantar meus quadris para ele, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura e beijando-o profundamente.

Então ele perdeu o controle.

Estávamos com as línguas se debatendo, puxando o cabelo e os quadris batendo até que eu senti o começo do mesmo sentimento da última vez que Jon me tocou se construindo.

Jon começou a tremer, e se eu tivesse que adivinhar, ele sentia a mesma coisa. Ele trouxe o polegar para o meu centro e circulou exatamente onde eu latejava até explodir em milhões de pedaços do céu.

Jon gemeu alto e longamente e depois caiu ao meu lado, ofegando por ar. Ficamos assim, sem palavras, por longos minutos até que a respiração estivesse normal.

Jon se inclinou, afastando longos e suados fios de cabelo do meu rosto. —Como você está? —

Eu sorri, um sorriso tímido e secreto porque eu nunca tinha estado melhor. —Eu não poderia estar mais feliz. Como você está? —

Ele acariciou seu nariz contra o meu e aproximou seus lábios do meu ouvido. —Eu acabei de ter o melhor sexo da minha vida com a minha melhor amiga... eu diria que estou incrível—

~~~

Uma hora depois, nós nos deitamos enroscados na cama, depois de nos vestirmos relutantemente, comendo enormes
~~~

sundaes de sorvete enquanto observávamos a bola caindo em Nova York.

10... 9....8...

Eu queria dizer a ele que esse foi o melhor dia da minha vida.

7... 6... 5...

Eu queria dizer a ele que estava me apaixonando por ele.

4... 3...

Mudei nossas tigelas vazias para o chão e passei meus braços ao redor de sua cintura. Mas dizer a ele essas coisas não era o nosso plano. Nosso plano era aproveitar o tempo que nos restava antes de seguirmos nossos caminhos separados e transformarmos nossos sonhos de um futuro em realidade.

2... 1...

E eu decidi que, pela primeira vez, viveria no momento e apreciaria exatamente o que era.

Eu olhei em olhos castanhos cintilantes. —Feliz Ano Novo, Jon. —

Ele sorriu, um sorriso de tal contentamento que me tirou o fôlego. —Feliz Ano Novo, minha luz do sol. —

Não havia nada em torno de nós, mas alegria. Então, eu me inclinei e o beijei, longo e profundo.

E ele me beijou de volta.

Eu tive um bom pressentimento sobre este novo ano.

Capítulo Dezenove

Jon

Uma vez que eu tive um gosto, eu não conseguia o suficiente. Nada era mais doce que Daisy.

E eu assumi riscos que nunca deveriam ser tomados.

—Aqui está sua pizza e jarro de cerveja. Diet Coke para você, querida. — Nossa garçonete colocou a pizza de pepperoni e azeitona preta na mesa com uma mão. Ela serviu duas canecas novas de cerveja para Ricky e eu e depois entregou a Daisy sua bebida.

—Obrigada—, disse Daisy com um sorriso.

—Volto já, vou usar *o banheiro.* — Ricky saiu da cabine em frente a nós e foi para o banheiro.

Assim que nossa garçonete saiu, os lábios de Daisy estavam no meu pescoço.

—Você cheira tão bem. — Sua boca pressionou beijos quentes por um caminho para o meu queixo.

—Daisy—, eu rosnei, tomando sua boca em um beijo rápido e duro. —Ele não vai demorar muito. —

Ela enfiou o lábio inferior em um beicinho, e eu peguei em meus dentes, puxando-o para dentro da minha boca. Ela protestou e se afastou, sugando seu canudo enquanto Ricky se

juntava a nós.

Ricky pegou um pedaço da torta, dobrou-o ao meio e deu uma grande mordida. Eu coloquei um pedaço no prato de Daisy primeiro, antes de adicionar um ao meu.

Ricky olhou para trás e para frente entre nós. — Então, *Pequena Margarida,* quando você ouvirá falar da escola de culinária? —

Desde que me lembrei, Ricky evitou usar o nome em inglês de Daisy, preferindo chamá-la de equivalente espanhol de — pequena margarida—. Eu sempre achei isso fofo, mas agora me irritou. Meus amigos não devem ter apelidos para minha garota.

Daisy limpou a boca com um guardanapo. —Meu pedido foi enviado na véspera de Natal. Eu deverei ouvir alguma coisa em fevereiro. — Ela enrolou o papel de palha ao lado de sua bebida em uma bola, circulando entre o polegar e o indicador.

—Quero dizer, eu já entrei na Art Institute Culinary School de Indiana. Então, no que diz respeito a mamãe e papai, a decisão foi tomada. —

Ricky comeu, observando Daisy com os olhos apertados. —Mas a decisão é sua, não de seus pais. —

Daisy assentiu, um sorriso rápido se formando em seu rosto. —Pelo menos vocês dois estão do meu lado. — Pegando sua pizza, ela deu outra mordida.

Sob a privacidade da mesa, coloquei minha mão em seu joelho, meu dedo acariciando em círculos lentos. Daisy em uma

saia e botas até o joelho não era apenas atraente, mas em nossa situação atual, fortuita. Minha mão se moveu para cima, para a parte superior de sua coxa, curvando-se em sua pele, meu polegar esfregando ao longo da bainha de sua saia.

Daisy se mexeu em seu assento, seu sorriso vacilou quando ela inalou uma respiração instável.

—Você está bem? — Ricky perguntou, sua atenção focada em Daisy.

—Mmm hmm—, sua voz era aguda e um pouco estridente. Eu tossi para cobrir minha risada.

Ricky estendeu a mão para pegar outra fatia. —Passe os flocos de pimenta, cara. — Ele apontou para o rack de temperos do outro lado de Daisy com o queixo.

Relutantemente, retirei a mão da perna dela e passei-lhe o agitador.

Daisy não perdeu sua chance de vingança, e assim que minhas costas bateram na almofada atrás de mim, ela se inclinou sobre mim, ajudando-se com a pizza, mas também colocando a mão sobre meu pau e massageando.

—Puta merda—, eu gritei, reunindo minha compostura enquanto as palavras saíam da minha boca. —Esta pizza é incrível. —

Daisy deu uma risadinha e olhei para ela com uma expressão zombeteira. —O quê? — Ela perguntou, segurando mais risadas.

—O que, o que? — Eu perguntei de volta, olhos redondos e sobrancelhas levantadas, desafiando-a a explicar.

Olhando para Ricky, eu estava aliviado por ele estar mandando mensagens no celular dele e ignorando nós dois. Sua distração com sua nova garota foi uma dádiva de Deus neste momento.

—Tudo bem. — Ricky se levantou, jogando algum dinheiro na mesa e pegando seu casaco de couro. —Eu não sei o que diabos está acontecendo com vocês dois, mas é estranho. Eu tenho que ir. Tem um um lugar que eu preciso estar. —

A ideia de que Ricky suspeitava de Daisy e eu não me incomodava. Ele sempre estava de costas e ficava com a boca fechada ao redor de Dean. Ricky não era um idiota como Dean, e eu estava feliz com isso agora.

Ele saiu com um aceno e eu me virei no meu lugar para encarar meu torturador.

—Você começou! — Ela segurou as duas mãos na frente dela.

Inclinando-me para frente, beijei sua bochecha, falando em seu ouvido. —E eu vou ser o único a terminar isso. — Sentei-me, pegando minha pizza meio comida e dei uma mordida. Coloquei minha outra mão sob a saia dela, não permitindo que meus dedos mergulhassem sob sua calcinha, mas mantendo-a por cima.

Eu esfreguei em círculos lentamente no início e depois peguei velocidade. Eu podia sentir o material embaixo dos

meus dedos e meu pau latejava no meu jeans.

A respiração de Daisy aumentou, um leve brilho de suor cobrindo seu rosto e pescoço.

Eu mudei de direção, meu polegar pressionou enquanto meus outros dedos se moviam em um movimento vindo, ainda acima do tecido fino, mas com força suficiente para tirá-la. Seus quadris se levantaram e sua cabeça caiu para trás, os olhos fechados.

—Abra seus olhos. Você precisa se endireitar ou alguém vai adivinhar o que está acontecendo.

Minhas palavras a chocaram, tiraram-na de qualquer névoa que a envolvesse. Ela sentou-se ereta, os olhos fixos em sua pizza. Seu corpo estava amarrado, e ela se inclinou para frente e depois para trás, prendendo a respiração antes que um tremor sacudisse seu corpo.

Eu escorreguei minha mão debaixo da mesa e peguei minha cerveja bebendo longos goles e usando as bordas superiores do copo para mascarar o meu sorriso de merda.

—Oh, meu Deus—, ela respirou, tomando seu refrigerante. —Isso foi irreal. —

Eu pisquei. —Vingança, luz do sol. —

Ela riu, colocando os cotovelos sobre a mesa e apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas. —Isso não é incentivo para eu me comportar. O que você acabou de fazer é mais motivação para eu ser ruim. Posso ser ruim com você no banheiro agora? —

Minha boca caiu aberta, e eu fechei quando a garçonete deixou a conta. Antes que eu pudesse descobrir se ela estava falando sério ou não, seu nome soou do outro lado do restaurante.

—Daisy! — Sra. Goldsmith subiu, uma pilha de caixas de pizza em seus braços. —O que vocês dois estão fazendo aqui? Eu estava trazendo pizza para casa para o jantar de sexta-feira à noite. — Ela sorriu, sem parecer nem um pouco preocupada, mas, mesmo assim, meu estômago revirou.

—Desculpe mamãe. Eu peguei uma mordida com Jon e Ricky. Nós estaremos em casa em breve. — Daisy sorriu para sua mãe.

Eu peguei a conta e tirei o dinheiro para cobrir nossa comida e entreguei para a garçonete que passava antes que ela pudesse protestar.

— Onde está Ricky? — A sra. G olhou para trás e para a frente e depois para o prato e a caneca vazios.

—Ele acabou de sair, senhora. Vou levar Daisy para casa em alguns minutos se estiver tudo bem com você? — Saí da cabine e estendi a mão para Daisy.

Ela saiu, abraçando a mãe antes que a Sra. G saísse para o carro. Esperamos no saguão da pizzaria até termos certeza de que o carro de sua mãe havia sumido, e então segurei sua mão com força na minha enquanto caminhávamos para minha caminhonete.

Janeiro em Indiana foi brutal. A noite ficou escura e o

vento chicoteava violentamente ao nosso redor. Eu puxei Daisy debaixo do meu braço, tentando protegê-la do frio cortante.

Dentro da minha picape bati nossas mãos para aquecê-las enquanto esperávamos que o velho aquecedor voltasse à vida. Quando pude sentir meus dedos novamente, saí para a estrada.

—Pronta para ir para casa? — Eu segurei sua mão na minha, meu polegar desenhando círculos em sua pele macia.

Daisy não respondeu. Em vez disso, ela se inclinou e chupou meu lóbulo da orelha enquanto sua mão se movia para a fivela do meu cinto, afrouxando-a.

—O que você está fazendo? — Meu corpo endureceu, ambos os nervos e excitação pulsando através do meu sangue.

Daisy baixou o zíper do meu jeans. —Estacione. Algum lugar privado. — Sua voz era rouca e baixa. Apenas o som fez meu coração parecer que poderia explodir do meu peito.

Virei à direita, em direção ao único lugar que eu sabia que estaria deserta em uma noite fria e sem estrelas - o lago.

A mão de Daisy deslizou em minha cueca boxer, me liberando. Eu rosnei quando ela começou a acariciar para cima e para baixo, para cima e para baixo, um pouco mais forte a cada vez.

Os pneus rangeram contra o cascalho da área de estacionamento do lago quando eu rolei até parar. Assim que o caminhão estava no parque, eu me inclinei para o banco o mais longe que pude e sua língua quente e molhada passou pela

minha ponta. Minha cabeça bateu de volta contra o assento.

—Eu sempre quis fazer isso com você. Mas é a minha primeira vez. Diga-me se eu estragar tudo, ok? — Ela olhou para mim, seus grandes olhos azuis procurando os meus, um olhar tão vulnerável que quase me rasgou.

Meus dedos percorreram as longas mechas de seu cabelo. —Não há nada que você possa fazer de errado. —

Ela sorriu e depois baixou a cabeça, correndo a língua para dar golpes longos e lentos.

—Oh, foda-se. — Meu tom desesperado deve tê-la estimulado porque ela levou tudo de mim em sua boca, subindo e descendo.

Eu não conseguia tirar meus olhos dela. Ela estava olhando para mim, e a visão da minha Daisy, levando-me à boca, observando minha reação para avaliar meu prazer, foi a coisa mais erótica que já vi.

—Chega. — Eu a puxei para cima e para longe. —Não virei em sua boca. —

Ela sorriu, levantando a saia para me montar e meus dedos agarraram seus quadris para segurá-la de volta.

—Tem certeza? — Brincando no meu caminhão era uma coisa, mas porra isso era completamente diferente.

Daisy chegou debaixo de mim quando eu inclinei um pouco para lhe dar acesso. Ela puxou minha carteira do meu bolso de trás e pegou uma camisinha. Não respondendo a

minha pergunta, ela abriu e olhou para mim.

—Nunca fiz isso antes também. — Sua voz tremeu um pouco.

Minha querida e corajosa garota queria assumir o controle, mas ela era nova em tudo isso. Eu estava tão orgulhoso dela por reunir coragem para tentar. Isso, por si só, mostrou-me o quanto ela confiava em mim... e em si mesma.

Eu segurei os dedos dela, ajudando-a a enrolar o preservativo no meu comprimento. Todo o tempo, eu observei seu rosto, absorvendo o nervosismo, depois a maravilha e, finalmente, a excitação. Daisy moveu a calcinha para o lado e abaixou o corpo.

Santa mãe. Porra. Merda.

—Oh, Deus, Jon. — Suas mãos agarraram meus ombros enquanto ela continuava a abaixar-se até que sua bunda bateu no topo das minhas coxas. —Você é tão profundo. Eu sinto, eu sinto... —Seu corpo tremeu acima de mim.

—Aguente. Espere por mim. — Eu levantei meus quadris para empurrar dentro dela, movendo seus quadris para trás e para frente. Ela tirou a foto do que eu queria e assumiu, montando-me com força enquanto eu combinava com meus próprios movimentos. Minhas mãos agarraram as bochechas da bunda que eu tanto amava, apertando e amassando enquanto ela se movia para cima e para baixo em mim.

—Ah Merda. Sim. Sim. Sim, —ela cantou, explodindo diante dos meus olhos.

Quando o corpo dela me apertou, eu segui logo depois com um grito.

Nos agarramos um ao outro, segurando em um abraço apertado até que o pensamento racional recomeçou.

—Nós não tiramos uma peça de roupa, e esse foi o sexo mais quente de todos os tempos—, eu disse a ela com um beijo em sua testa.

Os olhos de Daisy brilharam e seus dedos brincaram com o cabelo no topo da minha cabeça. —Não há palavras para o que você faz ao meu corpo. Só que eu quero mais. — Ela suspirou e saiu do meu colo, ajustando suas roupas e alisando o cabelo.

Minha mão encontrou a parte de trás do pescoço dela, e eu me inclinei para ela. A parte de cima e a parte de baixo de nossos lábios se tocaram, as bocas abertas, as línguas se encontrando antes que nossos lábios se fechassem. O beijo estava quente pra caralho, e eu estava pronto para a segunda rodada.

—Eu sei que você é nova em tudo isso, Luz do sol. Mas eu nunca tive isso melhor. —Seus olhos estalaram para os meus, queimando com surpresa. —Nunca. Você é... perfeita. —Minha voz era grossa, rouca de sexo e meu orgasmo excelente. O olhar de Daisy caiu para a minha boca, seus olhos pesados enquanto suas mãos subiam pelo meu peito.

Traga a segunda rodada.

Bing. Bing. Bing. O telefone de Daisy alertou uma mensagem recebida.

Daisy olhou para o celular e franziu o nariz. —Algo está acontecendo com Amy e Izzy. Você pode me levar lá? —

Assim que o nome de Izzy saiu de sua boca, tirei o preservativo e me arrumei.

—O que há de errado? — Eu puxei o caminhão para a rua

—Izzy roubou novamente. Ela perdeu o emprego. — Daisy digitou furiosamente em seu telefone enquanto eu dirigia. — Jon? — Ela colocou o telefone longe, enrolando no meu lado. — Sinto muito por cortar a noite. —

Eu beijei o topo de sua cabeça. —Não se preocupe, luz do sol. Vamos ver Izzy. —

Daisy suspirou. —Não tenho certeza de como ajudá-la. —

Segurando o volante com uma mão, peguei a dela na minha outra. Ligando nossos dedos juntos, eu apertei. —Você vai descobrir. E eu estarei com você o quanto você quiser. —

Ela apertou de volta, os olhos treinados para fora da janela, perdidos em pensamentos.

Haveria uma segunda rodada, disso eu tinha certeza. Mas agora, Daisy precisava estar com Amy e Izzy, fazendo o que podia por garotas que significava muito para ela.

E enquanto isso eu me contentaria com a melhor rodada da minha vida.

Capítulo Vinte

Margarida

—Senhoras? Vocês estão prontas? —Jon e eu estávamos na cozinha de Amy e Izzy, esperando que as colegas de quarto se juntassem a nós.

Jon se ofereceu para se juntar a mim no shopping com as meninas desde que ele e Ricky estavam saindo hoje para dirigir para Chicago.

Mesmo que os Chicago Bears não tivessem chegado ao Super Bowl, Dean estava dando uma festa como se tivessem feito isso. Ele, Grace e Finn convidaram todos os seus amigos para se juntarem a eles em um grande evento em seu apartamento de cobertura.

Meus pais estavam presentes, então eles me pediram para ficar em casa com Dalila. Secretamente, eu estava chateada, mas eu também sabia que se eu estivesse em uma festa com Jon, eu lutaria com qualquer pequena forma de restrição.

—Talvez eu devesse fingir uma doença? Ficar em casa com você? — Jon beliscou minha mandíbula, e eu ri apertando meus lábios para ficar quieta.

—Não, vá se divertir. — Afastei-me dele, abanando o dedo para trás e para frente. —Além disso, Dean se preocuparia se soubesse que você e eu estávamos sozinhos juntos. E você estará com seus garotos. Vai ser ótimo. —

Jon recostou-se no balcão da cozinha, as mãos apoiadas atrás dele. —Tudo é melhor com meu sol. —

Deus, ele foi bom para mim. Eu nunca me senti mais desejada. E ele foi tão abençoado. De pé, vestindo jeans justos e escuros, um cinto grosso com botões e botas marrons. Passar os dias em uma firma de advocacia deu ao seu olhar um toque de estilo que, quando misturado com sua sexy vibe country, eu sabia que as garotas da Universidade de Boston o devorariam.

Meu coração fez uma queda livre. O pensamento dele em Boston, andando pelas ruas pitorescas com uma garota linda, inteligente, ao seu lado e, sem dúvida, em sua cama, causou uma dor lancinante no meu peito.

—Pronto! — Amy chamou, entrando na cozinha com a bolsa e o casaco na mão. Izzy seguiu, parecendo muito menos entusiasmada.

—O que há de errado, Izzy? — Perguntei enquanto caminhávamos para a porta da frente.

—Eu só tenho dinheiro para o almoço, ok? — Ela resmungou, passando por Jon e Amy.

Desde a noite em que fui chamada para o apartamento da menina depois que Izzy foi demitida, eu estava lidando com seu problema. Ela não tinha conseguido um emprego, e seu dinheiro foi cortado para fornecer o básico.

Eu aprendi através do meu trabalho que muitas agências usaram o financiamento estatal para cobrir as despesas de vida, alimentação e cobertura, como eu forneci. Os trabalhos dos

indivíduos forneciam seu dinheiro para gastos. Nenhum trabalho significava nenhum dinheiro para diversão.

Eu me senti mal por Izzy, mas ela teve que aprender que as escolhas tinham consequências. Ela roubou novamente de um emprego e, enquanto perdoavam as tampas dos assentos e o bolo, pequenos erros, falta de sabão, caixas de sacos de lixo e lâmpadas sinalizavam um problema.

Dez minutos depois, eu nos dirigi ao shopping no carro da minha empresa. Jon empacado, não sendo um fã de ser passageiro e não o motorista e definitivamente não um fã de sedans, mas ao menos não estava na parte de trás.

Assim que entramos no oásis de compras, Amy e Izzy decolaram. As meninas gostaram de sua independência e queriam algum tempo para passear e fazer compras. Jon e eu nos oferecemos para sentar na praça de alimentação e encontrá-las em uma hora.

Sessenta e cinco minutos depois, depois de um pretzel e um smoothie compartilhados, com alguma luz sendo tocada, comecei a ficar preocupado.

—Elas nunca se atrasam, Jon. — Ficamos na entrada da praça de alimentação, de frente para o shopping de dois andares, observando a multidão.

Eu chequei meu telefone pela terceira vez. —Nenhuma ligação também. Elas têm meu número de celular programado em seus telefones. Elas sabem como usá-lo —.

—Olhe—, Jon apontou para a esquerda. —Há Amy. —

Nós decolamos em uma corrida em direção a ela, as lágrimas e a expressão de pânico em seu rosto só me deixando mais ansiosa.

—Onde está Izzy? Ela está bem? —Eu perguntei, ofegando por ar.

Amy sacudiu a cabeça. —Eu vim o mais rápido que pude. Ela está na cadeia do shopping. —

—Cadeia de shopping? — Eu olhei para trás de mim e por cima do ombro de Amy. Isso foi uma piada? Nós estávamos sendo punidos?

—Segurança do shopping—, Jon falou no meu ouvido.

Amy assentiu. —Ela foi pega roubando novamente. —

~~~

O dono da loja era mais compreensivo do que eu poderia imaginar. Ele tinha um tio com Down e entendeu algumas das inclinações com que os indivíduos lutavam. Ele não queria envolver a segurança, mas Izzy apertou uma vez que ela foi pega, não fornecendo nenhuma informação de contato para alguém com quem o proprietário pudesse falar.

A segurança do shopping era menos compreensiva. Depois que eu raciocinei, implorei e finalmente prometi não permitir que Izzy fizesse compras sozinha, ela foi liberada.
~~~

Nós quatro dirigimos para casa em silêncio. Mesmo depois que estacionei em frente ao prédio, ninguém se mexeu.

Finalmente, foi Amy quem falou. —Se você não parar, eu vou embora. Eu voltarei para casa com meus pais. — Ela se sentou ao lado de Izzy no banco de trás, sua pequena boca franzida de raiva.

Quando Izzy não respondeu, Amy pegou suas malas e bolsa e saiu do carro, batendo a porta atrás dela.

Eu me virei no meu lugar para encará-la. —Izzy, fale comigo. Por que você está fazendo isso? —

Seu lábio inferior tremeu, mas ela desviou o olhar, olhando pela janela.

—Eu furtei uma vez. De volta ao ensino médio - Jon me disse, não se dirigindo a Izzy, mas falando alto o suficiente para ela ouvir.

—Você fez? Eu não sabia disso. — Inclinei a cabeça para o lado. —Por quê? —

Uma risada curta e dura escapou da boca de Jon. —Eu não acho que sabia disso na época, mas olhando para trás eu sei. Eu estava sozinho. Eu tive ótimos amigos. Dean, Landon, Ricky e muito mais, mas não uma família que me amava. Minha mãe e eu só tivemos outra briga. O namorado dela me deu um tapa e me disse que eu era idiota e que não podia fazer nada. —

Minha boca caiu e o calor encheu meu rosto, mas Jon permaneceu calmo e no controle.

—Eu andei pelo shopping e pensei, vou mostrar a ele. Eu não sou idiota. Eu posso descobrir como pegar o que quero. E eu peguei o que queria. Mas então fui pego e me senti ainda pior —.

Eu coloquei minha mão em seu antebraço. —O que você fez? —

—Meu treinador de futebol na época me convidou para jantar com sua família. Ele me disse que se eu quisesse uma vida melhor, eu teria que ser uma pessoa melhor. Ninguém me daria isso. Eu tive que trabalhar para isso. Eu não roubei novamente, mas também não fiquei muito em casa. Comecei a ter empregos de meio período para poder pagar pelo que precisava e não precisei pedir nada à minha mãe. Ajudou, mas ainda me lembro desse sentimento. — Jon me deu um pequeno sorriso e depois olhou pela janela.

—Eu não sei porque eu levo as coisas, ok? — Ambas as nossas cabeças voltaram para Izzy. —É como se houvesse uma boa Izzy em uma orelha me dizendo para se comportar, e uma Izzy ruim na outra orelha dizendo que se eu quiser, eu posso ter. Mas eu não posso. Eu fico em apuros, ok? Como eu paro? — Ela começou a chorar, segurando as mãos na frente do rosto.

Jon alcançou o console central e pegou uma pilha de guardanapos de papel entregando um para ela. —Você acabou de dar o primeiro passo. Você foi honesta. Você nos disse que cometeu um erro e quer mudar. Essa é a parte mais difícil, Izzy. —

Eu assenti. —Absolutamente. E a próxima coisa que faremos é conversar com um terapeuta. A Helping Hands tem

todo o tipo de especialistas que podem conversar com você e ajudá-lo a aprender a tomar melhores decisões. —

—Ok—. Ela fungou, limpando o nariz com as costas da mão. —Eu farei qualquer coisa para conseguir que Amy fique. —

Jon abriu a porta e saiu. Ele caminhou para o outro lado e abriu a porta de Izzy primeiro, ajudando-a a sair e depois a minha. —Por que não vamos lá para cima e você diz a ela exatamente como é isso. —

Como eu tinha adivinhado, o desejo de Izzy de ser melhor era tudo que Amy precisava ouvir.

Nós quatro passamos a tarde cozinhando juntos na cozinha. Jon e Izzy comeram principalmente, mas eles nos entretiveram e se uniram. Ele ficou até a hora de sair para encontrar Ricky.

Quando Jon e Ricky foram para Chicago, fiquei pensando. Cada escolha tem uma consequência, mas às vezes a escolha mais difícil de todas é ser honesto consigo mesmo.

As consequências dessa decisão podem mudar tudo. E se eu fosse honesta com o Jon? Talvez ele estivesse se apaixonando por mim também. E quando meus pais e irmãos perceberem isso, ficariam felizes por estarmos juntos.

Eu queria tudo. Eu queria Jon, uma família feliz, independência e um relacionamento.

Mas eu temia que as conseqüências que eu enfrentaria pela minha honestidade só me deixassem mais sozinha do que

nunca.

~~~

—Feliz dia dos namorados, Flor! — Papai entrou na cozinha com uma grande caixa de chocolates em forma de coração. Ele as entregou para mim e deu um beijo alto na minha bochecha.

—Obrigada, pai. — Coloquei a caixa no balcão e abri o forno, verificando a temperatura da carne.

—O que você está cozinhando? Cheira fantástico! — Papai espiou atrás de mim, inalando o cheiro.

—Costelas assadas com batatas, feijão verde e uma salada Caesar com croutons caseiros. Parece bom? — Fechei a porta do forno e voltei para o fogão, onde os grãos estavam fervendo.

Papai esfregou o estômago. —Minha barriga acabou de se apaixonar. Agora eu vou entregar os chocolates de Delilah e da sua mãe, e espero, roubar um beijo ou dois de sua mãe também. Grite quando estiver pronto? —

Eu acenei para ele. —Não mais que dez minutos. —

A porta da cozinha se abriu, mas tudo o que vi foi um monte de margaridas. Jon apareceu atrás delas, entregando-as para mim e, em seguida, olhando em volta de cada canto para ver se estávamos sozinhos. —Feliz dia dos namorados, Luz do sol. — Ele me beijou rapidamente e, em seguida, pulou no
~~~

balcão. —Como foi o seu dia? —

Chegando na ponta dos pés, eu puxei um vaso do armário e enchi com água, colocando minhas lindas margaridas dentro. —Não foi tão ruim. Izzy viu seu terapeuta novamente e parece estar melhor. Ela também tem uma entrevista de emprego na próxima semana. O fato de ela estar procurando terapia para suas compulsões vai ajudá-la a empregá-la, estou apostando. — O temporizador apitou no forno e eu deslizei nas luvas do forno. Eu coloquei a panela de ferro fundido em um tripé e puxei o prato de batatas do aquecedor. —Papai me trouxe doces, e o cara mais gostoso que eu conheço me trouxe flores. Eu diria que está tudo bem. —

—Apenas bem? Isso soa muito bem. — Jon franziu a testa em confusão.

—Bem—, eu andei até ele, parado entre as pernas. —Isso foi ótimo. — Alcançando o meu bolso traseiro, peguei um pedaço de papel e entreguei a ele.

Ele pegou de mim e leu, seus olhos ficando maiores até que ele me puxou contra ele, pulando para cima e para baixo e me dançando ao redor da cozinha. —Você entrou! Você foi aceita! Você está indo para Nova York! —

—Shhhh—, eu coloquei meu dedo sobre seus lábios. —Eu não contei a ninguém além de você. —

Ele assentiu, apertando os lábios, parecendo que ia explodir de segurá-lo.

—Vamos jantar. Ajude-me a colocar a comida na mesa. —

Eu disse enquanto levei as batatas até a mesa.

Ele pegou a salada com uma mão e bateu na minha bunda com a outra. —Acabou de entrar em uma das melhores escolas de culinária do país e já está mandona como o inferno, hein? —

Rindo, saí de seu alcance quando meus pais e Delilah se juntaram a nós. Nós sentamos, passando comida e enchendo pratos enquanto todo o mundo tagarelou sobre o dia deles.

—Quem te deu aquelas lindas margaridas, Daisy? —, Perguntou a mãe com um sorriso brincalhão.

—Jon—, eu respondi, e seus olhos se arregalaram.

—Falando de—, disse Jon, inclinando-se para farfalhar através de uma bolsa. —Eu tenho presentes para todas as senhoras da casa. — Ele entregou a Delilah um urso de pelúcia segurando uma barra de chocolate e minha mãe uma vela perfumada.

Sem dúvida, Jon era bom com as mulheres.

—Obrigada, Jon. — Delilah saiu de seu assento e o abraçou.

Mamãe abriu a tampa da vela e inalou. —Cheira maravilhosamente, obrigada, querido. —

Depois de mais alguns momentos de comer, eu estava pronto. —Mãe pai? Eu tenho algo para lhe dizer. —Esperei até que meu pai delirou com as costelas, como elas eram tenras, saborosas. Todo mundo estava na metade das batatas assadas cheias de queijo e bacon. Minha mãe engasgou, na verdade

engasgou, quando ela experimentou os croutons caseiros que estavam na salada. Boa comida estava no cérebro. Esta foi a minha hora.

—Eu entrei em outra escola de culinária. —

Mamãe parou, uma garfada de feijão verde suspensa no ar. —Oh? —

Papai mastigou, muito mais do que eu pensava ser necessário, protelando ou juntando seus pensamentos. Finalmente, ele engoliu e perguntou: —Onde, Flor? —

—O Centro Internacional de Culinária em Nova York. É um dos três principais programas do país, papai. — Eu arrastei a pinça do meu garfo no molho de tomate e vinho tinto. O som do meu coração batendo encheu meus ouvidos.

—A cidade de Nova York é bem cara. — Papai abaixou o garfo e pegou sua cerveja. —Como você vai administrar tudo isso? —

—Guardei todo o meu dinheiro este ano, além de empréstimos, e conseguirei um emprego. Eu vou encontrar um companheiro de quarto, e não vou precisar de um carro, então... —Minha voz sumiu. A coisa toda soou assustadora quando eu disse em voz alta.

—Você acha que pode lidar com uma cidade grande como essa? — Papai perguntou.

—Você sabe quem eu esbarrei no Walmart hoje? — Mamãe pegou a mão do pai na dela. —Clare McFadden, a mãe

de Amy. — Mamãe encontrou meu olhar e continuou. —Ela estava delirando com a nossa Daisy. Parece que ela tem sido uma grande ajuda para Amy e Izzy. Ensinou-lhes um pouco de culinária básica, levou-as ao shopping e ao boliche e, o mais importante, convenceu Izzy a buscar ajuda em algumas de suas lutas. Ninguém mais passou por ela. Apenas nossa margarida. — Mamãe olhou para o pai com um sorriso.

—Na verdade, isso foi - oomph—. Tentei interromper para dar a Jon o crédito que ele merecia, mas ele pisou no meu pé. Difícil.

—Então, estou pensando que nossa garota está provando todo dia que é madura e responsável, Dale. Eu digo para pensarmos nisso. — Mamãe soltou sua mão e continuou comendo.

A boca de papai estava apertada, mas ele grunhiu, e isso foi melhor do que dizer não, no que me dizia respeito.

Ele me deu um aceno curto e comeu a última mordida de sua carne. —O que há para sobremesa? —

Eu sorri abertamente. —Apenas bolo de chocolate sem farinha com framboesas frescas e chantilly. —

Cada pessoa na mesa gritou, pronta para terminar a noite com um dos meus prazeres decadentes.

Eu chamaria isso de outro passo na direção certa.

Eu estou indo para você, New York City.

~~~

—Eu preciso da minha sobremesa. —

Meu quarto era escuro e silencioso, a única luz vinda do luar que brilhava pela minha janela. Eu não tinha adormecido, mas eu estava naquele limbo onírico que fazia minha mente vagar e meus ossos pareciam gelatinosos. Abri um olho e olhei para o despertador na minha mesa de cabeceira. Duas horas da manhã. Dianna estava na escola, então eu deveria estar sozinha.

—Jon? — A cama caiu ao meu lado, e eu senti o cheiro dele, aquele cheiro único que era Jon. Um toque de colônia, um toque de sabão, uma lufada de couro.

—O Dia dos Namorados está tecnicamente acabado, mas você também entrou na sua melhor escola hoje. Você fez um bolo de chocolate pecaminoso para a sobremesa, mas eu preciso terminar minha noite com algo mais doce. — Ele se inclinou e me beijou, sua língua encontrando a costura da minha boca, e eu abri, encontrando-o com movimentos suaves.

Sentei-me, minhas mãos encontrando seu peito nu, tocando, esfregando, agarrando-o. Meu sangue acendeu e eu apertei minhas pernas juntas para diminuir o latejar. —Eu posso ficar quieta. Eu preciso de você esta noite. Por favor, Jon. —

Ele parou por um longo minuto. —Não podemos acordar ninguém. Não fale mais. Silêncio. —Eu balancei a cabeça, meus lábios contra os dele, e ele pegou a ponta da minha camiseta e a
~~~

puxou pela minha cabeça. Suas mãos estavam cheias dos meus seios, e ele as segurou, beliscando os mamilos, lambendo, mordendo e depois chupando até que minha respiração ficou rápida. Minha calcinha foi rolada em seguida. Meu corpo estava zumbindo de antecipação.

Jon se levantou e me virou de bruços. Eu ouvi um farfalhar atrás de mim e imaginei que eram seus shorts e cuecas. A cama rangeu quando ele subiu, e de repente suas mãos estavam nos meus quadris, levantando-os no ar.

Meus joelhos estavam em cima da cama, e eu comecei a levantar de quatro, mas ele colocou a mão nas minhas costas e me guiou de volta para baixo de modo que apenas minha bunda estava no ar. Suas mãos acariciaram cada bochecha, apertando-as, adorando cada uma delas. Antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo, ele se moveu em cima de mim, seus pêlos no peito fazendo cócegas nas minhas costas. Ele colocou os braços em cima dos meus, nossos dedos ligados. O rosto de Jon estava perto do meu pescoço e ele chupou e beijou a pele macia. —Você sabe quanto tempo eu fantasiei sobre sua bunda perfeita? Seu corpo foi feito para mim. — Suas palavras foram sussurradas, o som baixo e rouco tão erótico que pensei que poderia detonar com prazer.

Foi tudo demais. O peso dele em mim, a velocidade do meu coração batendo, a antecipação do que estava por vir. Meu aperto em suas mãos se apertou, um apelo desesperado e silencioso.

—Shh—, ele pediu. —Inversão de marcha. Eu tenho que ver você. —Sua respiração estava quente no meu ouvido.

Movendo-me de costas, eu congelei quando o vi. De joelhos, acariciando a si mesmo, a luz da minha janela iluminou seu rosto. Mandíbula apertada, olhos meio fechados, a boca aberta. Jon parecia tão bonito perdido de desejo.

E eu amei cada pedacinho disso.

E então sua língua estava lá. Bem onde eu sofria por ele. Meus quadris balançaram quando ele lambeu meu clitóris em longos golpes. A sensação cresceu, mas ele se afastou antes que eu pudesse construir mais alto, me fazendo choramingar.

Ele se sentou, alcançando a minha mesa de cabeceira, onde havia escondido uma caixa de preservativos. Nossas respiração irregular, o som de um rasgando invólucro e depois o silêncio *whoosh* do preservativo sendo implementado parecia ser os únicos sons no mundo.

Ele se moveu sobre mim, uma mão ao lado da minha cabeça, a outra guiando-se para dentro. Engoli em seco quando ele entrou em mim, rápido e duro, e tão, tão bem. Sua mão agora livre deslizou sob a minha bunda e ele me levantou, inclinando meus quadris e entrando e saindo, mais e mais rápido. Meus suspiros aumentaram, e eu estava tão orgulhosa de ter disciplina suficiente para não gritar pelo prazer que ele estava me trazendo.

Jon grunhiu, um som baixo e dolorido, e ele balançou em mim uma e outra vez. Tão inexperiente como eu era, parecia que ele estava batendo em um ponto, uma área sensível que estava causando algo dentro de mim para crescer. Eu podia sentir o suor em seu peito enquanto batíamos juntos. Meus olhos se fecharam e meu corpo tremeu quando a sensação

momentânea em mim cresceu.

Algo grande estava acontecendo. Eu não seria capaz de me segurar. Eu teria que gritar. Meus olhos imploram a ele pelo que, eu não tinha certeza.

Jon sabia. Ele virou minha cabeça em direção a sua mão e colocou o polegar sobre meus lábios. Eu peguei e chupei forte, arqueando as costas, a cabeça pressionada contra o meu travesseiro, enquanto uma parede de prazer explodia ao meu redor. Ele também veio, seu corpo rígido e repuxado.

Ele caiu para a frente, rolando para os nossos lados, seus braços ao redor dos meus.

—Parabéns. — Ele falou no meu ouvido, e pequenas lágrimas picaram os cantos dos meus olhos. —Eu não consegui dizer até que todos foram para a cama, mas ninguém está mais orgulhoso de você do que eu. Você fez isso. —

Eu me virei em seus braços para encará-lo. —Nós fizemos isso. — A ponta da minha língua queimou para dizer a ele como eu me sentia. Que eu estava tão apaixonada por ele, que doía. Mas se ele não se sentisse da mesma maneira, tudo o que compartilhamos nos últimos meses se tornaria uma memória suja.

Em vez disso, fiquei quieta e beijei-o, fechando os olhos e caindo num sono feliz e contente.

E quando acordei de manhã eu estava sozinha.

Capítulo Vinte e Um

Jon

PREPARAÇÕES DE CASAMENTO estavam em plena marcha para Dean e Grace. Quando o Chicago Bears conseguiu um novo técnico este ano, eles receberam permissão para começar o treinamento da temporada mais cedo. Assim que Dean soubesse que estaria em treinamento a partir de abril, todo o inferno começou. O casamento teve que ser adiantado um mês, e levou toda a família para que isso acontecesse.

Mas eles fizeram acontecer. Em dois dias, Dean e Grace se casariam em uma tenda aquecida no quintal de seus pais. Claro, a data original significaria um clima melhor, mas Dean não se importava. Ele só queria fazer de Grace sua esposa. Dale e Dorothy ficaram emocionadas ao receber o dia especial do filho. Como Dean e Grace estavam pagando pelo casamento, eles mantinham a lista de convidados pequena, mas planejada para uma noite especial para todos nós.

Eu estava feliz pelo meu amigo. Ele era um homem mudado por causa de Grace e Finn.

E todas essas mudanças foram boas, com exceção de uma.

Seu foco em proteger sua família significava que ele observava cada movimento meu em torno de Daisy e isso estava começando a me irritar.

A outra coisa me irritando nos dias de hoje era o

correio. Ou a falta dele. Eu chequei a caixa de Goldsmith todos os dias para ver se a NYU tinha voltado para mim. Aceitar a faculdade de direito na cidade de Nova York poderia ser uma chance... uma maneira... Nós poderíamos estar juntos. Talvez não imediatamente, mas quando Daisy estivesse pronta. Tudo isso era inútil, no entanto. Se eu fosse aceito, já teria uma resposta.

Porra.

—Jon! Estamos saindo. — Ricky gritou do quarto da família.

—Tchau, Luz do Sol. — Entrando no quarto de Daisy para dar um beijo de despedida quando toda a sua família estava em casa para se preparar para o casamento era estúpido. Mas os últimos meses com ela foram os melhores da minha vida. Deixar a noite sem um beijo parecia impossível.

Ela ficou na ponta dos pés, um sorriso lento e preguiçoso se formando em seu rosto. Ela ficou ainda mais confortável em sua própria pele. Sexo fantástico e constante faria isso por uma pessoa. Eu adorava vê-la daquele jeito, e eu adorava que fosse eu quem desse a ela. Eu só queria poder dar isso a ela esta noite também.

—Tchau, bonitão. Você parece tão sexy. Você vai ter que lutar para afastar as garotas no bar. — Ela enfiou o lábio inferior em um beicinho, e eu me abaixei e chupei na minha boca, antes de liberá-lo e beijá-la completamente.

Nós não perdemos um segundo. Sua língua encontrou a minha, seu gosto familiar que eu agora associava com desejo,

necessidade e sexo. E amor? Eu estava apaixonado por Daisy? Eu nunca amei uma garota antes. Eu não tinha certeza se realmente amava minha mãe ou se ela me amava de volta. Como eu sabia o que era isso? E como eu sabia se eu queria isso na minha vida?

Com todas essas perguntas, surgiu um pensamento claro. Se eu fosse amar alguém no mundo, seria Daisy. A ideia de amá-la não me assustou, me acalmou. Me aterrou.

—Jon! Termine logo e vamos embora! — Desta vez foi Landon chamando por mim.

Eu me afastei com uma risada suave. —Tenho que ir. Olha, esta pode ser a despedida de solteiro do seu irmão, mas esse menino é muito chicoteado para deixar qualquer garota sair com a gente. Esta será uma noite de garotos e bebidas. É isso aí. —

—Divirta-se. Já sinto sua falta. —Sua voz caiu, e ela estudou o chão. Porra, eu odiava vê-la chateada de alguma forma.

Eu estalei meus dedos quando formei um plano. —Encontre-me no lago esta noite quando voltarmos. Vou mandar uma mensagem quando sairmos do bar.

Um sorriso cresceu em seu rosto. —Meu lugar favorito. —Ela beijou minha bochecha e, em seguida, me empurrou para fora da porta.

~~~
~~~

—Outra rodada! O Galã precisa beber hoje à noite! - Landon gritou, circulando o dedo no ar para o barman.

Nós nos sentamos em uma mesa junto às mesas de bilhar e dardos, na esperança de pegar a próxima livre.

—Como você se sente estando na noite do seu último dia como um cara solteiro? Em apenas alguns dias, você será amarrado à mesma mulher pelo resto da vida, cara. Uma buceta. Como é que o Olho de dragão vai lidar com isso? — Ricky se inclinou para frente para perguntar a Dean.

—Cara... — Dean sorriu, um sorriso onisciente que ele compartilhou com Landon antes de voltar para nós. —Você não tem ideia. Com a garota certa, você não precisa de nenhuma outra buceta. Sexo com a garota que você ama é diferente de qualquer outro. Você e o seu amigo em suas calças simplesmente não se cansam dela, nunca é o suficiente. —

Ricky ficou sério, virando-se para o lado. Eu me perguntei se ele conheceu a garota certa, ele era muito teimoso para admitir isso.

Eu sabia exatamente o que Dean queria dizer. Sexo com Daisy foi o melhor da minha vida. Eu nunca precisaria de outra garota se a tivesse.

O que inferno sagrado? Eu estava pensando em como seria fazer sexo com apenas uma garota pelo resto da minha vida?

—Obrigado, foda-se. — Eu levantei meu queixo para a garçonete que entregou nossas cervejas bem a tempo antes de

eu começar a escrever poesia e cantar baladas de merda da Celine Dion.

—Dean está certo, seus idiotas. — Landon bateu garrafas com Dean antes de engolir metade de sua cerveja. —Emma é tudo que eu vou precisar na minha cama. — Ele olhou em volta antes de adicionar. —Eu comprei um anel para ela hoje. —

— *O que?* — Eu perguntei, cerveja parou no meio do caminho para a minha boca.

Ricky sorriu. —Não, merda? —

—Parabéns, cara! — Dean deu um tapa nas costas de Landon quando nós três cantamos nossos aplausos ao nosso melhor amigo.

—Vou pedir a ela na volta para casa da USC em maio, logo após a formatura. Estarei pronto para trabalhar e cuidar da minha garota. — Landon sentou-se em sua cadeira tão feliz quanto eu o vi.

—Você vai se casar? — Uma voz rouca perguntou por trás de Landon.

Ele sacudiu, girando em torno de sua cadeira para enfrentar seu pai. —Olá, pai. — A voz de Landon era plana e sem emoção quando ele enfrentou o homem que o rejeitou quase cinco anos atrás.

John Washington parecia ter envelhecido vinte anos desde aquela época. Seu cabelo castanho estava magro e cinzento. Ele havia perdido peso, o que era uma coisa boa considerando a barriga que ele tinha, mas seu rosto estava pálido. Em sua mão,

ele segurava um copo cheio com o que parecia bourbon ou uísque.

—Podemos conversar por um minuto, Landon? —, Perguntou Washington.

Landon se arrepiou. —Esta é a despedida de solteiro de Dean. Eu não vou deixar ele. O que quer que você precise dizer para mim, você pode dizer na frente dos meus garotos. —

Seu pai soltou um suspiro pesado. —Posso me sentar? —

Landon acenou com a mão na direção da cadeira vazia.

John puxou a cadeira e sentou-se, tomando um longo gole de sua bebida. —Olá meninos. Senti falta de ver vocês jogando bola juntos. —

Dean, Ricky e eu concordamos, nenhum de nós sorrindo ou mesmo tentando fazê-lo se sentir confortável. Ele era um idiota de pai para Landon. Ele não merecia isso de nós. Não depois que ele expulsou Landon por perder sua bolsa de estudos. Seus pais deveriam tê-lo apoiado, e não piorarem sua vida.

O pai de Landon olhou para o copo antes de voltar para o filho. —Você e Emma vão se casar? —

Landon estreitou os olhos enquanto esfregava a barba no queixo. —Estou tentando descobrir se você merece uma resposta. Eu tentei falar com você por anos. Você não queria nada comigo. Você me expulsou de sua casa. Por que você quer conversar agora? E aqui de todos os lugares. —

Seu pai respirou fundo. —Eu estava errado. Eu fui tão idiota. Sua mãe me pediu para falar com você, mas eu resisti. Eu acho que não tendo você por perto, era mais fácil fazer jogos mentais comigo mesmo. Para fingir que você estava fora na escola e não havia essa brecha entre nós. Mas agora você vai voltar para casa, certo? —

Landon assentiu.

—Não posso morar na mesma cidade que meu filho e sua esposa e não falar com ele. Eu estava furioso no ensino médio que seu temperamento tirou sua bolsa de estudos para IU. Desde que você nasceu, eu sonhei que jogaríamos na mesma faculdade. Então, eu estava chateado. Mas eu levei isso longe demais. Não quero passar o resto da minha vida sem o meu filho. —

Eu não pude acreditar no que estava ouvindo. Antes da primeira luta que dissolveu a última esperança de um relacionamento entre pai e filho depois do colegial, eu fiquei na casa de Landon quase tanto quanto a de Dean. Seus pais tinham uma vida estável, então sempre havia toneladas de comida. Mas eles também foram auto-absorvidos e ignoraram Landon, optando por jogar dinheiro nele em vez de qualquer afeição ou interesse. Eu tinha escutado esse homem demitir e menosprezar seu filho por mais de uma década. As segundas chances tinham que ser ganhas, e ele não tinha feito nada para justificar uma.

—Sem ofensa, Sr. Washington, mas por que ele deveria perdoá-lo? — Entrei na conversa, meus próprios problemas familiares também na linha de frente dos meus

pensamentos. —Você sempre foi um pai de merda. Mesmo quando criança, Landon estava sozinho o tempo todo. Agora ele conheceu uma mulher maravilhosa, ele tem um lugar para chamar de lar com a família dela, e ele nos tem. Nós somos a família que ele nunca teve. O que exatamente ele precisa de você? —

Um silêncio ensurdecedor nos rodeou. No fundo, vidros tilintaram e música tocou, mas tudo que ouvi foi o som das minhas palavras reverberando no ar.

O Sr. Washington drenou seu copo de licor. —Eu sei o que todos vocês pensam de mim. Entendi. Eu era jovem e egoísta. E você está certo, Jon. Landon não precisa de mim. Mas eu preciso dele. Eu preciso do perdão dele, e eu preciso da minha família de volta. —Ele se levantou e se aproximou de Landon, colocando a mão em seu ombro. —A questão é que, como vocês provavelmente já entenderam, os adultos não sabem tudo. Nós cometemos erros. Somos humanos. Eu estraguei tudo. Realmente. Mas eu não quero passar o resto dos meus dias sem você neles. Sua mãe e eu queremos conhecer Emma. Queremos a chance de amar nossos netos. Eu não mereço isso e você não precisa disso. Mas eu sim. —

Ele se virou e saiu do bar, saindo pela porta da frente e entrando no estacionamento.

Todos nós olhamos para Landon.

—Você está bem, cara? — Dean perguntou.

O rosto de Landon estava em branco, uma máscara no lugar para esconder seus sentimentos. —Eu volto já. —

Por um minuto, pensei que ele estivesse seguindo o pai, mas ele se virou para o corredor que levava ao banheiro.

—Podemos obter outra rodada? — Eu chamei para o barman. —Temos que animar essa despedida de solteiro—, eu disse para Dean.

—Nah, — Dean agarrou meu ombro. —Isso é a vida real, cara. E o que você disse para o Sr. Washington estava certo. Somos a família um do outro. Eu prefiro ajudar Landon a passar esta noite do que ficar bêbado e brincar de dardos. —

A garçonete trouxe cervejas e eu passei uma para Ricky. Ele se sentou com a cabeça nas mãos, cotovelos na mesa.

—Ricardo? O que está te perturbando? —Dean perguntou, suas sobrancelhas franzidas em preocupação.

Ricky ficou quieto por um minuto, mas depois levou o punho à boca. Ele parecia que seus pensamentos estavam o estrangulando. —Dean, sinto muito, mas tenho que sair. Há algo que tenho que fazer. —

Dean olhou para mim quando Ricky se levantou, jogou dinheiro na mesa e encolheu os ombros em seu casaco de couro surrado.

—Não é um problema. Dirija com segurança, —Dean disse a ele.

Ricky nos deu um tapinha nas costas. —Vejo você amanhã para o ensaio—, ele murmurou e, em seguida, saiu correndo pela porta.

—Eles estão caindo como moscas hoje à noite. — Entreguei a cerveja intocada de Ricky para Dean. —Bebe. —

Landon voltou para a mesa com a cabeça baixa e a mão esfregando a nuca. Ele puxou uma cadeira, sentou-se e bateu sua cerveja. —Eu falei com Emma—, disse ele, passando as costas da mão pela boca.

—E? — Eu perguntei.

—Se ele realmente quiser, eu vou perdoá-lo. Falar com ele. Dar a ele e a mamãe outra chance. — Ele falou com firmeza e confiança.

—Tudo bem. Se é isso que você acha que é melhor - disse Dean.

Eu terminei minha cerveja, minha mente correndo. — Como você consegue fazer isso? Quer dizer, eu o ouvi, mas tudo que eu conseguia pensar era na minha mãe. Ela também era uma merda, à sua própria maneira. Eu só não sei se eu poderia perdoá-la como você faz. —

Landon ficou em silêncio, tirando o rótulo de sua garrafa de cerveja. —Mas pense no que meu pai disse. Eles são humanos. Eles cometem erros. Eles pecam. Nós também. E se sua mãe veio até você como meu pai fez comigo e disse o que você está esperando, toda a sua maldita vida para ouvir - que ela quer você. Que ela quer te conhecer e amar você. Aposto que você também a perdoaria. —

Landon estava certo. Mesmo sendo um homem crescido, se minha mãe preferisse ficar comigo ao invés de um de seus

namorados, eu ficaria emocionado. Eu começaria a deixar minha raiva ir se ela se desculpasse e agisse como se ela me amasse porque ela era a única mãe que eu tinha. Uma vida sem parentesco para compartilhar os momentos importantes parecia fria.

Ficamos calados novamente por alguns minutos, cada um de nós perdido em nossos pensamentos. Quando senti alguma clareza, fui até o bar e pedi três doses de uísque.

—Aqui—, eu entreguei a cada um deles um tiro. —Para administrar. Para o perdão. E ver nosso irmão casar-se com o amor de sua vida. —

Nós tilintamos os copos e tomamos as doses.

—Pronto para um jogo de sinuca, Senhor rei da bola? —, Perguntei a Dean.

E como se faz em uma festa de despedida de solteiro, continuamos com apelidos idiotas e falsos até que demos a Dean uma noite digna de nossos anos de amizade.

Capítulo Vinte e Dois

Margarida

Jon: *No Uber agora. Te encontro no lago em 10 minutos.*

Eu: *não posso esperar!*

A noite estava fria, então vesti uma parca grossa e peguei uma colcha do armário do corredor. Eu não tinha certeza de como as coisas ficariam nessa noite fria, mas eu queria estar preparada. Sorri e coloquei um preservativo da minha mesa de cabeceira no meu bolso.

A casa estava quieta enquanto eu descia as escadas e saía pela porta da cozinha. Ao fazer meu caminho até o lago, tudo que ouvi foi o farfalhar das folhas sob os meus pés e o som de uma coruja distante.

Assim que cheguei ao meu lugar favorito, espalhei a colcha grossa no chão, jogando o pacote de preservativos no centro. Então eu andei até a margem do lago. A lua estava cheia esta noite, proporcionando muita luz que refletia majestosamente na superfície da água.

—Não é nem de longe tão impressionante como você é—, Jon falou no meu ouvido ao mesmo tempo, ele passou os braços em volta da minha cintura. —Como foi a sua noite? — Ele

descansou o queixo no meu ombro.

—Bom, eu acho. Mamãe e eu conversamos mais sobre Nova York. Ela e papai podem estar aceitando. Eu me virei para encará-lo, acariciando seu pescoço e tomando seu cheiro misturado com uma sugestão de cerveja do bar.

—Daisy, isso é fantástico. — Jon inclinou meu rosto para ele. —Você está fazendo isso. Provando a eles que você pode ir sozinha e vai ficar bem. —

—Tudo começou com você acreditando em mim. — Eu olhei em seus olhos, e apesar do frio, eu estava aquecida da cabeça aos pés. —O jeito que você olha para mim, para o meu corpo. A maneira como você respeita tanto a minha inteligência que você me pediu para ajudá-lo a estudar. Jon, você sempre me apoiou. Obrigado não é o suficiente. —

Os olhos de Jon se arregalaram e ele trouxe sua boca para a minha. Sua língua lambeu a costura dos meus lábios, e eu abri para ele, chupando sua língua e pressionando meus quadris contra ele. Ele tinha gosto de cerveja e chiclete.

Nosso beijo se aprofundou, nossos gemidos enchendo o ar da noite. —Eu te quero tanto, Jon. Aqui a noite. No nosso lago. —

Ele respondeu com olhos pesados e um sorriso diabólico quando ele abriu o zíper da minha parka. Quando ele abaixou o rosto, ele chupou a pele logo acima da minha clavícula enquanto massageava meu peito por cima da minha camisa.

—O QUE MERDA ESTÁ ACONTECENDO AQUI? — Dean

rugiu do outro lado do cobertor, e Jon e eu congelamos.

Eu tentei me afastar, mas ele me segurou para ele, abraçando-me com força. —Está tudo bem, Luz do sol. — Suas palavras sussurradas foram feitas para acalmar, mas o pânico que crescia dentro de mim era real.

Dean andou mais perto de nós e, em toda a minha vida, nunca o vi tão enfurecido. Seu rosto estava vermelho brilhante, e seu cabelo estava em pé de onde ele deve ter puxado as pontas enquanto nos observava. Seus olhos eram enormes e sua mandíbula estava apertada. —Explique, Daisy. — Ele mordeu, cuspi escapando de sua boca com cada palavra.

Eu saí do abraço de Jon e dei um passo para perto do meu agora agitado irmão.

—Dean, me escute. Eu tenho dezoito anos. Eu sou adulta. Jon e eu estávamos apenas nos divertindo. Nada sério. — Falei devagar, mas com força.

Dean estendeu a palma da mão para cima. —Vocês dois fizeram sexo? —

Jon se adiantou. —Isso não é da sua maldita conta. —

Dean saltou em sua direção e eu entrei entre eles, uma mão em cada um dos peitos deles. —Pare com isso, pessoal—, eu gritei.

—Me responda. Você fodeu minha irmãzinha, Jon? —Não esperando que ele respondesse, ele olhou para mim. —E você, minha doce Daisy. Você mentiu para mim o tempo todo? Quando te perguntei se havia alguma coisa acontecendo, você

alegou que eram apenas amigos. Me diga que você não mentiu pra mim. Diga-me que você não deixou este filho da puta convencer você de que estava apaixonado e você dormiu com ele. —

Jon rosnou e eu pressionei mais forte em seu peito. — Dean, isso é suficiente. E Jon está cem por cento correto - isso não é da sua conta. Eu não sou boba, lembre-se. Jon não me convenceu de que isso era amor, porque nós dois sabemos que não é o que está acontecendo aqui. Esse relacionamento se encaixa em um propósito muito específico. Nós fizemos um acordo para ajudar um ao outro antes de sairmos de casa. Então, sim eu dormi com ele. Ele foi meu primeiro, e nós fomos cuidadosos, então não é como se eu fosse uma vadia. Mas eu sei que isso está indo a lugar nenhum. Jon não me enganou. Ele acabou de me dar o que eu precisava. —

Ambos os homens se afastaram de mim e do outro. Eu olhei para Dean. Suas mãos estavam enroladas em punhos e sua respiração estava ficando mais rápida.

—Você tirou a sua virgindade? — Dean gritou novamente e atacou Jon, que estava olhando para o chão. Incapaz de se preparar para o impacto, o punho de Dean atingiu o queixo de Jon fazendo um som estridente. Jon desceu ao chão, sua mão segurando seu rosto. —Esse foi por mexer com Grace e eu. Eu devia isso a você. — Dean ficou parado ao lado de Jon, com as pernas abertas, peito arfando. —E este é por brincar com Daisy, sua merda idiota. — Com isso, Dean ergueu o punho para trás e conectou-se bem na maçã do rosto de Jon.

—Não! Pare! —Eu gritei quando Jon rugiu de dor.

Mas então Jon estava de pé, saltando de pé e em direção a Dean.

—Vamos, — Dean gritou, mas quando eu estava prestes a gritar novamente, dois pares de braços agarraram cada um dos homens.

Damian segurou os braços de Dean nas costas e Devin fez o mesmo com Jon. Eu amava aqueles dois, mas eles não eram páreo para Jon ou Dean.

Uma voz, no entanto, fez com que todos parassem de gritar.

—Flor? — Papai perguntou, um leve tremor em seu tom. —O que está acontecendo? —

Limpei as lágrimas do meu rosto enquanto um gosto amargo enchia minha boca. Meu estômago rolou em ondas, e eu temi que eu pudesse vomitar nos meus sapatos. Parados ao lado, parecendo assustados em suas vestes e chinelos, estavam minha mãe, Delilah e Dianna. A única coisa a agradecer naquele momento era que Grace e Finn estavam dormindo na casa de seus pais. Eu não suportava pensar em mais testemunhas da minha humilhação.

—Daisy.. Eu lhe fiz uma pergunta - meu pai disse, com os braços cruzados sobre o peito, vestindo o roupão e os chinelos. Seus olhos viajaram para o cobertor onde a luz da lua refletia perfeitamente no invólucro prateado de preservativo metálico para toda a minha família ver.

Eu queria morrer. Agora.

—Senhor? — Jon encolheu os ombros de Devin e deu um passo mais perto de meu pai.

Papai olhou para Jon com os olhos apertados. —Sim, filho? Voce tem algo a dizer? —

O pomo de Adão de Jon balançou quando ele engoliu. — Daisy e eu estamos em um relacionamento físico há algum tempo. —

—Porra—, ouvi Devin sussurrar. Ele andou para ficar ao lado do meu pai. Damian olhou para Jon e tomou o outro lado.

—O que isso significa? Um relacionamento físico? —Papai perguntou, assustadoramente calmo.

O olho direito de Jon estava inchado e sua mandíbula já estava ficando roxa. Ele estava ferido e ainda assim queria me proteger de ter que dizer isso na frente da minha família.

—Nós, bem, começamos como amigos, e depois, enquanto passamos mais tempo juntos, nós... — Jon se atrapalhou com suas palavras.

Eu entrei. —Papai, nós fizemos sexo. Nós temos feito sexo nos últimos três meses. Temos sido cuidadosos o tempo todo e eu sou uma adulta, então não há nada para discutir aqui. —

Meu pai olhou para o chão, e quando ele levantou o rosto, ele fez o olhar irritado de Dean parecer mais um cachorro frustrado. As veias latejavam nas têmporas, o rosto tão vermelho que parecia mais roxo, e as bordas dos lábios eram brancas enquanto ele as pressionava juntas.

Ele deu um passo em direção a Jon, mas me encarou. —Não há nada para discutir aqui? NÃO HÁ NADA PARA DISCUTIR AQUI? —O pai berrou tão alto que eu jurei que o chão tremia sob meus pés. —Você está dizendo para mim, que você e um jovem que eu considero um filho -— Papai olhou para Jon e Jon abaixou a cabeça de vergonha —, teve relações em minha casa? Uma casa em que sua mãe e eu o convidamos, para protegê-lo e cuidar dele, enquanto dormia com minha filha, e isso não é algo para discutir? Sem mencionar a diferença de idade entre vocês dois. —

—Senhor—, Jon começou, mas papai balançou a cabeça lentamente.

—Não. Você terminou de falar esta noite. Eu não estou ouvindo. Você tirou vantagem da minha garotinha. Você se aproveitou de nossa gentileza. Agora você precisa dar o fora da minha casa. — Papai apontou para a nossa casa do outro lado da floresta.

—Não, espere. Deixe-me explicar! Jon, não saia assim! — Eu gritei, agarrando a mão de Jon, mas ele se afastou.

Jon olhou para cada pessoa da família, um por um, todos exceto por mim. —Dean—, disse ele, ajustando sua mandíbula antes que ele pudesse terminar. —Eu não vou incomodar a todos amanhã ou no dia do seu casamento. Eu entendo que você não me quer lá. —

Eu chicoteei minha cabeça para Dean e vi o olhar ferido em seu rosto, como se tivesse ocorrido a ele que Jon e minhas ações provavelmente terminariam sua amizade para sempre.

O silêncio nos rodeava e meu coração disparou enquanto tentava descobrir como consertar a bagunça que causei.

—Jon—, meu pai gesticulou para a casa com o polegar. — Hora de ir. —

—Não! Eu vou com ele então. —Eu tentei correr, mas Dean envolveu seus braços em volta de mim, me segurando no lugar.

—Você quer agir como uma criança agora ou como a adulta que você diz ser? — A voz de Dean estava firme no meu ouvido, e eu me acalmei quando Jon passou pelo grupo, ainda não querendo encontrar meus olhos, saindo pela floresta.

Papai olhou por cima do ombro, seguindo o caminho de mamãe em direção a ele. Eles apertaram as mãos e se aproximaram de mim.

—Nunca, em todos os seus dezoito anos, fiquei mais desapontado com você. O que você decidiu fazer descontroladamente em nossa casa, onde sua irmã ainda vive, está errado. E você mentiu, Daisy. Você escondeu um relacionamento de sua família. —A voz e o rosto de papai haviam suavizado, mas ele ainda estava furioso.

—Daisy, como você não pode me dizer sobre isso? —, Perguntou a mãe, com a voz embargada.

—Você pediu este ano para nos mostrar que você era madura e independente o suficiente para ir para a escola de culinária em Nova York. — Seus olhos ficaram duros, e com isso, meu estômago caiu no chão. —Hoje à noite prova que você é tudo menos isso. —

Com isso eles se viraram, caminhando devagar de volta para a casa.

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas enquanto eu os observava ir. Enxugando-as, enfrentei meu irmão. —Dean, eu sinto muito. — Diferente de Jon, a pessoa que eu me sentia pior em machucar nessa bagunça era Dean. Eu não tinha sido honesta com ele sobre o que estava acontecendo com um de seus amigos mais próximos.

—Eu não culpo você, Daisy. Você é inocente nisso. Jon era quem conhecia melhor - disse Dean.

—Espere um minuto. — Eu segurei minhas mãos na minha frente para tentar pará-lo e levá-lo para ouvir. —Isto é minha culpa. Jon lutou comigo por tanto tempo. Não o culpe. Me culpe. —

Mas Dean apenas virou as costas para mim e caminhou até a casa.

—Vai ficar tudo bem Daisy. — Devin beijou o topo da minha cabeça e correu para pegar Dean.

Damian passou os braços em volta de mim em um abraço. —Eu gostaria que você tivesse falado comigo—, ele sussurrou no meu ouvido. —Somos gêmeos irlandeses, lembra? Eu sabia que algo estava acontecendo. Só não sabia que chegara tão longe. —

Eu funguei e apertei-o de volta.

—Eu prometo a você, tudo ficará bem no final. Eu sei disso. — Ele me segurou perto, e eu balancei a cabeça em seu peito.

Ele me soltou e saiu correndo devagar para a casa com os outros. Voltei-me para o lago, concentrando-me na lua que há apenas uma hora parecia romântica e me encheu de promessas. Agora parecia oco. Ou talvez esse fosse o meu coração?

Oco.

Eu caí na grama, envolvendo meus braços em volta das minhas pernas e chorei, grandes soluços do corpo se sacudindo. Senti o calor de dois braços em cada lado de mim, duas cabeças descansando em cada ombro. Quando consegui respirar de novo e minhas lágrimas diminuíram, cada um deles pegou uma das minhas mãos.

—Não se preocupe em me corromper, mana. Estou bem ciente de como a coisa toda do sexo funciona. — Delilah brincou com um aperto de mão. —Além disso, Jon é gostoso como merda. Eu digo que fez bem. —

Eu ri soluçando. Não havia outro jeito de descrevê-lo, as emoções tão misturadas.

—Sabe de uma coisa? —, Perguntou Dianna. —Eu te amo mais hoje à noite do que antes. — Sua voz era firme e forte, e meu próprio coração se fortaleceu em retorno.

—Por quê? — Eu sussurrei no céu noturno.

—Porque esta noite você mostrou a todos nós que você deixou seus medos e inseguranças irem e você começou a viver. Não pare de fazer isso. — Dianna acariciou meu cabelo. —Prometa-me agora mesmo, que você não vai dar

ouvidos ao medo de novo. Você chegou longe demais. Está na hora de viver. —

Fechei meus olhos e absorvi suas palavras. E com a força das minhas duas irmãs ao meu lado, à luz da lua cheia, prometi a mim mesma que isso era apenas o começo.

A vida que eu estava sonhando estava bem na minha frente. Eu apenas tive que ser corajosa o suficiente para alcançá-lo.

Capítulo Vinte e Três

Jon

Eu não tinha para onde ir. Com o jeito que Ricky correu para fora do bar, eu sabia que ele estava com sua garota. Fui expulso da casa de Daisy e Dean, e minha mãe não me queria na casa dela. Eu dirigi pela cidade, indo em direção ao complexo de apartamentos da minha mãe. Eu não bateria na porta dela. Eu não daria a ela o prazer de me afastar. E embora eu soubesse que sempre poderia conseguir um quarto de hotel para a noite, fui aceito em BU pelo amor de Deus. Mais do que nunca, eu precisava me concentrar em economizar cada centavo que pudesse.

Entrando no estacionamento, desliguei os faróis e desliguei o motor. Minha cabeça caiu contra o assento. Porra, ia ser uma noite longa e fria, e meu rosto doía onde tinha encontrado o punho de Dean. Eu deveria estar agradecendo a Deus por não ter sido parado por um policial, dirigindo sem rumo pela cidade às duas horas da manhã com um olho inchado e fechado. Enquanto nós bebemos muito mais álcool do que era seguro para estar atrás de um volante, minha adrenalina e emoções queimaram qualquer zumbido que eu tinha antes de dirigir.

Fechei meu outro olho, revivendo a cena no lago. Muitas coisas nocivas foram ditas, mas apenas uma importava. Daisy disse-lhes que tudo o que tínhamos era físico. Que todo o nosso tempo juntos não significava nada para ela.

Então foi isso. A segunda mulher na minha vida que não me amava.

Eu soltei um longo suspiro. Foi por isso que prometi nunca estar em um relacionamento. E então meu relacionamento de não-relacionamento foi e me socou bem no intestino.

TOC Toc

Eu quase pulei da minha pele com o som vindo da janela ao meu lado. Havia uma luz muito esparsa que brilhava nas luzes das ruas, mas pude ver o suficiente para saber quem era. Eu rolei a janela lentamente.

—Ei mãe. —

O cheiro de seus cigarros permeava o ar. Ela deu uma longa tragada no cigarro na mão e soprou fumaça pela lateral da boca em um longo jato.

—O que você está fazendo aqui no seu caminhão? É o meio da noite, Jon. —Sua voz rouca, provavelmente pela queima dos cigarros e pela falta de sono.

Eu descansei meu braço na janela do carro e batucando meus dedos no volante do carro. —Eu poderia perguntar o mesmo a você. Por que você está acordada a essa hora?

Ela encolheu os ombros. —Não consegui dormir. Venha para dentro. Eu quero falar com você sobre algumas coisas. —

Meu estômago deu uma cambalhota. Eu não queria mais lutas hoje à noite. Eu não queria ouvir que eu estraguei tudo. Que eu não fui desejado.

Eu já sabia dessas coisas. Sempre soube.

—Não, eu estou bem aqui. Vou dormir no caminhão hoje à noite e sair logo de manhã. —

Ela revirou os olhos e soltou outro longo fio de fumaça. — Sempre tão teimoso. Traga sua bunda para casa. Está frio, e já é tarde, e eu não estou com vontade de discutir. — Ela largou o cigarro, esfregando na ponta do pé com o pé coberto de chinelos. —Mova sua bunda. Agora. —

O vento aumentou, lembrando-me que eu provavelmente iria congelar minhas nozes na minha caminhonete se eu ficasse aqui pelo resto da noite.

Foda-se. Quanto pior a minha noite poderia ficar?

—Tudo bem. — Eu levantei minha janela e peguei minha mochila do assento ao meu lado. Mamãe abriu a porta do meu carro e esperou que eu saísse, batendo-a atrás de mim.

Entramos em seu apartamento em silêncio. Com a luz fluorescente do corredor, ela deu uma boa olhada no meu rosto.

—O que diabos aconteceu com você? — Ela levantou a mão para tocar minha bochecha, mas eu me movi para trás, fora de seu alcance.

—Nada. Apenas brincando com os garotos. Fiquei um pouco empolgado. — Isso era crível. Esta noite não foi a primeira vez que um de nós ficou chateado com o outro e usou nossos punhos para tornar esse sentimento conhecido.

Ela apertou os olhos, estudando meus ferimentos antes de suspirar e abrir a porta de sua unidade. Eu a segui, deixando cair minha mochila no canto.

—Quer algo para beber ou comer? — Ela estava na cozinha, esfregando os braços com as mãos.

—Não, eu estou bem. — Eu sentei no sofá, com as pernas bem abertas.

—Aqui—, ela me entregou um bloco de gelo. —Alterne isso em seu olho e bochecha. —

—Obrigado—, eu murmurei e estremeci quando o frio atingiu minha pele. —Então, — eu olhei ao redor do apartamento. Nada mudou. Nenhum novo mobiliário. Nenhuma nova foto. Nenhuma evidência do novo homem da mamãe ou uma nova vida que melhorou com a minha ausência. —Onde está seu namorado? —

—Namorado? —, Ela perguntou, com uma inclinação de cabeça, um olhar interrogativo em seu rosto.

—Sim, o que eu vi com você no Dia de Ação de Graças. Vocês dois pareciam muito confortáveis. —Eu me movi para frente, apoiando meus cotovelos nos meus joelhos.

—Oh, certo—, ela balançou a cabeça, caminhando até a poltrona reclinável e sentando-se à minha frente. —Nós terminamos depois do Natal. — Ela parecia entediada com o pensamento dele, como se outro homem saindo de sua vida não significasse nada para ela. Eu sabia que o exato oposto era verdadeiro.

—Isso mesmo? — Eu perguntei. —Eu acho que desta vez você não pode me culpar por isso, hein? — Minha risada foi curta e dura, quase cruel. Meu peito se contraiu e minha garganta queimou. Muito do meu passado foi amarrado nessa última pergunta.

- Do que você está falando, Jon? — Mamãe recostou-se na cadeira, a mão sobre a base do pescoço, parecendo tanto defensiva quanto desnorteada.

Meus olhos se arregalaram e me sentei também, descansando meu tornozelo no meu joelho oposto. —Você está brincando comigo, certo? — Quando ela manteve seu olhar fixo em mim, eu continuei. —Crescendo, você me culpou por todos os seus rompimentos. Olha, os caras disseram isso sozinhos. Entendi. Mas depois que eles saíram, você se certificou de que sabia que concordava com eles. —

Ela estreitou os olhos para mim. —Você acha que eu te culpo pelos meus relacionamentos fracassados? Sério? —

Desta vez eu fiquei quieto, a cabeça inclinada para o lado, olhando-a bem no rosto.

—Ok—. Ela se levantou e andou de um lado para o outro na frente dela. —Eu posso ver porque você pensaria isso. Mas isso não é verdade. Não foi sua culpa. Eu apenas chuto os relacionamentos. —

—Bem, você não estava exatamente ganhando na maternidade, você sabe. — Eu estava sendo um idiota, mas neste momento, eu não tinha mais o que fazer.

Ela desviou o olhar, estudando os pés antes de assentir. — Isso é justo. Mas eu tentei. Eu queria ser uma boa mãe para você. —

—Talvez você tenha feito, mãe. Mas você me fez sentir como um convidado em minha própria casa. Não eles. O que você acha que faz para uma criança quando, noite após noite, ele ouve a mãe dele fodendo no quarto ao lado? E Deus não permita que ele fique com medo ou tenha um pesadelo. Homens estranhos gritando com ele... repreendendo-o... batendo nele. E você não fez nada. Nunca disse uma palavra para pará-los. Por quê? —

Lágrimas rolaram lentamente pelo rosto, a mão pressionada contra a boca. —Sinto muito—, disse ela depois de alguns minutos. —Eu estraguei. Eu estava sozinha. — Ela pegou um lenço de papel e enxugou os olhos. —Seu pai biológico e eu nunca estivemos em um relacionamento sério. Mas quando eu engravidei de você, eu tinha certeza que ele viria. —Ela soltou um suspiro. —Na verdade, o oposto ocorreu. Ele correu para o outro lado. E não por sua causa. Por minha causa. Eu não era boa o suficiente para ele. — Ela fungou e assoou o nariz em outro lenço.

—Eu ficava pensando que se eu fosse mais divertido, mais bonita, um encontro melhor, que eu encontraria amor. Mas cada um achou que eu não era boa o suficiente. Quando eles tiveram um problema com você, foi um alívio em alguns aspectos. Eu poderia culpar alguém por minhas falhas. —

Ela balançou a cabeça lentamente. —Eu sei. Tão incrivelmente errado. —Ela respirou fundo algumas vezes

antes de continuar. —Quando você saiu para a faculdade, e eu continuei namorando, foi quando eu tive certeza disso. Ser uma mãe solteira não estava me segurando. Foi tudo o que eu tive. Mas então o dano foi feito. Você me odiava. —

—Mãe—, eu comecei, mas ela levantou um dedo.

—Você não precisa me perdoar. Mas eu quero me desculpar. Quando você saiu da última vez, eu pensei com certeza que você voltaria logo. Eu era muito teimosa para ligar para você e pedir para você voltar. Eu sabia que você estava morando com os Goldsmiths, então você não precisava de uma mãe perdedora como eu. Não quando você faz parte da família ideal americana. —

—Mãe—, eu disse novamente, mas ela se levantou e caminhou até o sofá, ajoelhando-se na minha frente.

—Jon, eu não quero ficar sozinha pelo resto da minha vida. Eu tenho sido uma mãe terrível, mas eu juro por Deus, eu sempre amei você. —Sua voz falhou quando ela chorou. —E você sempre foi um ótimo filho. Eu quero uma chance de te conhecer como um adulto. Talvez para tentar ser uma mãe decente para você agora, ou talvez até amigos, um dia. —

Não importava o que ela dissesse depois disso. Ouvindo a verdade em sua voz, o engate em sua respiração, vendo as lágrimas rolando por suas bochechas, eu sabia. Eu ia perdoar a única pessoa que jurei que nunca faria.

Eu a puxei do chão e passei meus braços ao redor de seu corpo frágil em um abraço. —Ok, mãe. Eu perdoo você. Shhh, — eu persuadi, tentando acalmar seus soluços. —Tudo ficará bem.

—

Isso me bateu como ela era jovem quando se tornou mãe e quão jovem ela ainda era. Ela não tinha dado a paternidade seu melhor esforço, mas ela tentou. Naquele momento, senti-me igual a ela. Como se um dia pudéssemos passar pelo que havíamos passado e seguir em frente com o que poderia ser.

Observando o modo como Landon reagiu ao pai, aprendi o verdadeiro poder do perdão.

Nós nos sentamos no sofá, e ela ficou deitada de lado até que sua respiração ficou pesada. Eu descansei minha cabeça contra o encosto do sofá e fechei meus olhos. Uma porta bateu fechada hoje, mas outra abriu, só um pouco. Eu não estava completamente sozinho.

E isso foi um começo.

~~~

O cheiro de café me tirou do sono. Minha mão puxou um cobertor mais alto no meu corpo. Eu virei meu rosto e encontrei um travesseiro sob minha cabeça. Mamãe deve ter acordado cedo e tentado me deixar confortável.

Sentei-me, esticando os braços sobre a cabeça e bocejei.

—Bom dia, Jon. — A mãe se aproximou com uma xícara de café.
~~~

—Bom dia, mãe. — Eu peguei a caneca e tomei um gole. — Obrigado por isso. —

Um sorriso pequeno, suave e quase tímido se formou em seu rosto. —Obrigada por me perdoar. Eu sei que tenho muito trabalho a fazer com você, mas estou feliz pela chance. —

Eu balancei a cabeça enquanto os cantos da minha boca se levantavam. Mamãe me entregou um envelope branco e grosso.

—O que é isso? — Eu perguntei a ela antes de entregá-la para inspecionar o endereço.

Ela encolheu os ombros. - Presumo que você tenha encaminhado sua correspondência para o endereço do Goldsmith, mas isso foi enviado para cá. Eu não abri. —

O endereço do remetente dizia: New York University, School of Law.

De jeito nenhum. Não que isso importasse neste momento. Daisy e eu poderíamos estar morando na Big Apple, e eu sabia que não nos veríamos depois da noite passada.

Eu abri o envelope e tirei várias páginas.

—O que é isso, Jon? — Mamãe perguntou.

Eu examinei a página e entreguei a ela.

Ela olhou para a primeira página e levantou a cabeça, papéis caindo no chão. —Você entrou na faculdade de direito? — Sua mão voou para seu peito, e sua voz subiu uma oitava.

Eu esfreguei meu queixo, minha mente correndo. —

Universidade de Nova York, bem como a Universidade de Boston, Faculdade de Direito, na verdade. —

—Boston e Nova York? — Mamãe gritou e dançou uma dança feliz na minha frente. —Meu bebê vai ser um advogado? —

—Tenho que passar por três anos de faculdade de direito e o exame da ordem antes que isso aconteça, mãe—, eu a lembrei com um sorriso. Foi bom compartilhar isso com ela. Ela era a única tão excitada quanto eu agora.

Ela se inclinou, reunindo os papéis que se espalhavam. — Qual deles você vai escolher? —

—Não tenho certeza ainda. — Entrei na cozinha e coloquei mais café na minha caneca. Descansando meu quadril contra o balcão, cruzei meus tornozelos. —Há algo mais acontecendo comigo. —

As sobrancelhas de mamãe se juntaram quando ela entrou na cozinha. Ela espelhou minha postura no balcão oposto. — Bem? Sei que nunca falamos muito, mas me diga. Talvez eu possa ajudar. —

Eu estufei minhas bochechas e depois exalei. —Eu só percebi isso na noite passada, mas estou apaixonado pela irmã mais nova de Dean, Daisy. Dean e o resto de sua família descobriram que dormimos juntos e ficaram furiosos. Eles me expulsaram, e foi por isso que eu estava no estacionamento. —

Mamãe segurou a caneca de café até a boca. —Mmmm, então você está apaixonado pela irmãzinha da seu melhor

amigo? — Isso é uma grande mentira, mesmo para mim.

—Eu não disse isso a ela, mas sim. Baseado em suas explicações para sua família, eu não acho que há uma chance no inferno que ela se sente da mesma maneira. —Eu terminei meu café e coloquei a caneca na pia. —Então sim. Isso praticamente parece uma merda. —

Mamãe se aproximou e deu um tapinha no meu antebraço. —Não perca tempo. Diga à garota que você a ama, Jon. Quero dizer, realmente. O que você tem a perder? —

Verdade. Eu não tinha mais nada a perder.

Meu telefone tocou, alertando-me para um texto.

Por favor seja Daisy.

Dean : *Eu não quero que os planos de Grace sejam arruinados. Venha para o ensaio. Apenas fique quieto e fique longe de Daisy.*

Meu peito estava um pouco menos apertado. Dean estava estendendo um ramo de oliveira. Havia esperança de poder consertar nossa amizade. E se eu pudesse perdoar minha mãe, talvez os Goldsmiths pudessem me perdoar. Fechei meus olhos e fomei meu plano.

Capítulo Vinte e Quatro

Margarida

TUDO na minha vida estava errado no momento, mas para Dean e Grace, finalmente estava certo. O fim de semana que esperaram estava aqui. Eles estavam se casando.

A cerimônia e a tenda de recepção que foram montadas esta manhã ocuparam mais da metade do quintal. Agora ficamos dentro dele, praticando onde estaríamos e o que faríamos.

—Vamos fingir que a nossa noiva e o noivo acabaram de compartilhar seu primeiro beijo... — O pastor Jeff foi interrompido por um ataque de tosse de Landon.

Dean olhou para ele, mas Grace riu.

—Ok, o primeiro beijo deles *casados.* — O pastor Jeff olhou para Landon com as sobrancelhas levantadas. Landon fez um sinal de positivo e o ensaio continuou. —Eles vão voltar pelo corredor primeiro, e então eu gostaria de ver todos vocês seguirem com seu parceiro. — Ele acenou para Grace e Dean, e eles entrelaçaram os braços e caminharam pelo corredor em direção a nossa casa.

O próximo foi o padrinho de Dean, Finn. Ele segurou as mãos da dama de honra de Grace, Amy, e eles sorriram enquanto eles pulavam pelo corredor. Landon e Emma foram os próximos, seguidos por Ricky e Dianna. Por causa da minha

ordem de nascimento e sorte geral, eu andei com Jon.

Jon parecia tão emocionado por estar andando comigo quanto eu estava com ele. Ele olhou para a frente, a mandíbula cerrada. Assim que chegamos ao fim, eu me afastei, virando-me para observar Delilah e Devin e depois Damian, que escoltou minha mãe pelo corredor.

—Excelente! Eu acho que você está pronto para o grande dia. Alguma pergunta? —, Perguntou o pastor Jeff.

Minha mãe fez sinal para suas caixas de programas, velas e outras parafernálias de casamento. A festa de casamento tagarelava, todo mundo tonto de excitação.

Bem, todos, exceto Jon e eu. Eu diria que perdidos estava longe do que estávamos sentindo.

—Escute! — Papai bateu palmas e deu um assobio baixo. —A mãe de Dean e eu gostaríamos que todos vocês se juntassem a nós no restaurante italiano *Da Mimmo* para o jantar de ensaio. Nós temos uma sala privada, então vá direto para lá.

O grupo se dispersou, pegando jaquetas, bolsas e chaves, e saindo da tenda. Papai pegou meu cotovelo, gentilmente me levando até Damian.

—Você anda com seu irmão. Ninguém mais. —Sua voz era baixa e dura, fazendo meus olhos arderem.

Damian franziu a testa para o meu pai, mas seguiu as ordens, passando o braço por cima do meu ombro e me puxando para ele.

Caminhamos em silêncio até o carro e eu me sentei agradecida no banco do passageiro da frente. As emoções das últimas vinte e quatro horas haviam me esgotado.

—Daisy, fale comigo. Você está infeliz. — Damian colocou a chave na ignição e ligou o caminhão.

—Claro, que eu estou—, eu bati, pegando a ponta do esmalte no meu polegar. —Eu perdi tudo. Não posso ir a Nova York e não posso estar com Jon. Minha família inteira está com raiva de mim. Diga-me, Damian. O que exatamente há para ser feliz? —

Damian seguiu em frente, um olhar pensativo no rosto. — Você fez parecer que tudo com Jon foi bem casual na noite passada. Apenas sexo. Então, por que você está chateada em perdê-lo? Sexo é sexo e você é uma gostosa, apesar de ser minha irmã. Você encontrará outro parceiro.

Meu queixo caiu. —Eu não quis dizer isso assim. Eu só queria difundir a raiva de todos. — —Eu olhei pela janela, focando nos carros passando. —Isso meio que começou desse jeito. Quer dizer, éramos amigos e havia uma atração, mas sabíamos que não poderia ir mais longe do que isso.

—Por que não? — Damian perguntou.

—Damian. — Eu suspirei. —Por todas as razões que afirmei ontem à noite. Estamos indo para lugares separados, há uma diferença de idade, ele é o melhor amigo de Dean, e ele é como uma família para todos vocês. —

Damian entrou em um estacionamento, estacionou o

caminhão e tirou as chaves da ignição. —Nada disso importa uma merda se você se ama. Basta olhar para mamãe e papai. Você pode imaginá-los não estando juntos? Eles sempre estiveram apaixonados e ficaram juntos nos tempos bons e ruins. Ontem à noite, você fez parecer que estava dormindo com Jon por diversão. Tudo o que estou dizendo é que se você acha que ama Jon, conte a ele. Nada mais importa. —

Minhas palavras tremiam quando meu queixo tremeu incontrolavelmente. —Você ficaria bem com isso? Se Jon e eu estivéssemos juntos? —

A grande mão de Damian apertou meu ombro. —Eu tenho assistido você se apaixonar por Jon por um longo tempo. Nos últimos meses, eu o vi se apaixonar por você também. Eu sei que eu te avisei sobre ele, mas na noite passada ele parecia destruído. Eu confio nele para cuidar de você e para você fazer o mesmo por ele. —

Eu balancei a cabeça, soprando um longo suspiro de emoção reprimida. Damian pulou do caminhão e caminhou para o meu lado. Ele abriu a minha porta e estendeu a mão, me ajudando a descer.

Lágrimas nadaram em meus olhos, tornando minha visão embaçada. —Obrigada—, eu sussurrei.

—A qualquer momento, mana. — Ele me abraçou em um abraço apertado.

Damian estava certo? Se eu amava Jon, mais nada deveria importar?

Meu coração disparou com o pensamento. Eu tinha algumas ideias para fazer.

~~~

A sala de banquetes privativa *da Da Mimmo* estava pulando. Garçons distribuíram bruschetta, lula e mini mozzarella, manjericão e espetos de tomate. Meu estômago estava torcido em tantos nós, eu não podia comer nada. O pequeno bar na sala estava cheio de Dean e seus amigos, pedindo drinques e rindo. Como um farol para o meu verdadeiro norte, imediatamente avistei Jon para o lado do grupo, com um olhar sombrio no rosto. Ele estava fazendo o seu melhor para parecer não afetado, mas eu podia ler o desconforto em suas feições.

Pelo menos seu rosto parecia muito melhorado. Ele deve ter tomado conta disso ontem à noite. Ambos os olhos estavam abertos, apenas um continha manchas roxas. Sua bochecha ainda estava machucada, mas com o inchaço diminuído e a barba por fazer, estava quase escondida.

Meu rosto ficou vermelho de calor enquanto eu o observava. Meu Deus, mesmo depois do horror da noite passada, tudo que eu queria era que ele me abraçasse. Menos de um dia se passou, e senti sua falta com uma força que me assustou.

O que eu faria no ano que vem quando ele fosse embora?
~~~

Pressionando minhas mãos nas minhas bochechas, eu tomei uma respiração instável. Eu precisava de uma pausa. No longo corredor, vi um banheiro. Eu andei em direção ao banheiro com a cabeça baixa, não querendo ser interrompida por ninguém. Eu precisava de espaço para pensar. Eu virei a esquina e abri a porta pesada.

De pé na pia, lavando as mãos, estava Grace.

—Margarida? O que há de errado? — Grace pegou uma toalha de papel e secou as mãos enquanto caminhava para mim.

Meus lábios tremeram quando tentei formar um sorriso. —Nada mesmo. Estou bem. —

Ela franziu a testa, pegando minha mão e me levando para o banco contra a parede. —Fale comigo. Eu sei que algo está acontecendo. Jon está super quieto, não está rindo como Dean ou os outros caras. Ele também está muito tenso. Parece que seu animal de estimação favorito acabou de fugir. O que aconteceu? —

Eu apertei minhas mãos juntas. Nada deveria escurecer seu fim de semana especial. Eu tive que ficar quieta.

Grace separou minhas mãos, segurando-as. —Estamos prestes a nos tornar irmãs—, ela sussurrou.

Uma dor lancinante agarrou meu peito. Eu não mentiria para ela também. Não quando ela está prestes a se juntar a essa família.

—Jon e eu nos vemos em segredo. Toda a família

descobriu, e Dean e meu pai estão furiosos. —As palavras saíram de dentro de mim.

Os olhos de Grace se arregalaram e então o rosto dela explodiu em um sorriso. —Eu pensei que estava acontecendo! Eu estive observando vocês dois. Vocês dois acendem quando estão juntos. Oh, estou tão feliz por você, Daisy. — Ela parou e então franziu a testa. —Espere, por que Dean e Dale estão chateados? Eles amam Jon. —

—Eles fazem. Eu acho que foi porque mentimos e que há uma diferença de idade. Todo mundo pensa em mim como a irmãzinha insegura, tímida, acanhada. E isso era tudo verdade antes de Jon. Ele me ajudou a acreditar em mim mesma e a seguir meus sonhos. —Eu não contei a ela sobre o que ele fez com o meu corpo e como o carinho que ele me mostrou me fez sentir sexy e bonita.

E todos os dele.

Grace apertou minhas mãos com mais força. —Daisy, sua família vai superar isso. Eles vão. Peça desculpas e siga em frente. Mas não deixe um homem assim ir. Acredite em mim, eu sei. Dean trouxe amor e confiança para minha vida e você não merece nada menos do que isso.

Ela beijou minha bochecha, não deixando minhas mãos irem. —Eu tenho que voltar lá. Mas prometa que vai pensar no que eu disse? —Ela fez uma pausa, como se esperasse pela minha resposta.

Eu dei um aceno rápido antes que ela saísse correndo do banheiro.

Eu fiquei no banco e pensei no meu tempo com Jon no ano passado.

Já houve algum tempo que eu não estava apaixonada por ele?

Nem por um segundo.

E agora era a hora de dizer a ele exatamente como me sentia.

Capítulo Vinte e Cinco

Jon

Permanecer calmo enquanto andava com Daisy para cima e para baixo no corredor no ensaio quase me quebrou. Eu queria pegá-la em meus braços e dizer a ela que a amava, e que poderíamos resolver tudo isso. Nós poderíamos estar juntos.

Mas essa não era a hora certa.

Segui seu movimento pelo canto do olho enquanto fingia me envolver em conversas no bar. Ela entrou com Damian parecendo oprimida. Com o que eu não sabia.

Então ela correu para o banheiro. —Eu vou ao banheiro antes do jantar. — Eu apertei o ombro de Ricky, e ele assentiu, virando-se para falar com Dean.

Em vez disso, esperei do lado de fora do banheiro das mulheres. Daisy saiu olhando composta, forte.

—Luz do sol? — Daisy pulou, mas depois relaxou quando me reconheceu no corredor mal iluminado. —Posso falar com você por um minuto? —

—Claro. — Ela apertou minha mão, e me acompanhou até o final do corredor, em torno de uma esquina, encontrando alguma privacidade.

—Eu me machuquei ontem à noite. Por você. — Eu engoli em seco, reunindo coragem para ser verdadeiramente honesto

com Daisy sobre os sentimentos que eu tinha por ela.

Ela balançou a cabeça. —Eu sei. Eu tentei te defender, dizer a eles que era minha culpa, mas ninguém escutou. Eu sinto muito. —

—Isso não é o que me magoou. Eu preciso que você seja honesta comigo agora. —Eu olhei em seus olhos brilhantes e continuei. —Ontem à noite você disse que tudo o que tivemos foi um relacionamento físico. Que foi tudo o que fizemos para ajudar uns aos outros. Eu sei que foi assim que começou, mas é assim que você se sente agora? Ou, pelo menos, como você se sentiu antes de tudo acontecer ontem à noite? —

O rosto de Daisy se encolheu, o lábio inferior tremendo. —Não, mas estou com medo... não quero estragar o que tivemos ou perder o futuro... dizendo... —

Eu coloquei seu rosto em minhas mãos. —Daisy, eu me apaixonei pela primeira vez na minha vida por minha melhor amiga. Você é mais do que eu poderia pedir neste mundo. Eu te amo muito. Só lamento ter esperado tanto tempo para dizer isso. —

Daisy fechou os olhos, uma lágrima solitária rolando pelo rosto. —Me belisque. —

Eu ri, com certeza eu a ouvi mal. —Com licença? —

Ela abriu os olhos, e eles eram tão quentes e suaves e amorosos, minha respiração ficou presa na minha garganta. —Eu devo estar sonhando. O homem que amei desde que me lembro me ama? —

—Eu te amo, Sunshine. — Eu belisquei sua bunda, e ela riu, pulando em meus braços.

—Eu te amo mais do que... mais do que... cozinhar! — Daisy riu, pressionando os lábios nos meus e eu a beijei, toda a emoção reprimida saindo de dentro dela.

Um sino tocou na sala de jantar e nos separamos.

—Falamos mais tarde. Eu te amo! — Ela riu de novo, enxugando os olhos e entrando rapidamente na sala de banquetes.

Eu pressionei minhas costas contra a parede e soltei um longo suspiro. Um Goldsmith para a conta, faltam mais sete.

~~~

— - Por favor, vão se sentar na mesa. — Dorothy apontou para o final da longa mesa retangular que acomodaria todos na sala. —Encontre seus cartões de lugar e sentem-se. O jantar será servido em breve. —

Andando até a mesa, meu cartão de lugar estava diretamente em frente a Daisy. Eu pude encarar a garota que eu amava e que me amava por um jantar inteiro.

Tortura perfeita.

Damian puxou a cadeira para fora, esperando até que ela se sentasse e depois empurrou-a para dentro. *Esse é o meu*
~~~

trabalho, porra. Ele sentou ao lado dela, me dando um sorriso e uma inclinação do queixo, e me forcei a relaxar.

Dale ficou de pé, batendo o garfo no copo de vinho. — Enquanto esperamos o jantar começar, gostaria de convidar os presentes nesta noite para brindar Grace e Dean. Dorothy e eu gostaríamos de começar. — Dorothy estava ao lado do marido, sorrindo para ele.

—Dean, você é nosso primogênito. Desde o começo, você era um punhado. — Os ocupantes da mesa riram coletivamente, mas Dale continuou. —Eu costumava beijar você para dar boa noite, depois que você finalmente dormia, e rezava para que um dia você tivesse uma vida tão boa quanto a minha. Veja, eu amo sua mãe com o tipo de amor que você não encontra duas vezes. E ela me abençoou com seis filhos maravilhosos. Não há mais nada que eu possa pedir, exceto que minha família encontre esse tipo de amor. E você tem. Grace, você completa meu filho. Você tornou Dean mais feliz que Dorothy e eu já o vimos. Você e Finn são parte deste clã. Obrigado. Obrigado por dar a Dean uma vida tão boa quanto a minha. Agora, tudo o que eu oro é que fique ainda melhor —.

Dale ergueu o copo de vinho. —Para Dean e Grace! — Ele chamou e coros de —Para Grace e Dean— encheu a sala. Dale se inclinou e beijou Dorothy antes de se sentar.

À minha esquerda, Dean beijou Grace quando as lágrimas caíram de seus olhos. Na minha frente, Daisy sorriu, lágrimas também rolando pelo seu rosto doce.

Landon ficou em seguida. —Grace, este brinde é para

você. Você pegou meu melhor amigo, assim como ele é. Você nunca tentou mudá-lo, você o aceitou. Mas aqui está a coisa. Ele mudou do mesmo jeito. Porque Dean percebeu que para manter uma mulher tão boa quanto você, ele precisava melhorar o jogo. Obrigado por ser a única pessoa que eu conheço especial o suficiente para enfrentar Dean. — O grupo de familiares e amigos riu novamente. —E Dean. Eu te amo Cara. Você sempre foi minha família e estou tão feliz que Grace e Finn também façam parte dessa família agora. —

Landon levantou o copo. —Para Grace e Dean! —

Todos nós repetimos o brinde.

Damian cutucou Daisy, e ela se levantou, junto com Devin e Dianna. Dean gemeu, escondendo o rosto nas mãos. Os irmãos de Dean eram notórios por provocá-lo, e ele estava preparado para isso.

Damian levantou o copo. —Primeiro, para Grace e Finn. Obrigado por concordar em casar com nosso irmão. Nós lhe devemos muito tempo para tirá-lo de nossas mãos. Todos nós concordamos que ele está bem acima do seu peso com você, obrigada. — Novamente, todos nós rimos, e Dean jogou um pacote de açúcar para Damian, rindo enquanto ele ricocheteou em sua testa.

Damian pegou, balançando a cabeça para seu irmão mais velho. —Eu ouvi um ditado, uma vez que o casamento é sobre incomodar alguém especial para o resto de sua vida. Todos nós sentimos que você é muito especial, Grace e Dean é certamente irritante. Então, achamos que vocês dois terão um casamento feito no céu. — Mais risadas vieram do grupo.

—Agora para o nosso irmão mais velho. — Devin, Dianna e Daisy levantaram seus óculos ao lado de Damian. —Você provavelmente acha que nós vamos te dar um tempo difícil como costumamos fazer um ao outro e lembrar a todos aqui de alguns dos seus momentos mais embaraçosos. —

Olhando para Dean, suas sobrancelhas estavam erguidas, sua expressão estremecendo, se preparando para o pior.

—Mas nós não faríamos isso com você. Não, nós nunca mencionaríamos aquela vez em que você conquistou o público em seu pré-natal, ou quando você foi pego com sua primeira namorada... aos nove anos de idade. Nós nunca diríamos a ninguém sobre o papai te pegando bêbado no seu primeiro ano e depois o levando para o lixão no dia seguinte para ser voluntário, sabendo que o cheiro pútrido faria você vomitar seus miolos. Ou como no seu segundo ano, você foi pego se escondendo sob as arquibancadas durante a prática de líderes de torcida, olhando debaixo de suas saias. Ou como durante o primeiro ano, você pensou que tinha que jogar papel higiênico na casa de Nancy Landy. E ela fez você vir e limpar seu quintal todo final de semana por seis meses.Sem mencionar toda a diversão que você teve no último ano dando à doce Emma um momento difícil. Alguém mais está pensando no que estou pensando? No colégio Dean era uma espécie de idiota. — Damian disse.

Riso seguiu como todos nós provocamos Dean por seus anos mais jovens de estupidez.

—Mas o fato é que, Dean, você tem sido um incrível irmão mais velho para nós. Todos nós sabíamos, a cada segundo do

dia, que você tinha nossas costas. Que você nos amava. E nós amamos você. Obrigado pela proteção, obrigado pelas risadas, e obrigado por ser o modelo que está na nossa frente hoje. —Os olhos de Damian pareciam vítreos enquanto ele brindava ao seu modelo. —Para Dean e Grace! —

Nós aplaudimos o casal feliz mais uma vez.

Esperei alguns minutos enquanto garçons e garçonetes colocavam pratos de salada à nossa frente. Eu sabia que Ricky era muito tímido para se levantar na frente da sala, então quando parecia que ninguém mais estava fazendo um brinde, fiquei de pé, tilintando meu copo com o garfo para chamar atenção.

Meu estômago parecia estar cheio de pedras e de repente eu estava travada. Eu engoli em seco e olhei para Daisy. Seus olhos eram enormes. Depois da briga com Dean, duvidei que alguém esperasse que eu desse um brinde hoje à noite.

—Eu gostaria de começar hoje à noite com um pedido de desculpas. — Alguns parentes fora da cidade que não conheciam nossa história riram, mas se acalmaram quando ninguém mais entrou. —No começo, eu não achava que Dean era bom para Grace e vice-versa. Mas eles me provaram que eu estava errado. Na verdade, eles me ensinaram sobre o amor. Você vê, crescendo, não havia muito amor em minha casa, então eu não acreditava nisso. —

Eu olhei para Dean. Seus olhos se estreitaram e seus lábios se apertaram enquanto ele escutava. Sentada ao lado dele, Grace sorriu, acenando para eu continuar.

—Mas eu assisti Dean cuidar de outra pessoa mais do que ele se importava, e minha mente estava explodida. Sem mencionar ver Dean com Finn. Ele se apaixonou por você também, Finn, muito. —Eu olhei para um Finn radiante e sorri de volta. —E você ajudou a torná-lo um homem melhor também. Estou tão feliz por você, Dean. —

Eu me virei e olhei para cada um de seus irmãos e depois Dale e Dorothy. —Estou feliz por todos vocês. Essa família é tão especial. Tão amorosa. Vocês todos me levaram de férias e férias por anos. Essa família me deu algo que eu não tinha em minha própria casa. —

Eu olhei de volta para Dean. —Um lugar onde eu pertencia. —

Eu engoli de volta contra a rocha alojada na minha garganta e enfrentei Dale e Dorothy novamente. —E então meu segundo pedido de desculpas vai para vocês dois. Você me levou neste ano e me deixou morar em sua casa. Eu nunca deveria ter aceitado. Isso estava errado. Porque o fato é que estou apaixonado por sua filha há muito tempo. —

Dale ficou de pé, mas Damian também, e ele olhou para o pai e balançou a cabeça, fazendo sinal para ele se sentar e esperar.

Dale fez, mas seu rosto estava vermelho e os olhos cheios de raiva.

Olhei para Daisy, com as bochechas rosadas e os olhos brilhando. —Daisy, eu te amei primeiro como amiga, quando você era jovem demais para ser qualquer outra coisa para

mim. Mas agora eu sei. O tipo de amor que sinto por você é o que eu aprendi das pessoas nesta sala. —

—Landon e Emma—, eu olhei para eles, ao lado de Dean e Grace, ambos me observando com grandes olhos chocados. — De vocês, aprendi que às vezes você tem que esperar para estar com quem você ama. Eu fiz. E eu vou novamente se for necessário. Mas eu estarei com ela, assim como vocês fizeram sacrifícios para estarem juntos. —

—Dean e Grace. — Eu me virei para eles, Grace agora sorrindo de orelha a orelha, e Dean parecendo um pouco menos bravo. —De você eu aprendi que quando você ama alguém, você não tem que buscá-lo em outras partes de sua vida, você pode perseguir seus sonhos, apenas fazendo isso com o amor de sua vida ao seu lado. —

—E finalmente, Dale e Dorothy. — Eu me virei para eles. Dorothy deu um pequeno sorriso, mas Dale parecia chateado. —Por anos, você tem sido o objetivo que eu nunca pensei que alcançaria. Um casamento forte e amoroso, uma família que protege um ao outro. Você disse isso para Dean em seu brinde. Eu também quero uma vida tão boa quanto a sua. Eu sempre tive, acho que demorei um pouco para perceber. —

Eu me concentrei novamente em Daisy. —Eu encontrei esse tipo de amor. O que não acontece duas vezes. E então obrigado a todos nesta sala que me ajudaram a ver o verdadeiro amor. E acima de tudo para Dean e Grace. —

A sala brindou ao casal uma última vez, tilintando os garfos contra os óculos para encorajá-los a beijar.

Daisy enxugou as lágrimas dos olhos, murmurando, *eu te amo* do outro lado da mesa.

Uma voz rouca pigarreou atrás de mim e olhei para trás para ver Dale. —Margarida. Jon. Vamos conversar no corredor. —

Nós o seguimos, Daisy segurando minha mão firmemente na dela. Quando encontramos alguma privacidade, Dale parou de andar e ficamos em círculo.

Daisy pousou a outra mão no antebraço do pai. —Papai, eu o amo. —

—E no ano que vem, Flor? Você quer ir para Nova York, Jon estará na faculdade de direito, e nós queremos você aqui conosco. O que acontece depois? Quando vocês stiverem separados? — Dale olhou para a filha com dor nos olhos.

—Eu pensei sobre isso. Eu estou indo para Nova York, pai. Eu tenho dezoito anos, e farei isso sozinha. Com ou sem a sua permissão - disse Daisy em voz alta e forte.

—Ela tem minha permissão para ir—, acrescentou Dorothy quando ela se aproximou e ficou ao lado de Dale. Com um olhar surpreso do marido, ela disse: —Ela está pronta, querido. Ela levou este ano e cresceu, assim como pedimos a ela. —

Dale recuou. —E quanto ao dinheiro? E se eu me recusar a pagar a escola ou as despesas de moradia? —

—Estou pagando pela escola dela. — Dean se aproximou do nosso grupo, com um olhar sério no rosto.

Daisy se virou. —O que? Dean, não. —

Dean sorriu. —Não comece. Grace e eu planejamos isso o tempo todo. —

—Isso não tira a ideia de que minha Flor vai viver sozinha naquela louca cidade de Nova York—, disse Dale, sua voz aumentando em volume e irritação.

—Esqueci uma coisa—, interrompi. —Também fui aceito na Faculdade de Direito da Universidade de Nova York. Com sua permissão, Sr. e Sra. G, e se você quiser, Luz do sol, poderíamos ir a Nova York juntos. — Olhei para Dale. —Eu poderia estar atento a ela. —

A boca de Daisy ficou aberta e ela se jogou de novo em meus braços. Segurando-a, olhei para Dale e Dorothy.

—Mas a diferença de idade. Só não tenho certeza se você deve namorar alguém muito mais velho - protestou Dale, a voz um pouco mais fraca.

—Querido, você é quatro anos mais velho que eu. Então são cinco? Daqui a dez anos, isso não parecerá nada - disse Dorothy, com as mãos nos quadris.

—Papai, você tem que confiar em mim e no meu julgamento. Você conhece Jon. Ele é um bom homem. Cometemos um erro ao guardar isso de todos vocês, mas aprendemos e não faremos isso novamente. Deixe-me ser feliz. Jon me deixa tão feliz. — A voz de Daisy era forte e segura.

Olhando para o lado, Dorothy bateu palmas de alegria e Dale olhou... bem, ele parecia espancado. Mas ele finalmente

sorriu.

—Ok, filho. Mas isso significa que se alguma coisa acontecer com a minha Flor, se a fizer sofrer, o Big Kahuna está vindo para você. - Ele pontuou seu comentário com um olho estreito e um dedo afiado em minha direção.

Eu sorri e ele apertou minha mão.

Daisy escorregou dos meus braços e abraçou seu pai. — Obrigada, papai. —

Ele beijou sua bochecha e fechou os olhos. —Estou tão feliz que você encontrou o amor, Flor. —

Dorothy beijou todos nós e voltou para a sala de jantar, arrastando Dale com ela.

—Dean—, eu estendi a mão. —Sinto muito que mantivemos isso de você, cara. Nunca mais. —

Ele balançou, acrescentando: —Desculpe pelos socos. Eu soltei um pouco. Não posso dizer que não vai acontecer novamente, no entanto. Você machuca Daisy e isso continua. —

Eu sorri, envolvendo meus braços em volta dos ombros de Daisy. — Só se eu fosse idiota, sinta-se livre para me dar uma surra. —

—Vou te dar dois minutos, mas não mais. Você precisa se sentar e jantar. Essa comida é muito boa, e todos nós sabemos o quanto o Jon gosta de comer, —Dean disse e voltou para se juntar a sua festa.

Daisy envolveu seus braços em volta da minha cintura, seu

rosto iluminado de felicidade. Eu nunca a tinha visto mais bonita.

—Nós estamos indo para Nova York? — Ela perguntou.

Eu balancei a cabeça, incapaz de conter um sorriso.

—Juntos? — Ela bicou meus lábios com um beijo.

Eu balancei a cabeça novamente, as sobrancelhas levantadas.

—E você me ama? —

—Mais do que eu posso dizer, Luz do Sol. — Eu beijei a ponta do seu nariz, e ela riu.

Meus lábios encontraram os dela, línguas deslizando juntas.

Ficar empolgado tinha sido fácil. Afastar-se quase, impossível. Isto, até que todas as pessoas na sala de jantar começaram a cantar, batendo garfos e punhos no tampo da mesa.

—Pare. Você está sugando a cara dela. —

—Estamos. Perdendo. Nosso. Apetites —.

—Pare. Cara. —

—Estamos. Perdendo. Nosso. Apetites —.

Tenho que amar uma festa da família Goldsmith. Eles podem não ser elegantes, mas eles sempre mantêm a animação.

Capítulo Vinte e Seis

Margarida

—OH, GRACE. —

Dianna, Delilah, Amy, Emma e eu ficamos no quarto dos meus pais enquanto Grace saía do banheiro principal.

Ela parecia requintada em um vestido de renda de mangas compridas e marfim, com uma saia longa e cheia. Seu véu de renda preso na parte de trás de seu cabelo, que se contorcia em um conjunto intrincado de nós.

Ela usava mais maquiagem do que costumava usar, que foi artisticamente aplicada por um artista de cosméticos que fez toda a nossa maquiagem hoje. Mas foi o sorriso dela que me levou às lágrimas.

Para alguém que viajou por um caminho tão difícil para a felicidade, acho que nunca vi mais alegria capturada em um rosto.

Emma sorriu, enxugando uma lágrima com o lenço. —Você está de tirar o fôlego. —

Grace olhou para cada uma de nós. —Vocês todas parecem impressionantes! Esta é a festa de casamento mais linda de todas! —

Eu sempre achei que Grace tinha bom gosto, mas ela se superara planejando esse casamento. Suas cores eram creme e

dourado, e com seu cabelo vermelho escuro, elas eram uma combinação perfeita.

Usávamos longos vestidos dourados sem alça, de formato justo. Todas nós parecíamos muito quentes, se eu estivesse sendo honesta.

—Ok, isso é super importante. — Amy se adiantou. —Você tem algo velho? —

Grace assentiu, segurando um lenço de linho com acabamento de renda. —Este é um presente de Sylvie. Era da mãe dela. —

Amy assentiu, com uma expressão séria no rosto. —Que tal algo novo? —

Grace arrastou a mão no ar da parte de cima do vestido para o chão. —Vestido de noiva novo! —

Amy levantou dois dedos. —Certo. Algo emprestado? —

Grace colocou os dedos no pingente de colar de camafeu que estava em seu peito. —Minha mãe está me emprestando isso. Ele foi transmitido geração após geração em nossa família e usado nos dias de casamento —.

Delilah inclinou-se e examinou-o atentamente. —Parece velho, mas ainda é imaculado. Isso é muito legal, Grace. —

Amy acrescentou um terceiro dedo. —Finalmente, você tem algo azul? —

Grace riu, curvando-se e levantando a ponta do vestido para que pudéssemos ver a parte de baixo. Costurado no tule

havia uma máscara azul de super-herói. —Eu deixei Finn escolher o meu algo azul—, explicou ela.

—Então está tudo pronto. — Amy e Grace se abraçaram.

Houve uma batida na porta. Minha mãe abriu um pouquinho e enfiou a cabeça. —O fotógrafo está na tenda, pronto para fotos. Dean está afastado da porta para que você possa surpreendê-lo. —

Grace bateu as palmas juntas. —Eu nunca estive mais preparada para nada. Vamos fazer isso! —

Saímos pela porta, atravessando o gramado e entrando na grande tenda branca onde aconteceriam a cerimônia e a recepção. Nós enfrentamos a seção de cerimônia. Cadeiras douradas em fileiras de cada lado de um longo corredor branco. Na frente da tenda, um altar era marcado por enormes vasos de rosas brancas e mesas de velas douradas e creme de todos os tamanhos. O teto da tenda estava repleto de milhares e milhares de pequenas luzes brancas, dando a todo o espaço uma sensação de sonho.

Os padrinhos nos encaravam. Dean estava de costas, como prometido. Todos usavam smoking preto e gravata dourada, parecendo elegantes. Acenei para Jon e ele piscou de volta. Tanto quanto eu queria estar em seus braços novamente, eu estava animada para fazer parte deste dia especial para o meu irmão e o amor de sua vida.

Com Dean de costas para nós, o fotógrafo esperou para obter sua reação quando viu Grace pela primeira vez. Grace se inclinou para frente e soprou um beijo para Finn, que pegou em

sua mão com uma risadinha.

—Na contagem de três—, o fotógrafo instruiu. —Um—, Grace avançou até que ela estava a poucos metros de Dean. —Dois, três. —

Dean se virou ofegando e prendendo a respiração. Ele olhou para Grace com olhos brilhantes, e então se inclinou, apertando os olhos com força.

—Grace—, ele engasgou, forçando-se a ficar alto e lutando contra as lágrimas que ele não conseguia parar. —Você é um anjo. Meu Deus. Eu tenho muita sorte. —

—Dean. — As pontas dos dedos de Grace tocaram seu rosto, pescoço, peito, braços, quase como se ela estivesse memorizando o momento através da visão e da sensação. —Eu te amo muito. Estou tão pronta para ser sua esposa. —

Eles se beijaram, um beijo suave, terno e reverente, e lágrimas queimaram em meus próprios olhos. Olhei para Jon e ele estava me observando, um olhar de adoração semelhante no rosto que eu tanto amava.

Os olhos do fotógrafo estavam arregalados e brilhantes. —Bem, essas podem ser as melhores fotos que eu já tive em um casamento. —

Nós rimos quando Dean e Grace se separaram, estendendo as mãos para Finn. Finn correu para eles e eles se abraçaram, Dean sussurrando palavras em seu círculo apertado.

—Risque isso. — O fotógrafo balançou a cabeça enquanto o doce trio se levantava, de mãos dadas. — *Essas* foram as

melhores fotos que já recebi. —

—Apenas espere. — Landon cutucou-o com o cotovelo. — Essa noite toda será inacreditável. Eles são um ótimo casal, e nada é mais divertido do que assistir a um ex-homem-prostituta, que se tornou o pai número um e o marido do ano, certo? —

O fotógrafo sorriu e começou a organizar todos nós em nossas fotos. Uma hora depois, as fotos formais estavam terminadas e era hora de ir. Nós conduzimos Grace de volta para a casa e retocamos sua maquiagem.

Quando as notas suaves de violoncelo e violino começaram a tocar, juntamos nossos buquês e voltamos para a tenda. Primeiro Delilah andou e depois comecei a descer pelo corredor.

As emoções dos últimos dias me atingiram com força. Eu sorri para os meus pais, meu pai em seu smoking e minha mãe em um vestido e jaqueta leve de ouro. Eles me amavam incondicionalmente e estavam aprendendo a confiar em mim para seguir meu coração.

À minha esquerda, estava sentada Izzy, esperando para acenar para sua colega de quarto quando Amy caminhou pelo corredor. Eu pisquei e ela riu, me dando um entusiasmado polegar para cima.

E então eu olhei para o meu cara. Seu sorriso era enorme. Ele parecia em paz, e percebi o quanto os últimos meses tinham sido difíceis, e que conforto havia na verdade e na aceitação do amor.

Dianna veio em seguida, seguida por Emma e depois por Amy. Meu estômago revirou e rolou com a emoção do momento. Meu irmão mais velho ia se casar.

Quando a música mudou para a marcha do casamento, o público ficou de pé.

E de acordo com como os últimos anos de sua vida haviam sido vividos, Grace foi levada pelo altar escoltada por seu primeiro amor verdadeiro.

O filho dela.

Finn sorriu, seu pequeno smoking um ajuste exato, enquanto ele segurava a impressionante mamãe. Inclinei-me para frente para ver Dean, novas lágrimas brilhando em seus olhos quando se aproximaram.

Como o grande garoto que ele sempre foi, ele não conseguia esperar que eles chegassem até ele. Ele correu, tomando a outra mão de Finn quando se aproximaram do ministro.

O pastor Jeff riu em seu microfone. —Um pouco impaciente, Dean? —

Dean olhou nos olhos de Grace, sua expressão séria. —Você não tem ideia de quanto tempo eu estive esperando por esse momento. Pela minha família. —

Soluços podiam ser ouvidos por toda a multidão, mas eu apenas sorri. Eu entendi. Esse tipo de amor é aquele que você espera, mas uma vez que você o tenha em sua frente... Você não perde outro segundo.

O pastor Jeff iniciou a cerimônia e testemunhamos meu irmão e Grace professarem seu amor, compromisso e respeito um pelo outro à nossa frente. Logo após os votos serem trocados, o pastor chamou Finn de volta para Dean e Grace.

—Pequeno cara, eu tenho uma pergunta para você. — Dean se ajoelhou no chão, mais perto do nível dos olhos de Finn.

—O que é? — Finn perguntou.

Dean pegou um papel do bolso do paletó. —Tudo bem se eu adotasse você? Se você tivesse meu sobrenome e nós três sermos uma família pelo resto de nossas vidas? —

Finn soltou um soluço e jogou seu corpinho nos braços de Dean. Seus ombros tremiam quando Dean o segurou, Grace esfregando suas costas, suas lágrimas caindo quando ela olhou para seus dois rapazes favoritos.

Eu apostaria todo o dinheiro do mundo que não havia um olho seco no lugar. Até meu pai, o próprio Big Kahuna, segurava a mão de mamãe com sua grande pata, as lágrimas rolando pelo rosto.

Toda a cerimônia pareceu mais do que um casamento para mim.

Parecia que uma história de amor que ganhara vida.

Capítulo Vinte e Sete

Jon

—Agora você pode beijar a noiva. — Quando o Pastor James anunciou aquelas tão esperadas seis palavras, Dean mergulhou para Grace, beijando-a profundamente. E no típico estilo Dean, ele não parou até que as palmas diminuíssem e a coisa toda começasse a ficar um pouco desconfortável. Finalmente, Grace bateu no peito dele, rindo em seu beijo e ele se afastou.

A plateia se levantou, aplaudindo e aplaudindo enquanto a noiva elegante e o noivo estúpido e feliz caminhavam pelo corredor oficialmente como marido e mulher. Eles fizeram o seu caminho para a parte de trás da enorme tenda, onde o coquetel tinha sido preparado. Um bar enorme com dois barmens estava pronto para servir bebidas, e mesas redondas altas estavam espalhadas, onde os convidados podiam colocar seus pratos e copos de aperitivos enquanto socializavam antes do jantar.

Depois do resto da festa de casamento, fiquei no final do corredor e estendi a mão para Daisy. Nós unimos os braços, e eu beijei sua bochecha antes de seguirmos o resto da festa de casamento pelo corredor.

—Você está linda, Luz do sol. — Minhas palavras foram faladas em seu ouvido, enquanto os olhos dos convidados nos seguiam para a área de coquetéis.

Ela se mudou para os meus braços depois que paramos de andar. —E você, em um smoking, é a coisa mais quente que meus olhos já viram. — Ela se inclinou na ponta dos pés e beijou meus lábios.

Nós nos juntamos aos nossos amigos e familiares, parabenizando os recém-casados e recebendo bebidas do bar.

Bebi minha cerveja e segurei minha menina, olhando para o ambiente, tive que parabenizar Dean, eles planejaram uma festa muito boa. Tirando fotos antes da cerimônia, ficamos livres para comer e conversar. O planejador de casamentos cronometrou a noite até a segunda parte. Assim que o último convidado saiu da área da cerimônia, as cortinas se fecharam e os garçons se apressaram para transformá-lo em uma sala de jantar. Enquanto comíamos, essa área de coquetel seria convertida em pista de dança.

—Então, quer nos encher de tudo o que sentimos falta? — Landon tilintou sua garrafa contra a minha enquanto passava o outro braço ao redor dos ombros de Emma.

—Não. — Emma colocou a mão no peito dele e olhou nos olhos do namorado. —Nenhum apelido e piadas hoje, pessoal. É um casamento pelo amor de Deus. — Ela bateu o pé e todos nós rimos.

—Ok, baixinha. Nós vamos mantê-lo limpo, só para você. — Landon beijou seu pescoço, e ela derreteu de volta contra o lado dele.

—Você entendeu, Sra. Harris—, acrescentei, só porque eu sabia que tinha chegado a ela.

—Oh, não, Jon Roberts. As piadas professor-aluno param nesse exato minuto. Ou você nunca vai ouvir o final da minha provocação por pegar a irmãzinha do seu melhor amigo! — Emma inclinou a cabeça para o lado e esperou com os olhos apertados para a minha decisão.

—Tudo bem—, eu dei de ombros. —Você ganhou. —

Emma gemeu e franziu o nariz quando Landon, Daisy e eu rimos.

—Tudo bem, esquisitos, eu tenho que verificar o meu bolo e cupcakes. — Daisy sorriu e se afastou.

- Precisa de ajuda? - perguntei a ela.

Ela balançou a cabeça. —Não. Eu terminei tudo ontem, e Amy e Izzy estão me ajudando a montar, mas ainda estou morrendo de medo. Eu não posso acreditar que Dean e Grace queriam que eu fizesse algo tão importante para o dia deles. Eu nem sequer tomei aulas de pastelaria ainda. — Daisy mordeu o canto do lábio enquanto torcia as mãos.

—Tudo vai estar impecável. — Com um beijo na testa e, em seguida, um na ponta do nariz, seu corpo relaxou um pouco.

Daisy acenou e se dirigiu para dentro de casa.

—Cara, desembucha. Vamos, você chocou a merda fora de nós na noite passada—, disse Landon, inclinando-se para a frente.

Passando a mão pelo meu cabelo curto, soltei um suspiro. —Eu não sei exatamente quando começou. Quer dizer,

eu a conheço toda a minha vida, mas um dia eu realmente a vi. Ela estava no ensino médio e eu estava fora na IU, então sabia que nada poderia acontecer, mas nos aproximamos. Como amigos. E ela é simplesmente... incrível. No ano passado, ela me ajudou a estudar para o LSAT, cozinhou para mim, me conheceu e eu tentei ajudá-la também. Você sabe, com mais confiança, que ela sabia que poderia lidar com a faculdade longe de sua família. —

Landon assentiu com a cabeça. —Eu notei a diferença nela recentemente. Daisy era sempre tão dolorosamente tímida e parecia se sentir desconfortável em sua própria pele. Agora ela está feliz. Você pode ver tudo sobre ela. —

—Quando você percebeu que estava se apaixonando, Jon? — Emma perguntou, tomando um copo de vinho branco.

Tomei outro gole da minha cerveja. —Provavelmente Ação de Graças. Mas eu lutei. Ela também, mas eu era o pior. E depois fomos pegos e fui forçado a ir para casa e conversar com minha mãe. —

As sobrancelhas de Landon se levantaram. —Como foi isso? —

—Melhor do que eu pensava. Ela quer ter um relacionamento. Não tenho certeza se eu teria sequer considerado, se não tivesse visto você com seu pai no bar. —Eu bati minha garrafa de cerveja contra a dele.

Landon sorriu. —Obrigado, mas você não precisa de mim para descobrir isso. Emma está me preparando para esse momento há muito tempo. Eu estava pronto. Eu pensei em

tudo. E no final do dia, ser a pessoa maior e aceitar um pedido de desculpas parece muito bom, não é? —

Ricky e seu acompanhante foram até o nosso grupo. —O que é bom? — Ele perguntou, um sorriso de flerte no rosto.

—Perdoando as pessoas por suas ações e erros. — Eu levantei minhas sobrancelhas e olhei para ele quando o sorriso caiu de seu rosto.

Ele limpou a garganta. —Eu quero apresentar a todos vocês para alguém. Esta é Aveline. Aveline, estes são meus amigos, Jon, Landon e Emma.

Todos nós apertamos as mãos, mas abertamente encaramos essa garota. Em nenhum universo que eu soubesse, seria esse o tipo de garota que eu esperaria que Ricky namorasse. Sem mencionar o fato de que ela não era hispânica, e ele só namorava garotas latinas, mas Aveline era... bem, ela era delicada. Se eu tivesse que apontar um humano que parecia uma fada, eu a escolheria. Seu cabelo castanho claro estava amarrado em algum tipo de coque, e sua pele quase parecia translúcida em comparação com os tons castanhos naturais de Ricky. Seus olhos eram cinzentos, uma sombra que eu nunca tinha visto antes, e delineada em óculos marrons. Sua boca era minúscula também, e suas mãozinhas, enquanto balançavam as nossas, estavam trêmulas. Eu temia que se eu balançasse muito ou o vento aumentasse, ela poderia desmontar.

Quando ela estava de costas, eu falei para Ricky. —Esta é ela? — Esta era a garota que ele estava se esgueirando para ver? Aquela que o tinha em tal nó, ele correu de uma despedida de solteiro? Não que ela não fosse atraente ou nada disso. Ela

simplesmente não era o que eu imaginei.

Onde diabos ele conheceu essa garota?

Ele me deu um aceno de cabeça afiado, então, obviamente, pegou na minha linha de pensamento, e imediatamente balançou a cabeça para sinalizar que eu precisava calar a boca.

—Prazer em conhecê-la, Aveline. Seu nome é lindo. É francês? - perguntou Emma.

Aveline assentiu, olhando para Ricky e sorrindo antes de responder. —Sim, meus pais são da França. — Ela alisou a saia de seu vestido cor de ameixa, seus dedos movendo-se inquietamente sobre o tecido.

—Você está na escola? — Emma perguntou.

Aveline sacudiu a cabeça. —Eu me formei no ano passado. Sou intérprete de linguagem de sinais. —

O rosto de Ricky estava vazio, desprovido de qualquer emoção enquanto ela falava suavemente para nós.

Emma sorriu. —Isso deve ser interessante. Conte-me sobre isso enquanto tomamos outra bebida. — Ela colocou a mão no cotovelo de Aveline e a guiou até o bar.

—Ela não é... o que eu esperava—, Landon disse a Ricky com os olhos arregalados.

Ricky olhou para o lado, com os músculos do maxilar estalando. Apesar de seu smoking, ele parecia foda. Seu cabelo preto puxado para trás em um rabo de cavalo baixo e apertado e tatuagens visíveis em seu pescoço e mãos. O fato de ele ter

pilotado sua motocicleta aqui nunca esteve em dúvida. O que eu não conseguia imaginar, no entanto, era Aveline nas costas.

—O que está acontecendo? Você contou a ela? —, Perguntei a Ricky. Ele olhou para mim, sem dizer uma palavra e eu sabia que tinha a minha resposta.

Isso teve um desastre escrito por toda parte. Essa garota colocou o pai de Ricky naquela cadeira de rodas, e agora parecia que Ricky estava se apaixonando por ela. E ela parecia tão ferida. Uma garota da qual ele estava se escondendo era o seu encontro para o casamento de seu melhor amigo. O que aconteceria quando descobrisse que a única razão pela qual Ricky a procurava era se vingar dela e de sua família por arruinar a vida de seu pai? A vida de Ricky?

Como eu disse, desastre.

—O que está acontecendo? — Landon perguntou mãos para os lados. —Quem vai me dizer? —

- Quem é o quê, querido? — Emma e Aveline estavam atrás de Landon, bebidas frutadas de martini nas mãos.

Ricky congelou, parecendo em pânico e pronto para fugir.

—Com Daisy—, eu disse, rapidamente. —Ela foi checar os cupcakes e ainda não voltou. Eu tenho vontade de dizer algo a ela. Eu vou ver se consigo encontrá-la. Landon, você pode me dar outra rodada. Veja se Dean também precisa de uma. —

Landon assentiu lentamente, e então pegou a mão de Emma enquanto eles voltavam para o bar.

Eu rolei minha cabeça para frente e para trás enquanto me movia em direção à casa. Isso foi desconfortável como merda. Ricky ainda estava confuso com tudo sobre Aveline, e eu odiava vê-lo daquele jeito. Eu gostaria de encontrar uma maneira de ajudar.

A garagem estava cheia de suprimentos de suprimentos do bufê e era o único espaço que Daisy conseguia encontrar para guardar as sobremesas. A porta estava aberta e eu a vi de longe, alinhando cupcakes em bandejas para exibir durante o jantar. Amy e Izzy estavam de pé ao lado dela, entregando cupcakes e trazendo mais bandejas.

Eu parei antes de entrar na garagem, tomando um minuto para beijar Daisy sem o conhecimento dela. Meu pau endureceu com a visão. Seu corpo trabalhou esse vestido apenas para a direita. O tecido ouro era acetinado e abraçou suas curvas, destacando sua cintura fina, da mesma forma que mostrava sua bunda fenomenal. Como Grace era uma santa, ela escolheu vestidos sem alças e, com a silhueta de Daisy, os recortes em seu decote iriam me causar dor física a noite toda.

Eu comecei a avançar, mas parei no caminho com as palavras que ouvi.

—Meu Deus. Veja isso. Seus únicos amigos são garotas que andam de ônibus? —Belinda e Marnie estavam vestidas com calças e camisas pretas. Elas caminharam em direção a Daisy, que estava ereta, de costas para elas.

Amy e Izzy se viraram, cada uma usando vestidos extravagantes com maquiagem e cabelo ao estilo. Seus rostos estavam confusos, graças a Deus. Eu só podia esperar que eles

não estivessem familiarizados com esse insulto em particular.

—Certo? Eu sempre soube que ela era uma perdedora, mas isso atinge um nível totalmente novo de patético, —Marnie adicionou com uma risada de escárnio.

Belinda deu um passo mais perto. —E onde os encontramos? Na garagem, debruçadas sobre as sobremesas, provavelmente alimentando suas panças enormes quando ninguém está olhando. —

Enquanto Amy e Izzy perdiam o primeiro insulto, elas claramente sabiam que estavam sendo ridicularizados agora. Os lábios de Amy se apertaram e ela empurrou os óculos para cima do nariz. Os olhos de Izzy se estreitaram e ela colocou as mãos nos quadris.

As putas riram e eu comecei a me mexer, mas Daisy se virou para encará-las, então parei de novo. Seu rosto estava duro, sua pele corada, mas ela não parecia envergonhada.

Ela parecia chateada.

—Desculpe-me? — Daisy plantou as mãos nos quadris. — Quem você pensa que é, falando comigo e meus amigos assim? Na minha casa? —

—Nós sabemos exatamente quem somos. Somos melhores que você, com certeza. — Marnie se aproximou o suficiente para apontar o dedo para o peito de Daisy.

Em uma fração de segundo, Daisy agarrou aquele dedo e puxou-o para fora, enviando Marnie de volta um passo com um empurrão.

—Você é a ajuda contratada aqui hoje. — Ela apontou para os uniformes que as duas meninas usavam. —E acredite em mim, se meu irmão ou sua esposa soubessem que vocês duas estariam aqui, eles te expulsariam. Então, se eu fosse você, recuaria, calaria sua boca e faria seu trabalho. —

Belinda balançou a cabeça, olhando Daisy da cabeça aos pés. —O que deu em você? Você acha que pode falar com a gente assim? —

Daisy sorriu para as garotas, um sorriso que era tão forte e tão seguro de si que eu queria dar um soco no céu acima de mim.

—Eu não quero te aceitar. Eu não quero te conhecer. Eu não quero falar com você nunca mais. Eu quero viver minha vida e esquecer que já tive a infeliz desgraça de estar em sua presença. Porque ao contrário de você, eu sou uma boa pessoa. Eu sou linda por dentro e por fora. E isso é algo que vocês duas nunca serão. — Daisy sorriu novamente para elas e Marnie formou suas mãos em punhos.

—E aí, senhoras? — Eu perguntei quando cruzei a sala em passos rápidos, de pé entre os dois lados.

—Graças a Deus, você está aqui, Jon. — Belinda acenou com a mão em seu rosto como se ela pudesse chorar a qualquer momento. —Daisy tem ameaçado o nosso trabalho hoje à noite porque ela ainda está com tanta inveja de nós. —

—Eu acho que ela estava prestes a jogar bolinhos em mim. — Marnie acusou, boca aberta em choque simulado, e eu mordi o interior da minha bochecha para não sorrir.

—É isso mesmo? — Meu olhar se mudou das duas meninas para a mulher que eu amava. —Você gostaria que eu lidasse com elas? —

—Oh sim, por favor! — Belinda quase gritou de excitação.

Marnie apertou as mãos na frente dela. —Obrigado, Jon! —

Eu andei em direção a Daisy, de costas para Belinda e Marnie. Quando meu corpo foi pressionado contra o dela, eu corri minha mão até o pescoço e ao redor da parte de trás de sua cabeça, trazendo nossos rostos perto, meus lábios pairando sobre os dela.

A garagem estava em silêncio, mas eu jurei que podia sentir as outras duas segurando a respiração em confusão.

Minha boca bateu na de Daisy e suas mãos agarraram minha jaqueta enquanto nos atacávamos.

—Que diabos? — Belinda gritou, e nos afastamos, ofegando por ar.

Movendo Daisy para o meu lado, eu coloquei um braço em volta de sua cintura. —Você ainda está aqui? —

—Que merda? — Marnie balbuciou. —Você está com ela? Mas ela é gorda... —

—Você pode parar aí mesmo. — Eu apontei um dedo para Marnie, mas Daisy colocou a mão no meu antebraço.

—Eu tenho isso, querido. —

Eu olhei para ela, e ela assentiu, mais calma como eu já

tinha visto. Eu deixei ela ter o chão.

—Eu costumava acreditar nisso. O que vocês duas me disseram, eu era gorda e feia. Isso fez do ensino médio um inferno para mim. Mas agora essas palavras não me machucam. —

Daisy enfiou a mão na minha e apertou.

—Quando vocês duas crescerem e viverem no mundo real, você entenderá que não há uma maneira de viver ou olhar. Eu trabalhei com essas duas mulheres este ano - —Ela apontou para Amy e Izzy, e continuou, — que são lindas em todos os sentidos. E que eu aprendi ao me apaixonar por Jon, —ela disse enquanto olhava para mim e sorria, um olhar íntimo e privado que sugeria toques secretos e as primeiras vezes em que confiava em um homem com seu corpo, — é que você tem para amar a si mesmo primeiro, e então quando um homem se encaixa com você como ele foi feito, você estará pronta. E você saberá que você é a coisa mais sexy que ele já viu, assim como ele é para você. —

Ela descansou a cabeça no meu ombro, mas continuou a falar com a Belinda boquiaberta e com uma Marnie extremamente confusa.

—Espero que vocês duas consigam achar isso algum dia. Meu dia chegou muito antes do que eu pensava que poderia, e eu não poderia estar mais feliz. Agora, se você não quer ser demitida, corra e volte para o trabalho. —

Esperamos, encarando os valentões de Daisy, por qualquer última resposta ou insulto, mas nenhum veio. As duas

continuaram a olhar fixamente, com uma expressão de total descrença em seus rostos até que um telefonema de dentro da cozinha os colocou em ação. Elas subiram as escadas correndo, a porta se fechando atrás delas.

Eu a puxei para mim, os dois braços em volta da sua cintura. —Você fez isso. Você finalmente se levantou para elas. —

—Eu me amo o suficiente para fazer isso agora. E isso começou com você, minha besta gentil, quando você começou a amar minha comida e acabou amando tudo de mim, e depois me mostrou o que significava se apaixonar pelo meu melhor amigo... e ter tudo que eu sempre quis na vida. —

—Luz do sol—, eu sussurrei contra seus lábios.

- Vocês dois precisam de um quarto - murmurou Amy, saindo da garagem.

—Eu acho que eles foram finalmente honestos com seus corações, ok,? — Izzy concordou, seguindo-a.

Eu ri contra os lábios de Daisy, e nos beijamos até ouvirmos o planejador do casamento chamar nossos nomes.

A noite apenas começara. Era hora de festejar ao estilo dos Goldsmith.

Capítulo Vinte e Oito

Margarida

O casamento terminou em uma onda de fogos e desejos para o novo casal. Assim que a limusine foi embora, puxei mamãe para o lado. —Jon e eu vamos ficar em um hotel hoje à noite. A casa está lotada e precisamos de algum tempo para conversar e planejar. —

Mamãe piscou. —Ok, não fique acordada até tarde planejando sua viagem para Nova York, querida. —

—Sério? — Eu perguntei a ela. —Você não se importa? —

Mamãe ligou o braço dela ao meu. —Você é uma adulta e eu vou tratar você como uma. Agora, seu pai vai surtar, mas eu vou distraí-lo. — Ela balançou as sobrancelhas para mim, sugestivamente.

—Eca mãe. Venha! — Eu ri. —Eu não estou pronto para falar sobre isso com você. Eu não sou muito adulta! —

Eu beijei sua bochecha e encontrei Jon. —Eu conversei com a minha mãe, vamos para o nosso quarto para a noite—, eu sussurrei em seu ouvido. —O presente de honra de Grace para mim é uma suíte só para nós no centro de Indianápolis. —

Os olhos de Jon saltaram da cabeça dele. — sério? —

Eu balancei a cabeça e pressionei meus lábios para não rir dele. Ele parecia uma criança na manhã de Natal.

Jon pegou minha mão e correu para fora da barraca, gritando tchau para seus meninos e me puxando para trás dele.

—Devagar! — Eu ri, correndo para tentar acompanhar.

—Não—, ele respondeu, ofegante quando chegou ao seu caminhão.

—Ricky ou qualquer outra pessoa que você perdeu lhe dará um tempo difícil por não ficar mais tempo? —, Perguntei.

—Não me importo—, disse ele, levantando-me no banco do passageiro e dando um beijo rápido e alto em meus lábios antes de fechar a minha porta.

~~~

Vinte minutos depois, ficamos em um belo quarto de hotel. Tínhamos parado em uma farmácia para obter algumas necessidades durante a noite, como escovas de dentes e pasta de dente, garrafas de água e uma grande caixa de preservativos.

Necessidades mais definidas.

Jon tirou o paletó dos ombros largos e pendurou no armário. Sentado na cama, desamarrou os sapatos, tirando-os antes de tirar as meias.

—Venha aqui. — Ele me indicou para ele.

Quando eu estava a uma curta distância, ele me sentou ao
~~~

lado dele, puxando minhas pernas para o seu colo, de modo que eu me sentei de lado. Ele deslizou meus saltos dos meus pés, massageando meus arcos até que eu gemi.

—Você está bem? —, Ele perguntou.

Eu trouxe minhas mãos para os botões de sua camisa e deslizei a primeira pelo buraco. —Nunca estive melhor. Você? —

Ele riu, alcançando atrás de mim para o meu zíper. Ele abaixou devagar. —Oh, estou bem. Embora eu ache que nós dois estaremos melhores um pouco mais tarde, Luz do sol. —

Puxei a camisa dele, pegando sua camiseta pela bainha seguinte e puxando por cima da cabeça dele. Eu me levantei e meu vestido caiu no chão, juntando-se aos meus pés.

Jon rosnou e se lançou para frente, soltando a alça do meu sutiã enquanto eu soltava a fivela do seu cinto.

Roupas estavam voando. Sutiã, cinto, calça, calcinha, cuecas. A caixa do preservativo foi rasgada, os preservativos espalhados enquanto eu rapidamente deslizava um sobre ele. Nós rimos, caindo de volta na cama e deslizando sob as cobertas. Jon estava em cima de mim, mantendo seu peso em seus antebraços, as mãos no meu cabelo.

—Eu te amo. — Jon olhou nos meus olhos, seu riso desaparecendo. —Eu vou sempre amar você. —

Eu balancei minha cabeça, quase como se eu precisasse sair disso. Como se os últimos dias tivessem sido um sonho. — Eu sempre amei você, Jon. Ninguém além de você. —

Jon trouxe sua boca para a minha e seu beijo foi suave. Meus lábios eram flexíveis, encontrando os dele. Minha língua procurou a dele, mas não nos golpes profundos e agressivos que costumávamos usar para mostrar nossa paixão desesperada.

Não, esse beijo foi cuidadoso. Era para ser valorizado, de modo que olhar para trás tudo sobre esse momento seria lembrado. Jon balançou a pélvis suavemente contra a minha e minhas pernas se abriram, envolvendo seus quadris. Nossos braços se abraçaram, envoltos em nosso próprio casulo quando ele entrou em mim muito devagar.

—Eu te amo—, ele sussurrou enquanto avançava em um ritmo moderado. A restrição fazendo seus braços tremerem enquanto ele se segurava em cima de mim.

—Eu te amo—, eu respirei quando ele se moveu novamente.

—Eu te amo—, ele sussurrou novamente, retirando-se e, em seguida, entrando em mim novamente. Tão devagar, saboreando cada segundo, cada toque.

—Eu te amo—, eu suspirei, meu prazer se construindo, apesar do fato de que eu queria segurá-lo. Parar o tempo e ficar o máximo possível ali.

—EU. Amo. Você. — Suas palavras grunhidas foram trabalhadas, quando senti o suor se formando em suas costas.

Eu olhei em seus olhos como se eu nunca tivesse me permitido fazer antes, quando cheguei. Quebrando em um

milhão de pedaços em seus braços. E eu assisti, nunca quebrando o contato quando ele soltou, juntando minhas peças com as dele e nos retornando inteiras.

Foi assim que me senti ao fazer amor com Jon Roberts.

Inteira no corpo, mente e alma.

Epílogo

Margarida

A NEW YORK REAL ESTATE era louca.

Meus pais concordaram que poderíamos viver juntos, uma decisão baseada na segurança e na frugalidade, com uma dose saudável de amnésia parental relativa a qualquer coisa sexual.

Nosso apartamento era literalmente um quarto. Uma cama em uma extremidade, um sofá, mesa de café e televisão do outro, e uma cozinha no canto. Eu usei o termo cozinha vagamente. Foi basicamente uma eficiência. Geladeira pequena, uma caixa de sapatos de um forno, microondas desatualizados e lamentavelmente pouco espaço no balcão. Para um chef, isso era um problema.

Mas era Nova York. Nós estávamos em Nova York.

Havia um item de luxo neste apartamento que, embora não fizesse sentido, gostávamos. No minúsculo banheiro com o chuveiro que se encaixava em uma pia e um pedestal, havia uma banheira antiquada de garra.

Minha teoria era que o proprietário que o instalou em algum momento foi um verdadeiro romântico. Isso porque a banheira ficava ao lado de uma janela, com vista para a cidade, e se você olhasse apenas no ângulo certo, poderia até ver o Empire State Building.

Eu sentei lá agora, cercada por bolhas, olhando pela janela, enquanto Jon se sentou atrás de mim, lavando meu cabelo.

Engraçado, mas um cara gostoso lavando meu cabelo?

Merda.

Preliminares instantâneas.

—Sente-se bem, Luz do Sol? — Jon perguntou enquanto seus dedos faziam toda a conversa necessária, massageando meu couro cabeludo.

—Mmmmm. —

Ele riu. —Como foi a escola? — A escola de Culinária e faculdade de direito começaram esta semana. Havia aulas e livros e projetos e sessões de estudo em abundância. Foi glorioso.

—Mmmmmmm. —

Ele riu mais alto quando derramou um copo de água sobre a minha cabeça, enxaguando a espuma. —Você está feliz? —

—Mmmm hmmmm. —

—O que você mais ama, eu ou Nova York? — Ele me puxou de volta, então eu estava deitada contra seu peito.

Os táxis da cidade de Nova York apitavam e as pessoas se movimentavam nas ruas abaixo de nós com uma energia que eu nunca conhecera em Indiana. Eu virei minha cabeça para o lado para olhar para ele. —Sempre você, querido. Mas esta banheira com essa visão é o segundo próximo. —

Ele beijou minha testa e nós afundamos mais profundamente na água.

A vida era emocionante além das portas desse minúsculo apartamento. Mas por dentro? A vida era amor, amizades, família, comida e nós.

Nossa história tinha acabado de começar.

FIM

Caro leitor,

Obrigado por ler o *Someday Soon.* Se você gostou desta história, por favor, considere deixar um comentário! As críticas são incrivelmente importantes para os autores independentes!

Obrigado!

Laura

Agradecimentos

A primeira pessoa a agradecer é o meu doce marido que me encoraja a realizar meus sonhos! Obrigado e eu te amo!

Obrigado aos meus filhos por entenderem quando preciso trabalhar ou viajar. Mais importante ainda, obrigado por compartilhar meu amor pelos livros e pela escrita. Vocês três são os melhores e eu te amo mais a cada dia.

Aos meus maravilhosos leitores beta: Tamara Debbaut, Christine Manzari, Chrissy Weber e Magan Vernon - obrigada por me permitir escolher seu cérebro, fazer perguntas intermináveis e fornecer o feedback mais útil.

Após o término dos primeiros rascunhos de um livro, o verdadeiro trabalho começa. Felizmente tenho a melhor equipe para me ajudar. Trabalhar com Amy Donnelly na Alchemy and Words é sempre revigorante! Você é um editor incrível. Obrigado pelo seu tempo e cuide da minha história. Um agradecimento especial a Pat Rosner pela revisão. Murphy Rae, da Indie Solutions, encontrou esta bela imagem e criou a capa. Obrigado! A formatação excepcional no ebook e versões em brochura deste livro são por causa de Julie Titus no JT Formatting. Ela é maravilhosa! Tamara Debbaut é o gênio criativo por trás da minha arte de marketing e agradeço muito sua ajuda. Finalmente, gostaria de agradecer ao The Rock Stars of Romance por lidar com a minha blitz de lançamento.

Enquanto eu estou nisso, há alguns blogueiros que foram fundamentais para compartilhar meus livros. Graças a Gitte e

Jenny do TotallyBookedBlog, Jenn do Garden ofRden, Candy do Prisoners of Print, Jamie e Theresa do Smokin 'Hot Reads, Stephenee do Nerd Girl Reviews, Alicia do Mean Girls Love Books, e Ethan do One Guy's Guide to Good Lê.

Tamara Debbaut não tem jeito de agradecer a você! Você está lá para mim com dúvidas, problemas, problemas ou ideias que tenho. Obrigado pelo seu talento e amizade!

Christine, o que eu posso dizer? Conhecer você, escrever com você e viajar com você foi a maior bênção que recebi dessa jornada. Você é a mulher mais generosa e talentosa que conheço. Obrigado por sempre estar lá para mim.

Finalmente, para quem lê isso agora - você fez meus sonhos se tornarem realidade. Sou escritor graças a você!

Sobre a autora

A escritora best-seller do *USA Today,* Laura Ward, escreve histórias doces e sensuais que, esperamos, farão com que você veja o mundo de uma maneira diferente. Seus livros incluem a série Not Yet: *Not Yet* (Amazon Top 100 e Amazon All-Star), *Until Now* e *Someday Soon,* assim como o romance Contemporary standalone, *Past Heaven.* Ela também é co-autora da série College Bound: *The Pledge* e *The Colour of Us,* e *The Riff* (data de lançamento de 2017).

Laura mora em Maryland com seus três filhos e marido alto e muito carinhoso. Ela se casou com sua namorada da faculdade e é infinitamente grata pelo apoio que ele deu a ela durante todos os seus anos juntos, e especialmente em relação ao seu sonho de escrever livros. Quando não está pegando caminhões de brinquedo, dirigindo para a prática de lacrosse, ou checando os trabalhos de casa, Laura está escrevendo ou lendo romances.